



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

ADONAI DA SILVA DE MEDEIROS

***UM POBRE MENINO DO DESTINO – A TRAVESSIA DO HOMEM HUMANO
COMO ACONTECIMENTO POÉTICO-APROPRIATIVO EM GRANDE
SERTÃO: VEREDAS***

BELÉM-PARÁ

2023

ADONAI DA SILVA DE MEDEIROS

***UM POBRE MENINO DO DESTINO – A TRAVESSIA DO HOMEM HUMANO
COMO ACONTECIMENTO POÉTICO-APROPRIATIVO EM GRANDE
SERTÃO: VEREDAS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Letras.
Linha de pesquisa: Estudos Literários.

Docente: Prof. Dr. Antônio Máximo von Söhlen
Gomes Ferraz

BELÉM – PARÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M488p Medeiros, Adonai da Silva de.
 Um pobre menino do destino : a travessia do homem humano
 como acontecimento poético-apropriativo em Grande sertão:
Veredas / Adonai da Silva de Medeiros. — 2023.
 x, 200 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Máximo Von Söhsten Gomes
 Ferraz

 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
 Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
 Letras, Belém, 2023.

 1. Grande sertão: Veredas. 2. Travessia. 3. Acontecimento
 poético-apropriativo. 4. Categorias-questões. 5. Diadorim-
 questão. I. Título.

CDD 869.9

ADONAI DA SILVA DE MEDEIROS

**UM POBRE MENINO DO DESTINO – A TRAVESSIA DO HOMEM HUMANO
COMO ACONTECIMENTO POÉTICO-APROPRIATIVO EM GRANDE
SERTÃO: VEREDAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Letras.
Linha de pesquisa: Estudos Literários.

Docente: Prof. Dr. Antônio Máximo von Söhsten
Gomes Ferraz

DATA DA AVALIAÇÃO: ____/____/____.

CONCEITO: ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Máximo von Söhsten Gomes Ferraz
(Presidente – PPGL/UFPA)

Prof. Dr. Luís Heleno Montoril del Castilo
(Membro interno – PPGL/UFPA)

Raphael Bessa Ferreira
(Membro externo – PPGL/UFPA)

Prof. Dr. Luís Heleno Montoril del Castilo
(Suplente – PPGL/UFPA)

BELEM – PARÁ
2023

Ao professor Sílvia Holanda (*in memoriam*),
quem, mesmo sem me conhecer, abriu a porta
para mim.
Professor, deu tudo certo.

AGRADECIMENTOS

À Érica, minha noiva, pelo amor de sempre, destino verdadeiro, pelas palavras de incentivo e apoio, pelas interpretações sempre genuínas – pelo *dia vindo depois da noite*.
À minha mãe, Léa, e irmã/mana, Larissa, pelo amor incondicional e pela compreensão de minha ausência.

Às minhas sogras, Dona Graça e Dona Sueli, pelo cuidado e amor maternos, e aos meus sogros, Seu Nazareno e Seu Lúcio, pelas idas e vindas, pelo acolhimento.

Ao professor Antônio Máximo, pelo acolhimento de minha pesquisa, por tantos diálogos e aprendizados, por mostrar veredas para a maturação enquanto pesquisador e humano, acontecimentos.

Ao professor Heleno, não apenas pelas colaborações e comentários, mas sobretudo pelo diálogo travado, sempre frutífero, por ex-garçar o horizonte desta pesquisa, pela amizade.

Ao professor Raphael, amigo e mestre desde o início de meu caminho na pesquisa, pelas considerações sempre precisas, pelo diálogo construído no jogo de espelhos.

À CAPES e ao PPGL, pela bolsa de estudos que me possibilitou focar na pesquisa e no suporte para tal.

“O homem velho só queria ver as flores, ficar entre elas, cuidá-las. O homem velho brincava com as flores. *Cerra-se a névoa, o escurecido, há uma muralha de fadiga. Orientar-me! — como um riachinho, às voltas, que tentasse subir a montanha.* Havia um fio de barbante, que a gente enrolava num pauzinho. A moça repetia coisas tantas, muito mansas, ao moço. *Tenho de me recuperar, desdeslembrar-me, excogitar — que sei? — das camadas angustiosas do olvido. Como vivi e mudei, o passado mudou também. Se eu conseguir retomá-lo.*”

(*Nenhum, nenhuma*, Guimarães Rosa)

“Mas eu estou repetindo muito miudamente, vivendo o que me faltava. Tão mixas coisas eu sei. Morreu a lua? Mas eu sou do sentido e reperdido. Sou do deslembrado. Como vago vou. E muitos fatos miúdos aconteceram.”

(*Grande sertão: Veredas*, Guimarães Rosa)

RESUMO

A presente pesquisa objetiva compreender a travessia do homem humano, em *Grande sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa (2015), enquanto acontecimento poético-apropriativo, isto é, relação e referência de uma mútua e originária apropriação existente entre ser e homem/entreser, que se revela pelo pensar-se enquanto ser de travessia, ser em obra, ser de procura. Para tanto, a pesquisa atendeu a um chamamento que a obra convocou ao manifestar um caminho pelo qual põe o próprio pesquisador defronte e entre esta travessia, a saber: a partir de uma escuta desarmada, pensar, junto da obra, três categorias-questões – apreensão-dos-afetos, trans-torno e circum-inscrição – que se apresentaram como e proveniente do acontecimento poético-apropriativo da obra. Neste sentido, procuramos questionar o acontecimento destinado que carecia de ser atingido, Riobaldo frentear a si mesmo através de Hermógenes, o que produz, por meio de uma relação de dobra e desdobras alçada entre Riobaldo-narrador e Riobaldo-personagem, uma profunda e simultânea desantropomorfização do homem e da linguagem. O acontecimento destinado é possibilitado pela questão que o próprio Diadorim é para Riobaldo, ao se instaurar enquanto vereda a ser atravessada rumo à conquista de sua propriedade, providenciando e entre-abrindo o acontecimento das categorias-questões, pensada junto de outras questões postas em obra no romance. Assim, as categorias-questões são um e originam-se do acontecimento poético-apropriativo do romance, de vez que são uma renúncia ao estar dado no mundo para experienciar, originariamente, uma vida que se quer ser vivida como *transformação, pesável* (apreensão-dos-afetos), junto ao mundo-realidade como desvelação de questões e procura de ser si-mesmo (trans-torno), bem como para re-anunciar o acontecido, visando atingir e ir ao não-acontecido que permanece oculto na realidade (circum-inscrição). É, pois, Riobaldo que nos revela isso ao se tornar em uma imagem que é continuamente moldada e desmoldada, e que se cria para *ser-se* junto ao agir/velamento das questões.

Palavras-chave: *Grande sertão: Veredas*. Travessia. Acontecimento poético-apropriativo. Categorias-questões. Diadorim-questão.

ABSTRACT

The aim of the present research is to understand the voyage of the human man, in *The Devil to Pay in the Backlands*, by Guimarães Rosa (2015), how to poetic-appropriative event, in other words, a relationship and reference of a mutual and original appropriation that exists between being and man/Dasein, which is revealed to the thinking of oneself as a voyage being, a being at work, a being in search. Therefore, the research responded to a call that the work summoned by manifesting a way for which the researcher puts himself in front of and between this voyage, namely: from an unarmed listening, to think, together with the work, three categories-issues – apprehension-of-affects, trans-turn and circum-inscription – which were presented as and from the poetic-appropriative event of the work. In this sense, we seek to question the destined event that needed to happen, Riobaldo facing himself through Hermógenes, which leads to, through a relationship of folds and unfolds, between Riobaldo-narrator and Riobaldo-character, a profound and simultaneous overcoming of an anthropomorphic conception of man and language. The destined event is made possible by the issue that Diadorim is for Riobaldo, because, when beginning itself as a way to be crossed, it opens a way for Riobaldo to be himself, providing and inter-opening the event of the categories-questions, thought together with other issue woven at work in the novel. This way, the categories-questions are one and originate from the poetic-appropriative event of the novel, because they are a renunciation of being given in the world to experience, originally, a life that wants to be lived as a *transformation, a real one* (apprehension-of-affects), together with the world-reality as the unveiling of issues and the search to be itself (trans-turn), as well as to re-announce what happened, aiming to reach and go to the non-happening that remains hidden in reality (circum-inscription). It is, therefore, Riobaldo who reveals this to us by becoming an image that is continually molded and unmoulded, and which is created to be together with the action/unveilling of issues.

Keywords: *The Devil to Pay in the Backlands*. Voyage. Poetic-appropriative event. Categories-issues. Diadorim-issue.

Sumário

Nossa abertura ao não – à sorte perigosa de uma tentativa (ou, considerações iniciais).....	11
1. O acontecimento que se carecia: poético-apropriativo, travessias e veredas.....	15
1.1 Frentear-se: Riobaldo em si-mesmo pelo não no outro	17
1.2 Aprender-a-viver é que é o viver: as três vezes do homem humano na travessia para a porta do infinito.....	27
1.3 A questão-Diadorim: <i>os olhos verdes</i> e o destinarem-se	49
2. As categorias-questões: <i>um pobre menino do destino</i> – do de-Janeiro ao Urucúia	64
2.1 O que tive de não ser: abertura ao não	64
2.2. Categoria e questão: a justaposição e ser terra provisória	66
2.3. O de-Janeiro: o principiar da travessia (ou, de como Riobaldo é em apreensão-dos-afetos).....	78
2.4 Renunciar – re-anunciar: apreender-afetos	91
2.5 O sério pontual da estória: de uma transformação, pesável.....	100
3. O Rio das Velhas: o reencontrar (ou, de como Riobaldo é em trans-torno).....	109
3.1 Viver é etcétera: olhar o que não se vê – as cores do mundo no oculto	110
3.2 Via para o ser si-mesmo: renunciar e ser questão na <i>soleira da porta</i>	114
3.3 Regimento de nossa vi(d)a: reencontro com a questão e o trans-tornar-se.....	121
4. Travessias... Pra trás, sempre dá o prazer: acolher a dádiva (ou, de como Riobaldo-narrador se circum-inscreve).....	133
4.1 Contar e viver: repensar os dias vividos, repassados	134
4.2 Relíquias de se ver-acontecer: a memória, o vigor, e o que vige.....	142
4.3 Ação de nomear: nossa questão revelada em um nome.....	147
4.4 Sou quase barranqueiro: Riobaldo nos clamando à circum-inscrição, ao trabalho de ser	156
5. As categorias e as questões: um manejo para viver o acontecimento.....	166
5.1 Nonada: estejamos sempre nos depois.....	167
5.2 Eram um em Diadorim: atravessam.....	184
5.3. Por que foi que conheci aquele Menino-Diadorim? (ou, a travessia no acontecimento: a vereda plenificando)	193
5.4. A plenitude se recolhendo (ou, o acontecimento na travessia).....	200
6. Ainda não: toda'via nosso sim (ou, considerações finais)	206

Referências	211
--------------------------	------------

Nossa abertura ao não – à sorte perigosa de uma tentativa (ou, considerações iniciais)

“[...] só esperava o nada virar coisas. Acontecesse o que”
(ROSA, 2015, p. 233)

– Esta é uma e outra – estória nessa vez: em toda esta via. Vejo um piscar de luzes lá longe. Escuto um espocar de um estrondo. O que aconteceu para que me desse a ver e a escutar? “– Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore” (ROSA, 2015, p. 19). Tiros que o senhor ouviu foram dessas minhas letras e palavras porejando nestas páginas que virão de agora em diante, conforme sua leitura. A árvore que alvejei mira foi essa “que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme...” (ROSA, 2015, p. 492), foi no Rio de São Francisco, que é o Rio de todos os tempos, de todos os lugares, de todas as línguas, de todos os povos.

Sei da incompletude de minhas palavras. São vazias entre elas mesmas. Por entre frestas nestes vazios é que vem se mostrar o vislumbre do que quero narrar. É tudo muito *não*, extrapola o limite que a mim se abre. Quanto mais busco tentar enredar, mais os poros, os vazios, escapam por entre a rede de minha tessitura. Contudo permaneço tentando. A coisa ela mesma é nos vazios e não nas linhas que traço nesta página. Mas e o fenômeno? Acredito que, pelo vislumbre, ele vem em minha imaginação para que enrede, e se torna no que eu digo junto a coisa. Digo com a coisa junto do vazio, por entre essas linhas e palavras. Sou vago, sei que sim: sou. É o que desejo, minha plenitude, minha imaginação que sou:

E talvez o verdadeiro nome do homem, a cifra de seu ser, seja o Desejo. Pois o que é a temporalidade de Heidegger ou a “outridade” de Machado, o que é esse contínuo projetar-se do homem para o que não é ele mesmo, senão o Desejo? Se o homem é um ser que não é mas que está sendo, um ser que nunca acaba de ser, não é um ser de desejos tanto quanto um desejo de ser? No encontro amoroso, na imagem poética e na teofania, conjugam-se sede e satisfação: somos simultaneamente fruto e boca, numa unidade indivisível. O homem, dizem os modernos, é temporalidade. Mas essa temporalidade quer se apaziguar, saciar-se, contemplar-se a si mesma. Jorra para se satisfazer. O homem se imagina e, ao se imaginar, revela-se (PAZ, 1982, p. 165).

Conto não rígida e necessariamente o que se mostrou a mim, mas sobretudo a imaginação disso, um sonho imaginado antes de ser isso que lhes mostro. *Transtornei um imaginar*. Não quis somente o que se mostrou, contudo o que está e é, também, aquém e

além dessa aparição. Tento, em uma imagem cecimniana, desnutrir a pedra que sou¹, e sei que falharei. Tu vais mirar e ver. “Abalado desse tanto, transtornei um imaginar. Só não quis arrependimento: porque aquilo sempre era começo, e descoroçoamento era modo-de-matéria que eu já tinha aprendido a protelar” (ROSA, 2015, p. 125).

O que eu quero está tão próximo de mim quanto de ti, leitor e leitora. Verão, não com muito espanto, que a própria pesquisa se mostra como uma tentativa de experienciar um mundo do sertão a partir de uma circum-inscrição permitida pelo trans-torno de um imaginar, pois ela se quer ser como uma travessia de um acontecimento poético-apropriativo clamado pela obra: ser uma linguagem em procura e travessia.

Esta é a nossa vida: ser uma linguagem em procura e travessia. É para isto que escrevo. Assim, o objetivo desta pesquisa que lhes apresento é buscar compreender como a travessia do homem humano, na imagem-questão de Riobaldo, em *Grande sertão: Veredas*, do poeta-pensador João Guimarães Rosa (2015), se dá como acontecimento poético-apropriativo.

Para chegar a este objetivo, nosso caminho (*hodos*) se construirá entre (*meta*) e a partir da dialética existente nas categorias-questões apreensão-dos-afetos, trans-torno e circum-inscrição – e entre estas e as questões do Amor, Deus, Diabo, Existir, Travessia, Linguagem, Vida, Morte e Diadorim (esta, para tal objetivo e para o desenvolvimento do pensamento das categorias-questões, possui um valor especial) –, que busco aprofundar e mostrá-las como força que produzem e sustentam a(s) travessia(a) de Riobaldo (um mesmo que se desdobra no e pelo nascimento de um porfazer que projeta porvir, isto é, no nascimento de um narrador que continuamente inter-penetra em sua primeira travessia como jagunço, o personagem “por fazer”) como um acontecimento poético-apropriativo.

Assim, no primeiro capítulo começo por desenvolver o pensamento a respeito do acontecimento poético-apropriativo, explorando desde os sentidos originários das palavras, dialogando com – mas não seguindo a – Heidegger, até ao modo de como se realiza tal acontecimento na travessia de Riobaldo: frenteando-se, junto de Diadorim, com

¹ Quero com isso dizer, dentre tantas coisas possíveis de se dizer desta metáfora-imagem de Vicente Franz Cecim, que busco, nos diferentes modos de ser que Riobaldo resguarda em si, um caminhar possível e, neste um caminhar, pensar o que nele residir e o construir, o que vier a se mostrar, perseguindo o vislumbre que, unindo tudo, projeta diferença em cada humano: “Quando tudo se/ apaga. Ou tudo se acende. Isto é desnudar a pedra” (CECIM, 2020a, p. 1215). Assim, *desnutir a pedra que sou* é deixar soar e ressoar em mim mesmo as diferenças que, não sendo minhas (mas de Riobaldo), em mim agem e são, e que, por isso mesmo, me permitem ser como questão e me restituem ao Um: “Ah o umanoh. Um caminhar de pedra// Desnutro também esta pedra, e sigo: a a adiante, cada vez mais e menos/ eu mesmo intacto,// pois pensando: Se ela não tem pedra em si, como eu haveria de ter homem em mim. E assim, me suspeitando, caminhava” (ibid. p. 1216-1217).

Hermógenes (1.1); a realização, em três momentos, do *homem humano* nesta expressão e o que elas nos conduzem a pensar no acontecimento a cada vez que são ditas (1.2); e como Diadorim é uma questão para Riobaldo, de maneira a guiá-lo para tal acontecimento e sua realização enquanto vereda a ser seguida, vertida ao Caminho, e que abre a outras veredas (1.3).

No segundo capítulo começo a partir de um recomeço: voltando desde um silêncio de minha voz para deixar emergir o sentido de “categoria-questão” (2.1). Sua conseguinte entre-abertura visa desmisturar a palavra “categoria” de seus usos comuns (2.2), deixando-a insurgir como a nossa emergência de homem humano, uma “terra provisória”, abrindo a apreensão-dos-afetos, trans-torno e circum-inscrição em suas manifestações como forma de serem questões.

O foco deste capítulo é desenvolver a apreensão-dos-afetos (2.3 e seguintes) tanto a de Riobaldo, a partir de suas posições como personagem e narrador², quanto a minha como crítico-intérprete e homem humano em obra junto das questões postas em obra em *Grande sertão: Veredas*. Busco realizar este pensamento tendo em vista o momento do romance que me abriu e me revelou esta/a esta categoria-questão, a saber: o primeiro encontro e travessia de Riobaldo junto de Diadorim no Rio de São Francisco por via do de-Janeiro. O diálogo com a obra acontece do início ao fim em cada capítulo. Isso nos conduz a pensá-la como modo de promover renúncia (nossa e de Riobaldo) e re-anunciar a experiencição de um acontecimento, isto é, a *transformação, pesável*.

² Com “personagem” não queremos nos remeter tão somente ao jagunço Riobaldo que realizou a travessia pelo sertão, o que foi ultimado como tal – “Mas, antes, reparti o dinheiro, que tinha, retirei o cinturão-cartucheiros – aí ultimei o jagunço Riobaldo! Disse adeus para todos, sempremente” (ROSA, 2015, p. 486) –, mas também o que penetra e é penetrado pelo narrador, o que se mantém sendo na realização e a partir de um Riobaldo que nasce com a palavra, o narrador. Com “narrador”, por sua vez, remetemo-nos ao que se põe a experienciar aquela travessia a partir e através do que se mostra vivo neste Riobaldo que, narrando, nasce na própria ação de narrar.

Tradicionalmente, Riobaldo é um narrador-personagem, isto é, o que narra a estória da qual é protagonista. No entanto, este “personagem” apenas o é porque nasce junto ao narrador, não necessariamente seguindo a uma cronologia, como por exemplo, dizer que este está no presente narrando o que se passou com aquele. O narrador, pois, é o que se verte para uma posição de experiencidor do não-acontecido que vive e se resguarda no acontecido da estória. Ora, Riobaldo narra para ir ao que não sabe, e isso repousa no que ele experienciou enquanto jagunço. Este jagunço Riobaldo, assim, é uma memória que faz desdobrar, do narrador, o que foi e perdura, mas que não se limita ao saber. Desta maneira, Riobaldo-narrador nasce por força da experiencição ainda e sempre possível a se realizar, o personagem que continuamente é trabalhado: “Fui o chefe Urutú-Branco – depois de ser Tatarana e de ter sido o jagunço Riobaldo. Essas coisas larguei, largaram de mim, na remotidão” (ibid. p. 442)

No narrador co-existe o personagem, e vice-versa. Como iremos mostrar, é, também, dentre outras coisas, essa co-existência, reentrâncias de um no outro, porque são um e o mesmo, que leva Riobaldo ao acontecimento poético-apropriativo. Esta “divisão” é apenas à guisa de um didatismo. Em suma, Riobaldo é uma multiplicidade de Riobaldos.

No terceiro capítulo procuro mostrar o trans-torno a partir de seu acontecimento poético-apropriativo, a saber: realizar uma renúncia à impessoalidade para buscar ser si-mesmo nas questões e como questão. Como no capítulo anterior, desenvolvo o pensamento a partir de um “episódio” do romance, porém sempre em diálogo com a obra em si, para que possa enveredar e expor o que me levou ao trans-torno. O episódio em questão é o do reencontro entre Riobaldo e Menino-Reinaldo no Rio das Velhas. Para tanto, inicio (3.1) pelo modo de abertura na paridade a maneira na qual Menino-Diadorim apresenta Riobaldo para *amanhecer sua aurora pelas cores do mundo*. Isso nos permite encaminhar (3.2) o pensamento para como essa “pré-inserção” no de-Janeiro se realiza constantemente, ressurgindo no Rio das Velhas, quando Riobaldo se reecontra (3.3) com o Menino no *portal da porta*, e é, pois, inserido no mundo do sertão, onde tudo é um contínuo recomeço, mesmo (e sobretudo) o homem.

O quarto capítulo tem por objetivo desenvolver meu pensamento e abertura a respeito da circum-inscrição e seu acontecimento poético-apropriativo: Riobaldo é um homem humano porque é uma travessia, uma procura. Não há um “episódio” específico no qual me detenho, mas sim a postura de Riobaldo de remexer, repensar, reviver e recontar o que foi para ser e continuar sendo. O foco, então, é no Riobaldo-narrador – o qual, por isso mesmo, se verte em personagem –, ele é que se circum-inscreve, mas também nós nos circum-inscrevemos em nossa narrativa em uma postura desarmada.

Em 4.1 começo por “esboçar” o pensamento sobre a circum-inscrição a partir do modo de contar circular, em ida e volta, e especulativo de Riobaldo, de buscar esgarçar/ex-garçar um mesmo texto/tecido acontecido anteriormente, procurando *remexer viva a massa* que é ser. Em 4.2 mostro o vigor como sendo o acontecimento que garante o que vige pelo poético (agir = pensar) apropriativo (agir = se dirigir ao seu próprio pelo pensar/pensamento = ser a ação de procura). Em 4.3 procuro descortinar o que quero dizer pela ação de nomear tal acontecimento como *circum-inscrição*.

Parto dos significados etimológicos para chegar a uma compreensão que é, ao mesmo tempo, primeira e preliminarmente “antecipativa”, de que o círculo a que Riobaldo circula é o de ser travessia, cuja repetição (o acontecimento já realizado) difere no que se abre outra vez (o não-acontecido a que Riobaldo-narrador se dirige). Por último, intento mostrar que *quase barranqueiro* é tanto no sentido de ser um atravessador quanto de ser o *gole*, o *barro* a ser restituído pela relação entre essas palavras (barro, barranco, barranqueiro, barqueiro) e pela imagem da água do Rio do Chico: *todo barrento vermelho*. Jogo também com o modo como ele se refere ao Riobaldo jagunço, o Urutú-

Branco, como morto, este sendo o morto a ser atravessado pelo barranqueiro ao reino dos mortos, restituí-lo, semelhante a travessia no rio Caronte.

Por fim, no quinto capítulo interpreto as categorias-questões em tensão com as questões do Amor, Deus, Diabo, Existir, Diadorim. Não que me prive disso antes, mas aprofundo a relação entre as categorias e as questões referidas para manejar e mostrar como se dão entre-questões.

Parto do início e do que se abre já na paridade: *Nonada. Tiros que o senhor ouviu [...] Deus esteja*. É a manifestação da linguagem pela fala (o narrador), pelo som (os tiros), entre-abrindo (5.2) para Diadorim em um polo tensional com o Amor, por meio dos quais Riobaldo restitui e se integraliza, pela paridade, seu espírito humano ao que o promoveu. Isso nos leva a pensar (5.3) a alma de Riobaldo como pertencente a dois, ele mesmo e Diadorim, restituindo Diadorim à Morte (a doadora de sentido) mas sem deixar de atribuí-lo à Vida (doadora de travessias rumo ao sentido de ser).

Assim, tento mostrá-lo entre os grandes silêncios (Vida e Morte) e como isso pode tornar a linguagem de Riobaldo, sua narrativa, como uma forma de morte, pois que a Linguagem é, antes, o vigorar do silêncio, qual a morte. Isso providencia e produz a um “ultimato especulativo” (5.4): *Existe é homem humano. Travessia*. Tento desdobrar esta conclusão-abertura para pensar (o) homem humano na, como, para a travessia. Busco mostrar isso também pela correspondência entre Riobaldo e Urucúia (aquele diz que o rio de sua vida é o Urucúia, o que está sempre no topo, “no alto da ascendência”, no “fim enfim”).

Leitor e leitora. É preciso muita coragem. Estou começando aqui, mas já dependurado para meu fim: uma certa e acolhedora frustração – ser-me sendo e nunca chegando...

1. O acontecimento que se carecia: poético-apropriativo, travessias e veredas

“Então eu forcejei por variar de mim, que eu estava
no não-acontecido nos passados. O senhor me
entende?”
(ROSA, 2015, p. 262)

Queremos introduzir este capítulo com algumas considerações que dizem respeito sobre uma conduta que visa nos desarmar da origem do termo “acontecimento poético-apropriativo” e o motivo pelo qual ele não se restringe ao conceito que ele, em certa medida, traduz ao se tensionar junto e com ele, isto é, o *Ereignis*.

Entramos em diálogo com Heidegger (2013, 2003b) e seu conceito de *Ereignis*, traduzido por Casanova como *acontecimento apropriativo*. Em linhas gerais, o acontecimento apropriativo, pensado por Heidegger (2013), diz respeito à maneira como se deu o desvelar do ser no que ele chama de “primeiro início” com os pensadores originários na Grécia (Heráclito e Parmênides, por exemplo), de forma que esse desvelamento não cessa de acontecer, necessitando desvencilhar o pensamento sobre o ser da tradição metafísica, isto é, o ser dos entes, o que ocasionaria em um “outro início”, pensar o ser ele mesmo, em seu desvelamento.

São muitos os momentos em que Heidegger tenta dizer o que é o acontecimento apropriativo, entretanto, limitemo-nos à seguinte passagem: “[o acontecimento apropriativo] é o acontecimento da apropriação, dizer o que há de mais próprio. O que há de mais próprio é o inicial em sua inicialidade” (HEIDEGGER, 2013, p. 183). Isso significa dizer, dentre outras coisas, que o acontecimento apropriativo é um modo mais radical possível de entrar em relação com o ser a partir do seu desvelamento em cada coisa que passa a se iniciar pela sua doação nesta coisa inicial. Cabe acrescentar a isso que o *Ereignis* também se refere a um modo de nomear que Heidegger (2003b), na obra *Contribuições à Filosofia (acerca do Acontecimento apropriativo)*, esta sendo possível tradução a *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*, busca para dizer acerca do acontecimento do ser em sua verdade (Cf. VALLEGA-NEU, 2010), de maneira que o *sendo* das coisas, do humano, é o que é porque pode ser compreendido em relação consigo mesmo, “dentro” de si, ao mesmo tempo em que é *no* ser, o que nos permite pensar, pois, dualidade, movimento e permanência, entre outras coisas.

É evidente que não queremos, e não é nossa intenção, seguir rigorosamente a Heidegger, mas sim dialogar com ele. Neste sentido, partiremos destas ideias para a construção do que compreendemos ser um *acontecimento poético-apropriativo*. Não queremos ser tautológicos, tampouco apenas acrescentar mais um termo à tradução de Casanova, pois nosso objetivo é realizar um diálogo com a obra *Grande sertão: Veredas* a fim de compreender a travessia como acontecimento poético-apropriativo, tendo em vista, através e a partir disso, aprofundar e dar continuidade às categorias-questões que são como um acontecimento poético-apropriativo, derivadas daquele primeiro, ou seja, da travessia como tal.

É pela e na travessia que entramos em relação com o ser ele mesmo, com o ser que somos e nos compreendemos ser, bem como não somos e não sabemos ser. A travessia nos verte a cada dobra e desdobra do caminho em suas veredas. Em cada vereda

um novo tempo se inscreve no espaço, ambos se desdobrando na vereda. Contudo um caminho ainda não é o Caminho, ele é, pois, proveniente da possibilidade doada deste, e este, o Caminho, em sua doação, já não é o nosso *um caminho*, mas o *não* (a negatividade originária que possibilita possíveis).

Daí que não podemos falar do ser senão pelo seu desvelamento na *coisa*, no *sendo*, isto é, falamos do que *é sendo* e não do não ser que já não é este *sendo*, contudo *neste* desvelado. A cada vez que se desvela, o ser já não é isso que é desvelado. A travessia da obra *Grande sertão: Veredas* realiza um jogo na paridade, um incessante velar e desvelar, de modo que ela, a obra-travessia, detém em si a possibilidade, na imagem de Riobaldo, viajante pelas veredas desse grande sertão, ser a viagem des-velada, que mais intensamente se vela quanto mais se desvela. Por esse motivo acrescentamos o termo “poético”, pois pensamos este não como elemento da poesia, mas como imagem da ação de pensar (derivado de *poien*, agir) o próprio de cada um, do humano. Ora, acontecer, como diremos e reiteraremos, deriva do verbo latino *contigere*, que significa “entrar em relação com”, “chegar a”, “atingir a”; poético já o falamos (imagem, agir, pensar); apropriar, por sua vez, diz do ato de “ir em direção” (*ad-*) ao que é próprio (*proprium*), ao que se torna e nós é próprio.

Assim, por exemplo, como buscaremos mostrar, a circum-inscrição é um acontecimento poético-apropriativo, não necessária e rigidamente no sentido de que fala Heidegger, mas no sentido de que nas obras de arte, a partir do desvelamento do ser e do ser da arte, é uma ação que se torna possível, ação de ficcionar, pois, um movimento narrativo, isto é, circular e pensar repetidamente este sendo que é, na imagem-questão, possível em seu agir.

1.1 Frentear-se: Riobaldo em si-mesmo pelo não no outro

“Mas Diadorim era quem estava certo: o acontecimento que se carecia era de terminar com um. Diadorim, o Reinaldo, me lembrei dele como menino, com a roupinha nova e o chapéu novo de couro, guiando meu ânimo para se aventurar a travessia do Rio do Chico [...] Esse menino, e eu, é que éramos destinados para dar cabo do Filho do Demo, do Pactário! O que era o direito, que se tinha. O que eu pensei, deu de ser assim”
(ROSA, 2015, p. 335).

Ao lado de Diadorim, guiado por este e em parte guiando-o ao destino que lhe era certo, Riobaldo atravessa o Sertão do de-Janeiro ao Paredão, do rio ao chão, para ter de terminar com um, com Hermógenes, traidor, dito pactário, assassino de Joca Ramiro.

Essa travessia é realizada por Riobaldo duas vezes, como personagem (jagunço) e narrador, e em uma terceira, enquanto desdobra daquelas duas viagens. Ele é, assim, enquanto humano, terra de linguagem, a travessia, o viajante e o condutor. Essa terceira é *sendo* a nossa e a de outros tantos leitores e pesquisadores (todavia concentremo-nos na nossa, senão não seria outra terceira, manifestação e convocação do novo) como sendo, em espelhamento, a dele mesmo. Riobaldo, homem questão, rio que se esbalda, se alarga para outros lugares. “Eu sou donde nasci. Sou de outros lugares” (ROSA, 2015, p. 241).

A nossa concentra-se neste *acontecimento que se carecia*. Acontecimento, algo destinado a acontecer e que está e é acontecendo, que aconteceu. O que está e é destinado a acontecer, o que está e é acontecendo e que aconteceu? Somos ao estarmos constantemente entrando em relação com nós mesmos e com os outros, não? Somos porque chegamos a atingir isso que “está pertinho” da gente, que cabe a nós alcançar, “do que é nosso, por direito, e não” *sabemos, não sabemos, não sabemos* (ROSA, 2015, p. 92), sim?³

No que pode se desdobrar o sentido desse acontecimento que se carecia, de se acabar com um? Não acreditamos ser o fato puro de vingança, embora seja ela que dê força para as aventuras neste sertão⁴; não acreditamos também que seja o fato de terminar

³ Flertamos aqui com os significados etimológicos de *acontecer*, do latim, *contingere*: relacionar-se com, chegar a, atingir, alcançar, caber a. O jogo que faremos, direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, com os significados etimológicos justifica-se por dois motivos: primeiro um aprendizado e diálogo com o poeta-pensador Guimarães Rosa, de tentar chocar a palavra até que ela seja novamente vida; depois, buscarmos os sentidos que gestaram a palavra é tentar, como em uma redução fenomenológica, se relacionar com o que se pôs em causa no nascimento da palavra antes de ser. Sempre que possível, deixaremos em notas de rodapé as explicações sobre os significados etimológicos e o modo como estamos articulando-os, para que assim possamos, ao nosso ver, deixar o texto seguir um ritmo mais natural. Quando sentirmos necessidade, ou for esse o curso, exporemos no próprio corpo do texto as explicações.

⁴ Vejamos que “vingança”, força que move Diadorim, provém do latim, *vindicare*, significando, dentre outras coisas, “liberar” e “reinvindicar”. Como queremos mostrar, Riobaldo quer reinvindicar, ao destino de terminar com um, por regimento de Diadorim-Reinaldo, sua (s) liberdade (s) – “Rês o que começasse [*o julgamento de Zé Bebelô*], quem? O Hermógenes limpou a goela. De primeira entrada eu vinha sabendo – esse Hermógenes precisava de muitas vinganças” (ROSA, 2015, p. 219) –, a qual é o destino a ser atingido após o fecundar da amizade destinada de Riobaldo e Diadorim: “Diadorim também, que dos claros rumos me dividia. Vinha a boa vingança, alegrias dele, se calando. Vingar, digo ao senhor: é lambar, frio, o que outro cozinhou quente demais. O demônio diz mil. Esse! Vige mas não rege. Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima” (ibid. p. 87).

Por aproximação semântica, alegria se corresponde com feliz, mesmo nos significados etimológicos: *alacer*, “vivo”, “animoso”, “esperto”; *felix*, “fecundo”, “que produz algo”, “que é fértil”, e também “hábil”. Para realizar a vingança, Diadorim abdica de ser alegre: “[...] – “Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados” (ibid. p. 36)... Contudo, perto

com a maldade do homem, pois ela está em todos, como em todos há bondade – “Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar” (ROSA, 2015, p. 26). Queremos crer que ele, o sentido do acontecimento, pode ser compreendido como o de se desdobrar em Riobaldo à medida que desdobra Riobaldo para adiante de si mesmo: “Assim, o que nada não me dizia – isto é, me dizia meu coração: que, o *Hermógenes e eu, sem dilato, a gente ia se frentear*, em algum trecho, nos Gerais de Minas Gerais. Eu conhecia” (ROSA, 2015, p. 439, *grifo nosso*).

O acontecimento que se carecia, para Riobaldo, era *frentear-se* com Hermógenes, pôr-se frente à frente com ele. Assim, se buscarmos a correspondência entre e Hermógenes e Hermes, o mensageiro dos deuses, poderíamos dizer que Hermógenes articula passagem entre Riobaldo-ele-mesmo e o outro; entre Riobaldo-ele-mesmo e Riobaldo-como-um-outro; entre o Riobaldo que é e o que não-é. Isso nos diz de um jogo de reflexo e cisão – Riobaldo olha-se ao espelho para ver um outro, o que não-é por não ter chegado a ser e o que não-é por ser um outro humano. Para isso, questiona o narrador, “[...] era que eu tinha conhecido Diadorim, e gostado dele, e seguido essas malaventuranças, por toda a parte” (ROSA, 2015, p. 439)? O narrador nos diz ainda:

*Eu vinha entretido em mim, constante para uma coisa: que ia ser. Queria ver uma correndo num pé só... Acabar com o Hermógenes! Assim eu figurava o Hermógenes: feito um boi que bate. Mas, por estúrdio que resuma, eu, a bem dizer, dele não poitava raiva. Mire veja: ele fosse que nem uma parte de tarefa, para minhas proezas, um destaque entre minha boa frente e o Chapadão. Assim neblim-neblim, mal vislumbrado, que que um fantasma? E ele, ele mesmo, não era que era o realce meu – ? – eu carecendo de derrubar a dobradura dele, para remediar minha grandeza façanha! E perigo não vi, como não estava cismando incerteza. Tempo do verde! Epa, eu ia erguer mão e gritar um grito mandante – e o Hermógenes retombava. Onde era que estava ele? Sabia não, sem nenhuma razoável notícia; mas, notícia que se vai ter amanhã, hoje mesmo ela já se serve... Sabia; sei. Como cachorro sabe (ROSA, 2015, p. 438-439, *grifos nossos*).*

de Diadorim, enquanto vereda, como mostraremos neste capítulo, Riobaldo é feliz – “Perto de muita água, tudo é feliz” (ibid. idem) –, é fecundado, pois Diadorim, sendo nele, o anima e produz, fecunda-o: “Naquele trêcho, também me lembro, Diadorim se virou para mim – com um ar quase de meninozinho, em suas miúdas feições. – “Riobaldo, eu estou feliz...” – ele me disse. Dei um sim completo. E foi assim que a gente principiou a tristonha história de tantas caminhadas e vagos combates, e sofrimentos, que já relatei ao senhor [...]” (ibid. p. 255-256).

Diadorim regendo (*Rei*, do latim, *rex*-, rege, -in, dentro, -aldo, podendo ser lido em Riobaldo), sendo questão fecunda e que fecunda, na promessa de, após a conclusão da vingança, dizer um segredo a Riobaldo – “– ‘... Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você...’ (ibid. p. 415) –, nas tantas alegrias, firma, portanto, um caminho a Riobaldo que apenas pela força de vigor do contar/dizer (*vindicare*: vim-, força, *dicere*, de *dicto*, dizer) pode viger.

Riobaldo-personagem vinha/vem consigo mesmo, entretido em si, mantendo-se na tensão entre o que era e o que ia ser, desdobrando-se com este acontecimento para vir a relacionar-se, por meio do que foi, com o que *ia ser*. Riobaldo-narrador vem com ele mesmo, com o outro que foi e conosco (sendo também um espelho dele, não?), entretendo-se, para se circum-inscrever⁵ no acontecimento deste sentido que se vem narrando, desdobrando o que foi para si mesmo, para encontrar outro sentido no “não-acontecido nos passados” (ROSA, 2015, p. 262) e que vai formando a um Riobaldo-personagem, como o que é pensado e procurado a partir daquele que foi, o jagunço.

O acontecimento que se carecia, *frentear-se* com Hermógenes, era entrar em relação consigo *mesmo* através do outro, era se ver como *fantasma*, tornado visível (do grego, *phantazein*) na imagem do outro, como a coragem, ao que se especula, provinda de ambos, é própria do pacto com o Dê.

Isso é um acontecimento poético-apropriativo: ir em direção do outro que é si mesmo a partir da busca de um próprio que é entre-tido em si e se realça na imagem do outro; do que o outro torna possível ver e mesmo o que ainda não é possível. Tanto como o que foi quanto como o que não é (narrador), Riobaldo assume e realiza esse acontecimento poético-apropriativo. Com isso queremos abrir para o que dissemos antes (e pela primeira vez dizer sobre), para a circum-inscrição: ação de pensar a si no acontecimento que se careceu de acontecer, para buscar saber de si (o que foi, seu sido) *no não-acontecido nos passados* (o que é, seu sendo). Esta ação mobiliza a tornar-se questão, pensar com e sobre o que aconteceu, desdobrar-se do sentido sobressaído e alcançado no acontecimento que se carecia.

Pensar, agir para aprofundar-se naquilo que é próprio a si mesmo ao ser e estar em direção a ele, relacionando-se com o mesmo (as questões Diadorim, Deus, Amor, Morte, Vida, etc, diferindo em e a Riobaldo) que difere desde a partida, o curso e percurso, até a uma paragem que nunca é estanque, mas provisória; o próprio como seu *sendo* que não para de ser questionado e posto em questão na “imagem-questão *fantasmagórica*” que é buscar ser si-mesmo, a isso queremos dizer: acontecimento poético-apropriativo.

Nada do que dissermos poderá esgotar o que seja o acontecimento poético-apropriativo. Nossa compreensão atinge a um limite. Ir aos significados etimológicos é

⁵ Ao longo deste capítulo faremos algumas referências à circum-inscrição, e mesmo às outras categorias-questões, porém ainda não nos deteremos especificamente nela (s). Assim, para não deixar vago, faremos tentativas – como este trabalho é realizado enquanto tentativas de ser e dizer, mirar e ser (parafraseando o *mire veja*) – de dizer o que compreendemos ser a circum-inscrição (e as outras categorias-questões).

um ponto de partida. Tentemos outra vez: é uma maneira de se experienciar⁶ o que se viveu e seu modo, no caso de Riobaldo, na paridade, em meio a vingança, entre si e o outro; é uma maneira de experienciar o mundo – a realidade na qual nos encontramos, vivenciamos e existimos na relação com o sentido manifestativo do que não é, uma vez que “o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 2015, p. 70) – no qual se é, que envolve ao humano, e a partir do qual se pode encontrar forma de se relacionar consigo mesmo, permitindo encontrar aberturas para o processo ambíguo do mundo ele mesmo; é uma maneira de experienciar o Ser-Tao, o mistério, a partir do encontro e desencontro de Riobaldo em/no Reinaldo/Diadorim; é uma maneira de experienciar da forma mais autêntica possível as questões a partir de seu próprio *experienciar ser* (dito de outro modo, experiência de ser si mesmo em relação ao Ser-Tao).

Apenas isso? Não. Tentemos outra vez. [*Acontecimento*] Poético-apropriativo: agindo se apropria, e para se apropriar é necessário agir enquanto questão. Mas não somente isso. É também uma inauguração que acontece quando então se põe em questão e nas questões, onde o humano habita propriamente e para onde o homem se encaminha, de vez que são delas que encontramos algo de próprio para então se apropriar. Não há homem humano para fora das questões que o circum-inscrevem, pois o poético promove o experienciamento de uma apropriação.

Somente posso me apropriar do que me pertence. “Eu tenho uma vida e dela posso me apropriar”. Mas o que significa esse “ter”? Nada tem a ver com posse. Essa vida me pertence porque me foi doada. Diadorim diz: “a vida nem é da gente” (ROSA, 2015, p. 136). A vida é sempre doação da Vida, porque viver e aprender a viver é experienciar essa vida que tenho no seu acontecimento; é também da Morte, porque ela sempre doa sentido à vida experienciada; e também do Tempo, que une Vida e Morte no sendo que somos. O que é esse “ter”, então? Diríamos que, antes, é cuidado, porque eu não posso ter vida senão sou eu quem manifesto vida, entretanto posso agir criativamente no viver essa vida poeticamente, isto é, buscar compreendê-la: *agarrar-me à* enquanto (no sentido de “juntamente”) sou *agarrado por* – agarrar-me ao sentido que a morte dá a compreender enquanto ela retrai, para o mais oculto, o próprio sentido compreendido de viver: ser travessia.

⁶ Experienciar possui o seguinte sentido: ação de se lançar para além (*ex-*) dos limites (*peras*), de maneira que isso também se dá pela tensão entre o que se conhece (*entia*) e o que não se conhece, pois que apenas podemos conhecer o que não conhecemos, saber o que não sabemos. Jogamos ao articular os significados de *experientia*, formado por *ex-* (além, fora), *peras* (limite) e *entia* (conhecer, saber, aprender).

Isso que dissemos até então significa uma vivência subjetiva que é experienciada junto do ser e do sendo? Diríamos que não, pois “homem é rosto a rosto; jagunço também: é no quem-com-quem” (ROSA, 2015, p. 140). Riobaldo e Diadorim, na paridade, projetam-se a um acontecimento que lhes convocaram, *frentear* com Hermógenes, ficar frente a frente, rosto a rosto, no *quem-com-quem*, isto é, ser-com-ser, ser-com (na visão heideggeriana de *Ser e Tempo*, processo dinâmico e dialético de ser junto do outro, em uma tensão contrastante e “integralizadora”), (no) ver-se no outro: “Ninguém nunca foi jagunço obrigado. Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme” (ROSA, 2015, p. 466). Sertão é o sempre limite que nunca se atinge, mas que, excepcionalmente, sempre nos alcança e nos atinge: o limite do outro que não atinjo é ele ser a mim mesmo; o limite do mundo é o sentido que encontro manifestado em meu viver, contudo ele se suprime para além de minhas palavras.

É do outro que Riobaldo e Diadorim esperam um agir para então buscar agir no lado oposto ao dele. Mire veja: suspeitando que Hermógenes fosse capaz de maiores ruindades, ao sugerir, para se precaverem, matá-lo, Riobaldo é reprovado por Diadorim (Cf. ROSA, 2015, p. 155); porém quando Hermógenes age e mata a Joca Ramiro, provando sua *maior ruindade*, um outro agir é convocado de Riobaldo e Diadorim, matar aquele para vingar e livrar o sertão do pactário, do judas, providenciando uma amizade entre Tatarana e Diadorim “no sistema de jagunços”, isto é, “amigo era o braço, e o aço” (ROSA, 2015, p. 155). Ainda mais: vingar-se do pactário é também, pela força de dizer do narrador, reconquistar e resgatar um outro Diadorim que vige, poeticamente, no que se velou.

Nesse *quem-com-quem*, *frentear* ao pactário se torna possível somente por ordem de um pacto com o próprio Que-Diga, de vez que o pacto representa ascender à coragem: “Contra o demo se podia? Quem a quem” (ROSA, 2015, p. 251)?

É como *Diá-dorim*⁷, eivado de coragem e como homem humano, que o amigo de Riobaldo *frentea-se* com o Hermógenes. Queremos aproveitar este nome/momento para

⁷ Na morte, Diadorim é revelado (e/ou revela-se, pois que se manteve oculto) como Deodorina. Se Diadorim é alma de Riobaldo, questiona-se este (Cf. ROSA, 2015, p. 467), se Riobaldo realiza o pacto, vendendo sua alma ao Que-Diga para ter um poder igual ao de Hermógenes, para matá-lo, não seria Diadorim entregue – por via da morte, quando ele mesmo abdica de sua vida e encaminha Riobaldo ao pacto – ao Dê como a alma de Riobaldo?

Como guerreiro, na hora da batalha, *Diá-dorim* era capaz de maiores valentias, derramando sangue inimigo sem nem mesmo pestanejar, mas fora isso, era o mais silencioso, gostava de silêncios, agia escondido, como “Deus come escondido, e o diabo sai por toda parte lambendo prato” (ibid. p. 57)...

Neste sentido, pensando na outra margem, não seria também o caso de pensar que Riobaldo, para recuperar sua alma, voltando a ser “fogo, depois de ser cinza” (ibid. idem), restituí-la a Deus, descobre Diadorim como *Deo-dorina*, devolvendo e revelando sua identidade feminina (de sacralidade de pro-criar), uma vez

acrescentarmos à ideia que estamos desenvolvendo (de que, em linhas gerais, o acontecimento que se carecia era frentear-se consigo mesmo), um outro caminho, através do significado do nome *Satanás/Satanaz*, que, em suma, diz “inimigo”.

É comum na jagunçagem de *Grande sertão: Veredas* o comentário de que quem pune por Hermógenes é o Diabo, entretanto Diadorim o reduz de um “ente sobrenatural” para o que ele é em si, isto é, homem humano:

Ateado no que pensei, eu sem querer disse alto: – “... Só o demo...” E: – “Uem?...” – um deles, espantado, me indagou. Aí, teimei e inteirei: – “Só o Que-Não-Fala, o Que-Não-Ri, o Muito-Sério – o cão extremo!” Eles acharam divertido. Algum fez o pelo-sinal. Eu também. Mas Diadorim, que quando ferrava não largava, falou: – “*O inimigo é o Hermógenes.*”
Disse, me olhou. Seja, fosse, para agradar o meu espírito. Arte de docemente, o que eu não pensei, o que eu reproduzi, firme:
– “Que sim, certo! O inimigo é o Hermógenes...” (ROSA, 2015, p. 334, *grifos nossos*)

Podemos também trazer para este ponto o momento em que Albergaria (1977, p. 34) nos diz que Diadorim, Hermógenes e Riobaldo são iniciados nos Mistérios⁸, o que produz a coragem que aqueles dois têm ao passo em que ensinam “a coragem” a Riobaldo:

A iniciação consiste, essencialmente, na transmissão de uma influência espiritual destinada a permitir ao homem uma ascensão a estágios superiores do ser. A fim de atingir este nível, deve o postulante passar por determinados obstáculos e demonstrar a sua aptidão e excelência. Daí a função do guia ou hierofante. Este não é um “mestre” no sentido de ocupar uma função didática; é apenas o companheiro que incentiva e encoraja o iniciando no decurso das provas. A experiência confere ao iniciando a condição de ultrapassar os obstáculos, perder o medo e conseguir o conseqüente desabrochar da coragem. O medo constitui o principal obstáculo a ser vencido, pois é o medo que impede o homem de afastar de si a ignorância. [...] Vale observar que a palavra *medo*

que somente se pode “ver o aproximo de Deus é em figura do *Outro*” (ibid. p. 44, *grifo do autor*), abrindo a possibilidade para questionar sobre outro pacto, “com Deus mesmo – posso? – então não desmancha na rás tudo o que em antes se passou” (ibid. p. 259)?

Ainda neste último questionamento podemos alçar a afirmação de Riobaldo, que se desmancha continuamente, sobre não poder a alma ser coisa *vendível*, pois pertence a Deus (Cf. ROSA, 2015, p. 33). E nada volta a ser certeza e ter lugar certo, de vez que no sertão *tudo é e não é, é certo e incerto*, não é lugar de se parar em certezas e razões, tudo é muito misturado e não-delimitável.

⁸ O ponto que nos permite trazer para o nosso trabalho estudos que se debruçam sobre o caráter de uma “metafísica oriental” em *Grande sertão: Veredas*, como de Albergaria (1977), Utéza (2014) e alguns ensaios de Benedito Nunes (2013), é um tanto quanto simples e se refere à via que nos conduzimos: tanto a metafísica ocidental (aqui pensada como a forma radical de pensar o sentido do humano em seu horizonte de sentidos) quanto a oriental (entendida como um modo de se realizar em contato com o sobrenatural, alçando-se ao que não pode ser explicado racionalmente, apenas experienciado e lançado ao infinito a partir de algo que é inexprimível, o mistério) possibilitam um autoconhecimento, uma *autoprocura*, embora sobre vias e modos de pensamentos diferentes. Aliás, não é a diferença proveniente do Uno, do Princípio, que se inscreve sobre os nomes de Ser em uma e Tao em outra, ambos se sobressaindo no *Ser-Tao* e pensados nas e a partir das *veredas*?

é um anagrama de demo, motivo de maior importância em *Grande sertão: Veredas* (ALBERGARIA, 1977, p. 36, *grifo da autora*).

Neste sentido, Riobaldo é iniciado a fim de que se potencialize nele o que é próprio a cada homem, isto é, como um modo de realização de si mesmo (“individual”) para se integralizar enquanto *homem humano*, reiterando-se naquilo que o possibilita a vir a se tornar (*humano*). Isso vem a acontecer, como deixa soar Albergaria, a partir da tensão entre medo e coragem, conhecimento e ignorância. Todavia conhecer aí não é entendido no sentido de ter conhecimentos sobre determinada coisa, sobre o funcionamento e afins, mas de vir a saber e nascer com o mistério que se apresenta a cada vez que se dá a ver:

Dor não dói até em criancinhas e bichos, e nos doidos – não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento? E as pessoas não nascem sempre? Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério (ROSA, 2015, p. 60).

Riobaldo-narrador assume que gosta de ser ignorante. Ora, não é não sabendo que se vem a saber? O saber de Riobaldo-narrador não provém da luz, mas do escuro mistério, do que ele e ninguém não sabe. O medo de ver nascimento é o medo de deixar de não saber e ir “conhecer esse destino-meu-deus” (ROSA, 2015, p. 117) quando é conduzido a ver o mundo em suas cores, como Diadorim-menino o apresenta... Ainda não contemos isso, suspendamos por enquanto.

Voltemos ao medo de nascimento. Ele é nossa passagem para o que virá a seguir e para o desdobramento de nossas palavras cada vez mais próximas e distantes deste (do nosso) acontecimento poético-apropriativo.

Nascer é vir ao mundo, não? Ocorre que esse mundo e seus significados não são propriamente nossos, eles estão aí dados e certos, mas que, de qualquer maneira, são alguma forma de ver o mundo. Isso em si já não representa uma espécie de medo? Já não apavora o fato de que conhecemos um tal mundo pelo que está instituído há séculos? Contudo não apavoraria mais tentar sair disso, perder a segurança desse mundo, ter de sofrer a luz do mundo ao sair do ventre materno?

Ainda assim nascemos, e conosco se inaugura a possibilidade de ver uma outra forma de mundo, seja para quem vê pela primeira vez e questiona, seja para quem é questionado e, pela questão, reordenado a enxergar o mundo pelos olhos de outro. “Alto eu disse, no me despedir: – ‘Minha senhora dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!...’ – e saí para as luas” (ROSA, 2015, p. 381).

Um dos significados de nascer, através do latim *nascere*, também pode ser “provir”, “originar-se”. Para saber quem somos, temos de provir da questão a respeito do *quem sou*? Contudo isso não seria o caso de pensarmos que nós mesmos nos originamos, mas de que a questão pelo nosso ser e seu sentido é que é originária, nos origina e nos torna originários ao (nos) questionarmos. Ela nos permite ir para além do limite dos significados de que, por exemplo, *humano* é a espécie, e não a possibilidade de se tornar humano e se reintegrar à nossa humanidade (o que nos torna humanos, questões como Vida e Morte).

O *originar-se* é um ato de realizarmo-nos no que somos, isto é, questão de *homem humano* que não se finda, porém que se ex-garça⁹ a cada vez mais junto do horizonte (conhecer) a partir do nascimento e morte (con-sunção, conduzir junto, *cum-*, ao sumo, *summare*) de cada *homem humano*, isso é um modo originário de ser. “Originário significa aqui aquilo a partir de onde e através do que algo é o que ele é e como ele é” (HEIDEGGER, 2010, p. 35). A questão Humano é que nos torna mais humanos, é a terra que nos torna fértil e nos deixa ser sementes, sempre indo para cima e estando em contato com o chão, sempre crescendo, se transmutando e maturando, mas sempre semente (embora árvores nas formas) plantada e germinada na e pela terra.

Neste sentido é que, enquanto narrador, Riobaldo nasce e vem à luz, originariamente, ao se pôr em questão. Narrar, assim, pode ser lido como um nascer pela questão que nos torna próprios em nossa procura. Ela, a questão, é que nos cuida e nos origina, nos torna mais humanos em cada vertida: o narrador, nascendo, é originado como o personagem, como aquilo que é e tão logo deixa de ser – *o jagunço Riobaldo? Fui e não fui*. Não somente isso, porém, por etimologia, a máscara de Riobaldo, protagonista do romance, brota como vivo a todo instante no não-sido que o personagem é em si mesmo.

Ora, mire veja que Riobaldo autodeclara-se *quase barranqueiro*, que desce o barranco. Descendo-o, dirige-se ao rio, e transforma-se, pesavelmente, em barqueiro. Faz

⁹ Devemos esta imagem a uns versos e a um neologismo de Max Martins nos poemas “Koan” e “A asa e a serpente”, ei-los: “busco-te-em-mim dentro dum lago/ max/ eKOÃdo/ e a face ex-garça-se verdemusgo/ muda” (MARTINS, 1992b, p. 252); “O texto/ teia de areia/ é o que se vê: se faz/ e se diz: refaz/ ou é interdito/ e se contrai/ e se disfarça/ ex-garça nesta praça-página” (MARTINS, 1992a, p. 186). O que vemos e entre-vemos aí é que: I) enquanto busca-o-outro-em-si (poema “Koan”), a face, o que o outro (se) forma/mostra a quem o vê, é um limite que se deslimita (na imagem da garça que alça voo) com o tempo passando no humano (a imagem do tecido se esgarçando, o tempo nele agindo), o que nos conduz a II), o texto, enquanto tecido (do latim, *textus*), a cada vez que o humano dele se aproxima, não cessa de sofrer a ação do Tempo no tempo humano, daí se esgarçar e sobressair a necessidade de amarrar com barbante os buracos – parafraseando Guimarães Rosa (1985, p. 14) em *Aletria e hermenêutica* – que se revelam e são enredados pelo crítico em seu texto.

a passagem do barro à água. Mas a água de São Francisco é *barrenta vermelha*. O barro não é excluído, se incorpora à água. Fazemos a inversão: o artesão, que trabalha e molda a argila, precisa da água para elaborá-la. O ponto é este: como personagem, máscara de argila, um dos materiais usados na confecção deste equipamento no teatro grego, constantemente em trabalho, *Rio-baldo*-personagem, pelas mãos/palavras de *Rio-bardo*-narrador, é uma contínua construção, um contínuo acontecimento poético-apropriativo... “[...] mais quero mexer com minhas mãos e ir ver recrescer a massa” (ROSA, 2015, p. 442)...

É “deitado no chão, fofo de tantas chuvas”, que *Riobardo* faz o molde seu rosto; é no “chão amolecido” (ROSA, 1997, p. 145) pela água da chuva, pela água de São Francisco, que as pegadas do *Riobaldo* perseveram vivas e são trazidas pela memória, como marcas na pasta de terra, de argila, no magma. Narrador, personagem, narrador-personagem, jagunço, protagonista, etc. etc., são desvelações de um mesmo *Riobaldo*, e, como tais, são diferenciações e multiplicidades próprias deste mesmo (um) *Riobaldo*. É, pois, através do personagem, *persona*, jagunço que foi enterrado na memória, jaz esquecido, permanecido, portanto, que soa, ressoa, dissoa e não-soa o que o narrador diz¹⁰ e vem a nascer por ele.

Todos são humanos, no entanto todos são diferentes

Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos (ROSA, 2015, p. 258).

O tempo que tenho de vida me limita a saber o que acontecerá com esta minha tentativa de narrativa daqui a uma centena de anos, isto é, de dar a conhecer e a ver (ainda que a mim mesmo) esta minha narrativa, se será esquecida em algum lugar ou nas lembranças de alguém que a tenha lido, mas ainda assim foi *vento* para minha existência, coragem para enfrentar o medo e o que está posto. “A gente nunca deve de declarar que aceita inteiro o alheio – essa que é a regra do rei” (ROSA, 2015, p. 31), de quem conduz para o caminho, como *Riobaldo* nos conduz, como *Reinaldo* o conduziu...

¹⁰ Estamos aqui flertando, pois, com os sentidos e relações de coexistência entre narrar (narrador) e personagem, sendo ambos próprios de *Riobaldo*. Personagem, do latim *persona* – o que soa por intermédio, através, por meio de (da máscara que os atores usavam). Soando, *Riobaldo*-personagem, tornado como tal, reverbera e reverbera-se como o vir a ser e o porvir que se resguarda e sobressai do por fazer que é. Daí seu caráter verbal, de fazer ressoar-se e reverberar enquanto *personagem*, relação que se mantém pelos significados e contatos existentes entre o substantivo *persona* (ou mesmo adjetivo, *personus*) e o verbo *persono*.

No entanto isso provoca um medo pavor, não? Pois o medo “agarra a gente é pelo enraizado” (ROSA, 2015, p. 134) e o “sertão não tem janelas nem portas” (ROSA, 2015, p. 403), é sempre aberto, é sempre possível, é sempre fonte, é sempre Ser que doa seres, é sempre Tao que doa veredas – como o jagunço que é sendo “o sertão” (ROSA, 2015, p. 258).

A raiz de um mundo (aqui no sentido de construção de significados) está aí fincada e sendo fincada por várias épocas, não à toa que dizer simplesmente que sou humano se torna tão vago. É necessário tornar-me e reiterar-se como homem humano, e para tal tenho de entrar em relação comigo mesmo, conduzir-me ao que sou e o que tu és, tornar-me a imagem a ser vista e pensada, perseguida no que ela tem de próprio a mim. Essa imagem é Riobaldo. Como ele, frustro-me porque não saberei que rio sou – e continuo a me esbaldar.

Todavia atravessemos, que o medo nos impede de nos tornarmos homens humanos – para tanto questionemos as três vezes de sermos e agirmos como tal.

1.2 Aprender-a-viver é que é o viver: as três vezes do homem humano na travessia para a porta do infinito

“Mas acontece que o instante entre o sono e o acordado era assaz curto, só perpassava, não dava pé. Eu não podia me firmar em coisa nenhuma, a clareza logo cessava. Daqueles avisos e propósitos, o montante movimento do mundo me delia, igual a um secar. E eu mesmo estava contra mim, o resto do tempo. Não estava?”
(ROSA, 2015, p. 400)

“Medo agarra a gente é pelo enraizado” (ROSA, 2015, p. 134). O que é enraizado está fincado e fundamentado em um solo. Qual a raiz do homem humano? Em que solo está enraizado? Diríamos que, antes de tudo, se o homem é provindo da Terra, esta pensada como Vida, como o modo mais encoberto e na qual sempre somos, detentora e criadora de possíveis (viveres provindo de Vida, o viver vida como tal, cada humano vivendo vida), o medo *agarra a gente é pela* Terra, pela Vida, pelo que é continuamente encoberto e não-sabido, pelo viver e ser terra provisória.

No entanto essa Terra está coberta de fuligem e poeira de outras concepções redutoras do que seja Vida. Permitam-nos um exemplo do cotidiano e que muito já ouvi: quando criança, sempre escutei a mesma resposta para a pergunta “qual o sentido da

vida?”, a saber: nascer, crescer, trabalhar, procriar e morrer. É bem verdade que temos aí verbos essenciais para especular algo que não pode ser reduzido à limitação de nossas palavras. Porém essas palavras são usadas em um sentido mais mediano, isto é, estão arroladas por uma compreensão de mundo e de sentido da vida que se liga à maquinação do homem e das coisas.

Essa pergunta – “qual o sentido da vida?” –, posta neste limite, vem com uma resposta objetiva e automática. Ela não é um caminho originário para a questão Vida, não é pensada como tal. Que posso eu falar sobre o sentido de algo que me ultrapassa? Eu, enquanto homem humano limitado à linguagem que possuo, não posso defini-la. Entretanto posso pensar que, para compreender o sentido da vida, de meu viver, tenho de viver e apre(e)nder o sentido a ser compreendido, como um sentido que na compreensão não se encerra. “Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas” (ROSA, 2015, p. 338).

O sentido que posso encontrar, é um sentido que foi possibilitado pela Terra/Vida ao meu viver e pelo modo de compreender esse viver especulativamente. Ele não é único e tampouco igual ao de outros. Posso compreender este sentido no limite que tenho, a mim mesmo e no medo que se enraíza no humano que sou e pelo trabalho que me realizo, na obra sempre em curso e sempre em trans-vertidas, em dobras e desdobras, em travessia para o oculto mistério, mobilizando o que acontece junto de mim, ao qual me procuro e incorporo sentido: “[...] Semoveu-se.// Livrados! No escuso, o tudo ajudando, fizemos passagem, avante mais” (ROSA, 2015, p. 304).

Neste sentido, queremos dizer que o medo se enraíza é no solo que o próprio homem é para si e em si, como terra que se deve arar e na qual se deve exercer o ofício de trabalhar (-se). Ora, *viver não é muito perigoso*? Não é sempre um limite que deslimita, não é sempre um horizonte vazio que possibilita sentidos, que é em construção ao passo que me destruo para me construir? Se sentimos medo, algo se abriu a (e em) nós, a possibilidade de vir a ser, o desconhecido, o que está *perto de nós e não sabemos*.

O que o medo é: um produzido dentro da gente, um depositado; e que às horas se mexe, sacoleja, a gente pensa que é por causas: por isto ou por aquilo, coisas que só estão é fornecendo espelho. A vida é para esse sarro de medo se destruir; jagunço sabe. Outros contam de outra maneira (ROSA, 2015, p. 301-302).

O medo é dentro do homem, é disposição ao homem, o dispõe adiante a si mesmo – “Sabe, uma vez: no Tamanduá-tão, no barulho da guerra, eu vencendo, aí estremeci

num relance claro de medo – medo só de mim, que eu mais não me reconhecia. Eu era alto, maior do que eu mesmo” (ROSA, 2015, p. 123) –, mesmo diante de outro e vindo através do ódio – “A bronzes. O ódio pousa na gente, por umas criaturas. Já vai que o Hermógenes era ruim, ruim. Eu não queria ter medo dele” (ROSA, 2015, p. 147). Sentir esse medo de si mesmo e de Hermógenes é sentir medo de *homem humano*: “O horror que me deu – o senhor me entende? Eu tinha medo de homem humano” (ROSA, 2015, p. 333).

De que forma o medo pode ser disposição? Riobaldo já nos mostrou que medo é no homem, de homem, é *espelho* que coloca o homem diante a si mesmo, *frente-a-o* por meio do outro. Não é provindo de causa, mas é fonte de abertura: pelo medo posso vir a ter coragem.

Queremos trazer a este ponto três considerações de Heidegger (2015, p. 195-196), a respeito do que ele diz ser o caráter ontológico da disposição, pois que conduzem para essa compreensão do medo como disposição. Heidegger mostra que a disposição é abertura do entre-ser¹¹ a si mesmo porque: abre-o ao seu próprio estar-lançado e ao modo pelo qual se lança, isto é, estar-lançado ao encontro do que se deixa ser encontrado; abre-o ao modo de ser-no-mundo e para a relação com o que se está em convívio neste mundo, para deixá-lo abrir-se como tal; aberturas que induzem a uma *circunvisão*, isto é, a uma maneira de buscar abranger o mundo em sua totalidade (como Riobaldo, imerso no sertão jagunço, trava guerras, mata, é ferido, segue ordens, ordena etc).

Essas considerações do filósofo alemão encaminham a pensar o medo como um modo de disposição. Assim, o medo é pensado por ele sobre três prismas: o *de que* se tem medo, o *ter medo ele mesmo* e o *pelo que* se tem medo (HEIDEGGER, 2015, p. 199-202). Podemos compreendê-los da seguinte maneira: temendo o que nos amedronta, tememos não porque necessariamente o vimos, mas porque (também) se mostra a nós já na possibilidade de se aproximar de nós naquilo que ele é e já se vela; isso que se dispõe ao nosso encontro é já no mundo, não cresce conosco, mas sim, se revelando, ocorre no âmbito do entre-ser e pode ser visto como abertura e aproximação do mundo; o medo,

¹¹ Valer-nos-emos aqui da tradução de *Dasein* realizada por Manuel Antônio de Castro e Idalina Azevedo na obra *A origem da obra de arte*, de Heidegger (2010). O termo “entre-ser” manifesta, pois, o “local temporal” no qual o humano se encontra, isto é, na “liminaridade tensional” entre ser e não-ser, Vida e Morte, na qual reside a verdade do ser, o pôr em jogo constantemente seu próprio ser e com isso é re-começo. É nessa “liminaridade tensional” que o entre-ser se encontra e instaura seu agir, agindo entre seu próprio agir e o agir do ser que nele se dá. Entre-ser, pois, é o ser-do-entre. Sendo neste entre, o entre-ser, em seu agir, assim se encaminha para buscar atingir sua plenitude, no entre, no meio: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 2015, p. 63).

pelo que se teme, possibilita reconstrução a partir da aproximação do que amedronta e do estar junto a isso que amedronta.

O que chega ao homem chega e o alcança justamente porque é-no-mundo, é neste espaço em que o ser se doa. Se o *medo agarra a gente é pelo enraizado*, já somos neste mundo e vamos ao encontro de nós mesmos, assim como as coisas a que se teme (Hermógenes, homem humano, etc). O medo faz o homem não fugir de si mesmo, querendo ou não. Riobaldo teve medo, este medo, como *medo de errar*, o dispõe ao seu destino, à questão que é para si, não deixa que vagueie e perca rumo de seu destino¹².

Mas eu fui sempre um fugidor. Ao que fugi até da precisão de fuga. As razões de não ser. O que foi que eu pensei? Nas terríveis dificuldades; certamente, meiramente. Como ia poder me distanciar dali, daquele ermo jaibão, em enormes voltas e caminhadas, aventurando, aventurando? Acho que eu não tinha conciso medo dos perigos: o que eu descosturava era medo de errar de ir cair na boca dos perigos por minha culpa. Hoje, sei: medo meditado foi isto. Medo de errar. Sempre tive. Medo de errar é que é a minha paciência. Mal. O senhor fia? Pudesse tirar de si esse medo-de-errar, a gente estava salva (ROSA, 2015, p. 159).

Medo como abertura e disposição é, em *Grande sertão: Veredas*, o que permite o homem-Riobaldo nascer “para ser” (ROSA, 2015, p. 478) Riobaldo-humano, isto é, aquele que vem à tona como Riobaldo-questão por intermédio e força de Riobaldo-narrador ao se desdobrar em personagem, cuja máscara é feita de palavras, pelas palavras do narrador, ao questionar-se e questionar quem é e quem foi aquele jagunço Riobaldo:

De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para que? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja (ROSA, 2015, p. 183-184)!

A mesmidade existente entre Riobaldo-personagem e Riobaldo-narrador é o que manifesta a transformação que se efetiva a partir de uma circularidade que, no aparente binarismo, promove Riobaldo à questão. Se pudermos formular um questionamento guia e/ou especulação, seria: para que Riobaldo-narrador nasça, há de se manifestar, a partir deste que nasce, o Riobaldo-personagem, o qual cria a ponte ao jagunço que foi e não foi?

¹² Estamos jogando com dois sentidos etimológicos de *errar*, “vaguear” e “andar sem rumo”. Riobaldo, no entre de-Janeiro e Rio das Velhas, ou seja, entre seu primeiro encontro com o Menino e o seu reencontro sendo Reinaldo, por três vezes foge, mas suas fugas são antes aberturas para o destino de não ter medo (Cf. ROSA, 2015, p. 478) e (re)encontrar a Diadorim do que abandono do que o destina e se destina a ele.

Mire veja: o personagem é a construção e os questionamentos do narrador que experiencia, que acontece em seus e através de seus nascimentos (narrador-personagem: um e, por isso mesmo, o mesmo, isto é, a propriedade de ser e passar a existir, pôr em questão).

Desta forma é que Riobaldo-narrador nasce: algo permanece acontecendo, gestando, e isto se abre para e neste acontecimento. Diríamos que esse *algo* se refere à procura pelo não-acontecido do não-vivido que sobredeterminam e dimensionam ao narrador e seu narrar, os quais formam uma unidade circular: narrador há porque narra, isto (o narrar, a narrativa) há porque aquele *ex-siste*; Riobaldo-narrador há porque Riobaldo-jagunço viveu, mas que, pelo movimento e multiplicidade que o entre *fui e não fui* forma, continua acontecendo no não-acontecido, no não-experimentado, pois.

Contudo o simples *haver* ainda não diz muito da especulação, porque, lembrando da “Terceira margem do rio”, *aquilo não havia, acontecia* (ROSA, 2001, p. 80). No jogo entre haver e não-haver, o que os dimensionam é algo que acontece. A morte e o morrer acontecem porque são silêncio vigorando; a vida e o viver acontecem porque são memória vigorando; o narrador acontece porque o jagunço morreu, foi ultimado, vigora em silêncio; o personagem acontece porque o narrador vive e experiencia-se no que foi, vigorando a memória. A memória-Riobaldo é um tempo (emergido e possibilitado pela manifestação do Tempo no ser, tornando-o *sendo*) se tornando e se vertendo em linguagem.

O tradicional passado, neste sentido, transforma-se em um “presente sempre inconcluso”, em movimento e acontecimento, em um *por fazer* que se projeta ao porvir, de vez que memória é tempo, e tempo é memória, na medida em que são o que permanece depois de que cada coisa passa e encontra seu fim. A partir do que passou e virá a se tornar, é a memória de um tempo e o tempo da memória que possibilitam diversas lembranças e rememorações, e a coexistência de diversos tempos. A linguagem, assim, dá corpo, forma, fala, possibilita escutar e olhar a ambos nas palavras que passam e ficam sendo memórias e tempos. A linguagem escava-os e é por eles escavada, escavando a si mesma no humano que vai se conduzindo e con-sumando às memórias e aos tempos outros.

Riobaldo-jagunço está no passado, mas existe para além deste aspecto linear do tempo, tanto porque o tempo em *Grande sertão: Veredas* é compreendido em seu caráter circular quanto porque uma das formas que compreendemos *existir* é como questionar, o qual, por sua vez, não se separa do sentido em seu étimo como *ex-sistere*. Porque é não-

sendo, Riobaldo-jagunço é um por fazer, o qual é constantemente interrogado por Riobaldo-narrador enquanto enreda seu próprio ser-narrador ao que foi.

Existir, desta maneira, é pôr-se para fora dos limites conhecidos na medida em que se conduz para diante do não-limite, questionando-o, abrindo-se à questão do Existir. O jagunço que *foi* não é e não se resume a isto, ele é, antes, o que continuamente será e se mantém sendo como a procura do que não foi para o narrador. Questionar nossa existência é romper e nos irromper em nova travessia desdobrada e surgida como continuação e aprofundamento da anterior em que se está e é, em que se está e foi, da que permanece e continua sendo¹³. Se (se) questiona, põe-se para fora, para o aberto das questões Vida, Morte, Deus, Diabo, Travessia, Sertão, etc.

Acontecendo, o homem dá-se como questão. Sendo questão, a todo instante se faz e se realiza, em se des-fazendo e se des-realizando enquanto barro sempre modelado e remodelado. Com o “des” não queremos explicitar tão somente uma negação, mas sim intensificar o valor verbal, de movimento, pois, que se produz e é produzido por esse *ex-sistindo* do humano-Riobaldo. O movimento é o que permanece de tudo: “tudo é e não é” (ROSA, 2015, p. 22), diz Riobaldo.

O medo, como a liberdade, é ao se possibilitar a movimentação para o que vier a ser. “Medo? Bananeira treme de todo lado” (ROSA, 2015, p. 343). O medo instaura via para que o humano se inquiete na condição em que se encontra. Assim é que o medo, como abertura e disposição, é também via para o destino, que é medo do desconhecido, que não pode ser reconhecido, como Riobaldo se viu *mais alto do que si mesmo*, porque distante em sua proximidade, porque próximo em sua distância, porque seu riso se escuta no riso de um outro que ele não é, contudo que o reflete, como, no momento do pacto, sentiu o medo que o Demo sentiu dele (Cf. ROSA, 2015, p. 343).

O senhor supute: lado a lado, somando, derramavam de ser os trezentos e tantos – reinando ao estral de ser jagunços... Teria restado mais algum trabuco simples, nos Gerais? Não tinha. E ali era para se confirmar coragem contra coragem, à rasga de se destruir a toda munição. Dessa guisa enrolada: como que lavrar uma guerra de dentro e outra de fora, cada um cercado e cercando. Recompôr aquilo, no final? Só com a vitória. Duvidei não. Nasci para ser. Esbarrando aquele momento, era eu, sobre vez, por todos, eu enorme, que era,

¹³ Estamos jogando com os significados de *existire*, formado pela preposição *ex-*, podendo significar “levar ou trazer para fora” (levamos e trazemos para fora a partir de questionamentos, bem como somos levados e trazidos para fora a partir das questões), e pelo verbo *sistere*, significando “aquilo que se mantém”, que “permanece” (o que se mantém e permanece senão o que fomos no que somos? O que permanece senão a questão que somos a nós mesmos, que nos leva e traz para fora do limite a partir – um dos possíveis significados da preposição *ex-* – do que fomos?).

Doravante, este é o sentido que buscamos mostrar com “existir” ou *ex-sistere* (assim grafado).

o que mais alto se realçava. E conheci: ofício de destino meu, real, era o de não ter medo. Ter medo nenhum. Não tive! Não tivesse, e tudo se desmanchava delicado para distante de mim, pelo meu vencer: ilha em águas claras... Conheci. Enchi minha história. Até que, nisso, alguém se riu de mim, como que escutei. O que era um riso escondido, tão exato em mim, como o meu mesmo, atabafado. Onde desconfiei. Não pensei no que não queria pensar; e certifiquei que isso era ideia falsa próxima; e, então, eu ia denunciar nome, dar a cita: ... *Satanão! Sujo!*... e dele disse somentes – S... – *Sertão... Sertão* (ROSA, 2015, p. 478-479, *grifos do autor*)...

No reflexo existente entre *Satanão* e *Sertão*, o que podemos escutar é que o próprio Diabo aparece, em uma de suas muitas formas, na forma mesma do sertão. Como sendo o *Que-Diga*, isto é, aquele que apenas pode vir a se instar na linguagem e no dizer de um humano, não havendo necessidade, assim, como constata Riobaldo, dele existir para acontecer, o Diabo se instancia no Sertão em seus medos e na tensão da coragem que Deus é: “O sertão tem medo de tudo. Mas eu hoje em dia acho que Deus é alegria e coragem” (ROSA, 2015, p. 259).

Daí que a tentativa de dizer o *Que-Diga* surge, no ressoar – pois que ele se constitui no reverberar do dizer do humano – do seu *dizer somentes*, como em possibilidade de ler-escutar *sementes*, o que cresce para além da ação humana – *não pensei no que não queria pensar* –, primeiramente como um sopro, ou como o modo que se supõe vir o Diabo, na “lufa de um vendaval grande” (ROSA, 2015, p. 344) no meio da rua: S... Desse sopro, o que vem não é o nome *Satanaz*, ou *Satanão*, no entanto (o) *Sertão*, o qual também é de tantas formas, que está em tudo, que é do tamanho do mundo, que é vazio, que é e não é, enfim.

O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga. Quem entende a espécie do demo? Ele não fura: rascrava. Demorar comigo ele podia. E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões. A ele vazio assim, como é que eu ia dizer: – “Te arreda desta minha conversa!” (ROSA, 2015, p. 399)?...

É no Sertão que: Riobaldo se desarma de si (de sua simples entidade) para ser em sua propriedade na relação originária com o Sertão, isto é, com o mundo em sua realidade desvelada e que, a cada vez se questionando e questionando-o (mundo-realidade, assim grafado como correspondentes), essência a Riobaldo essenciando-se na mútua relação existencial que acontece na e como linguagem; Riobaldo nomeia – aproxima o que permanece distante ao passo em que mantém distante isso que se aproxima para resguardá-lo em sua essência (Cf. HEIDEGGER, 2003a) –, e acontece poética-apropriativamente; e mesmo como sertão – *jagunço é o sertão* –, que Riobaldo se abre e

é aberto, também nos abrindo, aos sentidos e possibilidades enquanto lugar de desvelamento da realidade; como mundo, Riobaldo compreende a si compreendendo a ele, sendo tomado à questão que é ser, na dinâmica de que é pelo seu próprio ser que atravessa e se abre a questão do Ser¹⁴; é, enfim, no Sertão que Riobaldo encontra seu destino, vigência de se tornar homem humano como questão, de *ficar sendo*:

Como é possível se estar, desarmado de si, entregue ao que outro queira fazer, no se desmedir de tapados buracos e tomar pessoa? Tudo era para sobrosso, para mais medo; ah, aí é que bate o ponto. E por isso eu não tinha licença de não me ser, não tinha os descansos do ar. A minha ideia não fraquejasse. Nem eu pensava em outras noções. Nem eu queria me lembrar de pertencências, e mesmo, de quase tudo quanto fosse diverso, eu já estava perdido provisório de lembrança; e da primeira razão, por qual era, que eu tinha comparecido ali. E, o que era que eu queria? Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo (ROSA, 2015, p. 344)!

O medo de Riobaldo não era do Diabo, mas da possibilidade de ter vendido sua alma.

Ora, veja. Remedeio peço com pecado? Me tôrço! Com essa sonhação minha, compadre meu Quelemém concorda, eu acho. E procurar encontrar aquele caminho certo, eu quis, forcejei; só que fui demais, ou que cacei errado. Miséria em minha mão. Mas minha alma tem de ser de Deus: se não, como é que ela podia ser minha? O senhor reza comigo. A qualquer oração. Olhe: tudo o que não é oração, é maluqueira... Então, não sei se vendi? Digo ao senhor: meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi a alma... Meu medo é este. A quem vendi? Medo meu é este, meu senhor: então, a alma, a gente vende, só, é sem nenhum comprador (ROSA, 2015, p. 395).

Acredito que se colocar como e em questão é a maneira pela qual Riobaldo procura recuperar sua alma à medida que busca dá Diadorim ao São Francisco como gole d'água, isto é, que busca restituí-lo também como questão (como buscaremos mostrar no quarto capítulo). Esse *colocar-se como e em questão* mostra a maneira como Riobaldo desenvolve uma escala de realização do homem humano que leva a uma

¹⁴ Estamos nos valendo aqui, em certa medida, da ideia heideggeriana de que o homem, como entre-ser, é como é porque é ser-no-mundo. Sendo o ser-no-mundo o modo de ser fundamental de realização do entre-ser, ele encontra seu caminho para ser e questionar sobre o Ser a partir da relação essencial existente entre entre-ser e mundo, pois que aí se desvela o Ser na realidade, aí encontramos os entes simplesmente dados, intramudanos, outros entre-seres. Disso se diz que se o homem é, somente é e já é porque é no mundo e o que nele se apresenta, uma vez que ele, o homem, o entre-ser, compreende a si mesmo ao se envolver com os entes, com as coisas, outros entre-seres e de seu próprio ser que vêm ao encontro de si por ser-no-mundo. Discutiremos a ideia de entre-ser e sua relação com o nosso caminho-trabalho um pouco mais adiante, de vez que ela se mostra importante para a compreensão da desantropomorfização que *Grande sertão: Veredas* opera.

desantropomorfização deste e de sua linguagem, o que vem a ser feito pela repetição da expressão *homem humano* em três momentos distintos e com sentidos distintos em cada uma dessas realizações.

Começamos e recomeçamos continuamente o nosso ser e seu modo, basta lembrarmos, para tanto, que, enquanto humanos, nossa estrutura de realização (o *entre-ser*) põe a todo momento o seu próprio ser em jogo (HEIDEGGER, 2015, p. 48). O *entre-ser* questiona-se para justamente ser de modo mais próprio em sua possibilidade mesma de ser, do que ainda não é e ainda pode vir a ser. Desta forma é que “em seu poder-ser, portanto, a presença [*o entre-ser*] já se entregou à possibilidade de se reencontrar em suas possibilidades” (HEIDEGGER, 2015, p. 204), e estas constituem-se como originárias quando se dão “numa escolha que seja ao mesmo tempo abertura (NUNES, 1992, p. 123-124), apropriando-se, assim, a partir do que lhe é próprio: a travessia como um acontecimento poético-apropriativo.

Sendo o homem o lugar abertura no qual o Ser como questão se manifesta, pelo motivo mesmo de ser e se assumir enquanto *entre-ser*, de vez que a “questão do ser põe o homem em questão” (NUNES, 1992, p. 74), o homem humano, começando e se recomeçando constantemente, age pensando o que é ser isso: *homem humano*. Esta repetição, começar e recomeçar, questionar e ser questionado, buscar e ser a coisa que se busca, nos permite mostrar que somente podemos pensar o Ser, que não é e não se limita a forma nenhuma, a partir da realidade, da mundanidade disso que somos, como somos e no que somos, questionando-nos no nosso próprio limite. “Eis, finalmente, a condição do Dasein [*entre-ser*] humano que o determina como ente: a de interpretante do ser, transcendendo-se em direção ao mundo”, uma vez que o *entre-ser* “é o ente que permite ler o sentido do ser compreendido em sua existência” (NUNES, 1992, p. 76).

A circularidade que assim se instaura não é algo simplório, mas sim precisamente diz do modo de ser *homem humano*, pois, colocando em causa o seu próprio ser, inter-relaciona-se consigo mesmo a fim de aprofundar-se enquanto questão na repetição do que pode vir a ser e que já se manifestou, de alguma forma, no sido que foi, ambos acontecendo no sendo que é¹⁵:

¹⁵ Estamos aqui valendo-nos dos *ekstases* da temporalidade discutido por Heidegger em *Ser e tempo*: o *porvir* (que corresponderia ao “futuro”) tem como próprio a *antecipação*, de modo que o que pode vir a ser já, de algum modo, aconteceu no *vigor de ter sido* (que corresponderia ao “passado”), sobretudo porque a propriedade deste é a *repetição* daquilo que garante o si-mesmo do *entre-ser*, o que acontece e acontecerá e está acontecendo, o que vem a ser articulado pela *atualidade* (que corresponderia ao “presente”) e seu próprio, o *instante*, ponto de transição e de passagem transacional no qual se revela a decisão existencial do *entre-ser* naquilo que está porvir e que já teve seu *vigor de ter sido*. A temporalidade *ekstática* é que

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou (ROSA, 2015, p. 41).

Colocamo-nos em travessia porque nosso acontecer/acontecimento acontece quando somos travessia, quando nos vertemos a sermos questão a nós mesmo – a travessia como linguagem, como acontecimento poético-apropriativo. Colocar-se em travessia é pensar sobre si mesmo ao realizar a trans-vertida, a dobra que desdobra, o movimento que repousa. A travessia como sendo a dualidade dialética de ser e não-ser, o ser na dobra e o não-ser (mais) na desdobra; o ainda ser em desdobra e o não mais ser em uma dobra. A travessia é o contínuo, do homem sendo e se tornando humano, da dobra se desdobrando, do ser não-sendo. Contudo isto também pode ser estendido ao que é pensar: ir de um ao outro ao se pendurar, se alçar ao que nos pesa e dá peso no ponto oposto¹⁶.

Pensar refere-se ao modo de nos abirmos para o questionar e para sermos em questão. Questionando, instauramos uma busca, pois que queremos encontrar a questão que somos e nos realiza como tais. A nossa realização refere-se à maneira pela qual nos colocamos a caminho e nos manifestamos. Manifestamo-nos porque, pensando, algo em nós se deu a pensar. Como algo se deu a pensar, podemos agir na ação de pensar do/um pensamento. Mas o que pensamos senão o sendo que se referencia ao Ser? Nosso pensamento busca conduzir ao sumo isso que se deu a ser pensado e possibilitado a buscar na própria *raiz* que nos *pega*.

Por isso, em sentido próprio, só pode ser con-sumado o que já é. Ora, o que é, antes de tudo, é o Ser. O pensamento con-suma a referência do Ser à Essência

entre-abre o espaço no qual o entre-ser busca alcançar seu poder-ser mais próprio, o que garante a vigência das três temporalidades e a unidade do Tempo em seu acontecimento no tempo do entre-ser. Daí não haver passado como encerramento ou futuro como o que nunca poderá ser alcançado, mas sim um único e originário tempo, em que “Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo” (ROSA, 2015, p. 258).

Para diferenciá-los do sentido usuais que essas palavras contêm e são usadas, destacá-los-emos em *itálico*. Uma observação referente ao léxico “repetição”: valer-nos-emos dele para três coisas/sentidos, porém cada qual está na outra/outro, porém o próprio contexto em que será operado diferencia-o, a saber: a *repetição* enquanto próprio do *vigor de ter sido*; a *repetição* dita por Riobaldo relativa ao que *sempre acontece em sua vida*, isto é, que ele *atravessa as coisas*; e o conceito de *repetição* concebido por Deleuze (1998) sobre a diferença que transvasa em uma repetição, a qual contrai e descontraí aquela. Aqui podemos ver como essas concepções se interpenetram, pois o que garante o *vigor de ter sido* é a *repetição* de se *atravessar as coisas* tendo em vista a diferença que sempre daí se transvasa.

¹⁶ Estamos jogando com a relação entre os verbos latinos *pensare* e *pendere*, formar a um pensamento, conceber uma ideia, pendurar, pesar, pender.

do homem. Não a produz nem a efetua. O pensamento apenas a restitui ao Ser, como algo que lhe foi entregue pelo próprio Ser. Essa restituição consiste em que, no pensamento, o Ser se torna linguagem. A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem (HEIDEGGER, 1995, p. 24, *grifos do autor*).

Assim, quem busca originariamente, mantendo-se na abertura originária (questionar), já encontra o buscado, o que como tal se oculta (HEIDEGGER, 2003b, p. 79). Buscando por nós mesmos, encontramos, antes, a questão pelo *quem somos*, de maneira que nos realizamos como linguagem, como diálogo, pois que dizendo tornamo-nos na questão e inauguramos, nesta busca radical, a abertura para que o Ser, em sua linguagem, possa vir ao encontro de nós mesmos em nossa procura, “como a noite atravessa o dia, da manhã à tarde, seu pretume dela escondido no brancor do dia” (ROSA, 2015, p. 251). É o silêncio/escuro da linguagem que atravessa a fala/o espaço que somos, de nosso nascer ao pôr, de poente a poente, isto é, o lugar em que o Ser se torna possível ser compreendido no sentido que temos e somos, sempre se retirando em seu dar-se a escutar/ver. Daí que

[...] todo dizer surge em conjunto com o poder escutar. Ambos têm a mesma origem [*o silêncio*]. Assim, uma coisa aí rege: dizer a mais nobre linguagem surgida em sua simplicidade e força essencial, a linguagem do ente como [*sendo*] a linguagem do ser (HEIDEGGER, 2003, p. 77, *tradução nossa*)¹⁷.

Isto nos possibilita falar de uma primeira desantropomorfização que a obra *Grande sertão: Veredas* opera, a saber: a desantropomorfização da linguagem. Como literatura, o romance rosiano, elaborado como um longo autodiálogo, uma “fala oral”, origina-se neste sentido: deixar que a linguagem do ser, o silêncio, venha à fala de Riobaldo, à linguagem do ente, a que diz porque seu dizer não é mero falatório, mas sim escuta do que se diz em silêncio, como o Ser e a “gente mesmo, demais” (ROSA, 2015, p. 345)! O Ser em Riobaldo torna-se, assim, a realidade-mundo na medida em que essa realidade é pensada na e como linguagem, que vem a ser o modo destinal pelo qual Riobaldo chega a ser livre e a *ficar sendo* a partir da inter-relação que assume consigo mesmo no *não-acontecido nos passados*.

[...] Num pensamento que medita o sentido e numa reunião recolhedora [*a coisa*], iluminar é conduzir algo para o livre, é conceder vigência.

¹⁷ “[...] todo decir tiene que hacer surgir conjuntamente el poder oír. Ambos tienen que ser del mismo origen. Entonces rige sólo una cosa: decir el más noble lenguaje surgido en su simplicidad y fuerza esencial, el lenguaje del ente como lenguaje del ser”.

Mundo é o acontecimento apropriador de clareira e iluminação. O iluminar claro, que pensa o sentido e reúne com concentração e recolhimento, o iluminar que conduz para o livre, esse iluminar é um descobrir (HEIDEGGER, 2002, p. 244, *colchete nosso*)¹⁸.

A linguagem radicalizada, isto é, erigida e construída a partir da destruição da noção comunicativa-usual do idioma, abre espaço para que o mundo-realidade se torne, como ponto de referência, o que vigora, justamente porque é o que mantém e se resguarda no jogo de velar e desvelar do Ser nesta realidade-mundo que nasce com Riobaldo. Assim, este *nascimento* é que, a partir de Riobaldo como obra em construção e/ou um operar que se matura, passa a ser em outros lugares-realidades que se correspondem ao dele. “O vento é verde. Aí, no intervalo, o senhor pega o silêncio põe no colo. Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares” (ROSA, 2015, p. 241).

Essa radicalização, realizada na desantropomorfização da linguagem, vai ao encontro do que nos diz Guimarães Rosa sobre como concebe a língua e seu respectivo labor com a linguagem:

Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só [...] como escritor, devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas [...] Meditando sobre a palavra, se descobre a si mesmo (ROSA, s/d).

O idioma se configura como a linguagem do ente capaz de dizer o envio da linguagem do ser em uma tensa interpenetração com a escuta. Daí surge a necessidade de *meditar*, isto é, de um de-morar-se sobre cada palavra até que seja *novamente vida*, e isso acontece quando, dizendo, “a força de nomeação do ente” nasce “da escuta ao silêncio da retração” (CASANOVA, 2002, p. 325) do Ser. Se tivermos noção que a travessia do humano, enquanto acontecimento poético-apropriativo, intenta um aprofundamento para plenificar e restituir – “[...] O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo” (ROSA, 2015, p. 355) –, então a linguagem do Ser se manifesta já na linguagem do ente na medida em que é pensada originariamente, como realiza Guimarães Rosa ao obrar seu romance.

Desta maneira, o homem sempre está e é ao se encontrar na liminaridade, no trânsito e na tensão: entre ser e não-ser, velar e desvelar, saber e não-saber, dito e não-dito. Como

¹⁸ Heidegger desenvolve este pensamento em particular, este momento do ensaio “Alétheia”, a partir do fragmento 16 de Heráclito (1999, p. 63): “Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que nunca se deita”?

sendo, é entre o que tensionalmente já foi e o que ainda pode ser e será, mas que ainda não é e pode vir a se tornar, pode vir a surgir no resguardo de sua *ex-sistência*: “O senhor ache e não ache. Tudo é e não é” (ROSA, 2015, p. 25)... O que permanece de tudo que se transmuta é o movimento – o ato de levar e ser trazido para fora do seu limite –, assim como o *é* de tudo que *não é*. Reformulemos, pois: como *sendo*, tudo o que *é*, é no que será. O que acho do não achar é o mesmo para todo humano: procura, travessia.

O que se encontra é o procurar (o movimento, o agir), e assim se atravessa, pois que se dirige ao que a si se doa. Pensar, em *Grande sertão: Veredas*, também é doação: receber para acolher, acolher para devolver, devolver para restituir: “O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia” (ROSA, 2015, p. 90). Se penso *o do outro*, o de Riobaldo, penso não apenas a ele, mas também a mim mesmo e outros homens humanos, daí ser necessário nos desarmarmos do que julgamos saber e ser-com o produzido no e com o autodiálogo. Este conduz a uma dialética entre aproximação e distanciação, uma configurando a outra: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta” (ROSA, 2015, p. 263).

Nesta dialética, pensamos o não-dito a ser dito em sua manifestação de ocultamento e abertura pelo “memoriar” de Riobaldo:

Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. Agora, o senhor exigindo querendo, está aqui que eu sirvo forte narração (ROSA, 2015, p. 193).

Ao narrar, Riobaldo constitui-se como narrador porque *acontece*, porque é pelo e no ato de narrar que articula o que não-sabe e que busca fazer (-se) saber enquanto palavra (a ação de atirar-se e lançar-se, *para-*, os lados, *ballein*) a partir de sua memória.

O acontecimento configura uma relação de pertencimento que tem origem na ação de um *dá-se a pensar*, por isso o homem, pelo brilhar, encaminha-se a esse *ocultar-se*, ao escuro abismo: “Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua” (ROSA, 2015, p. 256)... Assumindo-se como *homem ignorante*, Riobaldo dimensiona-se ao não-saber (o que instaura limite ao saber, possibilitando-o) resguardado no escuro, uma vez que é pelo não-saber que se chega a saber efetivamente.

Não à toa que Riobaldo quer conduzir-se do fio de claridade (*o lume*) para o *escuro* que a resguarda e a emana (*de lua*). No escuro é que o homem humano *aprende a se*

conhecer: agarra-se ao que o *toma* (-*prender*; -*preender*) na medida em que *atravessa* em direção e junto disso que o *toma* e que se *agarra* (*ad-*), para *nascer* (*originar-se*) junto (*cognoscere*) disto que o *toma*, o *Ser* e seu sentido.

Com isso temos a possibilidade de pensarmos pela primeira vez sobre a apreensão-dos-afetos e como ela é proveniente e atua como um acontecimento poético-apropriativo, bem como nos aproximarmos de uma outra desantropomorfização que é vinculada, reclamada, desdobrada e que atua junto daquela primeira: a desantropomorfização do homem. Faremos isso a partir das já mencionadas repetições da expressão *homem humano*:

Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves (ROSA, 2015, p. 56).
O horror que me deu – o senhor me entende? Eu tinha medo de homem humano (ROSA, 2015, p. 333).
É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia (ROSA, 2015, p. 492).

Escutamos nestas três passagens três momentos diferentes de realização-realidade do homem humano, em tempos de realizações diversos uns dos outros. As duas primeiras são relativas ao tempo da estória, a última é relativa ao tempo de narração; em duas temos o verbo “*ser*”, conjugados em tempos verbais distintos, outra o verbo “*ter*”, não como posse, mas sim no sentido de que o *medo* mantém, segura e ocupa o *homem humano* no que o *enraíza* na terra/vida, ou seja, ele mesmo; a primeira refere-se ao *homem humano* em seu aspecto físico, corpóreo-carnal, a segunda ao *homem humano* como disposição (acerca do que viemos discutindo neste subcapítulo), a terceira ao *homem humano* como o que acontece enquanto questão, como a coisa a ser consumida pela *ex-sistência*. Esses são comentários gerais. Tentemos enredar essas considerações. Para tanto, nosso ponto de partida será a apreensão-dos-afetos.

Neste momento, falaremos da apreensão-dos-afetos (como falamos preliminarmente da circum-inscrição), no que ela traz de e é como categoria, entretanto não a restringiremos e não nos restringiremos a conceituações. Façamos do limite conceitual a ponte para o que não conhecemos e para o não-limite.

A apreensão-dos-afetos, categoria surgida e pensada a partir da obra em estudo e do próprio (auto)diálogo, pode ser compreendida como um ponto de abertura no qual o humano decide ir em frente ou ficar, ponto de abertura o qual sempre convoca de maneiras diversas. Ela põe o humano diante desta abertura que surge com o que insta e dista no

próprio homem humano, tomando-o e convocando-o a renunciar ao local infértil em que se encontra dado. O que insta e dista refere-se ao que se constitui na relação de dar-se a re-velar dentro do humano e o humano dentro dessa re-velação, como sua humanidade, a Vida, a Morte, a Travessia, entre outras.

Ora, uma das maneiras de compreendermos o homem humano é em sua forma, seu corpo, pois. O que afeta diretamente ao homem humano senão o seu corpo, sendo este espaço em que se sentem os afetos? O calor do sol, o espelho que nos reflete, o escuro que nos encobre, o ar que nos envolve, o amor que sentimos pelo outro, o tempo que se mostra a se con-sumir, revelação da vida se dando à morte e a morte se mostrando na vida...

Tanto é assim que, por exemplo, Riobaldo, em nenhum momento, mesmo lutando contra o querer gostar (e tocar a) de Diadorim, deixa de querer tocá-lo, de ser atraído e de correr para o abraço. Isso acontece porque o corpo-Diadorim, como imanência e fonte de percepção, é *para destino destinar*, isto é, condução ao desconhecido – que é rarefeito e não atende a uma demanda lógico-racional, não é imposto e tampouco pode ser cabível em palavras – que nunca virá a se conhecer, excepcionalmente, em corpo:

Mas o céu estava encoberto, ensombrado. Sofismei. Meio arrependido do dito, puxei outra conversa com Diadorim; e ele me contrariou com derresposta, com o pique de muita solércia. Me lembro de tudo. O que me deu raiva. Mas, aos poucos, essa raiva minou num gosto concedido. Deixei em mim. Digo ao senhor: se deixei, sem pêjo nenhum, era por causa da hora – a menos sombra de tempo, sem possibilidades, a espera de guerra. Ao que, alforriado me achei. *Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições*, que eu não podia divulgar, *mas lembrava*, referido, *na fantasia da ideia*. Diadorim – mesmo o bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza – o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser discreto, é, para destino destinar... E eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra. Ele fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio dos meus braços (ROSA, 2015, p. 467, *grifos nossos*)!

O corpo, pelo afeto trazido pela percepção – lembrança do cheiro, do rosto, e mesmo o estado do *céu encoberto, ensombrado*, que referenciam a Diadorim –, não sente as coisas tão somente porque elas estão no mundo, não as veem porque seus olhos as captam. Está para além de uma concepção empirista e redutora, isto é, de causa e efeito: se vejo uma coisa, é porque ela está e é assim para ser vista. O corpo é como tal porque está em interação, em movimento e acontecimento com o próprio movimento e

acontecimento das coisas. O acontecimento *Diadorim* se realiza pelo movimento entre coisas opostas – a delicadeza do corpo com a brutalidade de guerreiro – e pela mistura das sensações – *beijar aquele perfume no pescoço*.

O afeto, no modo como o compreendemos, é o que dispõe e coloca em determinado acontecimento a partir da relação que se entra e se dispõe a sentir: *mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições*. Riobaldo *deixa seu corpo querer Diadorim* não por vontade, mas porque ali ele era tomado ao estar diante de um corpo-questão, de um corpo-tempo, de um corpo-afeto, de um corpo-espaço, enfim, de um corpo em sua corporeidade: *mas lembrava, referido, na fantasia das ideias*. O corpo se apresenta como tal porque promove e providencia um experienciar no mundo que desvela as coisas ao homem humano, uma vez que o “sujeito da sensação [...] é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele” (MARLEAU-PONTY, 1999, p. 285).

Isso significa dizer que a nossa sensação não se separa do que projeta afeto-sentimento e do sentir ele mesmo, bem como nos permite dizer que não há separação entre a existência, o existir e a percepção de ser *ex-sistente*. Em sua *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1999) diz-nos que é o movimento a chave fundamental de buscar radicalmente a relação entre a percepção, enquanto acontecimento que é produzido pela corporeidade do corpo – este como espaço para a construção e criação de sentidos (neste momento como sentidos provindos do sentir do corpo) – através da relação existência e mundo-realidade, e a existência humana. Daí então, pelo aspecto físico-corporal, sensório-perceptivo, em suma, o humano em sua forma-corpo, surgirem possibilidades e aberturas para outras formas de ser em interação com elas.

O corpo sente antes mesmo de termos consciência do que estamos sentindo e do acontecimento que está se realizando em nós:

Teve um instante, bambeei bem. Foi mesmo aquela vez? Foi outra? Alguma, foi; me alembro. Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam. Vi – ele mesmo não percebeu nada. Mas, nem eu; eu tinha percebido? Eu estava me sabendo? Meu corpo gostava do corpo dele, na sala do teatro (ROSA, 2015, p. 156).

Na primeira tentativa de atravessar o Liso do Sussuarão, momento em que aparece a primeira expressão *homem humano*, os jagunços, afora Diadorim, matam, na tentativa desesperada de saciar a fome, um homem humano julgando ser bugio:

Sáímos dali, num pintar de aurora. E em lugares deerrados. Mais não se podia. Céu alto e o adiado da lua. Com outros nossos padecimentos, os homens tramavam zuretados de fome – caça não achávamos – até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. Provei. Diadorim não chegou a provar. Por quanto – juro ao senhor – enquanto estavam ainda mais assando, e manducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves! Mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era criatura de Deus, que nú por falta de roupa (ROSA, 2015, p. 55-56)...

Ora, pode acontecer humano sem corpo? O corpo, não como mero receptáculo, é uma das formas de interpretação e de sentirmos os afetos-apreendidos. O corpo está em movimento com o mundo-sertão, é o que permite o *homem humano* ter sua origem na terra em sua corporeidade, em sua visibilidade de homem humano nascido. É o que, por exemplo, nos mostra Vicente Franz Cecim nas palavras iniciais dos *livros visíveis* de Andara:

Nós somos homens invisíveis
Depois de nascidos, visíveis.
Entre início visível e o invisível fim, nós somos os homens
visíveis.
Aproveitemos para ver-nos
(CECIM, 2020b, p. 14)

A apreensão-dos-afetos é um acontecimento poético-apropriativo que se faz imanente a partir do que surge no nascido homem humano, reconhecendo-se como o que nasce, morre e renasce constantemente, se tornando a cada vez mais próprio, nunca excluindo e inviabilizando volta ao que foi e ao que o detém para então poder ser si-mesmo (propriamente). Isso nos conduz a dialogar mais uma vez com Heidegger acerca do entre-ser e sua relação com o acontecimento poético-apropriativo, pois aquele em seu nome (*Dasein*, entre-ser, presença, ou mesmo ser-aí), é o “*desoculto essenciar-se (entre) surgindo a partir de si mesmo*” (HEIDEGGER, 2003b, p. 241, *grifo do autor; tradução nossa*)¹⁹.

Se o medo *agarra o homem pelo enraizado*, possibilitando o homem surgir a partir de si mesmo, do que é, ser da terra, diríamos que o corpo é uma das maneiras pelas quais

¹⁹ “[...] *desoculto esenciarse (ahí) surgiendo a partir de sí*”.

o homem se levanta, se ergue, pelo medo, para tornar-se, para ir em direção²⁰ ao existir como si mesmo, como homem humano.

O homem humano em sua corporeidade, desta forma, é o que se detém para o que vier. Entretanto esse *deter* não é nunca um aprisionamento, mas uma paragem para se dispor a ser recomeço no que sempre permanece oculto, que sempre providencia movimento, acontecimento. Assim, a cada detida, mais visível se torna o homem em sua humanidade e a humanidade no homem se torna sentido, através do qual o ser se mostra na luz. Daí ir, no “detimento”, porejando o escuro na medida mesma em que é do escuro que se poreja. “O entre-ser, como essência da clareira do oculto, pertence a esse próprio ocultamento, que se essencia enquanto acontecimento [poético-] apropriativo” (HEIDEGGER, 2003b, p. 242, *tradução nossa; colchete nosso*)²¹.

É imanente no e ao homem humano sua humanidade em acontecimento na clareira-mundo no qual o ser se manifesta. A clareira, como instância em que o que é oculto age em luz, acendendo as *cores do mundo*, apenas o é porque há, então, o entre-ser acontecendo enquanto madeira a ser con-sumida pelo fogo. Estamos nos reportando aqui para a imagem do fogo em *I Ching*, o qual para ser tem de aderir a uma matéria – porém não necessariamente se restringindo e dependendo dessa matéria –, para tecermos a consideração de que o ser, em seu desvelamento, precisa de algo a se dar e a se desvelar, pois que, como o que a todo instante não é, mas que possibilita ser, se dá a ser no sendo:

A referência do entre-ser *ao* ser pertence ao essenciar-se do ser ele mesmo, o que também pode ser dito da seguinte maneira: o ser precisa se dá no entre-ser, não se essencia para além deste acontecimento (HEIDEGGER, 2003b, p. 210, *grifo do autor, tradução nossa*)²².

²⁰ Estamos jogando com a etimologia de “surgir”, do latim, *surgere*, “erguer-se”, “levantar”, “aparecer”. Este verbo é derivado de *surrigere*, composto pela preposição *sub-*, que pode indicar significados como “abaixo”, “de baixo”, “de baixo para cima”, e *regere*, “reger”, “guiar”, “conduzir pelo caminho certo”.

²¹ “El ser-ahí como el esenciarse del claro del oculto pertenece a este ocultarse mismo, que se esencia como el evento-apropriador”.

²² “La referencia del ser-ahí *al* ser [Seyn] pertenece al esenciarse del ser [Seyn] mismo, lo que también puede ser dicho así: el ser [Seyn] necesita al ser-ahí, no se esencia para nada sin este acaecimiento”. Aproveitemos este momento para uma advertência. A tradutora da obra heideggeriana *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)* – *Aportes a la filosofía: acerca del evento* – para o Castelhana (a qual estamos usando), Dina Picotti, traduz *Dasein* por *ser-ahí*, e conserva entre colchetes o termo do alemão arcaico “Seyn”, usado por Heidegger para se reportar ao ser pensado desde ele mesmo, em sua originariedade, diferenciando-o do “Sein”, pensado pela tradição metafísica (ser do ente). Marco Casanova preserva a tradução “ser-aí” e recorre ao latim *seer* para traduzir *Seyn*, seguindo a mesma tentativa de dizer o “ser ele mesmo”, de forma mais originária e radical possível.

Nós, por outro lado, preferimos manter, quanto a tradução, apenas “ser” (ora com a inicial maiúscula quando questão, ora minúscula quando doação) para o *Seyn*, tendo em vista uma tentativa de não complicar o que é simples (sem dobras, pois o ser não é) e/ou de não complicar o que é já esforçoso, difícil, senão impossível, de dizer: o ser no seu desvelamento, em sua manifestação, antes mesmo de ser no sendo. Ora, somente podemos dizer o ser no sendo em que se desvelou e manifestou. Quer para uma tradição metafísica,

Queremos aproveitar este momento para acrescentarmos um dizer a mais ao *poético* no modo como estamos considerando o acontecimento poético-apropriativo. Se, como nos diz Castro (2014b, p. 200), “poética” tem origem em *poien*, que significa “agir”, é no pensar do pensamento que se realiza o cuidado para com o ser que é e se dá a ser no homem humano. Contudo não apenas o cuidado para com o ser, mas também com o ser-sendo que somos e com o ser-sendo do outro em tudo o que em nós (e para além de nós) acontece, inclusive o horror que ele pode nos infligir:

Ali, naquela hora, eu conferi como era usual a gente estimar os companheiros, em ajuntado. Diadorim – que graças-a-Deus estava de todo são – com os cuidados todos depunha assisado por mim. E o Sidurino disse: – “a gente carecia agora era de um vero tiroteio, para exercício de não se minguar... A alguma vila sertaneja dessas, e se pandegar, depois, vadiando...” Ao assaz confirmamos, todos estávamos de acordo com o sistema. Aprovei, também. Mas, mal acabei de pronunciar, eu despertei em mim um estar de susto, entendi uma dúvida, de arpêjo: e o que me picou foi uma cobra bibra. Aqueles, ali, eram com efeito os amigos bondosos, se ajudando uns aos outros com sinceridade nos obséquios e arriscadas garantias, mesmo não refugando a sacrifícios para socorros. Mas, no fato, por alguma ordem política, de se dar fogo contra o desamparo de um arraial, de outra gente, gente como nós, com madrinhas e mães – eles achavam questão natural, que podiam ir salientemente cumprir, por obediência saudável e regra de se espreguiçar bem. O horror que me deu – o senhor me entende? Eu tinha medo de homem humano (ROSA, 2015, p. 333).

Nós já discutimos o modo como o medo é disposição, e como isso se refere ao homem humano. Fizemos isso porque a obra assim nos convocou. No entanto, queremos retornar ao medo como disposição para tentarmos não apenas o aprofundarmos, mas também para tratarmos e nos enveredarmos na questão do (*homem*) Humano, em sua terceira investida, e ao *acontecimento que se carecia*, isto é, de Riobaldo *frentear-se* com Hermógenes, é este que, causando medo e horror, como homem humano, também dispõe Riobaldo a si mesmo:

Esse Hermógenes – belzebú. Ele estava caranguejando lá. Nos soturnos. Eu sabia. Nunca, mesmo depois, eu nunca soube tanto disso, como naquele tempo. O Hermógenes, homem que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros. Aí, arre, foi que de verdade eu acreditei que o inferno é mesmo possível. *Só é possível o que em homem se vê, o que por homem passa.* Longe é, o Sem-Olho. E aquele inferno estava próximo de mim, vinha por sobre mim. Em escuro, vi, sonhei coisas muito duras. Nas larguezas do sonho da gente (ROSA, 2015, p. 156, *grifos nosso*).

quer para um “outro início”, ainda se fala do ser ele mesmo, embora por formas e radicalidades diversas e mesmo divergentes. O ser é, seja ser ou seer, *sein* ou *seyn*.

O que Riobaldo vê, no sentir medo, senão homem humano? Sendo o inferno lugar de sofrimento, como o sofrimento, no budismo, é o que move o ciclo de nascimento, morte e renascimento (o *samsara*) da existência, ele, o inferno, se torna possível pelo que é consumido no e pelo próprio homem humano: “Um homem é um homem, no que não vê e no que consome” (ROSA, 2015, p. 399). É Hermógenes, como em um reflexo no extremo oposto ao de Riobaldo, que faz forma a esse medo que o alcança e o envolve para um rumo, de maneira a motivá-lo a ultrapassar esse medo e se tornar corajoso, seja aceitando dele o que não se sentia carecido e pedindo o que não tinha –

A ver que tive sede, mas minha cabaça não dava gota mais. Guardei meu cuspe (ROSA, 2015, p. 181).

Tudo tinha me torcido para um rumo só, minha coragem regulada somente para diante, somente para diante; e o Hermógenes estava deitado ali, em mim encostado – era feito fosse eu mesmo. Ah, e toda hora ele estava, sempre estava. Que me disse: – “Tatarana, toma, come, e agradece ao corpo um poucado...” Há-de que estava me oferecendo a capanga, paçoca de carnes. Tanto que os tiros tinham esbarrado quase em completo, em partes. Eu, tendo comida minha, de matula, no bernal. Aí, e munição minha de balas, no surrão. Eu carecia lá do Hermógenes? Mas, por que foi então que aceitei, que mastiguei daquela carne, nem fome acho que não tinha direito, enguli daquela farinha? *E pedi água.* – “Mano velho, bebe, que esta é competente...” – ele riu. O que estava me dando, na cabacinha, era água com cachaça. Bebi. Limpei os beijos (ROSA, 2015, p. 181-182, *grifos nossos*).

– seja aceitando nele salvação do corpo:

Desunir, assim, verga pior do que avançar. A lanço a lanço, fui, pulei, nos abertos entre árvores, acompanhei o Hermógenes. Aí, eu já estava para lá dele; mas virei e esperei. Porque, na desordem de mente do alvoroço, aquela hora era só no Hermógenes que eu via salvamento, para meu cão de corpo. Quem que diz que na vida tudo se escolhe? O que castiga, cumpre também (ROSA, 2015, p. 183).

Contra o que não há (o Dê) se pode? Ele acontece mesmo não havendo. Todavia somente é possível no homem humano, e é contra esse que os jagunços vão realizar vingança: “O Hermógenes, que – por valente e valentão – para demais até ao fim deste mundo e do juízo-final se danara, oco de alma. Contra ele a gente ia. Contra o demo se podia? Quem a quem²³” (ROSA, 2015, p. 251)? Assim, o medo de Riobaldo é antes

²³ Poderíamos aqui, no que se refere à pergunta “quem a quem?”, nos reportarmos ao *quem* das coisas, isto é, ao ser delas, como buscamos, a todo instante, nosso ser, o *quem* somos. Isso então nos reforça a ideia que estamos perseguindo, de que Riobaldo frentea-se com Hermógenes para, por reflexo, frentear-se consigo mesmo, mesmo também na presumida ação do Diabo, do *Que-diga*, no homem humano.

instauração de abertura ao desconhecido que o destina – como desconhecido é o homem a si mesmo, como o originário nele se destina, ou seja, se dá e o permite ser, recebendo o desconhecido –, quer na forma que aparenta no instante do sentir medo e no caos que pelo imprevisto das coisas sobrevém, quer no que ele abre para ser como ainda não, como o que põe limite, como o que *periga*, pois:

Tivesse medo? O medo da confusão das coisas, no mover desses futuros, que tudo é desordem. E, enquanto houver no mundo um vivente medroso, um menino tremor, todos perigam – o contagioso. Mas ninguém tem a licença de fazer medo nos outros, ninguém tenha. O maior direito que é meu – o que quero e sobrequero –: é que ninguém tem o direito de fazer medo em mim (ROSA, 2015, p. 323)!

O medo do homem humano dispõe o próprio homem humano a si mesmo, às suas possibilidades mais próprias que estão entregues e dispostas na trans-vertida que no fim se abre:

Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia (ROSA, 2015, p. 492).

Não é porque não há que o diabo deixa de acontecer. *Aquilo não havia, acontecia*. E acontece como força de impulsão ao que é propriamente do e no homem e como abertura ao abismo que é (outra vez) propriamente do e no homem: sua humanidade. Questionar sua humanidade é realizar-se *ex-sistindo*. Colocar-se para o aberto não seria ser como abertura e disposição para o que acontece mesmo não havendo? Ser como abertura para o que acontece (o que é oculto em seu ocultar-se, essenciando ao homem humano), não seria, então, verter-se para além do que se é e, excepcionalmente, o que somos nisso que poreja em nós pela negativa?

Esse nosso aprendizado provém de Clarice Lispector (2020, p. 24), para quem somente podemos conhecer a nós mesmos pela tensão e des-dobra entre o que somos e não-somos, o que sabemos de nós e não-sabemos: “Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu”.

É no *existindo homem humano* que temos a travessia se vertendo em nós; é no *existindo homem humano* que, pela travessia, somos desdobrados de nós mesmos, para chegar a alcançar isso que somos pelo espelho do outro. Ir em direção ao outro é ter que

nos depararmos com nós mesmos escondidos entre ele, o outro em nós que nós mesmos somos e resguardamos: “Mas, para mim, o que vale é o que está por baixo ou por cima – o que parece longe e está perto, ou o que está perto e parece longe” (ROSA, 2015, p. 193).

Pensar o homem humano para além de seu aspecto biológico e antropomórfico, como pensar a linguagem radicalmente para além do uso comunicativo e sua funcionalidade, pensando-o também como disposição e questão, sem esquecer dos lugares em que pode ser e é, é o que permite realizar a desantropomorfização do homem humano, de vez que, assumindo-se como entre-ser, passa a ser continuamente recomeço e lugar em que o ser se dá a se ocultar. A desantropomorfização da linguagem, nas obras de arte, não apenas reclama, mas também acontece enquanto desantropomorfização do homem humano, e vice-versa.

Pensar radicalmente o homem humano e a linguagem é o que nos permite aprender a viver pelo que pulsa e age em nós sem nada proferir: “O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso” (ROSA, 2015, p. 474)? Se somente “aprender-a-viver é que é o viver, mesmo” (ROSA, 2015, p. 474), viver, seja o já acontecido ou o que nos falta acontecer, é nos agarrar a nós mesmos ao nos circum-inscrevermos nisso que é o aprendizado poético-apropriativo de viver e viver poética-apropriativamente aprendendo, nisso que nos toma e nos conduz ao nosso destino, nos *pesando*, *pendurando* e *pendendo* junto ao *balancê* das coisas em suas manifestações, em seus movimentos e acontecimentos:

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito dificultoso, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado (ROSA, 2015, p. 158).

Isso é ser homem humano como questão: ser travessia, trans-verter-se – realizar a dobra, desdobrando-se – a cada balanço do *balancê*, desdobrar-se em cada redobra – ponto em que se volta não necessariamente a dobrar-se, mas a questionar-se acerca do que foi na marca da dobra, como maneira de repensar “o bem pensado” (ROSA, 2015, p. 100). Como homem humano, temos sempre limites: de nossa *sorte perigosa* (tempo de vida), de nosso corpo e do que podemos nos tornar a partir destes. Queremos outro ponto disso: excepcionalmente, como homem humano, sempre nos deslimitamos de nossos

limites ao acontecermos como e em questão, no nosso *balancê*, para sermos para além do que vemos, para irmos, pelo nosso passado, ao que não-vemos.

A astúcia do passado reproduz-se nas ciladas da narrativa em permanente balancê, o sujeito-narrador voltando-se para a linguagem, a cada momento preso às palavras e a cada momento fazendo ver através delas o que não pode ser narrado, mas só poeticamente mostrado. A dialética do falado e escrito, na tensão relato oral dentro do *texto*, condiciona a passagem da mimese à *poiesis* (NUNES, 2013b, p. 195, *grifos do autor*).

Aprender a viver é se ex-garçar para tantos lugares e fronteiras-limites, para tantos fins e começos: Riobaldo encontrou seu limite nas Veredas-Mortas, não? Às vezes não é somente na outra ponta do *balancê* que nos damos conta de que algo aconteceu, que se resguarda como *não-acontecido nos passados*, e que agora se mostra, pois, como novo? Riobaldo sente e apre(e)nde isso por via de Diadorim, a questão que ele era, o que ele carecia consigo e em si, para além da necessidade de um acontecimento carecido, vingar-se de Hermógenes: “Algum dia, podia Diadorim mudar de tenção. Em Diadorim era que eu pensava, de fugir junto com ele era que eu carecia; como o rio redobra” (ROSA, 2015, p. 158).

1.3 A questão-Diadorim: *os olhos verdes* e o destinarem-se

“De todos, menos vi Diadorim: ele era o em silêncios [...]. Desde que eu era o chefe, assim eu via Diadorim de mim mais apartado. Quietos; muito quieto é que a gente chama o amor: como em quieto as coisas chamam a gente” (ROSA, 2015, p. 378)

Dê-nos o poder de uma espera. Esperemos. A desdobra está se realizando. A redobra nos des-dobra – toda’via a marca da dobra permanece. Ela é um silêncio ou um vazio que ficou? Não sei. “Aí, no intervalo, o senhor pega o silêncio e põe no colo. Eu sou donde nasci. Sou de outros lugares” (ROSA, 2015, p. 241). Originário – sem a demarcação do determinante – é o que, a cada vez, nasce com e no homem, o que acontece entre os homens e em todos os lugares, ao passo em que os homens acontecem entre o acontecimento do que é originário ao e no homem: sua humanidade. *Existe é homem humano. Travessia*. Originário: destino a se destinar.

O homem humano opera esse acontecimento através de uma questão que é para si fundadora: para Riobaldo, a questão que o fundou foi Diadorim investido em Menino,

pro-duzindo-o²⁴ ao Tao, ao São Francisco, de onde, no sertão, todos os rios provêm, como veredas, braços, como rio-baldo, como destino.

Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta. Por que foi que eu conheci aquele Menino? O senhor não conheceu, compadre meu Quelemém não conheceu, milhões de milhares de pessoas não conheceram. O senhor pense outra vez, repense o bem pensado: para que foi que eu tive de atravessar o rio, defronte com o Menino? O São Francisco cabe sempre aí, capaz, passa. O Chapadão é em sobre longe, beira até Goiás, extrema. Os gerais desentendem de tempo. Sonhação – acho que eu tinha de aprender a estar alegre e triste juntamente, depois, nas vezes em que no Menino pensava, eu acho que. Mas, para que? por que? Eu estava no porto do de-Janeiro, com minha capanginha na mão, ajuntando esmolas para o Senhor Bom-Jesus, no dever de pagar promessa feita por minha mãe, para me sarar de uma doença grave. Deveras se vê que o viver da gente nem é tão cerzidinho assim (ROSA, 2015, p. 100)?

É Diadorim que o faz nascer. Originário não apenas o que o origina, o que o dá origem, mas também o que se origina nele, Riobaldo, pela ação de pensar a si nesse originário, de se colocar no acontecimento como questão: quem sou? quem é Diadorim? *Ele era o em silêncios*. “Diadorim me veio, de meu não-saber e querer” (ROSA, 2015, p. 257). Questão a Riobaldo, Diadorim é também questão a nós. Nós nos *damos* a essa questão, buscamos conhecê-lo (por intermédio da paridade Riobaldo e Diadorim, um e o mesmo? Um que é e outro não?) para nos conhecermos: “Não me dê, dê. Mais hoje, mais amanhã, quer ver que o senhor põe uma resposta. Assim, o senhor já me compraz. Agora, pelo jeito de ficar calado alto eu vejo que o senhor me divulga” (ROSA, 2015, p. 100). Nos *darmos* à questão Diadorim²⁵ é nos (trans-)tornarmos como e junto de Riobaldo, realizando o movimento em direção a ele, ao que não somos, ao fora de nós²⁶.

Riobaldo não sabe de Diadorim. Riobaldo não quis Diadorim, no sentido de que em nenhum momento, antes de sua aparição, desejou conhecê-lo. Contudo isso aconteceu independente de seu querer. O *não* é uma marca de ausência. Ausente é o que está e/ou é (esse) fora (*ab*). Fora não espacialmente, mas do limite do saber (de Riobaldo): *Diadorim*

²⁴ Usaremos “pro-duzir” com hífen para nos reportarmos ao sentido de “colocar diante de”, “conduzir para frente de” e afins, tendo em vista realçar os sentidos dos termos que constituem a esta palavra, isto é, *ducere* (conduzir) e *pro-* (para adiante, lançar, projetar).

²⁵ Quando nos referirmos à questão Diadorim, usaremos um hífen para unir as duas coisas como sendo uma, isto é, a revelação da questão na personagem Diadorim, e a própria questão Diadorim. Assim, por vezes usaremos “questão-Diadorim” ou “Diadorim-questão”, a ordem em si não importa, vai conforme nosso ritmo de narrar. Não queremos, desta maneira, realçar, na ordem de uso, a questão ou a personagem.

²⁶ Flerte com a etimologia de divulgar, do latim, *divulgare*, movimento para fora, *dis-*, tornar comum, *vulgare*.

me veio, de meu não-saber. É esse não-saber que dimensiona a ausência, o que é e o convoca a querer saber: *Diadorim me veio, de meu não-querer*.

O que se reitera é o *não*, o traço de ausência, e isso intensifica nos verbos (saber e querer) o ato de procurar dizer. *Mire veja*: “saber” possui correspondência com “sabor” a partir de um significado que compartilham em comum, isto é, “ter gosto” (“sabor” resguarda ainda o significado de “perfume”). Ao conhecer o Menino-Diadorim, Riobaldo diz: “Ele, o menino, era dessemelhante, já disse, não dava minúcia de pessoa outra nenhuma. Comparável um suave de ser, mas asseado e forte – assim se fosse um cheiro bom sem cheiro nenhum sensível” (ROSA, 2015, p. 95).

A tensão entre o que é e não é se revela, pois, na linguagem, quando Riobaldo diz *um cheiro bom* que, pela tentativa de descrição, realça e incorpora o valor de negação em *sem cheiro nenhum sensível*. Repitamos: *aquilo não havia, acontecia*. O Menino não havia em cheiro *nenhum*, mas acontecia no *sensível* como *um cheiro bom* sobrelevado no/pelo *sem cheiro*, na ausência. O que é possível dizer sobrevém da ausência, da retração do que se dar a sentir e então já não é. Este exemplo máximo do modo como a dualidade em *Grande sertão: Veredas* se realiza é o que nos permite constantemente tentar escrever o que não sabemos. Esta dissertação é isto: reiterar e reintegrarmo-nos ao nosso não, o que não temos e somos, mas que, recebendo em doação, restituímos, nossa pobreza no destino doado – na origem que nos doa.

Nós narramos alguma coisa porque almejamos dar a saber o que, pelo esforço de ser o que não somos e nos falta ser, aprendemos. Somente podemos narrar porque antes não soubemos. Isso aprendemos com Riobaldo. Este fala de Diadorim porque ele, como questão, permanece em seu *não-saber*. Este *não-saber* é o que convoca à questão-Diadorim. O sentido originário de “questão” é também, como o de “querer”, “procurar”. Procuramos o que queremos quando a coisa procurada, em sua manifestação, nos quer, a nós se destina, nos procura e procura a se dirigir a nós. O que queremos é, antes de tudo, o polo dialético que nos vem a querer e nos oferece uma vereda a atravessar.

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim – que não era de verdade. Não era? A ver que a gente

não pode explicar essas coisas. Eu devia de ter principiado a pensar nele do jeito de que decerto cobra pensa: quando mais-olha para um passarinho pegar. Mas – de dentro de mim: uma serepente. Aquilo me transformava, me fazia crescer dum modo, que doía e prazia. Aquela hora, eu pudesse morrer, não me importava (ROSA, 2015, p. 242).

O que uma questão faz acontecer em nós, homens humanos, é uma *transformação*: atravessando a vereda que ela manifesta, a desdobra se realiza, a *desmistura* acontece; ato doído, porque nos retira do conforto de estar, ato aprazível, porque nos tornamos nós-mesmos no caminhar o caminho manifestado e a nós apresentado pela imaginação transformada (espere. Ainda virá este momento). Desta forma é que

uma questão está sempre aquém e além da pergunta, pois, perguntando-nos ou não, elas já estão a atuar. Se é verdade que, no ato concreto de perguntar, o questionamento pode acontecer de forma incisiva, não é menos verdade que nenhuma resposta dada à pergunta poderá interromper o fluxo contínuo e crescente da questão. Nesse caso, a própria pergunta é o que tensiona ao máximo o questionar, e a resposta que ela exige há de constituir um novo desdobramento da questão (DOLZANE, 2014, p. 208).

Escutemos outra vez o dizer de Riobaldo, dessa vez chamando a atenção para determinados momentos.

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, *permaneceu em mim*. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, *o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma*, apartado completo do viver comum, *desmisturado de todos, de todas as outras pessoas* – como quando a chuva entre-onde-os-campos. *Um Diadorim só para mim*. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim – que não era de verdade. Não era? *A ver que a gente não pode explicar essas coisas*. Eu devia de ter principiado a pensar nele do jeito de que decerto cobra pensa: quando mais-olha para um passarinho pegar. Mas – de dentro de mim: uma serepente. *Aquilo me transformava, me fazia crescer dum modo, que doía e prazia*. Aquela hora, eu pudesse morrer, não me importava (ROSA, 2015, p. 242, *grifos nosso*).

O nome de Diadorim é o que, na ação de dizer, de procurar a ação para dizê-lo, realizá-lo nisso que se deu a questionar e a se presentificar, permanece em Riobaldo, como na assonância (e inserção) *Diadorim em mim* – que vez ou outra, às vezes invertida (*em mim Diadorim*), Riobaldo-narrador profere –, o que também pode ser escutado como um eco de “-im”, ecoado em vários momentos do trecho acima.

Se para Riobaldo “Diadorim era um impossível” (ROSA, 2015, p. 399) e “um sentimento” (ROSA, 2015, p. 258) seu, isso acontece justamente porque ele, como questão, é este *um Diadorim* que somente o *é* para Riobaldo, isto é, um experienciar e uma percepção de um afeto²⁷ que o empurra para fora da segurança do chão e para dentro do *perigoso* abismo que *é viver*. Daí então o *pensamento dele*, de Diadorim, dele proveniente, dele originado, ser o que se dá a agir em Riobaldo. A cada vez dado a dizer e a pensar, um *pensamento dele figura diferente* para Riobaldo, pois o que pode ser feito no dizer, produzido em uma forma, não é Diadorim em si, este *um Diadorim*, mas sim uma diferença sua que *é sentida*, um sentimento, daí sua impossibilidade.

No entanto não apenas o agir figura diferente, mas também, em detrimento deste, seu modo de ser: *um Diadorim assim meio singular, por fantasma* [tornado visível]. O que se torna visível o faz porque, no dá-se a se mostrar, ao aparecer, *é luz (phos)*. A singularidade de Diadorim acontece, neste ponto a respeito dele ser luz, por meio da intensa relação entre o olhar e essa luz. Mire veja: Riobaldo nos diz, ao vigiar Diadorim, que ele tem “uma luz” (ROSA, 2015, p. 334), e neste ato de vigiar, de olhar a Diadorim, ele *é sendo luz* acontecendo no olhar/nos olhos de Riobaldo, de maneira que esse que se torna visível presentifica-se no escuro, na ausência: “Para ele [*Diadorim*] olhei, o tanto, o tanto, até ele anoitecer em meus olhos” (ROSA, 2015, p. 268). Com isso poderíamos relacionar este *fantasma (phantazein)* a *physis*, entendida como o aberto do qual tudo surge e se manifesta, a partir da referência com a *luz (phos)*.

Uma das traduções de *physis* é “surgimento”, como podemos ler na tradução do fragmento 123 de Heráclito (1999, p. 91), realizada por Emmanuel Carneiro Leão. Ainda neste fragmento, podemos perceber, na tensão com *physis*, o encobrimento (*philei*), isto é, não apenas o movimento de encobrir já no surgir, mas também a perduração e preservação do oculto/encoberto no que *é/está* surgindo, a movimentação do oculto ao surgimento e deste para aquele: “Diadorim era aquela estreita pessoa – não dava de transparecer o que cismava profundo, nem o que presumia” (ROSA, 2015, p. 61). Dava somente o escuro, mistério em Riobaldo: “Acho que eu também era assim. Dele eu queria saber? Só se queria e não queria. Nem para se definir calado, em si, um assunto contrário absurdo não concede seguimento. Voltei para os frios da razão” (ROSA, 2015, p. 61).

Desta forma é que podemos contemplar as passagens em que Diadorim aparece em contraste com o espaço no qual surge (luz) e/ou se oculta (escuro):

²⁷ “Sentir” vem do latim, *sentire*, “experimentar um afeto, uma sensação, um sentimento”, “perceber pelo sentido”.

1. Se está escuro, ele ilumina acendendo fogueira – “Desse lusfús, ia escurecendo. Diadorim acendeu um foguinho” (ROSA, 2015, p. 36) –, ou ele é luz quando acontece o crepúsculo – “Diadorim. Sol-se-pôr” (ROSA, 2015, p. 136) –, e/ou acontece iluminando o céu do fim de tarde como um poente, adentrando em Riobaldo como o *sol ad-entra*²⁸ a terra ao se pôr – “Já era para entardecendo. [...] Lhe ensino: porque eu tinha negado, renegado Diadorim, e por isso mesmo logo depois era de Diadorim que eu mais gostava. A espécie do que senti. O sol entrado” (ROSA, 2015, p. 166) –, ou é dia, que tudo aclara para a compreensão, em oposição à noite que se firma – “Mas aquele trabalho nosso era carecido, folgar não se pôde; nem para palavra minha com Diadorim, que era de todo dia; conforme bem alembro. Noitou” (ROSA, 2015, p. 454) –, ou então ele mesmo é portador dessa luz²⁹ – “Vigiei Diadorim; ele levantou a cara. Vi como é que olhos podem. Diadorim tinha uma luz” (ROSA, 2015, p. 334);
2. se está dia, ou perto de um local com luz, ele é escuro que apropria espaços – “Diadorim se esteve em pé, se arredou de perto da fogueira; vi e mais vi: ele apropriar espaços” (ROSA, 2015, p. 139) –, ou aparece sendo iluminado, com a luz realçando sua forma – “Diadorim, duro sério, tão bonito, no relume das brasas” (ROSA, 2015, p. 36)³⁰ –, ou, no contraponto de um momento de cessar fogo, ele é quem, sombrio, deseja continuar derramando sangue dos inimigos –

Mas minha mão, por si, pegou a mão de Diadorim, eu nem virei a cara, aquela mão é que merecia todo entendimento. Mão assim apartada de tudo, nela um suave de ser era que me pertencia, um calor, a coisa macia somente. São as palavras? Mas aí espiei para Diadorim, e ele despertou do que tinha se esquecido, deixado, de sua mão, que ele retirou da minha outra vez, quase num

²⁸ Em direção, *ad-*, ao que é para ser dentro, penetrando, inserindo-se, *entrar*.

²⁹ Prestemos atenção que, mesmo em uma palavra aparentemente comum, *vigiar*, e em um contexto de apreciação da *luz* que tem Diadorim, ele salvaguarda, em si, um movimento poético-apropriativo que o mobiliza ascender como questão, pois que, etimologicamente, *vigiar*, do latim *vigilare*, possui, dentre outros, os significados de “velar” e “cuidar”. O que nos dá cuidado e se vela neste cuidado senão uma questão? O que é capaz de portar luz senão o escuro mistério de uma questão?

³⁰ Poderíamos mesmo dizer que é a própria questão-Diadorim, surgindo e já se ocultando, que ilumina, para Riobaldo, sua presença e, ao mesmo tempo, marca sua ausência, uma vez que ele (ação da questão pela personagem) é quem acende (ação, agir) a fogueira e é por ela iluminado, de maneira que isso não seria, então, o vigor dele como questão, sua ação, sua *poieisis* (manutenção do vigor para a compreensão do sentido)?

repelão de repugno. E ele estava sombrio, os olhos riscados, sombrio em sarro de velhas raivas, descabelado de vento (ROSA, 2015, p. 297)³¹.

Esse é o movimento de uma questão, como de Diadorim: do claro ao escuro; da dobra à desdobra; realizar a passagem para as transformações ao dar-se como destino e destinar-se no homem, a origem que se destina ao “pobre menino do destino” (ROSA, 2015, p. 26)...

O que sei, tinha sido o que foi: no durar daqueles antes meses, de estropelias e guerras, no meio de tantos jagunços, e quase sem esparecimento nenhum, o sentir tinha estado sempre em mim, mas amortecido, rebuçado. Eu tinha gostado em dormência de Diadorim, sem mais perceber, no fofo dum costume. Mas, agora, manava em hora, o claro que rompia, rebentava. Era e era. Sobrestive um momento, fechados os olhos, sufruía aquilo, com outras minhas forças. Daí, levantei (ROSA, 2015, p. 242).

Isso sempre acontece poética-apropriativamente: o agir da questão-Diadorim sempre se *escorrega* em Riobaldo, o qual, seja como personagem ou como narrador, assume questionar e pensar nela (questão-Diadorim) como sendo o seu destino de amor – “amor é a gente querendo achar o que é da gente” (ROSA, 2015, p. 297) –, tanto para um (Riobaldo) quanto para o outro (questão-Diadorim). Esse destino de amor é o que lhes são, portanto, como próprio, espaço de concreção e relação, de acontecimento, preservando o saber (*o que sei*) como sendo o que aconteceu (*tinha sido o que foi*). Porém isso nunca encerra, tamanha a ação da questão, que toma conta de Riobaldo, de maneira que sua vida toda, sua vida inteira, *é sendo* originada pelo surgimento de Diadorim, é um dizer de tudo o que aconteceu e não-aconteceu (o que é ainda possível):

O senhor releve e não reprove. Demasias de dizer sobem com as lembranças da mocidade. Não estou contando? Pois minha vida em amizade com Diadorim correu por muito tempo desse jeito. Foi melhorando, foi. Ele gostava, destinado, de mim. E eu — como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim (ROSA, 2015, p. 165).

Ressaltemos uma coisa: Diadorim (-questão) permanece no movimento de ir a se dar a Riobaldo e no próprio movimentar-se de Riobaldo em sua narrativa. Ora, Riobaldo sabe de Diadorim? Riobaldo quis a Diadorim? Não. Diadorim deu-se a ele e continua se

³¹ Este é o momento em que, chefiado por Zé Bebelo, os jagunços estão batalhando contra o bando dos Judas, na Casa dos Tucanos, em que “devia de estar sendo por volta de umas três da tarde, pelo rumo do sol” (ROSA, 2015, p. 293).

dando – *ele era o em silêncios*: o percurso e a viagem que se realizam atravessando, sendo ele, Riobaldo, instância mais próxima e, excepcionalmente, distante que resguarda e salvaguarda aquele como memória, linguagem e tempo. Diadorim, pois, conserva o ato da questão de se mostrar e se retrair continuamente: “Diadorim desconversou, e se sumiu, por lá, por aí, consoante a esquisitice dele, de sempre às vezes desaparecer e tornar a aparecer, sem menos” (ROSA, 2015, p. 62) como um *fantasma*, como um surgimento.

Queremos com isso acrescentar – ou mesmo reforçar – um dizer: mirar a Diadorim é ver a Riobaldo, e vice-versa. “Ao cada dia mais distante, eu mais Diadorim, mire veja” (ROSA, 2015, p. 398). A dialética do “dar-se mutuamente” existente entre homem e questão é, pois, o manancial para erigir no homem humano a referência entre o que ele é e sabe e o que ele não-é e não-sabe, fornecendo-o, pelo jogo de espelhos, o *não* que o dimensiona e o encoraja a perseguir o caminho da questão – daí Riobaldo continuar a dizer:

O senhor saiba – Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão. O senhor vai ver. Eu era dois, diversos? O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia (ROSA, 2015, p. 398)

Saber da questão-Diadorim, um saber construído e sentido por Riobaldo-narrador, não é garantia de entendimento, porque ela, a questão, não se esgota no entendimento racional. O saber da questão reitera e aprofunda o *não* e o movimento de recolhimento do *não-saber* – o horizonte apenas mais de estende (com *ex-* para reforçar o pôr para o aberto) quanto mais se caminha na vereda. Neste sentido é que mirar a Diadorim-questão é ver, também, a nós mesmos através de Riobaldo, um espelho que reflete nossa imagem: travessia, procura, viagem – nosso destino.

Somente o *dizer um nome* traz a possibilidade de ir ao abismo da coisa oculta, bem como trazer para perto o que se resguarda distante e oculto, como nos ensina Vicente Franz CECIM, embora no contraponto de Riobaldo, para quem o nome *Diadorim* é revelado:

Eu dei a ela [*a ave Curau*] o nome que quis, já que as coisas que se conhece têm todas um nome de uso comum, mas as outras, essas que vêm não se sabe de onde, não se sabe nunca, a essas se pode dar o nome que se quiser, é só abrir a boca e ficar com a primeira palavra que sair, é só nisso que há uma possibilidade de achar o nome oculto da coisa oculta (CECIM, 2020c, p. 76).

O que isso nos deixa compreender senão que, pelo nomear, chamamos a coisa oculta para ser e, ao mesmo tempo, se manter oculta essenciando-se neste sendo agora nomeado? Contudo o oculto não se restringe a este ser-nomeado, este, como sendo, recebe do oculto, pelo nomear, pelo dizer (um) nome, o possível a ser dito e entre-dito, de vez que o que é oculto se dá essencialmente (resguardando-se na distância) e se recolhe.

Reinaldo, Diadorim, me dizendo que este era real o nome dele – foi como dissesse notícia do que em terras longes se passava. Era um nome, ver o que. Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe. Da razão desse encoberto, nem resumi curiosidades (ROSA, 2015, p. 136-137).

Era real o nome dele: como questão, Diadorim manifestou-se no que é, *encoberto* que pode ser desencoberto pelo questionar. Chamemos outra vez a maga: “O único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? e este é o nome” (LISPECTOR, 2020, p. 22). Riobaldo recebe de Diadorim não o nome como todos o chamam e o conhecem, pelo contrário, recebe o não-sabido e não-compreendido, o nome questão que se dá pela ação de questionar e procurar.

Quantas desdobras, cujos sentidos, pelo limite que encontraremos pelo nosso saber, estão encobertos, não poderíamos realizar do nome *Diadorim* pelo que ele manifesta na vida de Riobaldo? *Diá-dorim*, *Deo-dorina*, *Dia-dorim*, *Dia-dor-im*³². Não queremos significá-los, entretanto mostrar a tensão que eles são, isto é, instauram sempre entre duas instâncias, seja pela que se mostra ou a que se preserva oculta por trás desta: entre Deus e Diabo, entre Dia e Noite, entre dor e alegria, entre silêncio e fala...

Assim é que, como questão, Diadorim nunca deixou Riobaldo se estagnar e ser *dono definitivo de si*, de vez que isso representaria sua cristalização e a paragem da *transformação* que Diadorim-questão o convocava: “Diadorim também, que dos claros

³² Essa nota não se refere a uma contradição. Pelo contrário. Notemos que o sufixo *-im* ou *ina* é o que se repete nas variações que alocamos. O *-im*, sabemos, serve para dar valor masculino ao *Deodorina*, ou seja, no romance, aquele provém deste. Podemos encontrar esse sufixo, em língua portuguesa, sobre duas formas: diminutivo, como *pequenina*, e que formam, por derivação sufixal, adjetivos de substantivo, como *cristalino*.

Queremos crer que os dois podem ser pensados para a formação do nome de Diadorim/Deodorina. Com *-im*, temos tanto um sentido masculino como um afetivo; com *-ina*, pode-se verificar, por derivação sufixal já citada, que *deo* (Deus) e *dóron* são substantivos, abrindo margem para formar, via sufixo *-ina*, uma forma de adjetivo. Não cremos que o referido seja tão importante como o que queremos, de fato, referir.

É que, no caso do último, *-ina* possui os significados de “relação”, “origem”, “natureza”, dos quais podemos desenvolver os seguintes questionamentos: ora, não vem a se instituir a natureza de Diadorim como uma dádiva (*dóron*)? Como tal, sua origem não pode ser a sacralidade doada a Riobaldo pela amizade dada? Disto não sobrevém a relação amorosa de ambos? “A amizade dele [Reinaldo/Diadorim], ele me dava. E amizade dada é amor” (ROSA, 2015, p. 137). Doação: ação da questão – Diadorim se doando.

rumos me dividia” (ROSA, 2015, p. 87). Isso seria, pois, renunciar a ser e a continuar (entre-) sendo: “Ser dono definitivo de mim, era o que eu queria, queria. Mas Diadorim sabia disso, parece que não deixava” (ROSA, 2015, p. 43). Apresentar-se como sempre sendo entre duas instâncias, sendo uma mas sem deixar de ser e estar na outra, desdobrando-se em um caminho mas sem deixar de se redobrar como outro possível e desconhecido, é o movimento próprio pelo qual Riobaldo se dá a ser espaço de manifestação deste *era/sido real [sic]* Diadorim, promovendo uma relação (acontecimento) dual e tensional, nunca binária, pelo seu agir na imagem que se forma a cada evento “fantasmagórico” (poético).

Neste sentido é que Riobaldo colocava-se em posição de escuta (obedecer, *ob-*, colocar-se a, inclinar-se a, *audire*, escutar) e se entregava a (questão-) Diadorim, este sendo o silêncio, fundeando e promovendo (a) fala, que se verte no dizer daquele.

Por mim, não sei que tontura de vexame, com ele [*Diadorim*] calado eu a ele obedecia quieto (ROSA, 2015, p. 36).

Diadorim [...] gostava de silêncios (ROSA, 2015, p. 40).

As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim (ROSA, 2015, p. 42).

Diadorim, quando cuidava que sozinho estivesse, cantarolava, fio com boa voz. Mas, próximo da gente, nunca que ele queria (ROSA, 2015, p. 205).

Estas são formas pelas quais Diadorim (-questão) se apresenta a Riobaldo, bem como a forma pela qual encontramos junto a eles (Riobaldo, Diadorim, questão-Diadorim) uma vereda para nosso labor e procura, pois que Diadorim, possibilitando a Riobaldo verter sua presença para além dos aspectos visíveis e tangíveis, manifesta-se como vereda: “E Diadorim parava calado, próximo de mim, e eu concebia o verter da presença dele, quando os nossos dois pensamentos se encontravam. Que nem um amor no ao-escuro, um carinho que se ameaçava” (ROSA, 2015, p. 466).

No pensamento de Riobaldo, antes de se tornar palavra após o seu ultimato, e mesmo durante o tornar-se à palavra, é o silêncio-Diadorim que mina e dissemina o não-dito que se vem instaurar entre a posição de escuta e meditação/quietude e o modo calado que se punha Diadorim. Não a fala do homem (a voz), mas a linguagem no humano (silêncio, o vigorar e viger da *poiesis*), é o poético que por intermédio de *Diá*dorim se circum-inscreve no pensamento de Riobaldo, cuidando-o ao se esconder *calado*, bem como no corpo-fantasma.

Ora, reforçemos que mesmo os aspectos visíveis, como o corpo, escondem e, excepcionalmente, mostram em si o homem como questão, uma vez que o homem

humano em seu corpo e disposição não são excluídos em *Grande sertão: Veredas* – como vimos no subcapítulo anterior quando discutimos a desantropomorfização do homem humano operada na obra – em detrimento do que cresce com esses aspectos. Mire veja: o corpo de Diadorim para Riobaldo, no contraste entre o claro (*pele branca*, presença de luz sobre o escuro) e o escuro (*Diadorim era escondido*, ausência de luz): “Eu tinha súbitas outras minhas vontades, de passar devagar a mão na pele branca do corpo de Diadorim, que era um escondido” (ROSA, 2015, p. 260).

Veja-se, ainda, que a marca visível que Diadorim deixa é agarrada por Riobaldo com seu corpo, de vez que ela é um dos rastros que o conduzem de volta a Diadorim, no jogo entre lembranças e esquecimento que se produz pela memória:

Por mim, só, de tantas minúcias, não era o capaz de me alembrear, não sou de à parada pouca coisa; mas a saudade me alembra. Que se hoje fosse. Diadorim me pôr o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei (ROSA, 2015, p. 36).

Este é o viver acontecido no cotidiano, poética-apropriativamente acontecido, o qual garante relação com o ser-questão. Diferente é o estar perto que, paradoxalmente, somente distancia, ou seja, o viver trivial no cotidiano, que aconteceu entre eles e está perdido para Riobaldo:

O senhor veja: eu, de Diadorim, hoje em dia, eu queria recordar muito mais coisas, que valessem, do esquisito e do trivial; mas não posso. Coisas que se deitaram, esqueci fora do rendimento. O que renovar e ter eu não consigo, modo nenhum. Acho que é porque ele estava sempre tão perto demais de mim, e eu gostava demais dele (ROSA, 2015, p. 311).

É justamente no viver acontecido no cotidiano que Riobaldo encontra, no lugar em que Diadorim dorme, isto é, se recolhe da luz, fechando os olhos, um meio de ter, sensivelmente, contato com o corpo de Diadorim:

Diadorim não dizia nada, estava deitado de costas, num pelego, com a cabeça num feixe de capim cortado. Ali naquele lugar ele contumaz dormia – Diadorim menos gostava de rede. [...] Depois, Diadorim se levantou, ia em alguma parte. Guardei os olhos, meio momento, na beleza dele, guapo tão apostado – surgido sempre com o jaleco, que ele tirava nunca, e com as calças de vaqueiro, em couro de veado macho, curtido com aroeira-brava e campestre. De repente, uma coisa eu necessitei de fazer. Fiz: fui e me deitei no mesmo dito pelego, na cama que ele Diadorim marcava no capim, minha cara posta no próprio lugar. Nem me fiz caso do Garanço, só com o violeiro somei. A zangarra daquela viola. Por não querer meu pensamento somente em Diadorim, forcejei. Eu já não presenciava nada, nem escutava possuído – fiquei sonhejando: o ir do ar, meus confins (ROSA, 2015, p. 151).

Se compreendermos que Diadorim, deitado no chão (e não na rede, suspenso deste), entra em contato com a terra, e se compreendermos terra/Terra, na via heideggeriana (Cf. HEIDEGGER, 2010), como o lugar mais oculto a ser desvelado, aberto e encoberto para o homem humano, resguardando o sentido de viver, isto é, Terra como Vida, poderemos tecer caminho para a compreensão de que, neste ato de Riobaldo de ir se deitar no *mesmo dito pelego* (na pele), *na cama que Diadorim marcou no capim*, ele se coloca propriamente, através de Diadorim, no lugar a que todos estamos *pertos e não sabemos*: na vida, no viver (a) vida.

Deste modo, podemos perceber um sentido de suspensão, ainda que momentânea, do estar-no-mundo e suas vicissitudes, de suas reduções funcionais e antropomórficas, de ser alvo de algum julgamento machista da jagunçagem, de forma que isso o restitui à Terra/Vida (*eu já não presenciava nada, nem escutava possuído – fiquei sonhejando: o ir do ar, meus confins*), ao que se preserva sendo doadora de tudo, mesmo com a passagem (fim) de tudo: “Diadorim – o nome perpetua. Mas os caminhos é que estão se jazendo em tudo no chão, sempre uns contra os outros” (ROSA, 2015, p. 305).

Para além deste sentido de suspensão, podemos ver que por um breve momento Riobaldo alcança algo no escondido/calado Diadorim: quando forceja para não pensar no Diadorim que é presente, abre margem para sentir o Diadorim-ausente, o qual, como origem, resguarda o destino, o “destinarem-se” de um no outro – *eu já não presenciava nada, nem escutava possuído – fiquei sonhejando: o ir do ar, meus confins*.

Riobaldo, homem tornando-se humano, o é ao ser na questão-Diadorim e esta nele: “Diadorim e eu, a sombra da gente uma só uma formava” (ROSA, 2015, p. 208). A maneira pela qual Diadorim se manifesta como tal, como vereda, travessia em questão, é pelos olhos e o olhar: “Diadorim me agarrava com o olhar” (ROSA, 2015, p. 157).

É no *viver para aprender a viver* que Riobaldo é agarrado por Diadorim. Se seus olhos produzem luz ao passo em que ele, Diadorim, é (o) escuro, e vice-versa, Riobaldo apreende-os-afetos – conduzindo-se a isso que o toma e pelo modo dual e intenso nos movimentos ambíguos – de Diadorim, pelo que o nosso narrador não é, mas que não deixa de acontecer nele e acontecê-lo *[sic]*³³ poética-apropriativamente: “Diadorim sacripante

³³ O sentido que estamos buscando lançar com “acontecê-lo poética-apropriativamente” diz respeito ao doar-se e agir de Diadorim em Riobaldo, tomando-o, concomitantemente, pois, ao essenciar (agir e ser) da questão-Diadorim em Riobaldo.

se riu, encolheu um ombro só. Para ele olhei, o tanto, o tanto, até ele anoitecer em meus olhos. Eu não era eu” (ROSA, 2015, p. 268).

Essas considerações conduzem-nos, como apontamos, para pensar Diadorim como vereda a que se trans-verte Riobaldo pelos olhos daquele: “Mas Diadorim, por onde queria, me levava” (ROSA, 2015, p. 169). Diadorim era/é a vereda³⁴ do *Grande Ser-Tão* que se re-vela a Riobaldo. Entretanto isso não é fácil, nunca foi, e de *dizer em dizer*, “rodeava a questão” (ROSA, 2015, p. 153) ao tomá-lo por completo. Ela quer dá-lo (à) luz para o começo no fim, círculo no qual Riobaldo e Diadorim se circum-inscrevem mutuamente, pelo qual Riobaldo-narrador busca e tenta enredar suas vidas, tornando-se personagem-lembranças.

O senhor sabe?: não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco carôço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a ideia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vezes não é fácil. Fé que não é (ROSA, 2015, p. 152).

Continuemos nesta vereda. Primeiramente, escutemos a compreensão de Guimarães Rosa sobre *vereda*:

[as veredas] São vales de chão argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis. [...] elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis (ROSA, 2003, p. 41).

Queremos chamar a atenção aqui para três aspectos: *chão argiloso*; *água absorvida*; *belo verde-claro*. Esses aspectos permitem-nos nos aproximar de Diadorim, seja direta ou indiretamente. São os olhos de Diadorim que nos aproximam de tudo isso:

³⁴ Para nos aproximarmos da dialética de doar e restituir existente entre homem e questão, poderíamos mesmo fazer uma referência, ainda que indireta, de uma passagem do romance com a etimologia de “vereda”. A partir disso, poderíamos conceber também, através dessa referência e mútua doação, que o próprio Diadorim viu em Riobaldo espaço de manifestação, como o Caminho se verte em uma vereda, como podemos depreender de uma fala de Riobaldo, dirigida a Diadorim, a respeito dos *grandes segredos* que circundavam a Joca Ramiro: “Mas, em passos desses, Diadorim sempre me apeava” (ROSA, 2015, p. 204).

A palavra “vereda” provém do latim *veredus*, que significa “cavalo para fazer viagens”, além da já sabida significação “trilha”. “Apear”, por sua vez, tem como um dos significados “descer do cavalo”. Se, como nos aponta Benedito Nunes (2013a), em Guimarães Rosa o homem é tanto viagem quanto viajante, ao mesmo tempo em que Riobaldo viaja na vereda-questão-Diadorim, Diadorim viaja na vereda-questão-Riobaldo, revelando a ele mesmo, Riobaldo, como questão a si mesmo. Esta referência, embora relativamente pobre, pode nos levar a essa ideia de Diadorim como vereda (não?).

Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a ideia da gente não dá para se entender – e acho que é por isso que a gente morre. De Diadorim ter vindo, e ficar esbarrado ali, esperando meu acordar e me vendo meu dormir, era engraçado, era para se dar feliz risada. Não dei. Nem pude nem quis. Apanhei foi o silêncio dum sentimento, feito um decreto: – Que você em sua vida toda toda por diante, tem de ficar para mim, Riobaldo, pegado em mim, sempre!... – que era como se Diadorim estivesse dizendo (ROSA, 2015, p. 240, grifos nossos).

Como questão, Diadorim nunca se esgota, *muda sempre*, vem como luz do lugar oculto/escuro provindo: *como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados*. Esta vereda, com seu olhar *verde* (e) *arenoso*, é também lugar em que *cabe* e por onde *passa sempre* o Rio de São Francisco, de maneira que *absorve* a água deste (a vereda doada pelo Tao), como podemos ver no questionamento de Riobaldo sobre o porquê atravessou o São Francisco *defronte* (também frenteando, no sentido que dissemos no início deste capítulo, ou mesmo como uma possibilidade indireta de escutarmos *bifronte*, duas faces, entrevista em *de-Janeiro*, Janus, deus de duas faces, uma para o surgimento e outra para o ocultamento, dual como Diadorim) com o Menino: “O senhor pense outra vez, repense o bem pensado: para que foi que eu tive de atravessar o rio, defronte com o Menino? O São Francisco cabe sempre aí, capaz, passa” (ROSA, 2015, p. 100).

Como água vinda da terra, acusada pelo buriti³⁵, a vereda é sempre fértil – lugar de felicidade, pois “Perto de muita água, tudo é feliz” (ROSA, 2015, p. 36) –, incorporando e refletindo em si uma dualidade ao ser um *oásis*: local cuja fertilidade contrasta com o deserto, o qual é vazio de água, é o não, provocando dor na travessia, porém sempre, ao fim, permite *aurorear-se*, ao chegar na vereda, a cada vez após a con-sunção na morte/fim da travessia:

Como vou contar, e o senhor sentir em meu estado? O senhor sobrenasceu lá? O senhor mordeu aquilo? O senhor conheceu Diadorim, meu senhor?!... Ah, o senhor pensa que morte é choro e sofisma – terra funda e ossos quietos... O senhor havia de conceber alguém aurorear de todo amor e morrer como só para um (ROSA, 2015, p. 480).

Riobaldo nasce com Diadorim. “Amanheci minha aurora” (ROSA, 2015, p. 97). É essa questão, sempre retornando-retornada, dando-se de diferentes formas a cada revelação, mesmo por outros nomes (aproximações e afastamentos), que o faz nascer, que

³⁵ Aliás, na imagem do buriti podemos ver, outra vez, a referência dialética entre homem e questão, pois o “Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho” (ROSA, 2015, p. 257), como Riobaldo não se aparta de Diadorim mesmo depois de concluída a (primeira) travessia nesta vereda.

o reporta à sua mãe Bigrí, quem o deu à luz pela primeira vez, de maneira a re-apresentar Riobaldo ao seu recomeço, dá-lo à contínua transformação: “Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe. Então, eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei” (ROSA, 2015, p. 130) – isto é, quando criança, quando as coisas falavam sem nada dizer, em silêncio, falavam sem palavras e mostravam sem nada fazer.

Isso vem também expresso no momento em que Diadorim-Reinaldo, após o reencontro, diz a Riobaldo para se banhar no *Rio das Velhas*, alusão ao ato de parir, de dar à luz, de nascimento (Cf. UTÉZA, 2014). Atrelado a isto, podemos incluir que Reinaldo – aquele que rege a Riobaldo, que se *re-insere* em nosso bardo, volta a se dar nele, pois que o conduz para o caminho certo (significado de *rex*, rei em latim) – produzindo-o às questões que nascem com os homens e os tornam humanos em e na travessia, mas que com eles não morrem: “Mas o Reinaldo me instruiu aquilo, e me deixou na beira da praia, alegrias do ar em meu pensamento. Cheguei a encarar a água, o Rio das Velhas passando seu muito, um rio é sempre sem antiguidade” (ROSA, 2015, p. 128). Diadorim-Reinaldo apenas apresenta ao jovem Tatarana o caminho, quem decide atravessá-lo é ele.

É também por meio dessa vereda-questão que Riobaldo dá *seu gole d’água ao São Francisco*, pois que *a gente morre* é para se restituir, para sempre, à Terra/Vida, como questão que se doa a nós, bem como restituir a vida à Terra/Vida, recebendo, com isso, outras *bênçãos*, outras dádivas, outras perguntas das questões:

Aonde ia, eu retinha bem, mesmo na doidagem. A um lugar só: às *Veredas-Mortas*... De volta, de volta. Como se, tudo revendo, refazendo, eu pudesse receber outra vez o que não tinha tido, repor Diadorim em vida? O que eu pensei, o pobre de mim. Eu queria me abraçar com uma serrania? Mas, nessa parte, de muito mal lembrado, pelo revés em minha saúde (ROSA, 2015, p. 486, *grifo do autor*).

É nisso que se dá, como veremos mais detidamente nos últimos capítulos desta nossa narrativa, a circum-inscrição de Riobaldo – seu agir-sentimento que volteia e adentra, cada vez mais, o mistério que é Diadorim: “Travessias... Diadorim, os rios verdes” (ROSA, 2015, p. 256).

Não restrito a um único rio, contudo como abrangendo os rios verdes, na imagem do verde como fértil, Diadorim é sempre travessias, pois que, como vereda-questão, a cada vez que realiza travessia, se realiza, mutuamente, ao fim, a redobra, a vertida,

encontrando, na curva, um (re)começo sobressaindo do fim, as auroras antes e depois do poente, do *sol-se-pôr* com e em Diadorim. É em Diadorim (-questão) que Riobaldo sempre é em nascimento com e nos olhos verdes, que sempre mudavam, que, com tanta água brotando, não deixavam de ser, e tampouco excluía, seu caráter *arenoso*, de deserto, de ainda não, de não, de vazio e silêncio. “Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras” (ROSA, 2015, p. 491).

2. As categorias-questões: *um pobre menino do destino – do de-Janeiro ao Urucúia*

“[...] eu, não me serve cheirar a poeira do cogulo – mais quero mexer com minhas mãos e ir ver recrescer a massa...”
(ROSA, 2015, p. 442)

2.1 O que tive de não ser: abertura ao não

“Ou conto mal? Reconto”
(ROSA, 2015, p. 61)

“O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais” (ROSA, 2015, p. 345). O que digo soa e ressoa. Mas qual o fundo que projeta todo soar e ressoar? Silêncio. Recomeçamos. O que digo soa e *dis-soa* – duplica-se o soar na própria coisa soada: *res-soa*. O que soa, põe e está em causa, coisa, *res*, por força de quê? Silêncio. Recomeçamos. O que digo soa e *des-soa*, o que digo difere negativamente, realçando o soar através do que ele não é e não pode/pôde ser, através do que ele ainda não é e se encaminha para ser ao fim. Silêncio. Percebe-se o jogo arriscado e destinado à falha no qual nos esforçaremos por seguir? Nosso destino: a incompletude.

O silêncio não se exaure, não se esgota. Nele repousa toda a possibilidade de dizer e de sentido. Não apenas isso, de recomeçar também. Nele repousa toda a possibilidade de retirar os significados que a nós estão sendo cotidianamente lançados. Ao mesmo tempo que possibilita sentido, o silêncio retira, suspendendo, os significados já formados. Esse é o nosso esforço: fazer de categorias, algo que pende à limitação de nossas palavras e de nosso trabalho que findará, questões. Este é nosso destino, essa é a nossa pobreza: *deslimitar* o nosso limite, *ex-garçando-o*.

Nós somos silêncios: sentido e recomeço. O que mais queremos é ser o que somos. Ao dizer *eu sou*, o silêncio que sou se retrai, deixando-se e resguardando-se ao fundo

abismal do verbal, da verbalização, ressoando em nosso verbo. Não ausência de som, obviamente, todavia fundo de toda linguagem. Eu sou a linguagem que escrevo, assim como a linguagem que “me escreve *me é*”.

Escrevendo (leia-se, narrando), quero sacudir de meu corpo a poeira do *cogulo*, disso que me sujou porque vazou do vaso de depósitos de todo um mundo e seus significados, disso que não quero mais que coagule nas veias de meu corpo. Quero mexer essa massa com a qual nasço para, levando-a a sua morte, morrer junto dela. Quero ser como *gota d’água* a ser *dada ao São Francisco*.

Como agir assim? Não sei. Porém quero arriscar, através de minha escrita, *sendo-me nela e ela sendo a mim*, que tem nas margens da folha e na moldura das formas seu limite, ser uma ficção em obra. Interpreto a obra, não apenas para mover os sentidos que se sobrepõem, mas para tomar, na interpretação, o que é próprio dela, sua ficção, tornando-a como tal, ficção. Quero deixar viger isso que atravessa as obras, a *poiesis*. Quero buscar um aprendizado para agir: pensar.

Como deixar agir? Não sei. Todavia – em toda (esta) *vi(d)a*³⁶ – quero (me) conduzir, junto da obra, ao que a essência. Quero arriscar fazer de minha interpretação uma ficção: des-realizar a realidade nela desvelada em meu discurso, por meio de uma forma que enrede os seus vazios manifestados, que permitam o enredar, de maneira que meu imaginar seja vigido por um ver-acontecer que a obra *Grande sertão: Veredas* me mostra ao educar-me³⁷ poeticamente, isto é, levar-me, através de uma escuta desarmada, de um pensar e repensar o dito e, sobretudo, o não-dito por Riobaldo, para fora dos significados e do mundo que estou (e estamos) sempre imerso (s), para então selarmos uma amizade *sacrificial*, que sacralize, juntamente, o labor que é nos tornarmos homens humanos. Quero buscar deixar que aja em mim o que nunca serei e saberei: ser.

Minha maneira mais própria de agir assim é por meio de três categorias-questões, as quais são nomeadas: *apreensão-dos-afetos*, *trans-torno* e *circum-inscrição*. Pela primeira aprendo a renunciar, abrindo-me para um pensamento que pense uma *transformação*, *pesável* sofrida e sentida por Riobaldo. Pela segunda renuncio ao estar dado e, concomitantemente, ao que está dado em meio aos significados por outros

³⁶ Jogo de palavras e sentidos apropriados do título do livro de Age de Carvalho, *Todavida, todavia*, publicado em 2018. Cf. CARVALHO, Age de. **Todavida, todavia**. Poesia, jornalismo e design gráfico desde 1980. Org. Age de Carvalho e Mayara Ribeiro Guimarães. Belém: Secult/PA, 2018.

³⁷ Estamos aqui flertando com os significados de *ficção* a partir de sua origem: formar, imaginar, educar, dissimular – que o lançamos em “des-realizar”, ou seja, realçar, e não negar simplesmente, a diferença e desvelamento operado na realidade de *Grande sertão: Veredas*, para que possamos agir na tensão entre a realidade deste nosso trabalho, a qual difere (a partir) da realidade da obra.

firmados, a fim de buscar o sentido de ser-no-mundo. Pela terceira, também renuncio, todavia penso ao modo de um movimento pendular-projetivo, isto é, pelo que iniciei, projeto-me ao que vem a ser a entrega de meu percurso ao fim (ao um outro iniciar, portanto), à con-sunção, à plenitude, ao sentido em curso, no entanto questiono, sendo e estando entre, o percurso de Riobaldo, encaminho-me, através de sua narração (em maturação).

Nossas palavras, que são, têm um tempo. São um tempo. Elas circum-inscrevem-se por um movimento de Riobaldo-narrador. O tempo de nossas palavras não findam em si, nelas algo permanece vibrando, res-soando-se. Algo nelas continua vigorando-as. Algo nelas de-cide: deixa-se fluir no sendo que elas são. Iniciei esta travessia de-cidindo morrer, interrompi (*de-*) o corte, o cindido (*caedere*), para deixar-me fluir e refluir, fluir e desfluir, refluir e desfluir. O nosso sendo pertence ao tempo que temos para ser. Nossa linguagem morrerá – deixemos soar isso – porque é o destino de-cidido³⁸ – nossa linguagem morrerá...

2.2. Categoria e questão: a justaposição e ser terra provisória

“Estou contando ao senhor, que carece de um
explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é
embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se
desiludir e desmisturar”
(ROSA, 2015, p. 128)

Com o léxico *categoria* não almejamos realizar uma classificação, isto é, não é nossa intenção fazer divisão, formar classes, indicar uma “posição” dentro de uma hierarquia, tampouco realizar o encerramento de uma definição tendo em vista uma futura aplicação ao/no romance.

Por que começar um capítulo que versará sobre a apreensão-dos-afetos pela busca de uma condição de mediar um encontro tensional entre categoria e questão? Ora, não

³⁸ Façamos aqui uma breve, no entanto necessária, observação e um esclarecimento. As categorias-questões são interdependentes entre si, porém optamos por discuti-las “separadamente” em capítulos apenas à guisa de uma maior detida pelo seguinte motivo: a apreensão-dos-afetos, sendo os mesmos afetos-apreendidos, é, em cada tempo-Riobaldo (narrador e personagem), uma renúncia diferente. Por exemplo: em trans-torno, Riobaldo renuncia ao impessoal, por força de Diadorim, para nascer junto dele; em circum-inscrição, também renuncia ao impessoal, ao que já esteve realizado de sua travessia, entretanto o faz para restituir Diadorim a questão que ele era, e para (é o que buscaremos mostrar e desenvolver) dá-lo à morte, tornando-se um *barranqueiro*, o que desce o barranco (terra), para transformar-se no *barqueiro* e, assim, atravessar o Rio de São Francisco para dá-lo um (e mesmo) gole d’água. Em ambos os casos, a renúncia é para vir a ser, conhecer, saber.

posso procurar por uma resposta definitiva à questão, contudo posso fazer de uma categoria não um encerramento em um comando e/ou rota prelineada, mas um caminho para compreensão entre viver, existir e ser. Como? Buscar nomear é um primeiro passo para compreender um sentido que me convocou a ser perseguido, de me *desmisturar* da infértil concepção restrita da maquinação do mundo. Nomeando, tensiono, pelas veredas atravessadas por Riobaldo, o que não sei ao que posso vir a saber. Apreender-o-afeto do Ser pelo não-saber é realizar uma imersão ao fundo sem fundo de ser e existir: *nonada* – abriu-se para mim uma vereda pela tentativa de nomear, questionando e pensando para articular uma narrativa.

Além do motivo de que as categorias-questões são manifestações de um acontecimento vivido por Riobaldo, mas que são pensados, refletidos e narrados, trazidos outra vez como acontecimento (um processo contínuo, um ver pela luz que brilha) por um outro e mesmo Riobaldo, e de um acontecimento vivido, em diálogo com a obra, por mim enquanto intérprete, queremos pensar, neste momento, o léxico *categoria*, a partir dos termos que o compõem no grego: *katá*, *ágo* e *êiro*.

Compreendemos por categoria o seguinte: o movimento de nos conduzirmos e buscar levar (*ágo*) nossa interpretação para a compreensão máxima e que funda a obra *Grande sertão: Veredas* – ***existe é homem humano. Travessia***. Para tanto, questionamos e somos por ela questionados, em uma interrogação (*êiro*) que mobiliza, provoca e instaura procura em torno da obra. Não recaindo em uma redundância, contudo inserindo-nos em uma circularidade para alcançarmos a totalidade da obra à medida que alcançamos a totalidade de nosso trabalho (realizar uma travessia “procurante”), de forma que sempre estamos de volta a ela, saindo do chão para irmos e nos projetarmos em direção ao abismo³⁹, ao sem fundo, de cima para baixo (na paridade, pois) e de acordo (*katá*) com o sem-fim que nos ultrapassa.

Assim, *apreensão-dos-afetos*, *trans-torno* e *circum-inscrição* alçam-se como *categorias* pelas quais perpassa Riobaldo, interpenetrando-se e provocando aprofundamento do pensar as questões. Por isso buscamos construí-las a partir do que a obra nos possibilitou, de forma que, para nós, elas passam a se manifestar também como

³⁹ Compreendemos aqui “abismo” como o vazio que se apresenta desde sempre no aberto que se abre. Ele, o abismo, está sempre presente, embora dele não tenhamos nos dado conta, na forma como as possibilidades se mostram, isto é, o ainda não realizado e que, após sua realização, se torna possibilidade da e para a possibilidade.

questões, daí o motivo de usarmos a justaposição “categoria-questões”: a pro-cura pelo nome que somos.

Deste modo também pensamos a interpretação literária, qual a crítica (considerando-a a partir de seu sentido originário de “realçar” e “diferenciar”, de forma que a crítica realça o valor da obra na medida em que se referencia a ela diferindo a partir da unidade da obra), como ficção, de vez que a ficção é o que reitera o humano na arte pela ação de tornar possível o que antes era inconcebível de ser realizado, por meio busca de uma mesma e diferente ação que se põe em curso, isto é, o sentido de aprender a viver vivendo.

Na arte se trata de um agir cuja finalidade é possibilitar esse mesmo agir; uma ação que implica sua própria iteração como condição de sua possibilidade, uma ação que reitera uma ação. E nisso está sua primariedade para o humano, pois este apenas tem ser enquanto reitera os atos de iteração pelos quais ele se instaura. A arte, por conseguinte, é antes de mais nada expressão⁴⁰ do humano na sua plenitude. Uma obra de arte é aquilo que dignifica aquele que a fez ou a assim compreende *como humano* (BRAIDA, 2014, p. 49-50, *grifos do autor*).

Ora, a interpretação literária, em uma primeira visão, visa articular os significados da obra. Não queremos discordar disso. Entretanto queremos estender essa visão para a compreensão radical de interpretação, a saber: de que ela é enquanto ficção. A interpretação interage, incorpora e dialoga com a obra a fim de ir ao próprio desta, ou seja, sua ficção, o tornar possível pelo formar, imaginar, educar e dissimular/fingir (Cf. CASTRO, 1982). Por essas ações, a interpretação realiza uma movimentação iterativa entre a obra de arte e as questões que se manifestam e dão fundo a ela, buscando, originariamente, compreender a diferença instaurada pela obra que interpreta, incorporando o agir ficcional literário.

A obra de arte, no entanto, não se presta à análise, pois propõe não a confirmação do que já se sabe – não a representação de um ente –, e, sim, a travessia pelo que ainda não se sabe, o percurso pelo sentido do Ser em retração, pelo não-ente. Neste diapasão, a obra se oferece não à análise, mas à interpretação, isto é, à movimentação entre (*inter*) as questões de que é portadora, permitindo ao intérprete auferir um valor (*pretium*) existencial no diálogo que a obra lhe oferta (FERRAZ, 2014b, p. 114 *grifos do autor*).

⁴⁰ Embora o termo “expressão” deixe soar uma dicotomia com “conteúdo”, não acreditamos ser este o pensamento de Braida (2014), pois que ele está tratando da arte enquanto *realização de uma ação humana* (daí *expressão humana*) pelo deixar vigor da arte pelo e no humano a partir da interação e reiteração de um no e ao outro.

Neste diálogo, a interpretação passa a integrar e a se realizar como ficção, consumindo o que a essência, abrindo-se ao que se desvela na obra de arte. É o que buscamos dizer e mostrar, aqui exposto sumariamente, em outro trabalho, do qual trazemos apenas o necessário para esta narração:

[...] estamos pensando a interpretação literária como ficção justamente porque o discurso interpretativo, embora em uma forma (gênero, estilo) diversa da ficcional, procura apropriar-se da ficção, “outrando-se” (no neologismo pessoano) nela a partir dela mesma, realizando uma passagem para ela a fim de se reunir nos sentidos da obra, para formar um tecido/texto por força do imaginar, o qual vem a deixar vigorar o desvelamento da obra, produzindo (conduzindo para diante de) o humano para o aberto das questões (MEDEIROS; FERRAZ, 2022, p. 32).

É verdadeiro o fato de que as categorias-questões são provenientes do diálogo-autodiálogo com *Grande sertão: Veredas*. Venho pensando-as desde meu Trabalho de Conclusão de Curso, cujo interesse foi o desenvolvimento do que denominei de um *esboço para categorias ontológicas do romance Grande sertão: Veredas*. Esboço porque foi um escrito que, com pontos de maturidade e outros não, buscou lançar luz em uma revelação que o romance, na minha procura pela propriedade desta obra (*existe é homem humano. Travessia.*), a mim manifestou a partir de determinados léxicos e passagens totalizadoras do que busquei dizer.

Assim é que não há como descartar a possibilidade de pensar as categorias como a maneira de realização pela qual uma narrativa é desenvolvida por um narrador-personagem. Esse desenvolvimento, evidentemente, é diferente porque cada obra é um caminho e um caminhar pelo mesmo Caminho: “– ‘Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho...’” (ROSA, 2015, p. 59), diz compadre Quelemém ao velho barranqueiro.

Todavia, para que não ocorra classificação e aplicação, afastando todo e qualquer encerramento e encarceramento da obra, elas devem ser pensadas como questões a partir do acontecimento que elas nos pro-movem na realização de nossa travessia junto de Riobaldo.

Somado a isto podemos ainda dizer: as categorias-questões são a propriedade que buscamos no próprio processo do nosso acontecer como homens humanos, de vez que, sendo espaço no qual o ser manifesta sua luz, apreendendo-afetos que nos impulsionam para o nosso retirar-se da impessoalidade, por meio do trans-torno, nos tornamos uma *terra provisória*: “Jagunço é o sertão” (ROSA, 2015, p. 258).

Sertão é mutável e ambíguo, porque se põe para além do que pode ser conhecível, oculta-se sempre, porém sempre se dando a ver nas *veredazinhas*, em cada humano que se torna sertão, mistério, percorrido sozinho, dentro da gente, e assim é que vamos “remexer vivo o que” Riobaldo veio “dizendo” (ROSA, 2015, p. 256), daquilo que não sabe, do sertão, de si, do que lhe pertence e é pertencente:

Sertão é o sozinho (ROSA, 2015, p. 256).

Sertão: é dentro da gente (ROSA, 2015, p. 256).

Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas (ROSA, 2015, p. 92).

Sei de mim? Cumpro (ROSA, 2015, p. 492).

Ser terra provisória, sendo jagunço, sendo *ser-tao* em uma de suas manifestações, Riobaldo (-narrador), ao se tornar questão, elabora a si mesmo como terra/Terra, máscara de que é feito, com um desvelamento do Real⁴¹ no humano (como personagem e como narrador) no percurso pelo caminho (no tempo e espaço romanesco) que é trazido ao questionar (na linguagem), de vez que,

Aberta em sua claridade, a Terra somente se mostra como ela mesma ali onde a preservam e guardam como a que é essencialmente indecifrável e que recua diante de qualquer tentativa de apreensão, isto é, mantém-se constantemente fechada. [...] Assim, o mesmo não-se-conhecer está em uma das coisas que se fecham. A Terra é essencialmente a que se fecha-em-si. Elaborar a Terra significa: trazê-la ao aberto como a que se fecha em si mesma (HEIDEGGER, 2010, p. 117).

Pensamos a *Terra* como o lugar mais recôndito possível, no qual o sentido de nossa travessia é resguardado (o tornar-se *homem humano*, de volta a ela), não porque abaixo de nós, mas porque em silêncio a todo instante nos chama, e, tendo consciência

⁴¹ Entendemos “real” aqui como aquilo a partir do qual podemos nomear as coisas justamente porque ele é que *roda e põe diante*, isto é, somente podemos nomear o que se dá a ver a partir do seu brilho, do que vem à luz. Ocorre que o que vem à luz é dado a ela pelo real. Porém luz não antecede a escuridão, do contrário não haveria *fiat lux*. Assim, é na escuridão para onde ele se retrai, desde sempre já estando e sendo nela. No entanto “estar” não diz, referente ao real, circunstância, porque ele é. Não como ente, porque então deixaria de não ser para ser algo que morreria e/ou findaria. O real é o que permanece sendo para além dos entes, a eles não se delimitando.

Assim é que não estamos aqui querendo defini-lo, mas tão somente dizer o que ele, enquanto fenômeno que atribui totalidade às coisas existentes, permitiu a nós encontrar e nomear: o fenômeno que ele é – daí brilhar, dar à luz, do grego *phaino*. O que assim brilha possibilita vermos uma aparição manifestativa, todavia o provedor sempre se mantém velado, embora se des-vele.

As realidades que vivenciamos em cada língua existente, na medida em que se manifesta, é uma dialética tensional e intensificadora entre desvelamento e velamento, porque o que assim se desvela apenas o faz porque se vela, daí então usarmos, vez ou outra, des-velamento, com hífen, porém o “des-“ aqui tem o sentido intensificador de toda ação, o velar.

ou não, desejando ou não, se questionando ou não, a todo instante a esse chamado atendemos: “O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais” (ROSA, 2015, p. 345). Como barranqueiro, Riobaldo-narrador precisa, para se tornar, frentear-se consigo mesmo em seu silêncio, o personagem que se torna e é trans-tornado em sua imaginação. A ação de dizer, em tensão com o silêncio, apreende-o-afeto que recua para a imaginação, isto é, que volta ao lugar de onde o afeto foi possível: ser si mesmo é ser um silêncio criativo e manifestativo, uma terra que se esconde e permite o rio, permitindo ao bardo atravessar.

Sendo a Terra essa dimensão mais velada, para onde, após (o) morrer, o humano retorna (como na súplica *do pó vieste ao pó retornarás*), de forma a retribuir, devolvendo, o que lhe foi doado e enviado pelas questões, o fazer (-se) obra (barro que é moldado pelo *fingir*) é o manifestar do Ser em sua verdade no mundo-realidade em realização do homem humano: “O que a obra enquanto obra instala? No que se ergue em-si mesma, a obra abre um *mundo* e o mantém numa permanência vigorante” (HEIDEGGER, 2010, p. 111, *grifo do autor*).

Neste sentido, *Grande sertão: Veredas*, no narrar de Riobaldo-narrador, deixa o humano (ele mesmo um *homem humano*, uma *terra provisória* enquanto se mantém em e como travessia) e a Terra virem à obra como tal, como silêncio, o que vigora naquilo que é (o homem vigora porque se faz espaço para ser *terra provisória*), como aquilo que morre e dá-se a recolher à origem, ao começo do que foi e será: “A morte pôde mais [...]. Era seu dia de alta tarefa” (ROSA, 2015, p. 76); “Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo” (ROSA, 2015, p. 258).

A obra, desta maneira, instaura, porque ser e verdade o são, “a abertura para o ocultar-se”⁴² (HEIDEGGER, 2003a, p. 27), pois o pôr em obra se firma como a pergunta (das perguntas) pelo sentido do Ser, que deve ser pensado desde ele mesmo, ao ir sem fim, a um ir lançando-se ao abismal, como um constante principiar, sem-fundamento, experienciando esta travessia como *acontecimento* que inaugura o encontro do homem, enquanto entre-ser, com o ser a partir de um entregar-se a apropriação do acontecimento e do entregar-se a colher. Desta forma, esse acontecimento “é o da mútua e primordial apropriação pela qual o ser, à maneira humana, se institui em guardião e pastor do Ser, na sua nua e fugaz originalidade” (BORGES-DUARTE, 2019, p. 36), “devolvendo”, de uma maneira “aprofundante”, o Ser ao seu essenciar-se da abertura de um ocultar-se, e

⁴² “la apertura para el ocultarse”.

envolvendo o entre-ser a esse dar-se a retrair-se. Riobaldo restitui o Ser à sua retração, retirando, pela palavra, as impurezas de um mundo: “Sertão: é dentro da gente” (ROSA, 2015, p. 256), e na gente temos a nós mesmos, o jagunço que é sertão, a mútua apropriação, o silêncio...

O acontecimento poético-apropriativo, pois, acolhe a junção e encontro entre homem (entre-ser) e o ser, bem como instaura, nessa e por essa junção, o essenciar-se de ambos, o fundar da possibilidade mais própria: neste encontro “juntivo” e neste instaurar, o acontecimento poético-apropriativo retira o homem, ao escolher entregar-se, ao dar-se a ser, de seu ser simplesmente dado, e o introduz no caminho do seu ser-possível mais próprio, sendo possibilitado pela a-propriação da ficção da obra.

A Terra abriga e faz surgir o manifestar do ser, o qual não a invade. O humano (*húmus*) provém da Terra e nela faz seu morar, enraizando-se na questão do Ser. A obra é o pôr em obra das questões, e o humano, para interpretá-la, precisa tornar-se próprio, isto é, questão, terra: *jagunço é o sertão*. Se o acontecimento poético-apropriativo instaura a possibilidade do encontro transacional entre humano e ser, ele, o encontro, se dá pelo labor da Terra, no sentido de que “elaborar a Terra significa: trazê-la ao aberto como a que se fecha a si mesma” (HEIDEGGER, 2010, p. 117). O humano existe como humano, quanto mais busca ser humano mais se torna e acontece enquanto humano: *existe é homem humano*. É no humano que consta a sua humanidade a ser conquistada, não como espécie, mas como aquilo que originariamente manifesta o humano, como aquilo que o reitera (mesmo que, nas obras de arte, não assuma características da espécie humana).

Desta feita é que poderíamos questionar: se o ser se manifesta nessa dimensão velada que é a Terra, e se o humano é originário da Terra, e assim passando a ser *uma sua* presença, o ser necessita do humano como entre-ser porque este é a manifestação da Terra, sendo como uma *terra provisória*, trazendo o que se oculta em seu desvelar, isto é, o Ser, para dentro de si como fonte de todo mistério?

Estas considerações se realizam, ao lado das primeiras referente à nossa colocação frente a nomeação “categorias-questões”, para que possamos especular o modo e o motivo pelo qual as categorias-questões são provenientes do acontecimento poético-apropriativo.

Para tanto, ouçamos uma colocação, trazida na epígrafe deste capítulo, de Riobaldo-narrador em sua circum-inscrição: “[...] mais quero mexer com minhas mãos e ir ver recrescer a massa” (ROSA, 2015, p. 442)... O que Riobaldo quer assim mexer com as mãos? O trabalho de suas mãos, ou elas sendo trabalhadas, ou sendo meio de trabalho, possibilitam o *recrescer da massa*? É pelo *mexer*, entrando em contato, acontecendo, que

Riobaldo garante a possibilidade de *ir ver*? Ora, o “crescer” é o que surge, aparece e por isso aumenta. E o *recrescer*? Seria então ver outra vez o que surge em sua aparição aumentando pelo próprio *mexer* das mãos?

Enquanto terra provisória, o humano trabalha na obra o que perto dele sempre esteve, no entanto que se mantém na distância, resguardando-se na proximidade desta distância. Que seja isso senão a si mesmo como questão? Riobaldo-narrador *mexe* e *recresce* com suas mãos a terra que ele mesmo, como jagunço que fez crescer a *massa*, é, foi e será, isto é, a “matéria vertente” (ROSA, 2015, p. 92). Não do ponto de vista causal e funcional, da serventia, mas matéria (*mater*, mãe) como a força geradora a partir da qual o humano verte-se para o seu próprio. Assim é que o velho barranqueiro (aquele que atravessa o rio nos conduzindo por esse *grande ser-tao*), narrando para compreender o sentido de sua vida, busca “dar corpo ao suceder” (ROSA, 2015, p. 92), mascarando-se, de vez que sua mão escreve a palavra, escrita entre a fala e o silêncio, do trânsito imutável (da fala ao silêncio e do silêncio à fala), que o aproxima e o retira da impessoalidade.

A impessoalidade nos mantém perto do que é nosso por direito sem nos darmos conta, porque esse tipo de proximidade não nos permite *ir ver recrescer a massa*. É uma proximidade que apenas afasta quanto mais perto é. Narrando, Riobaldo procura outra vez retirar-se dessa impessoalidade, escavando-se e derramando-se na água-rio que é, uma vez que o trans-torno (como veremos no capítulo adiante) é a ação de Riobaldo para tornar-se questão, pois que ele, pela imaginação, é a força que move sua circum-inscrição.

Ora, se Riobaldo-narrador é aquele que quer conhecer a *matéria* que narrará, ele se firma, em *Grande sertão: Veredas*, a partir de uma interpenetração de coisas pensadas que o conduzem ao que lhe é próprio por direito, a saber, a Terra a que pertence. Narrador provém do latim, de *narro*, cujo significado nos diz daquele que dar a conhecer, e assim torna conhecido para outro e para si mesmo (que seja o outro senão si mesmo?), por saber. *Narro*, por sua vez, vem de *gnarus*: aquele que sabe, que conhece por nascer junto do que vem a saber e a conhecer.

Que sabe o Riobaldo-narrador senão o não-saber? O não-saber dimensiona o saber, bem como este provém daquele. Diz-nos Riobaldo que, principalmente, quer nos contar o que não sabe se sabe e que nos conta o que sabe e nós não. Saber e conhecer se inter-relacionam na medida em que, buscando o não-saber, se cresce com (*cognoscere*, conhecer) o saber dessa busca. Se Riobaldo procura, ele já encontra, de vez que,

parafraseando o poema “A palavra mágica”⁴³, de Drummond, a procura de Riobaldo-narrador já se torna a coisa procurada: sentido, ação de se construir no e pelo próprio agir.

Riobaldo procura contar a matéria vertente. Aquilo que se verte, volta-se para onde veio, dobra-se⁴⁴: Riobaldo-narrador percorre, narrando, sabendo do não-saber que busca, o caminho que, quando jagunço, atravessou no *grande sertão*, de maneira a formar não uma, porque percorre dobrando e desdobrando, mais infinitas *veredas*.

Isto significa dizer que, neste dobrar, neste verter, Riobaldo torna-se para a *mãe*, para a Terra, matéria de que é feito, por onde sempre caminhou: “[...] é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe” (ROSA, 2015, p. 92)! O tornar-se *homem humano*. *Travessia*, é tornar-se próprio no entre carne (homem) que está sendo e questão que é para ser e se torna para propriamente apropriar-se (humano), a qual retribui ao ser em travessia (o verter-se ao dobrar, do recebimento à restituição) pelo *transtorno de um imaginar*: retirada das sujeiras no caminho.

A Terra é nossa por direito por que a ela pertencemos e dela somos feitos? Diríamos que sim, quando compreendemos que Terra é vida (*Gaia*), e dela, embora cercados e que a cerceiem, nada pode nos tirar definitivamente, sempre somos nela.

Só que Zé Bebelo queria não ouvir, a seu seguro:

— “Te põe no lugar. Hem? O que eles fazem é que, a estas horas, estão no desembargar, para aquele morro, que é aonde soldados não apertam cerco. De lá toram por esse sul abaixo, via torta; de madrugada já por lá, no Buriti-Alegre, que foram surgir, escrevo. Agora, bem, maximé? – e os soldados? Andam tomando contas daí, que são lugares rededores, salvante a sapata do morro, e dela os pertos – a cava –, porque lá, conforme a boa regra de razão, paravam com os tiros sobre si. Oh, se sabe!” (ROSA, 2015, p. 303)

Daí que o nosso viver (a) vida como doação da Vida/Terra, no tempo que temos e somos, é saber disso que se doa e convoca-nos ao seu retraimento, no entre vida e morte, do viver que se aproxima do morrer, e vice-versa, como podemos ver na imagem-questão do sertão:

⁴³ “Certa palavra dorme na sombra/ de um livro raro/ como desencantá-la?/ É a senha da vida/ a senha do mundo./ Vou procurá-la./ Vou procurá-la a vida inteira/ no mundo todo./ Se tarda o encontro, senão a encontro,/ não desanimo,/ procuro sempre./ Procuro sempre, e minha procura/ ficará sendo/ minha palavra.” (ANDRADE, 2015, p. 854)

⁴⁴ A cantiga cantada por Siruiz, recordada com agrado por Riobaldo (Cf. ROSA, 2015, p. 109), nos dois últimos versos da primeira estrofe, diz: “*vim de lá, volto mais não.../ Vim de lá, volto mais não?...*” (ibid. p. 107, *grifos do autor*). Na segunda repetição do verso, alterando-se por uma interrogação, questiona, sobretudo, o dever da vida “*passada na obrigação*” (ibid. p. 263), verso da cantiga de Riobaldo, de voltar ao principiar, de onde se partiu, se veio, pois.

[...] e muitas idas marchas: sertão sempre. Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados (ROSA, 2015, p. 238).

Sertão – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. Mas, aonde lá, era o sertão churro, o próprio, mesmo. Ia fazendo receios, perfazendo indagação (ROSA, 2015, p. 313).

Só que o sertão é grande ocultado demais (ROSA, 2015, p. 411).

“Esta vida é de cabeça-para-baixo” (ROSA, 2015, p. 127), diz-nos Riobaldo. A cabeça estando em cima é voltada para baixo, no encontro entre céu e terra. A composição lexical justaposta não apenas realça uma integração entre o que aparentemente está posto em pontos opostos: *cabeça* e *baixo*. Diz-nos muito do que seja o *recrescer* quando pensamos ao lado do que seja ser terra provisória e o modo como isso se junta à justaposição de “categorias-questões”.

No narrar, o narrador torna-se vida, porque trabalha a terra que é. Ocorre que esse labor, esse trabalhar, é realizado por meio de dobras e desdobras em torno da mesma questão, daí *recrescer*. O “ser” (da) vida é ser *de cabeça-para-baixo*, não porque meramente inversa ao que se pensa ou ela assim se mostra, mas porque o que se pensa e busca se pensar, no sobrevir da Vida, aprofunda-se em questões. Essas questões revelam um aspecto a ser perseguido “no portal da porta” (ROSA, 2015, p. 123), isto é, no abrir de uma abertura, e ocultando o todo resto importante em questões: “Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta” (ROSA, 2015, p. 100).

Assim, Riobaldo, personagem-narrador, caminhará de lembrança a lembrança, mas estacando⁴⁵ o passo entre pergunta e pergunta. Sempre de ânimo inquieto, cuidadoso, preocupado, recorda sem aderir às lembranças, que o inveterado gosto de especular ideia interrompe; o perguntar dessolidariza-o quase no passado, as interrogações interceptando e também guiando o fluxo da recordação (NUNES, 2013a, p. 200).

O caminhar de Riobaldo-narrador realiza-se no trânsito, na passagem entre lembranças e as questões que daí se percebe porque, tornando-se quem sabe porque não-sabe se sabe, bem como desconfiando do que sabe para saber propriamente neste tornar-se sabedor – “Quem desconfia, fica sábio” (ROSA, 2015, p. 122) –, nosso narrador, interrogando o que surge e aparece, iluminado pela luz do sol (céu), mas ocultado na Terra, aumenta, no sentido de aprofundar, o que *remexe* no *ir ver*.

⁴⁵ Vale explicitar que essas *estancadas* não são definitivas, são *estancadas* que esperam e substanciam para se voltar a caminhar.

O fluxo de sua recordação, então, é o constante ir e ver do *remexer* para *ir ver* o que é iluminado pelo sol (*cabeça*) e que, por isso mesmo, é voltado/dobrado/vertido (*para*) rumo ao escuro/ocultado da Terra (*baixo*) na qual caminha: sendo o sertão “grande ocultado demais” (ROSA, 2015, p. 411), vivê-lo opera-se como “esta vida” que “é de cabeça-para-baixo” (ROSA, 2015, p. 127).

Recrescendo, Riobaldo-personagem *era sendo* entre a disputa (a dupla, *dis-*, tensão entre o manifestar e ocultar no dar-se a pensar, *putare*) do Céu e Terra – “[...] porque a guerra era o constante mexer do sertão” (ROSA, 2015, p. 297) –; recrescendo, Riobaldo-narrador *é sendo* a partir do seu *especular ideia*, de modo que o espaço aberto do sertão propicia o verter-se, voltar-se e dobrar-se⁴⁶ no adentrar (para voltar a ser) no entre da disputa, bem como o movimento dele (do sertão), o seu rodear para os lados manifestando-se outra vez, “entorta” o caminho e o curva a seguir outro vertido/paralelo – “[...] e como com o vento da seca é que as árvores se entortam mais” (ROSA, 2015, p. 297). É pela manifestação das questões que Riobaldo, narrador-personagem, recresce em toda sua vida enquanto pertencente à Vida/Terra. Assim, é atravessando que realiza sua travessia: “Esta vida está cheia de ocultos caminhos” (ROSA, 2015, p. 135).

Isso significa dizer, dentre muitas e diversas coisas ligadas a mesma questão Vida/Terra, que (o) *ser*-Riobaldo é ser esse que – sendo em cima (*cabeça-*) para ampliar seu horizonte existencial nas possibilidades entreabertas pela questão-Diadorim, que o inicia a pôr-se a pensar entre (*intus*) o que escolheu para ser e seguir sendo a partir do que apareceu, surgiu – foi iluminado para assim poder, como buscamos fazer, nomear (*legere*)⁴⁷ – as “coisas que eu tinha de ensinar à minha inteligência” (ROSA, 2015, p. 294); “E, devagar, vinha querendo deixar em mim uma má vazante: me largar em dúvida. Não era? Aquilo eu inteligenciava” (ROSA, 2015, p. 153) –, até o momento em que se deitará sob a Terra/Vida, para a restituição, do seu recolhimento ao oculto (*para-baixo*), sem nunca, porém, deixar de ir sendo: “Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou com ordem e trabalho” (ROSA, 2015, 492).

Ora, sendo “inteligência” o que se compreende a partir do ser entre (*intus*) a escolha (*legere*) do que se decidiu questionar (*me largar em dúvida*), Riobaldo-narrador escolhe ser entre Riobaldo-questão, que não pode ser exaurido e é o que permanece como não-acontecido, e os limites a serem penetrados no recrescimento de Riobaldo-

⁴⁶ A ideia deste “dobrar-se”, relativa ao “verter”/“vertente”, e “rodear” (entendido como “circular”) discutiremos mais detidamente quando tratarmos, mais adiante, da circum-inscrição.

⁴⁷ Flerte com a origem de inteligência, *intus* + *legere*.

personagem, o que dá salvaguarda ao que foi e é tornado como tal no narrador: a interpretação que o narrador realiza do personagem visa, antes, penetrá-lo no que ele é e permanece sendo e que, por isso mesmo, o essencial. É por ele que sabemos e conhecemos as categorias-questões, assim como é dele que sabemos e conhecemos as características delas.

As categorias-questões se interligam e se interpenetram na medida mesma em que são um aprofundamento da questão que o narrador-personagem (se) torna a si mesmo: a apreensão-dos-afetos, sendo a mesma, mas que se diferencia no agir do personagem e do narrador, instaura-se tanto no personagem, que a partir dela se trans-torna em um imaginar, quanto no narrador que, circum-inscrevendo-se, percorre o caminho aberto pelo imaginar para a busca do que lhe é próprio: a mão que Diadorim lhe destina quando se dá a ver na luz sempre ocultada longe, como *Menino Mocinho* – “Ele [*Menino mocinho*] me deu a mão, para me ajudar a descer o barranco” (ROSA, 2015, p. 94) –, como *Reinaldo* – “O Menino me deu a mão [...]. Digo. Ele se chamava o Reinaldo”⁴⁸ (ROSA, 2015, p. 122) – e como *Diadorim* – “– ‘Pois então: o meu nome, verdadeiro, é *Diadorim*... Guarda este meu segredo. [...] E ele me deu a mão” (ROSA, 2015, p. 136, *grifo do autor*).

Diadorim-questão é o segredo que se revela e recua tão somente a Riobaldo, porque é a luz (divina que possui traços diabólicos) que o guia, que tão logo ilumina enquanto tão logo se retrai para o oculto escuro em que nos jogamos junto: “Vi como é que olhos podem. Diadorim tinha uma luz. Reponho: em tanto já estava noitinha, escurecendo; aquela escuridão queria mandar os outros embora” (ROSA, 2015, p. 334).

É Diadorim (-questão) que faz Riobaldo apreender-afetos, trans-tornar-se e circum-inscrever-se. Neste capítulo e nos dois que se seguem apresentaremos isso que nos veio à luz a partir da leitura do romance. Entretanto o faremos tão somente por motivos de clareza, não porque elas dividem o romance em três etapas, e porque nosso movimento pretende ser do personagem ao narrador e deste para aquele, pois o narrador quer compreender o que foi e era para ser propriamente.

Buscaremos abordar também como elas são provenientes do acontecimento poético-apropriativo da obra, ou seja, do homem que se torna humano em e como travessia no Caminho, a fonte, o principiar de tudo, ao sem dobrar.

Posterior a isso, mostraremos como que elas interpenetram e desenvolvem às questões do Amor, Deus, Diabo, Travessia, Linguagem, Humano – o que desenvolve a

⁴⁸ Podemos notar, a este respeito de Diadorim-questão como a que guia Riobaldo em suas travessias, que o artigo definido determina tanto *Menino* quanto *Reinaldo*, realçando sua presença como diversa pelo mesmo.

plenitude, o levar ao *télos*⁴⁹, para que possa, com a travessia consumada, dobrar, quando Riobaldo se desdobra, e nós junto a ele nos desdobramos, para a origem, ao *nonada* do principiar.

2.3. O de-Janeiro: o principiar da travessia (ou, de como Riobaldo é em apreensão-dos-afetos)

“Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo!
Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe,
longe, com que prazo se ir até lá?”
(ROSA, 2015, p. 96)

A partir deste subcapítulo buscaremos mostrar o que seja, como se dá, o modo e como a apreensão-dos-afetos é proveniente do acontecimento poético-apropriativo. Para tanto, deter-nos-emos no “episódio”⁵⁰ do primeiro encontro entre Riobaldo e Menino, sem deixar, evidentemente, de dialogar com outros momentos do romance.

Não que esta categoria-questão se restrinja a este momento, mas sim porque é nele que temos o léxico e a passagem que nos conduziram a especular esta ideia, bem como ele é o *principiar da travessia* de Riobaldo, quando, sem saber, é inserido na questão-Diadorim e ela destina-se nele, destinar-se este que Riobaldo busca compreender na ação mesma de procurar-se pelo sentido que se revela na travessia, o que vige e se mantém

⁴⁹ Estamos aqui utilizando *télos* e “plenitude” como equivalentes semânticos. Pensamos “plenitude” não no sentido de um “estar completamente cheio”, “estado completo”, “atingir um objetivo, um fim”, como se a travessia tivesse uma finalidade. Com “plenitude” queremos dizer da força que intensifica para o retorno retributivo a partir de um “encher-se”. Ora, a maré montante não seria a plenitude de um rio, pois que é momento em que o rio está cheio? E isso seria o fim do rio? Evidentemente que não, de vez que há “um fim com depois dele a gente tudo vendo” (ROSA, 2015, p. 60-61): o rio que se enche, esvazia-se; após doar suas águas ao mar, esvazia-se para a origem, para a foz, para o silêncio, no *trans-verte-se*, no voltar-se a desdobrar. Riobaldo o faz na própria busca, pelo que é realizado plenamente enquanto sentido a ser: o questionar, tornar-se e consumir-se como questão na terceira margem que não é e que o convoca a sê-lo em silêncio. O rio que se enche e seca não estanca seu movimento nessa dualidade, mas se verte para algo que acontece para o que nele não há e que o incorpora.

Isso, pois, vai ao encontro do que diz *télos*, este ponto de atração para o qual tudo o que chega a ser na realidade é em sentido e vigor, deixando vigorar o silêncio e o agir no acontecimento poético-apropriativo: “À presencialização da realidade no que ela é, sendo, é o que se chama *télos*, a realidade se dando em sentido enquanto realização” (CASTRO, 2010).

⁵⁰ Com “episódio”, queremos tão somente situar o momento em que estamos tratando e focando na ação interpretativa que aqui estamos desenvolvendo, tendo em vista o fundar das categorias-questões. Não queremos, assim, delimitar, cortar, recortar e/ou dizer que se refere a algo isolado ou que pode ser isolado sem prejudicar uma compreensão total da obra, o que levaria a uma corrupção da autenticidade circular da obra, pois que não é possível precisar limites na narrativa rosiana. Tanto é assim que, embora focando nos “episódios” (para o caso dos capítulos em que discutiremos a apreensão-dos-afetos e trans-torno), sempre dialogamos com a obra em sua totalidade.

permanente. Nosso caminho (*hodos*), assim, segue o curso e o percurso entre (*meta*) estas re-velações.

Método é uma palavra grega e diz concretamente toda caminhada que o ser-humano faz para atingir seus fins. Isso pressupõe o *agir* e seu *sentido*. O agir e seu sentido diz-se em grego *póiesis*, ou seja, *ação com sentido tendo em vista a manifestação e construção de algo*. Por isso todo nosso *agir* tem um fundo *poético* em sentido essencial. O sentido em sua etimologia significa *caminho* que dá unidade às sensações de todos os *sentidos*. A esta *unidade* ou *sentido* entendemos com *tempo* e *póiesis*, *memória* e *linguagem* (CASTRO, 2006, *grifos do autor*).

É a memória que permite a Riobaldo tornar-se em linguagem, como o tempo permite a vigência enquanto existe sentido a ser percorrido. Memória reabre ao homem humano um tempo que não deixa de vigor e que se verte como possível de ser conhecido no não-acontecido. Assim, o *conhecer* ao Menino foi o que fez, pela primeira vez, Riobaldo se dar conta das questões: “Foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro” (ROSA, 2015, p. 92). Aqui temos o principiar. Não do ponto de vista de um começo que já pressupõe um término, porque aí teríamos um sentido linear-cronológico. O caminho que principia, aberto para travessia – *nonada* –, e levado à sua plenitude, volta ao principiar, à origem. *Travessia*.

Assim é que acontece, de maneira mais ampla, autêntica e originária possível, em *Grande sertão: Veredas*. O tempo é circular porque dinâmico em sua realização, de vez que volta à fonte do *aberto* ao pressuposto “fim” da obra-romance. Sobre isso, Utéza afirma que, no romance,

[...] o discurso, manter-se-á nesta unidade até a lemniscata do infinito, cuja chancela, impressa no final da obra, reúne a última palavra (*travessia*) ao primeiro signo (o *travessão*), que abre a fala de Riobaldo. Ou também, do último signo – o Infinito – à primeira palavra – *nonada*. O visitante não se despediu, o círculo mágico não se desfez (UTÉZA, 2016, p. 27, *grifos do autor*).

Neste sentido, *Grande sertão: Veredas* emerge como uma obra também de travessia infinita, ou de infinitas travessias, uma vez que o (seu) “fundo [...] é além e aquém do azul” (ROSA, 1970, p. 83), isto é, o fim é a que a todo tempo estamos voltando e nos dirigindo, o entre/fundo aquém e além que somos, movimentando-nos em círculo que será eternamente novo a cada abrir da abertura expresso pelo *nonada* enquanto concepção e preocupação ontológicas (MARTINS, 2001, p. 355-356; CASTRO, 1982, p. 139) que nos abre *Grande sertão: Veredas*.

Isso vem a ser manifesto no *primeiro* referido por Riobaldo quanto ao que *um dia, se abriu*. O que assim se abriu por este fato? Diríamos que o real (o surgir) através do Menino (o que encobre): “Do que o que: o real roda e põe diante. – ‘Essas são as horas da gente. As outras, de todo tempo, são as horas de todos’ – me explicou o compadre meu Quelemém” (ROSA, 2015, p. 122-123). Em seu desvelar, revelando-se em cada realidade que deva ser con-sumível por quem a experiencia no próprio ato de circular para assim se integrar propriamente à doação do real, o real garante a possibilidade de caminho, no qual o humano é conduzido para adiante.

Adiante do quê? Do que lhe é próprio. No caso de Riobaldo, desta vereda aberta pelo principiar a partir do “porto do Rio de-Janeiro nosso” (ROSA, 2015, p. 92), em que aquelas horas eram de Riobaldo e *Menino mocinho*, quando então o Rio Capital, qual a mãe de Riobaldo, ali divisou a vida de Riobaldo para o pensar na paridade: “O São Francisco partiu minha vida em duas partes” (ROSA, 2015, p. 257); “Ela [*Bigrí*] morreu, como a minha vida mudou para uma segunda parte. Amanheci mais” (ROSA, 2015, p. 100). Isso significa dizer que Riobaldo aprendeu a receber para agir (pensar, pois, a ação originária cuja força é con-sumar para saber no não-saber), e age para retribuir: pelo nascimento no encontro com o Menino *amanhece sua aurora*; com a morte de sua mãe, *amanhece mais* sua travessia

Disso podemos ver: *paridade*, em Guimarães Rosa, não se refere a algo excludente por um binarismo, como em uma racionalidade que separa criando binarismos, mas sim a uma renúncia, deixar-se ceder ao originário, à unidade que do abismo do vazio – *nonada* – se dá como possibilidade de ir ao encontro do que propriamente lhe pertence.

Desde o local, pelo nome deste, Diadorim, em seu manifestar, já se revela na *paridade*: de-Janeiro. “Janeiro” deriva de Jano, o Deus de duas faces na mitologia romana. Suas duas faces representam transição, transitoriedade entre começo e fim, entre um ponto e outro, entre partida e chegada: porto do Rio de-Janeiro, a passagem para o do Chico, “lugar de passagem por excelência” (UTÉZA, 2016, p. 62). O que assim é transitório se faz por travessia. Não à toa “janeiro” ser o primeiro mês do ano, o qual continua o ciclo entreaberto já pelas primeiras águas ao fim do ano, às vezes dando em novembro, sendo certas em dezembro: “O São Francisco represa o de-Janeiro, alto em grosso, às vezes já em suas primeiras águas de novembro. Dezembro dando, é certo” (ROSA, 2015, p. 93).

Represar, no caso da linguagem de *Grande sertão: Veredas*, significa no sentido de manter junto (*com-*) ao que o segura (*tenere*) porque se destina. Junto a que? Ao *Tao*,

ao Caminho, origem de todas as coisas: “Agora, por aqui, o senhor já viu: *Rio* é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é *vereda*” (ROSA, 2015, p. 71, *grifos do autor*). A *vereda* é o que pode ser nomeada, contudo o *Rio* é o que permanece constante ocultado, em seu ultrapassar, como o Real que se dá nas realidades, mas não é a estas reduzido. O de-Janeiro, o que é contido/represado para ser dado à continuidade nas/das travessias, significa o abrir da abertura e sua inserção no *Tao*, ou seja, no des-velamento das questões (sobretudo Diadorim-questão) e a relação/acontecimento do jagunço com as coisas do mundo no qual Riobaldo é *sendo*, uma vez que o São Francisco “recebe para si o de-Janeiro” em “quase só um rego verde só” (ROSA, 2015, p. 95-96).

O de-Janeiro, como vereda pela qual Riobaldo inicia e é iniciado em seu caminho, integra-se ao São Francisco, que, como origem, principiar, manifesta abertura e doa possibilidade de encontrar seu próprio. A isso podemos juntar o pensamento desenvolvido nos primeiros versos do “Capítulo 1” de *Tao Te Ching*:

O caminho que pode ser expresso não é o Caminho constante
O nome que pode ser enunciado não é o Nome constante
Sem-Nome é o princípio do céu e da terra
(LAO-TSÉ, s/d, p. 4)

O que pode ser nomeado/expresso é aquilo que se deu a ver pelo Caminho, no seu constante dar-se (a ocultar-se). O de-Janeiro, o caminho proveniente do Caminho/São Francisco, entra neste, para além dos fatores físicos-geográficos, porque Riobaldo nele atravessou buscando sua propriedade, tornando o caminho próprio; porque conquistou seu lugar junto ao Caminho quando o viajante se tornou viagem, sempre na paridade. Buscando seu próprio, Riobaldo também nos convida a buscar, nesse diálogo, nosso próprio, o *não* que nos essencia. Essas *paridades* vêm expressas também na esquadria que forma junto ao do Chico:

O de-Janeiro, dali abaixo meia-légua, entra no São Francisco, bem reto ele vai, formam uma esquadria. Quem carece, passa o de-Janeiro em canoa – ele é estreito, não estende de largura as trinta braças. Quem quer bandear a cômodo o São Francisco, também principia ali a viagem. O porto tem de ser naquele ponto, mais alto, onde não dá febre de maresia. A descida do barranco é indo por a-pique, melhoramento não se pode pôr, porque a cheia vem e tudo escavaca (ROSA, 2015, p. 92-93).

A vida finita do homem é doação da Vida/Terra, qual o de-Janeiro é *estreito*, não se estendendo *de largura as trinta braças*. Porém isso não significa dizer que é sem valor, ou que se reduz ao começo e fim. O que é assim finito/*estreito* propicia sentido de ser

quando assumido como tal, pois que (se) devolve, restituindo, o que recebeu para ser na propriedade que lhe pertence, justamente provindo do apropriar-se: *porque a cheia vem vindo e tudo escavaca*. O caminho que foi doado, o porto como partida, *naquele ponto mais alto*, no principiar, pois, é atravessado pelo homem na busca de humanizar-se no percorrer sua aventura sertão a dentro, sem saber onde vai dar – “no meio da travessia não vejo” (ROSA, 2015, p. 41)! –, na *vida* cujo ser é *sorte perigosa*:

*Vida é sorte perigosa
passada na obrigação:
todo noite é rio-abaixo
todo dia é escuridão...*
(ROSA, 2015, p. 263, grifos do autor)

Se o ser da *vida* (humana) é este ser se dando como *sorte perigosa*, isso se deve ao fato de que, não se escolhendo nascer, vive-se o que se destina para ser (vivido) no que se recebeu para viver, de maneira a pôr-se, no constante tentar, para além do limite⁵¹. É esta *noite sendo rio-abaixo*, ao fundo e profundo abismo de ser, que nos insere na escuridão que a luz, em seu iluminar, encobre e que a noite manifesta, cujo porejar das estrelas permitem nomear, uma vez que somente nomeamos o que se revela à luz. Isso é existir como travessia, a qual nos permite procurar e ser a procura do nosso próprio, do nosso tornar-se pelo acontecer poética-apropriativamente por via dos afetos-apreendidos.

Ocorre que é “como ser-no-mundo que o homem existe, e é como ser-no-mundo que chega a ser o que é, no limite insuperável de sua finitude” (NUNES, 1992, p. 121). Se existir, como vimos no primeiro capítulo, na concepção com que estamos trabalhando, diz do questionar que põe para fora, encaminhando para o aberto das questões, e se *ser-no-mundo* diz da relação do entre-ser com o mundo (o horizonte de sentidos), desde sempre existindo, que desenvolve o processo de conhecer (o) mundo e todas as suas coisas⁵², podemos dizer, a partir dessas duas considerações, que o instrumento manuseado e a ser manuseado, partindo da impessoalidade para atingir ao pessoal, a busca pelo

⁵¹ Estamos aqui flertando com os sentidos etimológicos de “sorte” e “perigo”. “Sorte”, do latim *sors*, diz da parcela de vida que se destinou para viver; “perigo”, por sua vez, de *periculum* e *experiri*, que significam, sobretudo, “tentar/tentativa”, e têm em comum o radical *peras*, que significa “limite”, podemos dizer do “tentar superar o limite”, não relativo a algo impossível, mas relativo a algo que, dentro do que temos da parcela de vida, podemos conquistar do que nos é próprio.

⁵² Por exemplo, a arma com que Riobaldo atira e manuseia, nascendo junto com essa relação a habilidade de manuseá-la porque em referência, suporte por onde se reporta, às questões, pois que o “acerto natural assim é de Deus, dom dado” (ROSA, 2015, p. 141), acerto de porejar os significados dados e por outros formados, deixando surgir o vazio e mostrar-se como tal, poroso.

próprio, é meio que assegura, na *sorte perigosa* de viver vida, a Riobaldo seu caminhar a partir do sentido que lhe é (entre-) aberto pelo Menino mocinho:

Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade. Ali estava, com um chapéu-de-couro, de sujigola baixada, e se ria para mim. Não se mexeu. Antes fui eu que vim para perto dele (ROSA, 2015, p. 94)⁵³.

No *de repente*, Riobaldo viu um menino. Ver: não o visível, todavia ser capaz de neste, por este e a partir deste, ver o não-visível que se mostra em um instante e logo se retrai. Nos dois ou três dias antes, Riobaldo, indo pedir esmola, por promessa de sua mãe, não viu este Menino. O não-ver possibilitou o ver. Não apenas porque o Menino *mocinho* fora ao porto do de-Janeiro naquele dia especificamente, mas sim porque, vendo, Riobaldo, agora como narrador, sente a necessidade de nomear – *um menino; menino mocinho* – e descrever – *encostado numa árvore, pitando cigarro; pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade; com um chapéu de couro, de sujigola baixa, e se ria para mim*.

A descrição diz tão somente o que a percepção ótica de Riobaldo viu? Diríamos que não, pois que, em um primeiro momento, ela é meio pelo qual ele se dá conta de alguém que se fez presente – que se faz iluminar – porque antes era ausente. O que insta se perdura: pela sonoridade que persiste em /im/ (*meninino, mocinho, minha, mim, vim*), Diadorim, como também o jovem tatarana, reentra e penetra no narrador, ele é que, narrando, percebe e nomeia *um menino mocinho*.

A ausência diz de algo que esteve e era (*esse*) afastado e/ou longe (*ab-*), fora do campo de visão. Até o terceiro ou quarto dia, o *menino mocinho* esteve ausente, ou seja, longe. Passando a ser visto, presentificou-se, isto é, se deu a ver à frente (*prae-*) de Riobaldo, rindo para este: *ali estava; e ria para mim*. O que esteve longe, fora do campo de visão, inexistia? Evidentemente que não. A circunstância espacial não inibe qualquer manifestação. O nomear aproxima o que era e estava longe, trazendo, ao evocar, para

⁵³ A interpretação que se fará dessa passagem não se reduzirá a uma impressão e/ou subjetividade, embora, aqui assumo, tenha um tom impressionista – no sentido de seguir a luz que se apresentou no instante. Digo que não é porque, como buscarei mostrar, trata-se de alcançar ao *menino mocinho* como um *sentimento* de Riobaldo, isto é, como um ânimo que guia a Riobaldo para sua iniciação no São Francisco, ao descer o *barranco*, com medo, quando o *menino mocinho* a ele dá a mão, e como algo que ultrapassa a Riobaldo, porque este não consegue e não pode ter controle algum sobre Menino mocinho/Reinaldo/Diadorim. Externo ainda que ela, a interpretação, buscará seguir como uma narração do atravessar para apreender-os-afetos, tanto para procurar inserir-se na veia narrativa de Riobaldo quanto para destacarmos o que a esta categoria-questão nos levou a partir do que o menino nos mostrou quando a Riobaldo guiou o olhar. Faremos esse percurso e seu modo também nos dois capítulos seguintes.

perto, entretanto sempre resguardando-o na distância, de vez que, se estiver e ser perto, como poderíamos ver?⁵⁴ Neste instante diríamos: é Riobaldo-narrador que apreende uma realidade e caminha para ela – *aí pois, de repente, vi um menino; antes fui eu que vim para perto dele*.

A ação de apreender diz de um agarrar (*preendere*) ao que nos toma caminhando em direção (*ad-*) dele visto que nos colocamos adiante (*prae*) ao que é agarrado e cresce para além e independente de nós (*hendere*). Vendo que não se mexia, Riobaldo caminhou em direção àquilo que se convocava a ser visto. Ocorre que, antes de ser visto, o Menino já era – *devia de regular minha idade* –, uma vez que, assim como “Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento” (ROSA, 2015, p. 258) seu –, o Menino também, *ali estando* e sendo, se tornava um sentimento para Riobaldo:

Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente, gostei daquelas finas feições, a voz mesma, muito leve, muito apazível. Porque ele falava sem mudança, nem intenção, sem sobêjo de esforço, fazia de conversar uma conversinha adulta e antiga. Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira – só meu companheiro amigo desconhecido (ROSA, 2015, p. 94).

O sentimento “Menino” é algo que ultrapassa o poder de ter controle de Riobaldo, a sua razão, no sentido “racional” que modernamente este termo possui, e o tempo cronológico em que permaneceram juntos, justamente porque guardado no coração – “Só que coração meu podia mais (ROSA, 2015, p. 36) –, tão perto da *coragem* (do latim, *coraticum*, derivado da base verbal *cor-*, o que podemos associar a um agir com o coração, do latim *cordis*) que Diadorim a ele ensinou – “Perto de muita água, tudo é feliz” (ROSA, 2015, p. 36) – ao se doar, como o tempo que não cessa de se doar e unir vida e morte: *Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas*. Aquelas horas ali passadas se tornaram um tempo circular que ressoa em todo ser-Riobaldo, assim como quando Reinaldo revelou seu nome (*Diadorim*) a ele: “Aquele dia fora meu, me pertencia” (ROSA, 2015, p. 136).

⁵⁴ Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2015) fornece um exemplo interessante, que aqui pode nos servir: os óculos, instrumento que trazemos tão de perto de nós, passa a ser longe porque não o vemos, não restritamente com o sentido da visão, mas como coisa que é e está sendo. O resguardar a coisa na distância que ela é, permite que, ao trazê-la para próximo, não perca sua “coisidade”, para que possamos nomeá-la naquilo que a nós se desperta dela a cada vez que a dinâmica dialética da distância aproximativa e aproximação distanciadora é ativada.

O pertencimento daquelas *horas* veio, primeiramente, pelo olhar: *Mas eu olhava esse menino*. Ora, gramaticalmente, o pronome demonstrativo “esse” diz de algo que está próximo da segunda pessoa tanto espacial quanto temporalmente. Assim, o “esse”⁵⁵ aproxima a distância do Menino do tempo da estória para o tempo da narrativa – traz do acontecido para o que está e é acontecendo – ao passo em que distancia a proximidade – do acontecendo para o não-acontecido onde Riobaldo-questão é resguardado por Riobaldo-narrador: “Então eu forcejei por variar de mim, que eu estava no não-acontecido nos passados” (ROSA, 2015, p. 262). Essa dialética se manifesta também na questão que vai se tornando dali em diante, ultrapassando a Riobaldo, tornando-se conhecido pelo (ainda) não-conhecido.

Daí então Riobaldo-narrador dizer, acerca do sentimento que ali estava sentindo (aquilo que se põe constantemente para além do que é visto e conhecido pelo velho barranqueiro) emanado do Menino, que *deseja* que o sentimento-Menino *ficasse*, de vez que renuncia ao controle, desejando *só meu companheiro amigo desconhecido*.

Se o *desconhecido* é aquilo que é para além do conhecido, atravessando-o, sempre possível de vir a ser conhecido por meio da negatividade, ele passa a diferenciar ao *Menino* – *achava que ele era muito diferente* – justamente porque o seu renunciar ao controle, por parte de Riobaldo, é renunciar ao limite do conhecido na convocação que o Menino faz:

Disse que ia passear em canoa. Não pediu licença ao tio dele. Me perguntou se eu vinha. Tudo fazia com um realce de simplicidade, tanto desmentindo pressa, que a gente só podia responder que sim. Ele me deu a mão, para me ajudar a descer o barranco (ROSA, 2015, p. 94).

No perguntar se Riobaldo ia, o Menino a ele se destina, dispondo-se, dando a mão para descer o barranco, rumo ao de-Janeiro, que integra, ao desdobrar-se nele e dele, ao São Francisco – não à toa que *barranco* provém de *barro*, como *barrento vermelho* é cor de São Francisco. A pergunta realizada demonstra a simplicidade, isto é, aquilo que se mostra no que é – *a voz mesma* em sua propriedade da voz, o poder ser silêncio e calar-se, como *calado* Diadorim quase sempre se mantém – pelo próprio abrir-se⁵⁶. A abertura

⁵⁵ O pronome “esse” vem do latim, *ipse*, que significa “ele mesmo”. Poderíamos daí dizer que, como chocador de palavras, o poeta-pensador Guimarães Rosa, na narração de Riobaldo, produz a dialética entre aproximação e distância, de vez que não é, neste episódio do romance, Reinaldo ou Diadorim que são evocados, mas sim o Menino, embora este é convocado junto àqueles dois posteriormente.

⁵⁶ Jogamos aqui com o sentido originário de “simples”, do latim *simplex*, *sine* (sem) *plex* (dobras). No seu mostrar-se, Menino, o que se dá a ver sem dobras, desdobra-se, ocultando-se no próprio ato de manifestar-

é somente uma, e se estende para o sem-fim das questões, que sempre estão perto – o Ser, a Vida, a Morte, o Amor, etc – na distância que se resguardam:

Mas, com pouco, chegávamos no do-Chico. O senhor surja: é de repente, aquela terrível água de largura: imensidade. Medo maior que se tem, é de vir canoando num ribeirãozinho, e dar, sem espera, no corpo dum rio grande. Até pelo mudar. A feiura com que o São Francisco puxa, se moendo todo barrento vermelho, recebe para si o de-Janeiro, quase só um rego verde só (ROSA, 2015, p. 95-96).

Claras são as águas do de-Janeiro – “Saiba o senhor, o de-Janeiro é de águas claras” (ROSA, 2015, p. 95) –, que vão sendo puxadas e recebidas para a imensidão que o São Francisco é em se resguardando. Para se ir ao de-Janeiro, Riobaldo teve de descer, convocado pelo mistério na imagem do Menino, o barranco, dirigir-se ao “barro” ele mesmo. Esta descida no barranco proporciana ao narrador, via apreensão-dos-afetos, outrar-se em um personagem que o deslimita pelo não-ser.

Assim é que Riobaldo, para adentrar e atravessar o São Francisco, assume, antes, estar à margem deste. Todavia, este *estar a margem* – aqui no sentido de não ser integrado ao São Francisco – não é definitivo, é como o *ribeirãozinho*, que pode ser inesgotável para quem nele habita, desde que assumido originariamente – como vereda, onde tem o *ribeirão*-, um caminho de inserção e integração, é via de apropriação em si mesmo –, mas que é *veredazinha* ante ao Rio – o *-zinho* que é o de-Janeiro quando em *esquadria* com o São Francisco, que a tudo muda sendo permanente-mutável; permanente no movimento/movimentar-se, o que é em se tornando ilimitado na medida em que é sobredeterminado pelo que não-é: o homem humano para tornar-se renuncia ao que é para não-ser na margem originária, desconhecida, a que não se apresenta e no entanto convoca.

O São Francisco, o que não-é, o vazio que entreabre possibilidades na *feiura* de ser encoberto, reclama para si as veredazinhas, por onde encontramos o “bêco para a liberdade se fazer” (ROSA, 2015, p. 254), bem como se entre-abre ao se desvelar no de-Janeiro: “Tudo é e não é” (ROSA, 2015, p. 22); “Sertão: estes seus vazios” (ROSA, 2015, p. 37).

O rio do principiar de Riobaldo, por via/ação do Menino mocinho⁵⁷, é o de-Janeiro, pelo qual, saindo do *vivimento* comum, ainda que com medo, desejando voltar à

se, isto é, vigora como o que é no que parece e aparece a cada desvelação (o desdobrar-se) sua: como Menino, Reinaldo, Diadorim.

⁵⁷ A própria relação, ainda que indireta, existente entre a mãe de Riobaldo e Diadorim, como Menino, dirá Utéza (2016, p. 63), expressa que o Menino-Diadorim é quem constitui, no caso do episódio da passagem do de-Janeiro ao do Chico, o polo ativo, *yang*, sendo aquele que guia o ânimo de Riobaldo na travessia do

segurança aquém do porto, às certezas de onde as repostas bobeiam, vai em busca de si mesmo ao ir *canoando* a *feiura* do imenso e largo São Francisco no “bambalango”⁵⁸ das águas”, cuja “avançada enorme roda-a-roda” (ROSA, 2015, 97) do real que “roda e põe diante” (ROSA, 2015, p. 122) a Riobaldo a sua questão nas manifestações de um mundo originário:

Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo (ROSA, 2015, p. 136).
[...] e muitas idas marchas: sertão sempre. Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo (ROSA, 2015, p. 238).

A imagem da canoa, ao descender o barranco, reporta-nos a isso na medida em que ela está *quase sem água e nem lama nenhuma no fundo*, isto é, sem ainda ter atravessado praticamente nenhuma água, seja de qual rio for⁵⁹: “[...] e nós escolhemos a melhor das outras [canoas], quase sem água nem lama nenhuma no fundo” (ROSA, 2015, p. 94). Ora, a melhor das outras canoas é aquela que precisa da força do coração, da coragem. Por três vezes, sendo na terceira intensificada, o Menino-Diadorim diz a Riobaldo que se

Chico (Cf. ROSA, 2015, p. 335), cuja ação é motivada pelo coração/coragem (*cor-*) – no primeiro ensinamento, por parte de Diadorim, de que *é preciso ter coragem sempre* –, ficando Riobaldo a se manifestar como o polo passivo, *yin*, receptivo, de vez que Riobaldo foi, por mando da mãe, *Bigrí*, “cujo nome é uma deformação de *Brighid* (a grande deusa Mãe do panteão celta), e cuja residência com o de *Sirga* remete poeticamente ao cordão umbilical” (UTÉZA, 2016, p. 237), pedir esmola, ou seja, fora receber, passivamente, o que o outro lhe der.

Será, dirá ainda Utéza (2016), o Menino quem romperá com o cordão umbilical, mesmo por intermédio da mãe após a morte, “num dezembro chovedor” (ROSA, 2015, p. 100), ou seja, em uma passagem para um outro começo, pois que com isso a vida de Riobaldo muda para uma segunda parte, para a parte da perseguição (em latim, *persequere*, perseguir diz de uma ação de seguir, ou seja, percorrer, até encontrar, no caso em questão, reencontrar ao Menino) quando então amanhece mais, isto é, a luz clareando a jornada, demarcando o caminhar errante de Riobaldo, cheio de fugas que resultam no encontro consigo mesmo na medida em que o encaminham para o destino comum de/ao encontrar Reinaldo.

⁵⁸ Aqui vemos o modo pelo qual o Caminho vira de “cabeça-para-baixo” o mundo de segurança de Riobaldo, pois que o neologismo “bambalango” é formado por um “amalgama de bambaleio e balango (f. pop. de balanço)” (MARTINS, 2001, p. 62), ou seja, no intenso avançar (*avançada*) das águas que põem para (a)diante (pro-duzem), o São Francisco arrebata os significados de um mundo que foram construídos não por Riobaldo, mas por uma tradição que repeliu ao Ser e ao Caminho, seja pelo avanço e consolidação da maquinação do homem e das coisas – “Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?” (ROSA, 2015, p. 145) –, seja pelo encobrimento da questão do/de Ser – “Agora, o mundo quer ficar sem sertão. [...] Se um dia acontecer, o mundo se acaba (ibid. p. 241) –, mas que, pelo questionar de cada um (*acaba?*), na solidão, deixa que ele, o sertão/ser-tao, a questão no/do Caminho, permaneça sempre, quer queiramos ou não: “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador” (ibid. p. 19); “O senhor faça o que queira ou o que não queira – o senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação do ar. Porque o sertão se sabe só por alto” (ibid p. 432).

⁵⁹ A expressão “quase sem água” nos remete a uma compreensão de que já nascemos junto de um mundo cujos significados já estão aí, construídos por uma tradição, maneiras de ser que, não se questionando, geram a impessoalidade. Entrar nessa canoa *quase sem água* é atravessar esse mundo de significações a fim de, a partir dele mesmo, retirar-se das significações alheias, e para tanto nasce, no *medo pavor* que isso provoca justamente pelo mistério que se nos apresenta ao adentrar nesse Caminho: “Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério” (ROSA, 2015, p. 60).

carece de ter coragem para se seguir na travessia do São Francisco, o qual vai *se moendo todo barro vermelho* (trabalhando e trabalhando-se o barro que todo humano é), na *sem espera* de Riobaldo, isto é, com a força do inesperado puxando e recebendo a partir da abertura que a espera promove⁶⁰: “[...] – ‘Carece de ter coragem...’ – ele me disse” (ROSA, 2015, p. 97); “[...] – ‘Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem...’ – ele me moderou, tão gentil” (ROSA, 2015, p. 99).

A posição de Riobaldo também a isso nos remete, uma vez que ali estava nascendo no ser-tao – “Sentei lá dentro, de pinto em ovo” (ROSA, 2015, p. 94-95) – pelo calor das mãos do Menino – “Era uma mão bonita, macia e quente” (ROSA, 2015, p. 95) – ao destinar-se nele, chocando-o: “Eu estava indo ao meu esmo” (ROSA, 2015, p. 95). As questões é que, ali, estavam a ele se mostrando no *bambalango das águas*, a Travessia no Rio, a *physis* doando o que a *poiesis* deverá con-sumir e viger, o homem referenciando-se ao Ser através desta: “Aí o bambalango das águas, a avanção enorme roda-a-roda – o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio. Aquele, daquela dia” (ROSA, 2015, p. 97). A avanção enorme do Real roda-a-roda da realidade que estava ali sendo vivida, para ser levada à sua plenitude ao ser outra vez vida pelo não-acontecido, e assim retornar à origem, ao Um, ao princípio.

Indo a seu *esmo*, Riobaldo estava indo ao encontro de si mesmo, ao que lhe era destinado, ao que sempre *era* perto dele a vida toda e ainda não sabia. O jovem Tatarana atravessava para ir ao que nele se destinava à medida que ele a esse chamado obedecia, realizando-se na liberdade de ser destinado⁶¹. Essa atitude expressa um caminhar entre, sem espera, a imensidão, na largura do Caminho-Chico com o “medo imediato” que tinha, junto à “tanta claridade do dia” (ROSA, 2015, p. 96) que provinha do rio e dos olhos do Menino: “Eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz” (ROSA, 2015, p. 97).

O ver de Riobaldo, agora, já saiu (ainda que, após esse advento, permaneça por um tempo na impessoalidade) da visão óptica, do ver para nomear e descrever. Não que esses dois não sejam importantes, pois que foi pelo nomear o que se deu a ver e pelo descrever que vai sobre o visível que Riobaldo passa a perceber aqueles olhos (do Menino

⁶⁰ Sobre isso, Heráclito (1991, p. 63) nos diz: “Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso”. Isso significa dizer justamente que o *sem espera*, porque não nega ao esperar, a ação de entregar-se ao que vier da abertura, já pertence ao que assim é esperado, o acontecimento de algo que está porvir, o aprendizado disso que aqui estamos buscando narrar, apreender-os-afetos para acontermos junto a Riobaldo.

⁶¹ Sobre o sentido originário de “obedecer”, Leão nos diz: “Obedecer não é cumprir ordens. É ob-audire, ser todo escuta de vigor desta liberdade” (LEÃO, 1977, p. 239), isto é, da liberdade de buscar o que lhe é próprio, no caso de Riobaldo, não apenas a si mesmo enquanto questão inesgotável, mas a sua travessia para tornar-se homem humano como e em travessia a partir de todas as suas especulações no narrar (-se).

e/ou do rio?), neles voltando enquanto durar o episódio, de maneira a se aprofundar no que viu e entre-viu no escuro que a luz sobre-guardava⁶² e resguardava⁶³:

[...] e os olhos aos-grandes, verdes (ROSA, 2015, p. 94).

Olhei: aqueles esmerados esmarteres olhos, botados verdes, de folhudas pestanas, luziam um efeito de calma, que até me repassasse (ROSA, 2015, p. 95).

Eu vi o rio. Via os olhos deles, produziam uma luz (ROSA, 2015, p. 97).

[...] os olhos, eu sabia e hoje ainda mais sei, pegavam um escurecimento duro (ROSA, 2015, p. 97).

Vendo o Rio, Riobaldo viu ali, no pertencimento daquele dia, qual no resumo de um dia de vida d'um grande burrinho pedrês – “Mas nada disso vale fala, porque a estória de um burrinho, como a história de um grande homem, é bem dada no resumo de um só dia de sua vida” (ROSA, 2016, p. 27) – a concentração, ciclicamente, do acontecimento do homem na aventura para se tornar, a cada vez mais, humano. Desta forma, o “dia envelhecia” (ROSA, 2015, p. 290) o que em sua vida de jagunço, de *sertão*, iria encontrar e viver, de vez que ali amanheceu sua aurora, pelos olhos *esmarteres/vivos*⁶⁴ que irão animá-lo em sua vida – “Amanheci minha aurora” (ROSA, 2015, p. 97) – na travessia que naquele dia se resumiu, como devendo se entregar ao que estava para ser. Isso é o que escutamos da cantiga do canoeiro: “[...] ‘... *Meu Rio de São Francisco, nessa maior turvação: vim te dar um gole d'água, mas pedir tua benção...*’” (ROSA, 2015, p. 97, *grifo do autor*).

Que seja esta cantiga senão uma máxima compreensão de que, provindo tudo do Rio, tudo a ele retornará como agradecimento? O gole d'água dado é o viver a vida

⁶² Estamos aqui utilizando “sobre-guardava”, justapondo os termos, apenas para intensificarmos a ideia de que, sendo Menino-Diadorim que guia o ânimo de Riobaldo – “Diadorim, o Reinaldo, me lembrei dele como menino, com a roupinha nova e o chapéu novo de couro, guiando meu ânimo para se aventurar a travessia do rio do Chico” (ROSA, 2015, p. 335) –, a luz que mostra o caminho no e para o Caminho, ele também, como questão, mostra-se no e a partir do escuro, como na própria dialética dos olhos (na citação a seguir do texto corrido), em que, assim como os olhos *produziam uma luz*, também *pegavam um escurecimento duro*.

⁶³ Em seu étimo, “perceber” também nos encaminha a pensar isso: agarrar-se (*capere*), “pegar-se” à luz que indica escuridão, de maneira a ir dando voltas (*per-*) para buscar além, sem deixar de partir do aquém, ou seja, não apenas “cortando”, “através”, como comumente se pode dizer do prefixo *per-*, mas indo para frente sempre com o olhar voltado para trás.

⁶⁴ Um dos sentidos de *esmarter* é “vivo”, conforme Castro (1982, p. 104) e Martins (2001, p. 200). O que é vivo são os olhos do Menino-Diadorim, de onde, principalmente, no todo do romance, sobressai-se o tom de Diadorim enquanto *dádiva/dóron* que se destina a Riobaldo. Assim, embora que Diadorim-personagem morra, continua vivo enquanto questão a Riobaldo esses olhos que se mostram na cor verde para ocultar (poderíamos aqui ainda dizer, ainda que brevemente, que “cor” e “ocultar” possuem a mesma raiz indo-europeia *kel-*, que significa “esconder”, “ocultar”; assim, que seja a cor senão um constante ocultar: “Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice [...]” (ROSA, 2015, p. 240)

restituída e retribuída à Vida; a benção pedida é o agradecimento pela vida em acontecimento.

O ir de Riobaldo, já dissemos, é guiado pelo Menino. É pelas mãos dele que se sente “o que o corpo a próprio é: coração bem batendo” (ROSA, 2015, p. 122). Um desses sentimentos é o medo que vem a ser acalmado pela mão do Menino. Contudo, aqui, o medo é indício de um desejo de Riobaldo por não sair das canoas já usadas tantas vezes por outrem por conta de sua ilusória segurança:

Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. [...] Eu tinha o medo imediato. E tanta claridade do dia. [...] Alto rio, fechei os olhos. Mas eu tinha até ali agarrado uma esperança. Tinha ouvido dizer que, quando canoa vira, fica boiando, e é bastante a gente se apoiar nela, encostar um dedo que seja, para se ter tenência, a constância de não afundar, e aí ir seguindo, até sobre se sair no seco. Eu disse isso. E o canoeiro me contradisse: – “Esta é das que afundam inteiras. É canoa de peroba. Canoa de peroba e de pau-d’óleo não sobrenadam...” Me deu uma tontura. O ódio que eu quis: ah, tantas canoas no porto, boas canoas boiando, de faveira ou tamboril, de imburana, vinhático ou cedro, e a gente tinha escolhido aquela... Até fosse crime, fabricar dessas, de madeira burra! A mentira fosse – mas eu devo de ter arregalado doidos olhos (ROSA, 2015, p. 96-97).

Este medo não é, porém, um impedimento, mas o limite para ir ao não-limite, para se aprofundar no profundo Rio, diferentemente das *canoas boiando*. O medo de Riobaldo, de *ter arregalado doidos olhos*, provém não apenas do fato de que ali estava se desiludindo e se desmisturando (ROSA, 2015, p. 128), mas também porque estava sendo levado adiante ao abismo que, ao renunciar, estava sendo conduzido:

Mesmo com a pouca idade que era a minha, percebi que, de me ver tremido todo assim, o menino tirava aumento para sua coragem. Mas eu aguentei o aque do olhar dele. Aqueles olhos então foram ficando bons, retomando brilho (ROSA, 2015, p. 97).

Nilce Martins (2001, p. 38) nos diz que o léxico “aque” significa “força, domínio, magnetismo”. Como força, o *aque do olhar* do Menino empurra a Riobaldo para continuar indo aos *confins do rio*, do outro lado, na outra margem, *longe, longe*, sem ter medida de que *prazo se chegava lá* (ROSA, 2015, p. 96), de vez que é a outra margem que o convoca e puxa a ser no meio. Como domínio, mantém-no, mesmo com o *medo imediato*, dentro da canoa, não apenas porque já estava dentro dela, mas sim porque, como magnetismo, aquilo ali era chamamento, convocação a renunciar ao que dele não era.

Que seja renúncia? Heidegger nos diz, referente ao poema “A palavra” de Stefan George, que ela é a ação de retirar-se de uma antiga relação do poeta com a palavra tendo em vista um entregar-se a uma nova maneira de com ela se relacionar a partir da borda/margem do ser:

Renunciar é re-anunciar. Em sua renúncia, o poeta abdica de sua relação anterior com a palavra. Só isso? Não, abdicando, algo se lhe anuncia, um chamado, que o poeta não pode mais recusar.

[...] A palavra é, ao mesmo tempo, aquele bem a que o poeta se confia e entrega, como poeta, de modo extraordinário. O poeta faz a experiência do ofício de poeta como uma vocação para a palavra, assumida como fonte e borda do ser. A renúncia que o poeta aprende é do tipo de uma abnegação plena, à qual somente se renuncia o que de há muito se vela e propriamente já sempre se consente (HEIDEGGER, 2003a, p. 129-130).

Se se renuncia, Riobaldo, então, con-sumiu? Sim e não. Sim porque a travessia de Riobaldo alcançou sua propriedade “destinamental”, o acontecimento de dar cabo ao pactário. Porém nesse alcançar, algo se dobra, se verte, cuja *esquadria*, como uma encruzilhada, dá-se como uma outra-mesma (porque o que seja a outra senão uma dobra e desdobra da unidade?) travessia para uma possibilidade da possibilidade já con-sumida, e por isso ainda não con-sumida nos não-acontecidos.

Riobaldo, tornando-se narrador, renuncia à possibilidade atingida para conduzir-se à que agora se mostra, na repetição, realizável – daí Riobaldo-narrador se circum-inscrever⁶⁵ repetidamente. Entre o *sim* e o *não*, algo não cessa de adicionar, porque entreabre passagem na paridade: *sim e não*; *vida e morte*; *ser e não ser*, etc. Mire veja: repetição, como o poeta, na visão rosiana, que “se repete, *[pois que]* são idéias e imagens quevolvem à tona por poder próprio” (ROSA, 1997, p. 8). Daí então renunciar para ser e re-anunciar para continuar a vir a ser.

2.4 Renunciar – re-anunciar: apreender-afetos

“O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração?”
(ROSA, 2015, p. 474)

⁶⁵ Trataremos, especificamente, da circum-inscrição no capítulo 4. Entretanto, o que de imediato podemos dizer, é que se refere ao ato de Riobaldo-narrador de se conduzir circularmente, não no sentido de algo mecânico, mas de uma repetição que, dialogando com o que diz Deleuze (1998), se projeta e é transvasada na e pela diferença, de modo a se aprofundar nas questões, sempre especulando para, no acontecimento (do) narrador, da narrativa, inscrever-se a partir do momento em que, no aberto/*nonada*, conta para compreender: agarrar-se junto ao que, na travessia, o toma.

O ser de Riobaldo, a ele pertencente enquanto doação do Ser, cujo sentido procura e se lança a caminho, é a unidade que se desdobra em paridade que a renúncia provoca como experienciação: “[...] o dia vindo depois da noite – esse é o motivo dos passarinhos” (ROSA, 2015, p. 399).

Enquanto acontecimento, a experienciação é entreaberta por força da apreensão-dos-afetos, e assim ela provém do acontecimento poético-apropriativo, porque produz possibilidades (como cada chance de tornar-se próprio e assim buscar-se procurando) a partir da renúncia (Riobaldo renunciando, por via das mãos do Menino, à segurança das outras canoas que não afundam), de forma a estabelecer relação ao que se vela, entretanto que sempre está concretamente presente: Ser-Tao.

Embora ainda não tenhamos explicitado, resguardando para este momento, é, em nossa compreensão, no espaço da narrativa, o sertão, enquanto força de manifestação do Ser e do Caminho, das questões do Amor, Deus, Morte, Vida, Travessia, entre outras, que encontramos o modo pelo qual Riobaldo entra, de forma mais originária, em relação com o Ser, provocando e principiando seu acontecimento poético-apropriativo.

Assim é que o espaço, o sertão, se sobressai no humano em, na e como travessia: “O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente... E – mesmo – possível o que não foi” (ROSA, 2015, p. 424). O ser, acenando, se mostra no seu recuo, no entanto para logo se encobrir no e como abismo; o Caminho, acenando, funda o caminho, para se alargar no horizonte sem fim; o Ser-Tao permite, pelo homem, tornar possível o que antes não era pelo *não*, fundeando a ação de tornar.

Isso se interliga ao que aqui estamos tratando na medida em que pensamos ser a mão do Menino, durante o dia da travessia no do Chico, o lugar/espço que *choca*, porque transmite calor, aquece, conforta e faz germinar na tão temerosa travessia, a Riobaldo, *sentando como pinto em ovo*, para seu nascimento – *amanheci minha aurora* – ao que nele se destina e que é seu por direito:

Ele me deu a mão, para me ajudar a descer o barranco (ROSA, 2015, p. 94).
O menino tinha me dado a mão para descer o barranco. Era uma mão bonita, macia e quente, agora eu estava vergonhoso, perturbado (ROSA, 2015, p. 95).
E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, desse a minhas carnes alguma coisa. Era uma mão branca, com os dedos dela delicados. – “Você também é animoso...” – me disse. Amanheci minha aurora (ROSA, 2015, p. 97).

Diadorim, originário de Riobaldo, acontece como principiar ao unir-se sua mão a de Riobaldo, origem unindo-se ao que se destina, coragem/coração encontrando um corpo para agir/animar: *E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo.*

O Menino chama, declarando, (a) Riobaldo de animoso. “Ânimo” é derivado do latim *animus*, com significados que o aproximam de *anima*, como “alma”, “coragem”. Diríamos que o Menino fala: “como eu, você também é animoso”, isto é, cheio de alma, logo, coragem⁶⁶. O que assim carece da coragem da alma? A travessia para tornar-se homem humano. Se a travessia é o que torna o homem humano, isso nos diz que ela é, no caso de Riobaldo, o motivo da renúncia, para a qual a apreensão-dos-afetos vem a ser o motivo para entregar-se ao que o chama à travessia, à origem, ao Uno, ao Ser-Tao em seus acontecimentos: “O acontecimento [poético-]apropriativo é a palavra inicial, porque sua atribuição apropriadora [...] afina a essência do homem com vistas à verdade do seer” (HEIDEGGER, 2013, p. 175, *colchete nosso*), sobretudo porque ele é a “con-vocação da coragem. O acontecimento apropriativo encoraja o homem a se dispor para a coragem e é ele mesmo o encanto corajoso” (HEIDEGGER, 2013, p. 192).

Se o acontecimento (poético-)apropriativo diz da relação que acontece entre o acontecimento do Ser, isto é, o seu dar-se e doar ser (ao homem) para então se essencializar no acontecimento do homem, quando este se assume enquanto entre-ser, como o sendo que é entre-os-seres que dão possibilidades a serem apropriadas porque a ele pertencente a possibilidade de e para (vir a) ser, a apreensão-dos-afetos provém dele na medida em que exige uma ação radical de Riobaldo: renunciar constantemente ao que está dado (os significados já prontos e acabados, a si mesmo, impessoal, como um desses significados) para que, então, sua travessia permita um experienciamento pela tensão entre contar e viver – contar para viver e viver enquanto se conta; viver para contar e contar enquanto se vivencia o não do já vivido em seus vazios pelo espaço-sertão: “Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama

⁶⁶ Mas por quê “como eu”? Os olhos são, outra vez, a chave para essa leitura. Riobaldo, adentrando, como buscaremos mostrar no capítulo seguinte, em seu trans-tornar-se, ou seja, quando reencontra ao Menino, ali nomeado Reinaldo, diz: “Os olhos nossos donos de nós dois” (ROSA, 2015, p. 122). Ora, é pelos olhos de Diadorim que Riobaldo percebe um chamamento. Porém neste chamamento existe alguém a ser chamado e alguém chamando para uma *animosidade*. Quem assim é *animoso*, porque corajoso, ensina a ser também, sobretudo porque, como mestre, também se aprende: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” (ibid. p. 257). Assim é que, porque aprender é agarrar-se ao que o toma (*preender*), ao não-saber, ao Ser, entre outros, estando e sendo em travessia, é que o Menino nasce no Riobaldo, que é *também* inserido no Caminho, de onde nunca se tira o pé: “O senhor faça o que queira ou o que não queira – o senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão” (ibid. p. 432).

clarêia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios” (ROSA, 2015, p. 37). Essa é a coragem da alma, o encanto do Menino.

Riobaldo em apreensão-dos-afetos constantemente é encantado por (pelo) Menino, o que vem a ser referido, nos momentos iniciais do romance, pelo neologismo *delém* – “Diadorim, duro sério, tão bonito, no relume das brasas. Quase que a gente não abria boca; mas era um *delém* que me tirava para ele – o irremediável extenso da vida” (ROSA, 2015, p. 36) –, pois “o poder de Diadorim é ilustrado pelo neologismo *delém*, no qual, além do eco de *delícia* (do latim *lax*: isca, atrativo), encontra-se a raiz latina *delin*o (encantar, amenizar, apaziguar)” (UTÉZA, 2016, p. 262, *grifos do autor*). Martins (2001, p. 151) acrescenta que *delém* significa “atração, sentimento amoroso”, e que pode ler lido como onomatopeia do som de um sino (*dlém*). Podemos notar esta atração como um chamamento, qual o sino chama para a missa, ou para um sentimento de agradecimento ao meio dia, ou mesmo para a atração de um sentido amoroso que ali se apresentava desconhecido e destinamental.

Encantando a Riobaldo, que *também é animoso*, o Menino o chama para a coragem, para desdobrar-se visando atingir o que sempre esteve sem dobras, isto é, o Ser e o Caminho. Mas o encanto também ameniza o medo de Riobaldo para a verdade do ser.

Qual seja a verdade do ser senão o mistério que nos presenteia? A abertura para o abismo que assim se abre? O acontecimento que conduz para o sentido das coisas elas mesmas? A experiencição da palavra que, nomeando, confere ser às coisas, deixando clareado algo que se deu à luz? Essas especulações/questionamentos não querem definir, reduzir e/ou achar solução para a verdade do ser, embora o tom pareça. Tão somente querem levar para uma compreensão fundamental: des-velamento como um modo originário para o ser e seu sentido através de Diadorim, o qual vem a ser a força motriz do acontecimento poético-apropriativo de Riobaldo.

Na travessia no do Chico, Riobaldo manteve-se quieto em sua temeridade de afundar – porque estava em uma canoa de *madeira burra*, cuja essência então é, quando vira, afundar, isso significando um constante despregar-se da superfície – no abismo “sem-fundo em sua profundidade”, isto é, o aprofundamento (nas questões) que, nesse jogo entre sem-fundo e profundidade, o projetar-se ao horizonte-abismo⁶⁷ revela o alargamento do saber da visão e do alcance de cada qual.

⁶⁷ Esta justaposição é apenas para enfatizar o fato que o fundo do abismo nunca alcançamos, sempre se aprofunda, bem como, enquanto fundo, no horizonte nunca enxergamos fim.

Manter-se quieto é a atitude de Riobaldo de renunciar à voz, para mover-se pela não-ação e concentrar-se na escuta do silêncio, pondo-se em posição de escuta, para então falar o que da escuta do silêncio (o que vigora sempre e em tudo, Ser/Caminho/Deus, a Diadorim e si mesmo como questão) pôde escutar.

Isso significa, então, que sua palavra não possui intenção de ser fala pela voz de um “eu” – ou seja, de uma subjetividade, o que viria, assim, deixar implícito dicotomias, e não a paridade pensada pelo poeta-pensador Guimarães Rosa –, contudo de ser fala na, da e pela não-palavra, a que possibilita a palavra ser naquilo que ela pode vir a ser. Essa atitude aprendeu com o Menino, o qual se manterá, dialeticamente, na distância para então se aproximar e se re-inserir em Riobaldo, no dia da travessia primeira, perdurando em toda sua não-ação⁶⁸:

Quieto, composto, confronto, o menino me via (ROSA, 2015, p. 97).
De todos, menos vi Diadorim: ele era o em silêncios [...]. Desde que eu era o chefe, assim eu via Diadorim de mim mais apartado. Quieto; muito quieto é que a gente chama o amor: como em quieto as coisas chamam a gente (ROSA, 2015, p. 378).
O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais (ROSA, 2015, p. 345).
[...] com ele calado eu a ele estava obedecendo quieto. Quase que sem menos era assim: a gente chegava num lugar, ele falava para eu sentar; eu sentava. Não gosto de ficar em pé. Então, depois, ele vinha sentava, sua vez. Sempre mediante mais longe (ROSA, 2015, p. 36).

⁶⁸ Em *Tao Te Ching* temos noção dessa ação pela não-ação, da palavra pela não-palavra: “O Homem Sagrado realiza a obra pela não-ação/ E pratica o ensinamento através da não-palavra/ Os dez mil seres fazem, mas não para se realizar/ Iniciam a realização mas não a possuem/ Concluem a obra sem se apegar E justamente por realizarem sem apego/ Não passam” (LAO-TSÉ, s/d, p. 5). A ação pela não-ação vem a se efetivar como a máxima ação porque em quietude, isto é, em plena moção à medida em que o homem não pratica a ação, mas é por ela impulsionado a agir, quem age para ter/desenvolver a ação não é ele, o homem humano “carnal”, como vimos no momento em que discutimos a desantropomorfização, mas sim o Ser-Tao dado no homem humano-questão.

A não-ação conduz Riobaldo para adiante ao Ser-Tao porque renuncia a fazer (relativo à técnica, à maquinação, à forma na qual se depreende a realização do real na realidade) para então agir, pensar. Pensando, o homem torna-se sagrado, porque ele não se move por si, entretanto segue o Caminho manifestativo do Ser. Poetando, o homem sagrado con-sagra, isto é, sacraliza o que de sagrado há na dialética entre receber para acolher, acolher para devolver, e devolver para restituir.

Todavia, então, como se dá essa manifestação do Ser-Tao no homem humano? Quando deixa de ser impessoalmente, não questionando o mundo já dado, para ser disposição (meio de alcance e local de abertura) a tornar-se questão, ou seja, quando poetando pensa à proporção que, pensando, poeta. Daí a não-palavra ser ação: sua fala é uma fala, como vislumbres, da escuta do silêncio, de vez que, ao passo em que se torna este espaço de abertura, o silêncio que nele vigora leva-o para adiante de sua humanidade, isto é, a difícil e árdua tarefa de tornar-se homem humano, passando de possibilidade a possibilidade, indo para o “seu dia de alta tarefa” (ROSA, 2015, p. 76), para a morte, assumindo-se como este ser-para-a-morte, para o vigorar, pois.

No caso de Riobaldo, tanto narrador quanto personagem, como veremos a pouco com as passagens, quem, sendo silêncio, o manifesta este ser quieto/quietude é Diadorim, desde Menino até o recolher-se à Terra/Vida, questão e personagem, este na morte.

Pelo eco em *Diadorim de mim* podemos ouvir a inserção de Diadorim em Riobaldo. Todavia essa inserção se dá justamente porque a dinâmica pela qual mantém o Riobaldo diante sua humanidade é a dialética que existe entre homem e questão: Diadorim, quieto, mantinha-se distante, entretanto sempre dentro de Riobaldo pelo silêncio que ele era – *Diadorim: ele era o em silêncios* – e o conduzia a se tornar. Na quietude se realiza o chamamento – *dlém... dlém... dlém...* – para o tornar-se, obedecendo, aquilo que não é e que, por isso mesmo, pode (vir a) ser: *como em quieto as coisas chamam a gente*.

Diadorim, além de mais apartado, era *quieto*. E quieto chamava a Riobaldo, porque o amava, na amizade dada: “A amizade dele [*Reinaldo/Diadorim*]⁶⁹, ele me dava. E amizade dada é amor” (ROSA, 2015, p. 137). O amor, enquanto essa ação de doação do que é nosso, é um destino que se tem de pensar e ser, um sendo e tomando ao outro pela apropriação de tornar-se na e pela questão do outro.

Eu queria que ele [*Menino*] gostasse de mim (ROSA, 2015, p. 95).
Era que ele [*Reinaldo/Diadorim*] gostava de mim com a alma; me entende (ROSA, 2015, p. 138)?
Ele gostava, destinado, de mim. E eu — como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim (ROSA, 2015, p. 165).

Tomar conta: apegar-se, tomar o querer – verter-se enquanto questão e assim criar o *poder* àquele que ama e pensa. Em o *poder de amor que eu criei? Minha vida o diga*, podemos ler: amor e pensar se confundem, porque, para saber (da) vida de Riobaldo, tem de se lançar e aprofundar-se no *saber a* Diadorim, experienciá-lo⁷⁰: “[...] o *Reinaldo* – que era Diadorim: sabendo deste, o senhor sabe minha vida” (ROSA, 2015, p. 264, *grifo do autor*). Na ação de doação, este *poder de amor* é o que cria e funda o tornar humano e tornar possível pela ação humana de procurar-se: amor e pensar, também, se co-fundem.

Para amar e pensar é preciso renunciar, renunciar ao saber e querer: “Diadorim me veio, de meu não-saber e querer. Diadorim – eu adivinhava” (ROSA, 2015, p. 257). Para amar e pensar é preciso renunciar, renunciar ao ser que é para pôr-se a caminho do que não é, e assim, amar e pensar significam (e dão sentido a) ser: “Ser dono definitivo de

⁶⁹ Quando deixarmos no texto dissertativo e/ou na citação algo como “Reinaldo/Diadorim”, é para realçarmos a própria confluência que Riobaldo-narrador provoca, isto é, evoca o nome pelo qual conheceu “Reinaldo” e como evoca, enquanto narrador, “Diadorim”. Isso diz, assim, de uma constante tentativa de compreender, através dos nomes, a questão que Diadorim, desde sempre, era.

⁷⁰ “Experimentá-lo”, pela relação entre *saber* e *sabor* já referida no capítulo anterior.

mim, era o que eu queria, queria. Mas Diadorim sabia disso, parece que não deixava” (ROSA, 2015, p. 43). Para amar e pensar, sendo, é preciso renunciar, renunciar ao poder de querer, entregando-se a algo que se lhe destina, não porque imposto, mas porque, no trânsito de questionar para sair – *ex-sistindo* –, indo ao aberto, a algo que lhe quer, destinado, para então (Riobaldo) vê-se em questão, vigorando como tal.

Algo neste caminho Heidegger nos diz:

Enquanto, auscultando, pertence ao Ser, o pensamento é de acordo com a proveniência de sua Essência. O pensamento *é*, isso significa: o Ser se apegou, num destino Histórico, à sua Essência. Apegar-se a uma “coisa” ou “pessoa” em sua Essência, quer dizer: amá-la, querê-la. Pensando de modo mais originário, querer significa essencializar, dar Essência. Esse querer é que constitui a própria Essência do poder, que não somente pode realizar isso ou aquilo mas também deixa uma coisa “vigorar” em sua pro-veniência, isto é, deixa que ela seja. O poder do querer é aquilo em cuja “força” uma coisa pode propriamente ser. Esse poder é o “possível” em sentido próprio, a saber, aquilo cuja Essência se funda no querer. É por esse querer que o Ser pode pensar. O Ser possibilita o pensar. Querer poderoso, o Ser e o “possível”. Como o elemento, o Ser é “a força silenciosa” do poder que quer, isto é, do possível (HEIDEGGER, 1967, p. 29-30, *grifo do autor*).

À frente, adiante (*pro-*) ao que se aproxima, ao que vem (*venire*) de si – o Menino, que se mantém distante, chama a Riobaldo para o próximo –, o Menino/Diadorim a todo instante conduz Riobaldo para que possa, acontecendo a partir do dar-se do Menino/Diadorim e do Ser, ir ao que propriamente é, e isso é acontecimento poético-apropriativo: somente se pode ser propriamente indo ao encontro, pelo chamamento, de quem o chama. Quem assim o chama *pensa nele*, em Riobaldo, apegando-se nele tendo em vista que *toma conta dele*, de seu ânimo, que *pende* este ânimo para o “não” sendo no “sim”.

Pensando, ama, porque então se apegando, agarra-se e toma-se. Riobaldo agarra-se a isso que o toma e o apegando: apreende. Riobaldo queria *ser dono definitivo*, isto é, absoluta e definitivamente (Cf. MARTINS, 2001, p. 151), *de si*. Entretanto, isso seria encerrar-se, por isso Diadorim não queria deixar, porque, dando-se *no* Riobaldo, essencializa-o, ou seja, *gosta destinado* de Riobaldo porque o “quer em poder”, não poder de controle, mas sim *poder* de guiá-lo ao seu próprio⁷¹, o poder de tornar possível o humano-Riobaldo, o

⁷¹ “Poder” é derivado do verbo latino *possum*, que significa, em suma, “ser capaz de”, mas também podendo significar “ter influência” e “ser possível”. Ora, o poder que Diadorim tem em Riobaldo não é o que o possibilita a chegar a ser corajoso, por exemplo? Porém não apenas neste sentido. Como poder de pensamento, isto é, de produzir e possibilitar ação, Diadorim-questão conduz Riobaldo para o entre das coisas, entre amor e ódio, Deus e Diabo, vida e morte, alegria e tristeza. Isso nos diz então que, em sua ação, Diadorim, tornando possível, influenciando (o ânimo de Riobaldo para atravessar o Rio do Chico), movimenta Riobaldo do não ao sim, do não-ser capaz para o tornar-se capaz de.

essenciar-se, desde o *sido*, em Diadorim-personagem – trazido à tona por Riobaldo-narrador e amigo de amor, amizade dada em poder de querer: *a Deus dada* (Cf. ROSA, 2015, p. 484) –, até o que permanece agindo, passando do “não-ser ao ser” (CASTRO, 2014b, p. 200)⁷², como Diadorim-questão, em quem Riobaldo sempre pensa:

Em Diadorim era que eu pensava, de fugir junto com ele era que eu carecia; como o rio redobra (ROSA, 2015, p. 158).
 Por causa que só em Diadorim era que eu pensava (ROSA, 2015, p. 184).
 Conforme pensei em Diadorim. Só pensava era nele. [...] Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim (ROSA, 2015, p. 29).
 Amor vem de amor. Digo. Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é minha neblina (ROSA, 2015, p. 32)...

O que foi – *era que eu pensava* – se manifesta como a propriedade do que é e continuará sendo para além do que se sabe e conhece, para além do que foi revelado, mistério sagrado, isto é, o pensar que pensa o que se oculta e foi ocultado: *em Diadorim, penso também – mas Diadorim é minha neblina*.

Diadorim conduz Riobaldo a todo instante para deixar de simplesmente *estar* no mundo, na circunstância em que vive, mas ainda não se questiona (“não existe?”), questioná-íamos como nos questiona o narrador de “O espelho”), para ser junto ao seu mundo que, questionando, se revela, de maneira que seu *sendo* se constitui na liminaridade entre *ser* e *não-ser*, assim se tornando a imensidão/*latifúndio* por onde passa e cabe ao São Francisco: “O senhor pense outra vez, repense o bem pensado: para que foi que eu tive de atravessar o rio, defronte com o Menino? O São Francisco cabe sempre aí, capaz, passa” (ROSA, 2015, p. 100). Ora, a localidade apontada por *aí* não seria o Menino como espaço de manifestação e manifestativo do São Francisco, do Caminho, do que não-é sendo no que é revelado, o Menino, pois?

Amar e pensar é ser, como ser é amar e pensar: *ele gostava destinado de mim*, pois – repitamos – “amor é a gente querendo achar o que é da gente” (ROSA, 2015, p. 297). Somente se ama com coragem, porque não se sabe, porque é preciso agir com coração, com a alma: *carece de ter coragem, carece de ter muita coragem* – em outras palavras, carece de ter alma, amor.

Amar é renunciar ao controle da razão para atender ao chamado que vem do coração, do sentimento: *Diadorim é um sentimento meu*. A apreensão-dos-afetos é uma

⁷² Jogo com o sentido originário de *poética*, do grego *poien*, agir, que se firma, no homem, pelo e no pensar.

convocação para uma renúncia, a qual visa atender a um chamado: *descer ao barranco, atravessar*:

[...] – “Daqui vamos voltar?” – eu pedi, ansioso. O menino não me olhou – porque já tinha estado me olhando, como estava. – “Para que?” – ele simples perguntou, em descanso de paz (ROSA, 2015, p. 96).
As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim. A razão dele era do estilo acinte (ROSA, 2015, p. 42).

Riobaldo renuncia e re-anuncia porque desde sempre foi convocado por Menino/Reinaldo/Diadorim: como Menino, convoca a travessia no do Chico, Riobaldo renuncia à segurança antes-barranco; como Reinaldo, convoca a integrar-se ao bando de Joca Ramiro, renuncia, como veremos no capítulo seguinte, à impessoalidade em que se mantinha; como Diadorim, convoca ao tornar-se questão, renunciando, como veremos no quarto capítulo, ao que sabe, para contar o que não sabe se sabe (Cf. ROSA, 2015, p. 193).

A paz pacifica: tranquiliza, aquieta. O descanso repousa. O *descanso de paz*, então, seria um modo pelo qual o repouso, a mais plena moção, abdicando-se de fazer para agir/pensar/amar/ser, passa a ser proveniente dessa pacificação: a quietude do Menino, saber e conhecer (*acinte*), transvasando-se à aflição de Riobaldo. Todavia o que se pacifica? No caso de Riobaldo, ele vem a ser pacificado por/pelo Menino na travessia pela/na *feiura*, na imensidão, na largura do Chico, pois que, o Chico sempre passando no Menino, interage e reitera-o pelo encanto provindo das *águas vermelhas*:

Dessa volta, não lhe dou desenho – tudo igual, igual. Menos que, por vez, me pareceu depressa demais. – “Você é valente, sempre?” – em hora eu perguntei. O menino estava molhando as mãos na água vermelha, enlevo, esteve pensando. Dando fim, sem me encarar, declarou assim: – “Sou diferente de todo o mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente...” E eu não tinha medo mais. Eu? O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei –: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome (ROSA, 2015, p. 99).

Riobaldo renunciou antes do *não sentir nada*? Renunciar é um processo, é um constante acontecimento que Riobaldo (menino antes da vida na jagunçagem) é convocado para se relacionar com o que é se mostrando e se dispondo a ele – *E eu não tinha medo mais* –, e Riobaldo-narrador, renunciando, re-anuncia – *Eu?*. Re-anuncia a quê? Ao mesmo Caminho e ao *olhar (d)esse menino*. A isso o prefixo “re-” intensifica,

além de evocá-los, trazendo-os para perto: *O menino estava molhando as mãos na água vermelha, enlevo, esteve pensando*. A água [barrenta] vermelha é do Rio São Francisco. O *ser/é* do Chico possibilita pensar. Como tal, é ela, a *água vermelha*, que, (in)fluindo pelas mãos que estavam nela *se molhando*, propicia ao Menino o *enlevo/enlevar-se*.

No contexto, *enlevo* é condição em que o Menino está se desenvolvendo: [o menino esteve] *enlevo*, tal qual *esteve pensando*. Enlevar é erigir, elevar, porque leve (*levare*) em (*en-*) sua direção: molhando as mãos na água vermelha, o Menino (e)leva o olhar de Riobaldo ao Tao/São Francisco, para o nosso caminho de propriedade – “Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto” (ROSA, 2015, p. 87). O Menino conduz ao que é sem peso, leve, que a tudo enleva quando pensamos a partir dele: ao nada que abre uma vereda, um *ribeirãozinho*. Assim, diríamos que *enlevo* se corresponde com *simples*, sem dobras, pois que sem dobras é o que não é, mas sempre acontece *nonada*.

2.5 O sério pontual da estória: de uma transformação, pesável

“O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei –: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome”
(ROSA, 2015, p. 99).

Nonada. O *nada*, porque abre um *ribeirãozinho*, possibilita [sentir] *uma transformação, pesável*. Não há como sentir (o) *nada*, porque ele não há, entretanto acontece. Há como sentir e pensar, contudo, o que ele (põe em) causa, isto é, o acontecer deste acontecimento que o *nada* é. Se se sente, transforma-se; se se transforma, atravessa-se o (lugar) que foi doado. Quem/o que doou algo a ser sentido e, por consequência, se transformar, foi o nada, força que possibilita tudo, porque princípio criativo.

Assim é que o “nada convoca a presença de uma ausência. Pensá-lo exige pensar a coisa”, uma vez que se “dá sempre *com* e *na* coisa. E isto porque ela não é: está *sendo*, em constante devir. A coisa não é estática: é dinâmica, verbal, pois permanentemente se transforma no curso do tempo” (FERRAZ, 2014a, p. 167, *grifos do autor*). O que está ausente é o que, necessariamente, está distante, fora. Não distante temporal e espacialmente. Distante porque se velou no que aparece para mim na medida em que se

diferenciou deste aparecer no vir à luz (do verbo latino *distare*, afastado, distante, diferente).

Entretanto o que assim vem à luz (do nada) é passível de ser pensado na e com a causa/coisa, porque no tempo se repete, não redundantemente, mas circularmente: *só uma transformação, pesável*. Ora, *pesável* pode ser escutado tanto em uma estrutura frasal no passado como no presente: *era uma transformação pesável*; *é uma transformação pesável*. O sentido/sentir não muda porque continua acontecendo/a acontecer o *não sentir nada*, *só uma transformação, pesável*. Diríamos que ele não muda porque em *pesável* soa-se *pensar* – do verbo latino *pendere*, “pesar”, “pendurar” –, bem como ele mobiliza e desloca Riobaldo, deslocando-nos e mobilizando-nos juntamente, para enredar o que dista no que insta: *será uma transformação sempre pesável*.

Quem “pesa” essa transformação é Riobaldo-narrador, pois em menino sentiu o *coração bem batendo*. Contudo, Riobaldo-narrador somente consegue *pesá-la* porque temporalmente se realiza no por fazer (de si)⁷³: “A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutro galho” (ROSA, 2015, p. 63).

No tempo que é e se realiza (*num mim minuto*), Riobaldo renuncia ao medo, porque ali estava nascendo, embora tenha medo de nascimento, porque as mãos de Menino-Diadorim estavam sendo⁷⁴ influída pelas *águas vermelhas* do Chico, da força que origina veredas, e do verde *esmardeado*/vivo dos olhos do Menino que o conduziu e o limpou para *não sentir nada*. Não à toa, como vimos pouco antes, “a razão” de Diadorim ser “do estilo acinte” (ROSA, 2015, p. 42), isto é, do que age com sabedoria⁷⁵. Agindo com sabedoria, o Menino-Diadorim encaminha Riobaldo a algo que se re-velando estava para ser *pesável* nessa *só uma transformação*.

Que nome dá para este *não sentir nada*? Riobaldo não sabe, eu não sei, não sei, não sabemos – não se sabe, *muita coisa importante falta nome*. O *nada* provoca uma vereda, principia ao de-Janeiro. Nela ocorre uma *transformação*, e esta gera afeto, e afeto, antes de tudo, é verbo, porque mobiliza e é movimento. E assim encaminhamos para buscar dizer (explicitamente) e articular o que compreendemos por e queremos dizer com

⁷³ Embora em contextos diferentes (mas o que seria o diferente senão uma redobra do mesmo?), poderíamos com Riobaldo-narrador questionar sobre ele: “Eu era dois, diversos” (ROSA, 2015, p. 398)? O “eu” como um “outro” se realiza.

⁷⁴ A coisa, provindo do nada, a ele recebendo seu ser, é aquilo que, de algum modo, é e está sendo em sua realização da doação do real.

⁷⁵ “Acinte” provém do latim *sciens*, “aquele que sabe”, derivado do verbo *scire*, “saber, conhecer”.

apreensão-dos-afetos (daí tantas idas e vindas, porque essa *transformação* que ela revela não se esgota).

Afeto, como substantivo, vem do latim, *affectio*, significando “disposição”, “relação”, “modo de ser”, “estado”. Que disposição é essa e quem ou o que dispõe? Que relação e com o que se relaciona? Que modo de ser é esse? Que estado?

Enquanto “disposição”, alguém/algo está disposto porque algo/alguém se dispôs, e dis-por é pôr (enquanto posição) em um entre no qual há um curso e de-curso (*dis-*, como em *discurrere*, discurso). Riobaldo foi dis-posto pela questão que ali na travessia se re-velou, o Ser, o Real, o *Tao*, o Diadorim-Menino.

Chama-se posição à própria eclosão da realidade em cada sendo. Portanto, toda posição se dá em três di-mensões: o limite, o não-limite e um entre, em que o ser chega ao saber e o saber ao ser. Esse entre é o ser humano enquanto o lugar da eclosão e desvelamento da realidade no que lhe é próprio. Nesse sentido, a posição está sempre referenciada ao ser humano, mas onde este não é quem origina a posição. Como ser do entre, nele o ser se dis-põe. Na dis-posição o ser se dispõe, isto é, é ele a origem de toda ação que se dá no ser humano enquanto não há apenas posição, mas dis-posição de sentido. Dando sentido ao agir do homem na dis-posição o próprio ser se dis-põe como sentido, isto é, como *lógos*, linguagem, mundo, verdade. Não é o ser humano que dis-põe, mas o ser que se dispõe (CASTRO: DISPOSIÇÃO, 2, *grifo do autor*).

O ser se dis-pôs⁷⁶ em *uma transformação*, pôs-se em causa nesta *uma transformação*. O Menino dispôs a Riobaldo para receber essa *transformação* que na travessia do Chico aconteceu. Enquanto ação que não cessa de acontecer, a *transformação* é posta em causa/coisa por Riobaldo na medida em que sofre essa *transformação* a qual foi disposto.

Pondo em causa/coisa na palavra que é para ser (Cf. ROSA, 2015, p. 51) e que confere ser a essa coisa (Cf. HEIDEGGER, 2003, pp. 126 e 149), Riobaldo-narrador busca relacionar-se com o que o dispôs à/na travessia do Chico, isto é, com o Menino-Diadorim (questão, pois), e para tanto narra, também dispondo-se, a esse estado de *transformação* que, nunca cessando, o *estar sendo* manifesta contínua e incessantemente como proveniente do relacionar-se com as questões. Aqui visualizamos a condição de possibilidade de verificar a ligação existente entre os significados de afeto/*affectio/affectus* (como substantivos) como “disposição”, “estado” e “relação”.

O que se dis-põem no que é disposto possibilita uma relação com/no que é disposto, e entrar em relação é acontecimento poético-apropriativo: dis-por-se e ser dis-

⁷⁶ Usaremos deslocado com hífen para nos referirmos a essa dis-posição do ser-tao e do real no homem.

posto à relação com o ser em questão. Com o transe/trânsito – sendo este o estado que pelo qual o *estar sendo* projeta-se ao saber das questões que dispuseram a Riobaldo – entre disposição e relação, forma-se o “modo de ser” de Riobaldo, que se refere ao ser na e como travessia, ao verter-se para as questões que o dispõem a ir ao encontro e conquista de ser si mesmo.

Riobaldo-personagem é, pelo narrar, a travessia do sertão junto a Diadorim, a este destinado conhecer para cumprir o acontecimento que se carecia, isto é, dar cabo do Pactário, vingar-se e *frentear-se consigo através do outro*, e nessa travessia vai se conhecendo; Riobaldo-narrador, por sua vez, verte-se para este acontecimento vivenciado para compreender o sentido de ser, saber de sua vida, experienciá-la.

Se verificarmos os significados de *afficio*, verbo do qual deriva *affectio*, encontraremos os seguintes: “dispor”, “pôr em determinado estado”, “em certa disposição”. Riobaldo é posto em *uma transformação, pesável*, estado (no sentido da relação entre estar e ser, que o *sendo* assim se encontra) no qual Diadorim-questão (e as outras questões) o dispôs. No particípio passado de *afficio*, isto é, *affectus*, temos os significados de “afetado”, “possuído de”, “tomado e cheio de”. Neste sentido é que afeto é, antes de tudo, verbo, movimento. Riobaldo (narrador-personagem) passa a apreender este afeto que o invade e o pro-duz: Riobaldo é tomado por uma “dis-posição relacional” que o *transforma*.

Pelo prefixo “dis-” podemos dizer: o curso de Riobaldo para entrar em relação com o ser em seu decurso, isto é, em seu retraimento. Desta maneira, é através (*trans-*) da apreensão-dos-afetos que o modo de ser de Riobaldo é formado (*formare*), porque ele é, em seu modo, ser na e como travessia:

O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei –: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome (ROSA, 2015, p. 99).

Para nós, intérpretes, homens humanos, a apreensão-dos-afetos é também uma convocação para renunciar e atender a um chamado: renunciar à *poeira do cogulo* – o *senhor escute desarmado*. Temos de constantemente apreender-os-afetos que nos transformam quando nos colocam e nos colocamos em causa. Precisamos *escutar desarmados*, daí as três vezes repetidas de *escute* como em um clamor, porque chamamento, de Riobaldo e reiteração indicativa de que é *isto* para ser *escutado*, para

então escutarmos o que ele, em silêncio, diz do que escutou –: *eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável.*

A *transformação* dis-põe a Riobaldo perdurando toda sua vida, por isso o adjetivo *pesável* pode ser lido, gramaticalmente, nos três tempos verbais. A *transformação* que dis-põe um estado contínuo é assumida em seu valor verbal quando temos em vista que em *afflictio* também podemos verificar os significados de “influência” e “vontade”, e *influir* (de *influer*, de onde deriva “influir” e “influência”) é fluir dentro de, lançar-se a, no íntimo, de forma que a vontade é de quem assim flui para dentro: “As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim” (ROSA, 2015, p. 42).

Assim encaminhamos para a “apreensão”, que possui correspondência com o verbo latino que forma a “aprender”, isto é, *preendere*, *prendere*, agarrar ao que o toma e o dispõe, ao ser, ao Menino e à *transformação, pesável* produzida pelo acontecimento dessa relação no estado de estar sendo transformado:

E foi ele mesmo [Reinaldo], no cabo de três dias, quem me perguntou: – “Riobaldo, nós somos amigos, de destino fiel, amigos?” – “Reinaldo, pois eu morro e vivo sendo amigo seu!” – eu respondi. *Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou* para os olhos de velhice de minha mãe. *Então, eu vi as cores do mundo.* Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei (ROSA, 2015, p. 130, grifos nossos).

Não pensamos, outra vez, “apreensão” no sentido de substantivo, mas verbal, ou seja, apreender⁷⁷. Apreender provém do latim, *apprehendere*: “agarrar”, “segurar”, “apoderar-se de”. Começemos por “apoderar-se de”.

⁷⁷ Por que então dizemos “apreensão-dos-afetos” e não algo como “apreender-os-afetos” ou simplesmente “apreender-afetos”, retirando toda determinação que a preposição “de” mais o artigo definido “o” traz consigo? Ao nosso ver, “apreensão”, embora seja gramaticalmente um substantivo, traz consigo a força de um agir que se apropria à medida que se busca compreender que seja o afeto que causa essa apropriação, ou seja, Riobaldo é movido por uma apropriação quando se coloca e assume enquanto entre-ser, pelo ser apropriado para essenciar-se, de modo que essa apropriação é também a ele pertencente a partir do momento em que, sendo apropriado, é também essencializado, pois que se apropria do que lhe é próprio: a doação do ser para ser si-mesmo, próprio.

O ser toma-o (apreende) não porque “pega de volta” o que doou, mas porque, na dinâmica humana de receber para acolher, acolher para se apropriar, e apropriar para restituir, recebe o que lhe é restituído em forma de agradecimento, de maneira que doar e receber complementam-se na paridade.

Assim, com “dos” (de + o) não queremos dizer que algo é estático porque determinado (o), mas que a *transformação, pesável* é concreta porque determinante para a procura por se tornar *homem humano* em, para, na e como travessia. Riobaldo agarra-se à segurança que as questões mobilizam na tão perigosa travessia que é viver, porque sempre se está iminentemente no perigo de esquecer que, além de ser realizado e produzido por questões, é ele mesmo uma questão quando é e se deixa ser pro-duzido por elas e, desta forma, torna-se questão para si mesmo.

Elas, as questões, promovem os afetos. Riobaldo, como, em minha compreensão, nós mesmos somos um ser de-afetos, disponibilizados, como Riobaldo, como e para *uma transformação, pesável*, a qual deve ser acolhida como estado de ser *sendo* a partir de ser na e como travessia. Riobaldo é sendo tomado pelas questões que ele mesmo é, agarrando-se (apreensão) à medida que age, ou seja, pensa, para compreender

Quem apreende-os-afetos é Riobaldo. Com essa *amizade destinada fiel*, Reinaldo apodera-se de Riobaldo, porque nele se destina, pensa, ama e é em sua realização de retraimento, bem como Riobaldo, nesta (dentro) *amizade destinada fiel*, apodera-se de si mesmo na medida em que se agarra a esse destinar-se. É nela que Riobaldo se segura e se sente seguro, porque ela não deixa que ele caia no tão nocivo esquecimento da questão de si (do tornar-se questão ao trans-tornar-se como tal), do Ser, do Amor, que possibilitam a procura pela propriedade (como veremos no capítulo seguinte, com o trans-torno).

Ainda neste sentido, podemos dizer que “apoderar-se de” é também, em outras palavras, “tomar o poder de”. Diadorim toma a vontade de Riobaldo, provindo de seu *não-querer e saber*. Agindo assim, ele acontece tomando o poder de Riobaldo, isto é, seu destino, sua ação e seu modo de agir, possibilitando-o de pensar na paridade. Como Diadorim toma este poder, apodera-se? Colocando-se em frente, adiante, defronte de Riobaldo. *Prehendere* é formado por *prae-* + *hendere* – palavra que se corresponde com *hedera* (*hera*), planta que se agarra para crescer, qual a famosa (e mesmo formosa) “trepadeira”. É “defronte com o Menino” (ROSA, 2015, p. 100) que Riobaldo se agarra à travessia do São Francisco.

Ocorre que, para Riobaldo agarrar-se a isso que dele se apodera, ele tem de ir em direção a ela (à questão, o que está em causa, que o *transforma, pesavelmente*). A isso o prefixo *ad-*, de *apprehendere* (portanto, formado por *ad-* + *prehendere*), exprime e possui um sentido de movimento para o que o toma, aproximação, em direção a isso que nele está e o (trans-) forma. Todavia esse ir em direção se realiza na dialética entre aproximação e distanciamento: somente se pode se aproximar daquilo que, resguardando-se na distância, recolhendo-se tão logo aparece, acena no horizonte existencial. Ir em direção ao horizonte é caminhar para trás, de vez que “pra trás, sempre dá o prazer” (ROSA, 2015, p. 55), do que se viveu e que continua pulsando como acontecimento: “Então eu forcejei por variar de mim, que eu estava no não-acontecido nos passados” (ROSA, 2015, p. 262)

Essa amizade destinada é que *transforma*, justamente porque é através dela (*trans-*) que Riobaldo reporta-se à origem de sua vivência, sua mãe, *Bigrí*, cujo útero, no princípio vazio, o possibilitou e o gerou, trazendo-o à luz. A mãe de Riobaldo é referenciada pelos olhos do Reinaldo pelo motivo de que este, na paridade entre antes e pós cordão umbilical (Cf. UTÉZA, 2016), reacende o nascimento de Riobaldo: *eu vi as*

sua vida de jagunço, seja como personagem (o que desenvolve a ação no tempo da história enquanto é moldado e remoldado pelo narrador), seja como narrador (o qual se verte para, no tempo da narrativa, a ação que ele mesmo, sendo um outro diverso, um dia desenvolveu).

cores do mundo. Não à toa que o local de encontro com o Reinaldo (e reencontro com o Menino) é no *Rio das Velhas*, isto é, das mães, as que dão à luz. Assim, Reinaldo assume o cordão umbilical de Bigrí, porque, tomando sorrateiramente o poder dos afetos de Riobaldo⁷⁸, ou seja, na dinâmica e dialética do pertencimento entre Riobaldo, que procura tornar-se homem humano, e as questões, o faz renascer, e somente se renasce após a morte, a qual é para os vivos (será?):

Agora eu tinha Diadorim assim perto de *afeto*, o que ainda valia mais no meio desses perigos de fato. Sendo que a sorte também prevalecia do nosso lado, aí vi: a morte é para os que morrem. Será? (ROSA, 2015, p. 201, *grifo nosso*)

Afeto, nesta passagem, cujo sentido amoroso desperta-nos para a doação e propriedade que se procura, deixa manifesto o que dissemos a esse respeito, uma vez que é Diadorim a força que põe em causa esse *afeto*, dele emanando, de modo a acompanhá-lo no *meio desses perigos* (do pôr-se para além dos limites na tentativa árdua de conquistar o que é nosso), e o que dispõe no *meio* é o real: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 2015, p. 63). O *Tao*, o Caminho, o São Francisco, seja qual nome ele para nós se mostra e aceita, já era antes e continuará sendo *ele mesmo* (próprio que doa propriedades) depois de nossa passagem por ele. É *no meio* que ele a nós se dis-põe, como espaço de manifestação e realização dessa *transformação, pesável* de e em nossa vereda.

⁷⁸ “Daí, cantei. Mesmo mal, me cantei – por causa que via que, medeando tão grandes silêncios, era que Diadorim tomava mais sorrateiro poder em meu afeto, que não era possível concernente” (ROSA, 2015, p. 404). O silêncio é aquilo que vigora, e o que vigora no homem é o ser em silêncio, o que então age e se dispõe. É para o silêncio que sempre caminhamos, isto é, para a morte, o ocultar-se de toda vida. Ocorre que se morre a cada instante, porque o homem para se transformar em humano há de se verter em, como e para a Terra.

Assim é que, se considerarmos “medeando” como uma corruptela do gerúndio de “mediar”, este significando o que se coloca entre duas partes, porque media, é mediador, Diadorim(-questão) dispõe (a) Riobaldo para pensar o silêncio que ele mesmo é (*daí, cantei; me cantei*) em referência ao silêncio que nele vigora, para aquém e além do tempo de sua vida. Diadorim mesmo é um silêncio, porque vigora enquanto questão, desde sua aparição, isto é, também como personagem: “De todos, menos vi Diadorim: ele era o em silêncios” (ibid. p. 378).

Não apenas isso, podemos também considerar, pelo modo de ser de Diadorim, contraditório e dubio, movente em todas e em suas contradições, de bravo guerreiro e aparência delicada, de divino e diabólico etc, que “medeando” também pode ser lido como uma corruptela de “Medeia” (feiticeira da mitologia grega), como que tornando este nome em um verbo. Dissemos isso porque, etimologicamente, “o nome [*Medeia*] deriva do verbo μέδομαι, ‘meditar um projeto, preparar’” (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA MITOLOGIA GREGA, s/d, p. 181). Ora, o projeto, implicitamente inferido, de Diadorim é encaminhar Riobaldo ao pacto (ao torná-lo corajoso), preparando-o a chefia, guiando-o entre os grandes silêncios (Deus e Diabo, Riobaldo-questão e) não? “Tomou-se café, e Diadorim me disse, firme:// – “Riobaldo, tu comanda. Medeiro Vaz te sinalou com as derradeiras ordens...” (ROSA, 2015, p. 76).

Transformação, pesável (em especial o léxico *transformação* na passagem citada⁷⁹) é a expressão que nos deu possibilidade para pensarmos a apreensão-dos-afetos. *Pesável*, por sua vez, nos possibilitou pensar esta categoria-questão tanto como o acontecimento da renúncia para o trans-tornar-se quanto para o circum-inscrever-se.

Desta maneira, mostramos como a apreensão-dos-afetos é proveniente do acontecimento poético-apropriativo: o agir do ser e/ou o ser agindo se dispõe em um acontecimento (a experiencição da relação) que promove, em Riobaldo, quem sofre esse agir, a busca para o apropriar-se do que lhe é próprio: a travessia, cuja convocação vem a se dar na e partir de uma renúncia, para se encaminhar a liberdade de ser e se tornar – “Como aquela vista [*do Chapadão*] reta vai longe, longe, nunca esbarra. Assim eu entrei dentro da minha liberdade” (ROSA, 2015, p. 379).

Amanhecendo sua aurora, Riobaldo, reencontrando ao Menino, nomeado Reinaldo, volta a ver *as cores do mundo*, no espectro que a cor, como que prima-irmã (etimologicamente) de “ocultar”, põe a ver e a ocultar na memória: “Não me esqueci de nada, o senhor vê. Aquele menino, como eu ia poder deslembrar” (ROSA, 2015, p. 95)?

Riobaldo-narrador não esqueceu porque, enquanto aquele que viveu aquela travessia naquele Rio, a vida e o viver são memória vigorando no sido que antecipa o que será no acontecer do sendo. Riobaldo-jagunço é uma morte para Riobaldo-narrador, pois que vigora como memória vertida no Riobaldo-personagem: “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja” (ROSA, 2015, p. 184)!

Reiteremos uma fala. Para nós, intérpretes, homens humanos, a apreensão-dos-afetos é também uma convocação para renunciar e atender a um chamado: renunciar ao que nos fora posto como arma, à poeira do cogulo – *o senhor escute desarmado*.

A apreensão-dos-afetos é, pois, a via para o experienciar que essa renúncia, como possibilidade, pro-duz para a unidade: “Fui cativo, para ser solto? Um buraquinho d’água mata minha sede, uma palmeira só me dá minha casa. Casinha que eu fiz, pequena – ô gente! – para o sereno remolhar” (ROSA, 2015, p. 355).

Para o trans-tornar-se de Riobaldo-personagem, o imaginado, a apreensão-dos-afetos, produzindo experiencição da renúncia, consiste no constante dar-se a questionar

⁷⁹ No início de minha pesquisa acerca das categorias-questões, intitulei a hoje denominada “apreensão-dos-afetos” como “trans-formação”, sobretudo porque queria preservar o léxico pelo qual ela apareceu a mim. Entretanto, quisemos ressaltar os “afetos” e os sentidos que expomos dele, bem como o modo como Riobaldo se relaciona com eles, isto é, apreendo-os, daí a troca pelo atual nome. O estudo do acontecimento poético-apropriativo da obra, para o aprofundamento da pesquisa, apenas realçou e aclarou a escolha.

para sair da impessoalidade. E isso é existir, dispor-se a encarar o abismo de uma relação a partir de um outro modo, um modo originário e autêntico, para além dos significados que antes tinham: “*é o dizer das águas claras/ que turvam na perdição*” (ROSA, 2015, p. 263, *grifos do autor*). Ocorre que o trans-tornar-se de Riobaldo não acontece assim como de imediato, o caminho para ele é cheio de fugas (como veremos no capítulo seguinte), e ele, o trans-tornar-se, se transborda ao reentrar e se incorporar à circum-inscrição como imagem, imaginação.

Para a sua circum-inscrição, a apreensão-dos-afetos é o chamado para seguir uma jornada, sempre abissal, porque sem fundo na profundidade, rumo ao que, no chamado do que lhe pertence, recebeu para ser e se tornou a fim de verter-se nisso, buscando a compreensão maior, seu acontecimento poético-apropriativo: uma questão pensada na paridade, que lhe transforma e o conduz, constantemente, à restituição de ser homem humano – o ser-humano⁸⁰ que lhe torna homem à procura de, com isso mesmo, tornar-se humano:

Atirei. Atiravam.
Isso não é isto?
Nonada (ROSA, 2015, p. 270).

Em sua circum-inscrição, Riobaldo-narrador traz para si o que foi e era no acontecimento que se deu, vivendo *repetido, o repetido*, rompendo com o tempo linear – *isso não é isto*, ou seja, o que estava longe torna-se perto por meio dos pronomes, na própria desantropomorfização da língua, tornando-se como a linguagem do ser, fundada pelo silêncio, cujo Tempo sempre resguarda em cada temporalidade humana. Não apenas isso, Riobaldo-narrador atira enquanto é alvo de tiros, cujo atirador é o Tatarana, ele que foi e não é. Riobaldo-personagem é arado, vertido – sem deixar de se verter no narrador.

Atirei. Atiravam.
Isso não é isto?
Nonada.
A aragem (ROSA, 2015, p. 270).

Riobaldo, assim, torna-se tempo – *num mim minuto* – que se restitui ao Tempo, de forma a se inserir, a cada vez mais, no mistério que é viajar e existir, sempre se cabendo

⁸⁰ A justaposição aqui é tão somente para intensificarmos que, enquanto humano em transformação, o homem é sendo tanto a humanidade que consome quanto a transformação que aí se promove, de vez que a questão que se torna ao ser *homem humano* jamais cessa e exaure.

em perguntas da pergunta, cujas especulações somente alongam indefinidamente o horizonte.

[...] o acontecimento evocado permanece na realidade pela força da memória, aqui e agora – “até hoje eu represento em meus olhos aquela hora, tudo tão bom” (p. 92). O tempo cronológico que separava o protagonista do narrador foi abolido na Eternidade do Presente, como atesta o verbo *re-presentar*, a tomar ao pé da letra no sentido de tornar presente de novo. Neste presente imutável cristalizado no ser – “e o que é, é saudade”⁸¹ –, a língua portuguesa apõe a nostalgia da Origem: pelo latim *solitate*, raiz etimológica de *saudade*, remonta-se ao grego *holos*: uno. Reintegrado pela magia da lembrança, o uno engloba a totalidade: “tudo tão bom”. Neste contexto, a *saudade* transcende o sentimentalismo: é metafísica (UTÉZA, 2016, p. 74).

Quem sente essa “saudade metafísica” (*metá-physis*), porque entre (*metá-*) o manifestar da *physis* que conduz Riobaldo para além (*metá-*) do sentimentalismo na medida em que é *sendo* junto a (*metá-*) esta que se manifesta como doação de tudo o que há e acontece, as realidades do real, como a que faz surgir e recolhe-se ao mistério (*physis*), ao encoberto – “Surgimento já tende ao encobrimento” (HERÁCLITO, 1991, p. 91)⁸² –, é Riobaldo-narrador em circum-inscrição – a ação do narrador de circular para aprofundar-se a cada vez nas questões. Daí então reintegrar o acontecimento narrado e vivido por Riobaldo-jagunço (o protagonista, primeiro a agir, a atuar) ao acontecimento que o pro-duz a Riobaldo-personagem, questionamento que não é questão: *isso não é isto?* – *eu não sou eu?* Somente podemos ser se imaginamos o que somos e não somos, disseminando e tornando a ser.

3. O Rio das Velhas: o reencontrar (ou, de como Riobaldo é em trans-torno)

“No que se estava, se estava: o despoder da gente.
O duro do dia. A pois, então, me subi para fora do
real; rezei! Sabe o senhor como rezei? Assim foi:
que Deus era fortíssimo exato – mas só na segunda
parte; e que eu esperava, esperava, esperava, como
até as pedras esperam”
(ROSA, 2015, p. 282).

⁸¹ A passagem em questão refere-se à ida dos chefes jagunços, Joca Ramiro, Hermógenes, Ricardão, à fazenda de Selorico Mendes, padrinho (ou suspeito pai) de Riobaldo. Especificamente, ela retrata o momento em que Riobaldo estava no seleiro junto aos jagunços: “Mas até hoje eu represento em meus olhos aquela hora, tudo tão bom; e, o que é, é saudade” (ROSA, 2015, p. 106). Na citação feita por Utéza (2016, p. 74), em comparação com a mesma, mas em edições diferentes, não há a vírgula entre o “e” e “o que é”, talvez por algum equívoco de digitação, por isso aqui quisemos explicitá-la.

⁸² No original se lê: *Physis kryptestai philei*.

Senhor leitor e senhora leitora – quero lhes dizer de um sonho. Isso: tão somente. Uma semente que aqui estou regando. Quero lhes falar de uma imagem que está para além disso que se diz ser a realidade nossa de cada dia: instituída por séculos. De que é tudo aqui e agora. Não é isso: tudo é muito inacabado e variado. Quero lhes falar de um sonho imaginal – na margem que não vemos e somos. Um sonho que escava a realidade e encaminha-nos para lavrá-la e adentrá-la ao torneá-la.

Isso é uma semente de um imaginar. Depois daqui, desta úmida terra, humilde, buscarei mais incompletude. Perdoai-me pela cisão que farei. Foi necessária para mim neste momento. Mas é uma semente. Irei regá-la posteriormente. Irei torneá-la.

3.1 Viver é etcétera: olhar o que não se vê – as cores do mundo no oculto

“Mas o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê; é que nem braços de balança, para enormes efeitos de leves pesos...”
(ROSA, 2015, p. 420)

Com o Menino, Riobaldo aprendeu a nascer, porque *amanheceu sua aurora*, a possibilidade mais originária e própria de atravessar na vereda – junto ao Menino, ao Reinaldo, a Diadorim(-questão), defronte ao “não”, ao vazio, junto ao *sem cheiro nenhum sensível*.

Com Reinaldo, Riobaldo aprendeu a renascer, *vendo as cores do mundo*, e então voltou a (re)pôr os olhos na sua vereda, após as fugas, as quais o conduziram ao reencontro destinado de acontecimento. Ele, o Menino, sol nascendo que *amanhece a aurora* de Riobaldo, ensina-o a olhar a natureza em sua paridade, com os manuelzinho-da-crôa, voando sempre em casal, e com as belezas sem dono, porque pertencente a todos em cada doação:

Foi o menino quem me mostrou (ROSA, 2015, p. 95).

O rio, objeto assim a gente observou, com uma crôa de areia amarela, e uma praia larga: manhãzando, ali estava re-cheio em instância de pássaros. O Reinaldo mesmo chamou minha atenção. [...] Mas, melhor de todos – conforme o Reinaldo disse – o que é o passarim mais bonito e engraçadinho de rio-abaxo e rio-acima: o que se chama o manuelzinho-da-crôa.

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos voos e pousação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava: – “É formoso próprio...” – *ele me ensinou*. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. P’ra e p’ra, os bandos de patos se cruzavam. — “Vigia como são esses...” Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. — “É aquele lá: lindo!” Era o manuelzinho-da-crôa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas,

esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquinho – a galinholagem deles. – “É preciso olhar para esses com um todo carinho...” – o Reinaldo disse (ROSA, 2015, p. 126, *grifos nossos*).

Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim (ROSA, 2015, p. 34)...

O Menino foi o abrir da abertura para Riobaldo, para o mundo-realidade que em si mesmo é. Ele o mostrou ao Caminho e suas águas barrentas; ele o mostrou, encaminhando o olhar de Riobaldo ao manuelzinho-da-crôa, que rio-acima é rio-abaixo, que ida é sempre ida mesmo na volta: direção ao próprio, ao que ainda não aconteceu e que se resguarda ao que é adiante a si, ou seja, a si mesmo, no “passado” que se mostra como desconhecido no porvir do “futuro”.

Assim, Reinaldo não apresenta o mundo pela sua visão de mundo, mas sim ao mundo ele mesmo, realidade originária que nasce no procurar-se (para) tornar (-se) homem humano. Esta realidade vem a ser manifestada na *segunda parte* da vida de Riobaldo, promovidas pelo São Francisco e pela morte de sua mãe. Quem apareceu, mostrando caminho para essa segunda parte, quem estava perto mostrando e sendo via para o que era longe, era Menino/Reinaldo/Diadorim, mostrando-se sempre por duas faces de um mesmo mundo.

Menino, Reinaldo, Diadorim, todos diversos de um mesmo, uma mesma questão, de realidades provenientes dessa questão que eles se tornaram para Riobaldo, ensinam-o a olhar, colocando em causa/coisa o que a natureza mostra, como uma harmonia e reintegração entre os vivos e aqueles que, além de viverem, existem, pois que os animais e as plantas são referências para o encontro consigo mesmo na tensão entre existir e ser-com o outro:

Dôr não dói até em criancinhas e bichos, e nos doidos – não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento (ROSA, 2015, p. 60)?

Ah, para o prazer e para ser feliz, é que é preciso a gente saber tudo, formar alma, na consciência; para penar, não se carece: bicho tem dor, e sofre sem saber mais porque (ROSA, 2015, p. 259).

Olhar para a natureza é ver o que a nós se destina porque somos, também, vivos neste mundo e nas coisas que acontecem sem sabermos o motivo ou estarmos diretamente ligados, pois, “por enquanto, que eu penso, tudo quanto há, neste mundo, é porque se merece e carece” (ROSA, 2015, p. 27), querendo ou não, fugindo ou não, questionando

ou não: “Quem que diz que na vida tudo se escolhe? O que castiga, cumpre também” (ROSA, 2015, p. 183).

Olhar a natureza assim, sem desmedida intenção, contemplando o que há para que possa receber e perceber os envios do que não há de ser assim visível, é também ser-com outros entes que influem em nós modos de ser e pensar, uma vez que, no sertão rosiano, “não há árvore que seja tão só um ente botânico nem animal que seja tão só um ente zoológico. Como naturalista [Guimarães Rosa] descreve-o e como poeta penetra o modo de ser” (NUNES, 2013a, p. 280). Isso significa dizer, pois, que eles, animais e árvores, são também espelhos para o questionamento, para a manifestação e o manifestativo dialético que se desvela velando, do que se aproxima mantendo-se em uma/na distância, em suma, para a referência que Riobaldo busca alçar, enquanto ente/*sendo*, visando entrar em relação com o Ser em seu acontecimento poético-apropriativo:

Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto. Feito os bichos fazem. Os bichos estão só é muito esperando? Mas, quem é que sabe como? Viver... O senhor já sabe; viver é etcétera (ROSA, 2015, p. 87)...

O que é que burití diz? É: – *Eu sei e não sei...* Que é que o boi diz: – *Me ensina o que eu sabia* (ROSA, 2015, p. 329, *grifos do autor*)...

O senhor estude: o buriti é das margens, ele cai seus cocos na vereda – as águas levam – em beiras, o coquinho as águas mesmas replantam; daí o buritizal, de um lado e do outro se alinhando, acompanhando, que nem que por um cálculo (ROSA, 2015, p. 310).

Contemplar a natureza, coisa aprendida com Diadorim, possibilita a Riobaldo aprender a pensar na paridade, como no ensinamento do dizer do burití “*eu sei e não sei*”, pois que sabe que não sabe, autodeclarando-se como ignorante, e isso permite a Riobaldo-narrador ver a partir do escuro (Cf. ROSA, 2015, p. 256), de onde provém a luz, como o dizer provém da escuta do silêncio e para o silêncio se encaminha e é por ele entre e interpenetrado: *as águas levam [os cocos] – em beiras, o coquinho as águas mesmas replantam*.

Saber que não sabe, lembrando-nos do ensinamento taoista⁸³, é a maior virtude, de vez que se pode saber propriamente (pois que se conduz para agarrar-se ao saber que

⁸³ O “Capítulo 71” de *Tao Te Ching* nos diz: “Saber do não-saber é sublime/ Não saber do saber é doença” (LAO-TSÉ, s/d, p. 74). Isso significa dizer, sobretudo, que se assumir como “ignorante”, aquele que não sabe, mas que, com isso, sabe que não sabe, sabe-se genuinamente. Como na tão famosa frase socrática “*só sei que nada sei*”, o não saber dimensiona o que pode vir a ser sabido, porque o não saber se nos mostra inesgotável, como o Tao/Caminho/Rio: “Mas o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê” (ROSA, 2015, p. 420). O Ser e o Tao, como que se co-fundindo no sertão/ser-tao, estão sempre *movimentante* dentro de Riobaldo, de seu ser e seu caminho-vereda, assim como sempre *movimentante* para além do horizonte, ultrapassando, pois que é inesgotável em si e em suas doações.

do não saber deriva) não por meio do racional, mas por força das manifestações, as quais vêm a ser questionadas nas tantas especulações e indagações de Riobaldo. Estas se resguardam na outra margem, diversa, contudo propriamente a mesma, da que se estava e se intentava chegar: “Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso” (ROSA, 2015, p. 41)?

Mas o que isso tem a ver com o que aqui, pelo título deste capítulo e pelo que antes avisamos, discutiremos? O trans-torno somente é possível pela via desses animais e árvores? Não. É que isso significa, com Reinaldo-Diadorim guiando, a aceitação de Riobaldo para *ver as cores do mundo* originariamente, imaginando-as, isto é, ele parte da fonte que o doou sentido a ser perseguido e questionado, porque somente questionando se compreende e se chega ser travessia: “Originário significa aqui aquilo a partir de onde e através do que algo é o que ele é e como ele é” (HEIDEGGER, 2010, p. 35).

Não bastaria tão somente dizermos isso? Outra vez não. Porque então não haveríamos de ver o modo como isso é trans-tornar-se. Por que não dizemos, de vez, o que é então (o) trans-torno?

Ainda não queremos responder a isso, mas sim adentrarmos. Contudo, apenas para aliviados ficarmos, não é relativo ao termo médico – se bem que é um acesso para a nossa loucura, não porque (tão somente) agindo sem razão (no sentido de “racionalidade” que este termo exprime modernamente), porém porque nos com-penetramos no que é sem fundamento, somente o abismo sem-fim que nos jogamos. Que fundamento há para acreditarmos em e clamarmos por Deus, a algo que, lembrando da formosa canção “Se eu quiser falar com Deus”, composta por Gilberto Gil, ao final do clamor, chegaremos a nada e, paradoxalmente, ao encontro com o que somos *demais*, isto é, *o silêncio*? “Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas” (ROSA, 2015, p. 25).

No esperar dos bichos – questionado e, assim, afirmado, porque se estabelece a paridade entre questão e coisa questionada –, Riobaldo invoca o que eles ensinam: que somente se sobe, ascende⁸⁴, transcende, isto é, de partirmos de nossa condição rumo ao

⁸⁴ Poder-se-ia fazer menção, relativo à ascensão, à procura de Riobaldo de voltar-se em direção à Deus, como bem trabalha Heloisa Araújo (1996) no seu *O roteiro de Deus*, comparando à *Divina Comédia*, de Dante, ou seja, de reintegrar-se ao originário, ao Um, vendo, “no relato de Riobaldo”, que inferno e purgatório/Paraíso terrestre, são dois lugares que “se justapõem horizontalmente” (ibid. p. 24), e que, desta maneira, são acontecimentos que se sucedem para realizar o caminho em direção a Deus pela própria experiência de ser homem humano, de sentir ódio e amor, tristeza e felicidade, desejo de vingança por uma traição, mas também tentativa de expurgar, no inferno que é no homem humano, em seu sofrimento, a

que podemos vir em nossa propriedade, entre-sendo e sendo-com os bichos, as árvores, os outros, as realidades: “Passarinho cai de voar, mas bate suas asinhas no chão” (ROSA, 2015, p. 137); “Mas, também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta” (ROSA, 2015, p. 259)!

O trans-torno é o erigir-se após a queda na impessoalidade, é o retirar-se desta, renunciando ao que está instruído para buscar ser a partir do *não-saber e querer*, da paridade e do questionar(-se). Daí que somente sendo-com Diadorim, mantendo-se na proximidade distanciadora e/ou distância aproximativa, é que Riobaldo pode ser propriamente: “Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa” (ROSA, 2015, p. 25).

Para tanto, ele teve de esperar, pois que faltava a ele a convivência com o outro que é espelho de si mesmo (lembrando-nos da estória rosiana), isto é, Diadorim.

3.2 Via para o ser si-mesmo: renunciar e ser questão na *soleira da porta*

“Acho que eu não tinha conciso medo dos perigos:
o que eu descosturava era medo de errar – de ir
cair na boca dos perigos por minha culpa. Hoje,
sei: medo meditado – foi isto. Medo de errar.
Sempre tive. Medo de errar é que é a minha
paciência”
(ROSA, 2015, p. 159)

O “episódio” que nos revelou essa categoria-questão é o do reencontro com o Menino, nomeado ali, como que provisoriamente, de Reinaldo. Nele encontramos o léxico “transtornar” como verbo, em uma passagem que nos mostrou que seja, propriamente, um “transtornar-se”.

Partamos da impessoalidade de Riobaldo. Fizemos algumas menções antes ao trans-torno como o retirar-se da impessoalidade. No entanto não esclarecemos que seja um e outro. De certo modo, nos desviamos porque ainda estávamos nos preparando para tal trans-torno, embora já estivéssemos, desde o início de nossa travessia, sendo-com o

própria traição, causa da separação do homem de Deus e vigência do Diabo. Buscar ascender é, pois, realizar a travessia no real e nas manifestações do homem e de Deus, e do que não-é porém que se vive no homem.

Isso pode ser relacionado, em certa medida e dada as devidas proporções, ao que Heidegger (2003b) disse ser o *último Deus*, isto é, a reiteração do humano em Deus, o acontecimento apropriativo existente entre homem tornando-se humano pela apropriação de Deus. Não é o caso de dizer que Deus é homem, pois que este morre e finda seu ciclo, mas de dizer que questionar a Deus é recolocar o humano na sua sacralidade em relação a Deus e sua vigência no homem humano, daí então ascender a um *falar com Deus*, não sobre: “Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima” (ROSA, 2015, p. 87).

trans-torno de Riobaldo. Tivemos/temos de acolher o chamamento da apreensão-dos-afetos para nos trans-tornarmos.

No primeiro capítulo mostramos o humano, a partir de Riobaldo, como entre-ser. De um modo geral, Riobaldo assumir-se como entre-ser significa dizer que é aquele que põe a todo instante o seu próprio ser em questão, tornando-se essa tal questão para si, e assim estabelecendo uma relação ontológica.

Diz-nos o Heidegger (2015) que o entre-ser é, enquanto a estrutura de realização do humano, um ente especial justamente porque é capaz de alçar-se ontologicamente, capaz de estabelecer relação com o ser na medida em que o homem, assumindo-se como tal, pensa. Pensar é um ato de questionar e deixar-se tomar por algo que está para além de comprovações, que é sem fundamento, mas que sem ele, sem o pensar, sem o pendurar-se para o movimento do não ao sim, não se pode atingir a procura, a *ser-se* o que (se) é.

O homem, entre-sendo, sendo o ser dos entres, não almeja respostas, antes quer a dúvida porque o orienta para a investigação. O homem, entre-sendo, renuncia constantemente ao que é enquanto acontecimento da doação do ser. O entre-ser é a possibilidade de ser o que ainda não é e que ainda pode vir a ser. A escolha de deixar o que é em perpétua investigação, é tornar-se abertura para o des-velar-se do ser, o qual dá possibilidades após possibilidades, em ciclo sem fim até o fim da existência no recolher-se à morte: “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja” (ROSA, 2015, p. 184)! É este *eu* que, lançado pelo ser, vem a ser pensado pelo *sim*, *sou eu (fui)* e pelo *não*, *não sou eu* (não fui).

Riobaldo renuncia ao que foi para tornar-se propriamente o que é, porque somente questionando o que foi e é pode deixar-se ser na antecipação do que será: questão. Não o ser é sê-lo, porque o seu *sendo* assim se manifesta e realiza: entre-sendo ser e não-ser, era e não é, é e não mais será, ainda não é e será – nisso tudo, nos lados da paridade, mantendo-lhe assim livre, *Deus esteja!*

Contudo para assim conquistar ser, Riobaldo teve primeiro de deixar de ser na impessoalidade, teve de retirar-se do próprio-impessoal, teve de se *desiludir e desmisturar* das respostas alheias que concluem e não abrem, em meio a outros que vivem mas que não existem, que não se questionam para se pôr ao aberto e inaugural das coisas: “Mas, minha vida na fazenda, era ruim ou era boa? Se melhor era. Arre, eu estava feito um inhampa. Aí lordeei. Me acostumei com o fácil movimento, entrei em amizades com os capangas” (ROSA, 2015, p. 117).

A impessoalidade é este lugar imediato *feito um inhampas*, isto é, de uma “boa vida” (Cf. MARTINS, 2001, p. 274) vivida na facilidade (e não na dureza do existir), em que se encontra respostas e onde se *lordeia*. Neste local é que se acostuma ao *fácil movimento* na fartura e abundância (Cf. ROSA, 2015, p. 304), como um “fazendeiro-mór” que “é sujeito da terra definitivo” (ROSA, 2015, p. 338), em sua funcionalidade e serventia, e não no chamamento ao ocultar-se que ela, enquanto Terra/Vida, é, na e da qual, como jagunço, se é “homem muito provisório” (ROSA, 2015, p. 338).

Riobaldo vivia servido por palavras de outrem, não questionadas, *lordeando*. É, desta maneira, neste mundo que, após o encontro com o Menino, após atravessar o Rio do Chico e antes de reencontrá-lo como Reinaldo, Riobaldo decai. Decair neste mundo impessoal, ser junto a ele (ser-no-mundo), é tentador devido à facilidade e tranquilidade que ele nos põe, sobretudo pelo motivo de que a

[...] certeza de si mesmo e a decisão do impessoal espalham uma suficiência crescente no tocante à compreensão próprio e disposta. A pretensão do impessoal, de nutrir e dirigir toda “vida” autêntica, *tranquiliza* a presença [*do entre-ser*], assegurando que tudo “está em ordem” e que todas as portas estão abertas. O ser-no-mundo da decadência é, em si mesmo, tanto tentador quanto *tranquilizante* (HEIDEGGER, 2015, p. 242-243, *grifos do autor*).

No impessoal, em que não se é si-mesmo, não podendo decidir ser o que está para ser, as possibilidades já estão aí postas e realizadas, estanques, sólidas e cristalizadas. O impessoal deixa tudo perto e, paradoxalmente, tudo longe, porque tudo impróprio. Deste modo, o impessoal está sempre nos chamando para sua facilitação, “uma vez que sempre vem ao encontro da presença [*do entre-ser*], dispensando-a de ser” e assim “o impessoal conserva e solidifica seu domínio teimoso” (HEIDEGGER, 2015, p. 185).

Ocorre que decair assim é necessário, porque permite perceber que, nas tantas certezas, no já está tudo pronto e conquistado, o seu próprio ser está em jogo, definindo-se neste modo de ser-no-mundo. Para dele se retirar, Riobaldo foge deste mundo impessoal, cujas possibilidades não são suas propriamente, mas sim generalizadas para quem assim é vivente, como a certeza de se morrer, definitivamente findando, e não como recolhimento e restituição ao que nos é próprio e somos na travessia do existir, o silêncio:

Meu padrinho Selorico Mendes me deixava viver na lordeza. No São Gregório, do razoável de tudo eu dispunha, querer querendo. E, de trabalhar seguido, eu nem carecia (ROSA, 2015, p. 109).
Ajuntei meus trens, minhas armas, selei um cavalo, fugi de lá [*de São Gregório*] (ROSA, 2015, p. 110).

[Zé Bebelo] Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas. Começava por aí, durava um tempo, crescendo voz na fraseação, o muito instruído no jornal. Ia me enjoando, porque completava sempre a mesma coisa (ROSA, 2015 p. 116-117).

Fugi. De repente, eu vi que não podia mais, me governou um desgosto. Não sei se era porque eu reprovava aquilo: de se ir, com tanta maioria e largueza, matando e prendendo gente, na constante brutalidade (ROSA, 2015, p. 120).

Riobaldo foge porque se vê confinado a algo que não lhe é de direito, seja a *lordeza* que lhe forneceu seu Padrinho Selorico Mendes, seja as aventuras de Zé Bebelo, por meio de quem também ficava na *lordeza*, quando investe contra os jagunços com o intuito de deixar tudo *estável*.

Embora na decadência do impessoal, em que “demais, de tudo ali de prazia fartura confortável” (ROSA, 2015, p. 117), como dissemos, ela é algo necessário. É fato que, enquanto entre-ser, já estamos lançados em mundo que não é nosso, não no sentido de que há um mundo individual, mas no sentido de que há um acessível “horizonte” de significados já instituídos, e que, por serem generalizados, não mudam e não fertilizam.

De que provém então essa “necessidade” de sermos decaídos impessoalmente? Ora, porque questionar isso que nos é dado de antemão é o modo pelo qual podemos nos retirar dele, e nos retirar questionando e questionar para nos retirarmos é existir. Na decadência se encontra um limite a ser superado, para então nos de-limitarmos (irmos no curso que, vindo a nós, se afasta, *de-* no sentido de proveniência, o que intensifica o que *está* além, no limite que se aproxima) pelo horizonte inacessível que a nós se destina em sua con-cretude, o qual é já se dispondo a nós: “Com eles [*com o bando de Zé Bebelo*] eu estava vindo, então, o senhor vê. Vinha, para conhecer esse destino-meu-deus” (ROSA, 2015, p. 117).

Vir é ir, porque se vai ao que se pode vir (a ser). Ir e vir são verbos que, nas aparentes ações contrárias, convergem para o ponto de ser: ir é vir a ser. Riobaldo pode ir ao *destino-meu-deus* porque este vinha aquele: acontecimento, relação com o não-ser. Que *destino-meu-deus* é esse? A construção é uma justaposição de três termos que comumente comunicam: local objetivado a chegar; invocação de surpresa por meio do nome divino. O que elas dizem juntas, porém, não é necessariamente isso, isto é, “Riobaldo caminha a algo que está a ele fixo por deus”. (Perdoai-vos este instante de “impressão”. Entretanto queremos aqui afastar essa ideia, lançando-a aqui mesmo).

Destino-meu-deus é a antecipação da surpresa (*meu deus!*) do que sempre a ele esteve doado (*destino*) enquanto dádiva (Diadorim como *dóron*, dádiva, presente) que

deva/devia ser recebida e acolhida, como que enviada por Deus, aquele que sabe da parte de vida enviada, para o sofrer de uma profunda *transformação, pesável* que em Riobaldo não cessa de acontecer no reencontro. *Destino-meu-deus* é virada rumo a mudança para a segunda parte de sua vida providenciada pelo São Francisco e na morte de sua mãe:

Se eu não tivesse passado por um lugar, uma mulher, a combinação daquela mulher acender a fogueira, eu nunca mais, nesta vida, tinha topado com o Menino? – era o que eu pensava. Veja o senhor: eu puxava essa ideia; e com ela em vez de me alegre ficar, por ter tido tanta sorte, eu sofria o meu. Sorte? O que Deus sabe, Deus sabe (ROSA, 2015, p. 125).

Vimos no capítulo anterior que o Menino ensina a Riobaldo a se aquietar, estar e ser quieto, para então ser em repouso, em uma máxima moção que o leva a compreender as ações pelas quais passam e as quais realiza: “Todo tormento. Comigo, as coisas não têm hoje e ant’ôntem amanhã: é sempre. Tormentos” (ROSA, 2015, p. 124). O tormento é um estado pelo qual necessariamente se passa. Como que derivado do *sofrimento*, mas não o sendo, o *tormento* é a coisa posta em causa e provinda do *sofrer*. Entretanto o *sofrer* não é um *tormento* tendo em vista que ele é um meio de se libertar dos significados alheios, da impessoalidade, passando por ele: *eu sofria o meu*. *Sofrer o meu* significa libertar-se do tempo cronológico, da morte como findar, da terra como serventia. Sofrer é meio de se libertar do *tormento* que essas conceituações causam: “Por que é que todos não se reúnem, para sofrer e vencer juntos, de uma vez” (ROSA, 2015, p. 257)?

Isso – o *destino-meu-deus* e o *sofrer o meu* como libertação do já cristalizado – vem a acontecer no Rio das Velhas, onde Reinaldo, *digo, Diadorim*, reabre o caminho a Riobaldo, lança sua luz *na soleira da porta*, dando-o a mão para sair do impessoal onde está decaído, abrindo o *portal da porta* – sobre isto, “[...] depois lhe conto; tudo tem o tempo” (ROSA, 2015, p. 123).

Este *destino-meu-deus* é Reinaldo como local de realização de uma *transformação, pesável*, guiando-o a si mesmo, porque nele, em Riobaldo, reina – *rex*, “aquele que indica o caminho certo” (UTÉZA, 2016, p. 86); “Diadorim caminhava correto” (ROSA, 2015, p. 306) – e nele volta, embora nunca tenha dele saído, a se inserir⁸⁵ como luz que sai de uma abertura:

⁸⁵ Estamos aqui flertando com uma possibilidade de ler o nome “Reinaldo”, como aquele que volta (*re-*) a se inserir (*in-*) em Riobaldo (*-aldo*, este a partir do par, no eco *-aldo*, que formam os nomes *Reinaldo-Riobaldo*, conforme expressa o próprio Reinaldo). Outra possibilidade de leitura que compreendemos é a partir do próprio sentido da primeira sílaba de “Reinaldo”, ou seja, “rei”, como aquele que reina – porque

Ah, mas, ah! – enquanto que me ouviam, mais um homem, tropeiro também, vinha entrando, na *soleira da porta*. *Agentei aquele nos meus olhos*, e recebi um estremecer, em susto desfechado. Mas era um susto de coração alto, parecia a maior alegria.

Soflagrante, conheci. O moço, tão variado e vistoso, era, pois sabe o senhor quem, mas quem, mesmo? Era o Menino! O Menino, senhor sim, aquele do porto do de-Janeiro, daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, *toda a vida*. E ele se chegou, eu do banco me levantei (ROSA, 2015, p. 122, *grifos nossos*).

Ah, mas, ah! O trato com a linguagem aqui, como na obra em si, é delicado, em que se trabalha com um primor originário, que Guimarães Rosa, poeta-pensador, muito *figurava* (dar forma, manejar o barro senão a partir da Terra, como barro que a todos os barrancos origina). As onomatopeias expressam, no *susto* e *estremecimento recebido*, tanto “um sentir” que “é o do sentente” e um “outro [que] é o do sentidor” (ROSA, 2015, p. 258), isto é, um Riobaldo que sofre a ação de sentir e um outro que tem a qualidade de ser, de sentir na ação do *coração bem batendo*. Um e o outro são o mesmo, porque diferentes em suas realizações, mas que são provindos da mesma doação: o que já foi sendo o começo do que vai vir e que é. Quem sente senão Riobaldos (tanto narrador quanto personagem)? Porém não apenas eles, porque humanos somos, sentimos como ele seu coração.

Mas o que é são as palavras: *soleira da porta*; *agentei aquele*; *soflagrante*. Apareceu um na porta, *era o Menino!*, cujo prenome vem marcado pela inicial maiúscula, firma-se uma coisa nomeada. Ele não apenas estava *na soleira da porta*, como era *a luz do sol* na porta, esta como trânsito, transe e entre a entrada e saída. Vendo-o, Riobaldo *aguenta-o*, porque portador da luz: “Diadorim tinha uma luz” (ROSA, 2015, p. 334). No entanto essa luz não cega, antes encaminha para o que ela vela, como o dia vela a noite, e vice-versa, assim como aquece: *soflagrante*.

Referente ao neologismo *soflagrante*, Utezá diz que “se encontra a raiz latina *fulgur*, o raio”, a partir da qual, “na fronteira interior-exterior da sala e da luz – em *soleira* ouve-se também *sol* –, cristaliza-se de chofre a memória dos acontecimentos do primeiro

guia e conduz o querer do Tatarana, suas *vontades* com a *razão do estilo acinte* – a Riobaldo (outra vez – *aldo*).

Utezá (2016, p. 86, *grifo do autor*) nos diz que Reinaldo vem “do germânico *Raginwalt* – o que governa pelo conselho”. Que conselho? Diríamos que pelo “conselho” da manifestação do Real, isto é, se compreendermos conselho o que se pactua a partir da relação entre escutar e dizer que geram sabedoria (*estilo acinte*). Seria mera coincidência eles se reencontrarem no “Rio das Velhas” e os olhos de verde de Diadorim terem *muita velhice*? Não sei, não ousa e não quero responder, o senhor pense e repense o bem pensado.

encontro no território de Jano” (UTEZÁ, 2016, p. 85, *grifos do autor*). Martins (2001, p. 462), por sua vez, diz significar “no momento, imediatamente”. Neste mesmo rumo, todavia como verbo “soflagrar”, Castro (1982, p. 175) registra “flagrar ou surpreender de imediato”.

Não queremos discordar dos críticos, porém acrescentar algo que na palavra pode ser que esteja *coberto de cinzas*. Se nos atermos em “flagrar”, como especulamos ser um “flagrante”, pego de surpresa, no *susto*, encontraremos o verbo latino *flagare*, do qual externaremos os significados em “arder”, “estar em chamas”, “consumir-se”. Ora, o então nomeado *Menino* estava *na soleira da porta*, e assim, como sol, dispersava sua luz, que é o calor das chamas, na entrada (em referência a ele) e saída (em referência a Riobaldo) da casa. A porta, pois, é (apenas) uma e concebe em si movimentos diversos, que não estão separados, mas atuando em conjunto em suas (aparentes) disjunções.

A porta, no manuseio, como instrumento, serve para entrar e sair. Contudo entre entrar e sair acontece o meio que tudo une e adiciona: *e*. Riobaldo, ali, recebendo a luz de quem estava na soleira, no meio, tinha de *aguentar* o arder de estar em chamas. Todavia as chamas consomem, conduzem ao sumo, porque aderem ao material que está em chamas. Quem queima é o sol; quem provoca a ardência é quem tem luz. Isso Riobaldo recebia de quem ele *conheceu soflagrante*.

Assim podemos encaminhar para adjetivo latino derivado de *flagare*, isto é, *flagrantis*, que tem os significados “ardente”, “quente”, “inflamado”, “brilhante”. Quem é ardente, quente, inflamado e brilhante? Aquele quem tem uma luz, isto é, Diadorim-Reinaldo, quem conduzirá a Riobaldo *toda a vida*, pois que, na já referida possibilidade de encontrar em Diadorim local em que o Rio de São Francisco passa, nunca se tira o pé do Rio do Chico, do Ser-Tao.

Essa luz provinda da *soleira da porta* é intensa, provocando um *susto* que *desfecha* a Riobaldo. Por que intensa? Vimos neste capítulo e no outro anterior dois empréstimos linguísticos que Guimarães Rosa faz uso: *esmarle* e *lordeei/lordeza*, do inglês, respectivamente, *smart* e *lord*. Há outros empréstimos de outras línguas que aqui não cabem menção, porque queremos enfatizar o inglês, por suspeitarmos que, em *soflagrante*, o termo *so* poder lido como o advérbio de intensidade que pode significar, em português, “tão”, “tanta”. Disso podemos dizer que Riobaldo *conhece* aquele *Menino* que é *tão brilhante*, em que no brilho acontece a abertura, a guinada para o retirar-se da impessoalidade no *susto desfechado*.

Estamos aqui nos detendo nisso porque, para a categoria-questão trans-torno, é importante, de vez que este *sofragente, conheci* (crescer com tanta luz, por causa desse Menino tão brilhante, tão ardente) expressa a reabertura de Riobaldo à disposição de tornar-se homem humano a partir do acontecimento junto de Diadorim. Desta forma, seja ela (tanto luz quanto Diadorim/Deodorina) provindo de Deus – “A Deus dada” (ROSA, 2015, p. 484), em que se pode ler “*Deo Doron*⁸⁶, *dádiva de Deus e votada a Deus*” (UTÉZA, 2016, p. 270, *grifos do autor*) – ou do Dê – na redução de Diabo em *diá-* (Cf. ROSA, 2015, p. 44), em que se pode ver a primeira sílaba de Diá-dorim –, o certo é que se estabelece o *portal da porta*, como *fiat lux* cujos olhos aguentam:

Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho. Arvoamento desses, a gente estatela e não entende; que dirá o senhor, eu contando assim? Eu queria ir para ele, para abraço, mas minhas coragens não deram. Porque ele faltou com o passo, num rejeito, de acanhamento. Mas me reconheceu, visual. *Os olhos nossos donos de nós de dois*. Sei que deve de ter sido um estabelecimento forte, porque as outras pessoas o novo notaram – isso no estado de tudo percebi (ROSA, 2015, p. 122, *grifos nosso*).

O contexto da jagunçagem impedia a demonstração de afetos entre os jagunços, “[...] porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas” (ROSA, 2015, p. 35). O que ele não impede, porém, é o pertencimento entre os olhos dos dois. Os seus olhos eram já pertencentes aos olhos do Reinaldo – este guiava ao olhar daquele para ver *as cores do mundo* que estavam ocultas, para além dos conceitos da decadência que, no *trivial viver*, *a tudo ajunta e amortece*. O reencontro com Reinaldo é a iluminação para perceber as manifestações do Real que os pro-duzem um ao outro *toda a vida*, isto é, a ascendência para o caminho do próprio, da procura, da a-propriação, da travessia na raridade que é *subir a cabeça fora da água*:

Do que o que: o real roda e põe diante. – “Essas são as horas da gente. As outras, de todo tempo, são as horas de todos” – me explicou o compadre meu Quelemém. Que fosse como sendo o trivial do viver feito uma água, dentro dela se esteja, e que tudo ajunta e amortece – só rara vez se consegue subir com a cabeça fora dela, feito um milagre: peixinho pediu (ROSA, 2015, p. 122-123).

3.3 Regimento de nossa vi(d)a: reencontro com a questão e o trans-tornar-se

⁸⁶ Ora, não seria possível ler *Deo doron* no nome de batismo “Deodorina”, desmembrando, pois, “Deo” e “dorina”, este como uma corruptela de *doron* para registrar, na última vogal, um nome feminino, como Otacília e Nhorinhá? Não sei, outra vez – não ousou responder, o senhor pense.

“O que entendi em mim: direito como se no
reencontrando aquela hora aquele Menino-Moço,
eu tivesse de acertado de encontrar, para todo o
sempre, as regências de uma alguma a minha
família”
(ROSA, 2015, p. 123)

O entre-ser já sempre está no mundo assim firmado. Lançado. Para se subir, na rara vez, é preciso olhar para os olhos que o olham com pertencimento. O *milagre* é a “presença do extraordinário, do insólito, do poético, como princípio de realização da realidade e do ser humano nessa mesma realidade” (CASTRO: MILAGRE, 2). O poético é o agir (*poien*). O homem alcança o pensar quando pensa. Pensando, conquista o saber (do não saber). O que está presente é isso que a nós se manifesta, em sua própria ausência, diante de nossos olhos. Não os olhos do rosto, mas da alma, do ânimo, da coragem, do coração. Para Riobaldo, a presença do *extraordinário* é Diadorim, como luz divina, *daimon*, que vem, antes, de um experienciar o poético que ele influía, pois

A experiência [*a experienciação*] poética é uma revelação de nossa condição original. E essa revelação é sempre resolvida numa criação: a de nós mesmos. A revelação não descobre algo exterior, que estava aí, alheio; o ato de descobrir entranha a criação do que vai ser descoberto: nosso próprio ser. Nesse sentido, pode-se dizer, sem temor de incorrer em contradição, que o poeta cria o ser. Porque o ser não é algo dado, sobre o qual se apóia nosso existir, algo que é feito. O ser não pode se apoiar em nada porque o nada é seu fundamento. Assim não lhe resta outro recurso senão segurar-se em si, criar-se a cada instante. Nosso ser consiste somente numa possibilidade de ser. Ao ser não lhe resta nada senão ser-se. Sua falta original – ser fundamento de uma negatividade – obriga-o a criar sua abundância ou plenitude. O homem é carência de ser mas é também conquista de ser. O homem é lançado para nomear e criar o ser. Essa é a sua condição: poder ser. E nisso consiste o poder de sua condição. Em suma, nossa condição original não é somente carência tampouco fartura, mas possibilidade. A liberdade do homem se funda e se radica em não ser mais que possibilidade. Realizar essa possibilidade é ser, é criar-se a si mesmo (PAZ, 1982, p. 187-188, *colchete nosso*).

Pelo poético o homem humano encontra possibilidade de se relacionar com o não-ser: isto é acontecimento poético-apropriativo. Isso é também um *milagre*: alcançar uma relação com o não-ser. Essa relação é alcançada, como entre-ser, na morte, no silêncio, no que é na vida e é em nós (Cf. PAZ, 1982, p.182), o não-ser do homem que o espera no fim, de vez que o entre-ser “existe finitamente, e porque assim existe, premido pela possibilidade de não-ser que o espreita na morte, pode apropriar-se de si mesmo e transcender-se para o mundo” (NUNES, 1998, p. 30). Que mundo é esse senão o mundo-realidade que o homem é para a ação de desvelamento do ser? Queremos com isso dizer que sair da impessoalidade é um certo *morrer-se*, uma certa morte, para então sair de um

ser-no-impessoal a fim de não-ser constantemente pelo questionar-se e tornar-se questão: o trans-torno é um acontecimento poético-apropriativo neste sentido, de *ser-se* na criação que se realiza na imaginação, no poder-ser como se é – possibilidade de ser livre.

Quem age é o ser. Nesta ação, ele é que promove a possibilidade de passagem de não-ser a ser. Diadorim, como aquele que *medeia grandes silêncios* – o silêncio que somos e o silêncio do ser-tao, silêncio como aquilo que há de mais recolhido e funda à linguagem, possibilitando a fala a partir da escuta –, é o que erige Riobaldo puxando-o da mão da decadência, do ordinário, e isso constitui a diferença ontológica de Riobaldo, como ente/*sendo*, como entre-ser, para uma necessária referência com ser.

Ora, se entre o ser e o homem há uma referência necessária por meio do pensar, em que ambos se relacionam porque aí a linguagem do homem pode se tornar o dito/o dizer da escuta da linguagem do ser, havendo então um suporte no qual se reportar ao que escutou; essa referência necessária é relativa à doação do próprio do homem pelo ser, o qual aquele, em *toda sua vida*, persegue na tão *sorte perigosa* que é viver para ser travessia. A travessia permite, pois, a relação com o ser, de vez que ela é um acontecimento poético-apropriativo: Riobaldo atravessa para pensar o seu ser, para dele assim se apropriar, à medida que, na restituição que é pensar, seja apropriado enquanto devolve o que recebeu para ser – devolver no sentido de agradecimento ao *milagre* recebido.

Pensando a doação, o que *nonada* se manifesta, o fenômeno, ela, enquanto manifestação do desvelamento do ser, pode se tornar linguagem, na qual o ser habita e para onde o homem se encaminha a fim de morar. Essa referência necessária mostra, a partir da relação dialética entre doar e receber, a diferença irreduzível entre homem/ente e ser. O homem passa, porque não passa de ser *provisório*, todavia o ser/Ser permanece, porque, estando em todas as coisas a partir do nada, “tudo é e não é” (ROSA, 2015, p. 22). Em nossos termos, o homem provisório não passa de ser a mudança para a liberdade, a mudança necessária que todo homem tem de assumir.

O homem/ente *é*, na propriedade conquistada como travessia, pois que o ser a ele se doou, se dis-pôs como não-ser que é. Contudo o homem não é (o) ser. É somente enquanto ente, é somente enquanto (é) *sendo*, e para isso é preciso coragem, e do ordinário se faz necessário encontrar forças para ir ao extraordinário: “Pergunto coisas ao buri-tí; e o que ele responde é: a coragem minha. Buri-tí quer todo azul, e não se aparta de sua água” (ROSA, 2015, p. 256-257).

A água acusa vereda. Na vereda se tem riachinhos, ribeirãozinhos. Lá nasce o buriú. No entanto a vereda é finita e o ser-tao não. A vereda de Riobaldo quem o mostra é Diadorim, este, como água, fonte inesgotável, em seu dizer – *é o dizer de águas claras*, como claros são os olhos de Diadorim –, arremete-o de volta a passagem que sua vida é – “O Menino me deu a mão: e o que mão a mão diz é o curto; às vezes pode ser o mais adivinhado e conteúdo; isto também. E ele como sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. Digo. Ele se chamava Reinaldo” (ROSA, 2015, p. 122) – e para o sentido do *Porto* – grafado com maiúscula, como forma de vertê-lo a um outro *Porto*, o do entre, não um porto em sua funcionalidade – como lugar de entre-passagem para o Caminho:

Conto. *Reinaldo* – ele se chamava. Era o Menino do Porto, já expliquei. E desde que ele apareceu, moço e igual, no portal da porta, eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dele, por lei nenhuma; podia? O que entendi em mim: direito como se, no reencontrando aquela hora aquele Menino-Moço, eu tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família (ROSA, 2015, p. 123, *grifo do autor*).

O verbo nos diz muito: *reencontrando*. Está no gerúndio, ação que ainda está e é acontecendo, para ambos os Riobaldos pelo vigor da memória que deixa Reinaldo vir aos olhos como se deu no fenômeno de sua aparição: *Menino-Moço*. Cabe reforçar que o *Porto* agora está grafado com a inicial maiúscula, e em seguida lemos *portal da porta*. O *Porto* não é lugar de ficar, é lugar de entre-passagem, entre-trânsitos, de onde se parte quando se está em regresso e/ou ida para a terra. Ele é lugar de partida e chegada, e o que permanece sendo em “partida e chegada” é o *e*, isto é, o entre que mobiliza ao despertar na *soleira da porta* e não cessa de acrescentar e aderir o que foi anterior a isso enquanto é vivo. A *porta* não apenas acolhe o sol, mas também o *portal*. Isso nos remete, pois, ao aparecimento de Reinaldo como o que conduz a Riobaldo no reino do ser-tao, *reencontrando as regências, para o todo sempre, de uma alguma a minha família*.

Quem rege é o Rei(-naldo), mostrando o caminho correto. Ocorre que no sertão, “o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo” (ROSA, 2015, p. 136), não porque se vaga sem rumo, mas porque se vaga a partir do nada, em que ele abre o *portal da porta*. O que assim se abre não pode mais ser nada, porque passa a haver no acontecer de um acontecimento, é posto em causa pelo verbo, que dá à luz às palavras que *são para ser* e doarem ser às coisas. As coisas sendo, pelo poder das palavras de lançarem aos lados, nos deixando na circunferência de nosso círculo (sim, Heráclito), cursando e de-cursando-o,

podem ser questionadas: “Bom, ia falando: questão, isso que me sovaca” (ROSA, 2015, p. 31)...

A questão saca, sacode, retira-o (retira-nos) do chão da certeza da decadência e o lança no insólito, no mistério sagrado da vida existida como travessia: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (ROSA, 2015, p. 263). A coragem de Riobaldo é derivada de Diadorim, sua *alma*. E se tornar assim corajoso no *sovacar* da questão é ser livre, porque “a liberdade é assim, movimentação” (ROSA, 2015, p. 265), como *movimentante* é o ser-tao. E como o jagunço é sertão, acontecimento em sua apropriação-poética, trans-verte-se como o que não-é em se tornando, Riobaldo *existindo*.

No *portal da porta* Reinaldo se torna e retorna como essa questão a ser percorrida, tornando-se a família a qual Riobaldo pertence, como *tudo incerto* é essa *uma alguma*, na indefinição que ele se faz, que não suporta, pois, definição, os significados usuais e “objetificantes” do mundo da decadência, mas que, por isso mesmo, vem a ser determinante para o pertencimento desta amizade mandante de amor, como *a minha família*:

Diz-que-direi ao senhor o que nem tanto é sabido: sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na ideia, querendo e ajudando; mas, quando é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiro fatal, carecendo de querer, e é um só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro; brota é depois (ROSA, 2015, p. 123).

Facear com as surpresas acontece porque, no *tempo sem hoje e ant’ôntem amanhã* de Riobaldo, o que há de vir é uma antecipação do que já fora sido e continua sendo. O *amor desse* cresceu na travessia do Chico, com a coragem do Menino olhando o medo de Riobaldo, e com medo, a não-coragem, reclamando ser ultrapassada: “Mesmo com a pouca idade que era a minha, percebi que, de me ver tremido todo assim, o menino tirava aumento para sua coragem” (ROSA, 2015, p. 97). Com o Menino aumentando sua coragem pelo medo de Riobaldo, sendo Diadorim a alma deste, não estaria ali, Riobaldo (-Diadorim, *dois diversos?*), pelo sentir medo, em uma mútua poética-apropriação, engrandecendo sua alma que no outro o libertaria no Rio das Velhas?

Retornemos, pois assim é que a semente cresceu naquele dia, na travessia do Rio, e brotou *reencontrando* com o Reinaldo: “Aquela mandante amizade. Eu não pensava em

adição nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita” (ROSA, 2015, p. 129). Reencontrem-nos: que o que falta para sermos é sermos/atingirmos esta falta já mostrada em nós – *eu não pensava em adição nenhuma*.

Essa *coisa-feita*, porque destinada na dádiva que ela simboliza⁸⁷, pode ser lida também na acepção do destinar-se, do que já estava se dando pela causa que o nada entreabre, e que pela palavra vem a ser questionado como coisa.

A decadência no impessoal, que desde sempre nos encontramos, gera, pela facilidade e tentação que expõe e emerge o homem/entre-ser, uma viagem na qual o viajante não se reconhece, isto é, não há busca e sentido: “Virei, vagaroso. Meu rumo mesmo era o do mais incerto. Viajei, vim, acho que eu não tinha vontade de chegar em nenhuma parte” (ROSA, 2015, p. 120). No entanto o sair desse mundo encerrado, para o mundo como horizonte de questões, que, embora abalando e sovacando, é um convite ao recomeço de si mesmo, no que se é enquanto experiência do acontecimento para o poeticamente-apropriar-se do que lhe pertence:

De seguir assim, sem a dura decisão, feito cachorro magro que espera viajantes em ponto de rancho, o senhor quem sabe vá achar que eu seja homem sem caráter. Eu mesmo pensei. Conheci que estava *chocho, dado no mundo, vazio de um meu dever honesto*. Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa *certeza*, e

⁸⁷ Entendemos “símbolo” no sentido etimológico, do grego *symbolos*, que significa “reunir” e “conjuguar” coisas variadas, nessa própria “reunião”, pela força de atração a partir do movimento de lançar para os lados (*-ballo*, de *ballein*) o que vem junto e, pois, se encontra (*sym-*). Ora, Diadorim compõe esta imagem, seja porque é delicado em suas *finas feições* e admira as belezas sem dono em um mundo marcado pela violência, seja porque reage a este mundo à altura, sendo terrível jagunço em combate; seja porque possui traços divinos e diabólicos ao mesmo tempo, em que “nele o divino e o diabólico são permutáveis e simbolizam dois momentos da aventura que realiza no homem – o momento ancestral, do velho ser humano dividido, que permanece presa das forças elementares, materiais e sensíveis, e o momento por vir, que lentamente se prepara, da transformação do humano em divino, e em relação ao qual a vida constitui uma iniciação e uma aprendizagem” (NUNES, 2013a, p. 70-71).

Um momento após o fim da estória flagra bem estas questões, em que Riobaldo-narrador refere-se a Diadorim duas vezes como “ele” e duas como “ela”: “E, o pobre de mim, minha tristeza me atrasava, consumido. Eu não tinha competência de querer viver, tão acabadoço, até o cumprimento de respirar me sacava. E, Diadorim, às vezes conheci que a saudade *dele* não me desse repouso; nem o *nele* imaginar. Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a amizade desde agora estava amarga falseada; e o amor, e a pessoa *dela, mesma, ela* tinha me negado” (ROSA, 2015, p. 489, *grifos nossos*).

A negação do amor por parte de Riobaldo, como que atrelando, pelo pronome “ele” aglutinado nas preposições “de” e “em”, o amor a Diadorim ao jagunço, e da *pessoa dela mesma* (referente à mulher que era) não se refere a um sentido niilista, mas sim como possibilidade de se reafirmar o amor que Diadorim deu a Riobaldo, não fisicamente pois isso sabia ser impossível enquanto durasse a guerra e se entristecia – “[...] – ‘*Riobaldo... Reinaldo...*’ – de repente ele [*Reinaldo*] deixou isto em dizer: – ‘... Dão par, os nomes de nós dois...’” A de dar, palavras essas que se repartiram; para mim, pincho no em que já estava, de alegria; para ele, um vice-versa de tristeza. Que por que? Assim eu ainda não sabia” (ibid. p. 127, *grifos do autor*) –, porém como questão.

eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte. *Abalado desse tanto, transtornei um imaginar. Só não quis arrependimento: porque aquilo sempre era começo*, e descoroçoamento era modo-de-matéria que eu já tinha aprendido a protelar. Mas o Reinaldo vinha comigo, no mesmo lote, e não caçava minha companhia, não se chegou para perto de mim, nem vez, não dava sinal de prosseguir amizade (ROSA, 2015, p. 125, *grifos nossos*).

A luz de Reinaldo guia Riobaldo para fora da impessoalidade, e assim se conhece *chocho, dado no mundo, vazio de um seu dever honesto*, ou seja, saído de um mundo de significados já prontos e acabados, que nunca o fertilizaram e o fecundaram como o fez Diadorim em apenas uma aparência e em um reencontro. Com pessoas – e não humanos (?) – *vivendo numa certeza*, Riobaldo descobre-se impróprio, porque imerso em palavras de outrem.

O modo de viver impróprio, Riobaldo já sabia, porque acostumado ao *fácil movimento* e a viver na *lordeza: descoroçoamento era modo-de-matéria que eu já tinha aprendido a protelar*. Iria agora em busca de viver propriamente: *abalado desse tanto, transtornei um imaginar*. Um dos significados que não expomos anteriormente, guardado para este momento, de *afetar/afficere*, em seu particípio passado (*affectus*) é “abalado”. Enquanto convocação à renúncia do mundo impróprio da decadência, a apreensão-dos-afetos *abala*, para então provocar um *trans-tornar-se*.

Este é o momento em que fomos convocados para esta categoria-questão. Que sentido tem a expressão *abalado desse tanto, transtornei um imaginar*?⁸⁸ Logo em seguida Riobaldo nos dá um rumo: *aquilo sempre era começo*. O abalo provoca em Riobaldo a necessidade existencial (não no sentido de subjetividade, porque então já não seria uma questão de ser-com o outro, como somos e aqui estamos sendo em trans-torno, porque personagens de nossas travessias-estórias para o próprio) de pro-duzir o *transtorno de um imaginar*, temos aí uma compreensão prévia: *aquilo sempre era começo*.

⁸⁸ O léxico “transtorno” aparece outras sete vezes em *Grande sertão: Veredas*, mas com sentidos diferentes deste que nos convocou. Deles, infelizmente, optamos por não tratar nesta dissertação, deixando-os como germe para o porvir de uma outra nossa pesquisa. Eis aqueles que por hora não trataremos e o que, em suma e genericamente, eles expressam: I) estado de raiva de Diadorim para com Riobaldo – “Deu para eu ver que ele [*Diadorim*] estava branco de *transtornado*? A voz dele vinha pelos dentes” (ROSA, 2015, p. 167, *grifo nosso*) –, e de Riobaldo para com Diadorim – “Repstei um feio xingo. Bramei isso, porque o azo de Diadorim me *transtornava*” (ibid. p. 459, *grifo nosso*) –; II) uma perturbação de estado referente a outra pessoa – “[...] como porque avessava a ordem das coisas e o quieto comum do viver *transtornava* [*a Maria Mutema*]” (ibid. p. 190, *grifo nosso*) – e ao próprio Riobaldo – “Desconheci antes e depois – uma decisão firme me *transtornava*” (ibid. p. 276, *grifo nosso*) –; e III) como uma indagação de inquietação de Riobaldo – “Pensei naquele seô Habão, que nem num *transtorno*? Mais não sei” (ibid. p. 342); “O que era que me *transtornava*, do meio para o fim, por essa fraseação” (ibid. p. 393, *grifo nosso*)?

Em *transtornei um imaginar*, vemos aí duas ações, embora a segunda esteja em posição de substantivo por conta do artigo indefinido, são elas: *transtornar* e *imaginar*. “Transtorno” é composto do prefixo *trans-* mais o verbo latino *tornare*. O prefixo contém os significados de “(para) além de”, “através”, “em troca de”. O verbo, por sua vez, diz “tornear”, “lavar ao torno”, “arredondar”.

Com o *trans* queremos indicar o conduzir-se para além do limite imposto pela decadência, e para tanto deve-se trocar de posição, sair do local de não-questão para o de questão. Todavia isso somente é possível através do tempo, pois que o homem é e se torna propriamente em sua finitude temporal, em seu viver nesta vida, e o decidir-se ser-para-a-morte, são atos que atribui sentido à existência propriamente, estando continuamente entre o que foi e o que será, entre o morrer (o processo que se realiza em todos os viventes) e a morte (pensá-la como o mais recôndito silêncio na vida e viver a vida, para onde tudo e todos, enquanto entes, se encaminham e se destinam, e na qual passa a se questionar o morrer dos outros, sendo-com eles).

Assim é que se realiza uma intensificação desses sentidos em *torno/tornare*. Contudo o *tornar(-se)* esses e nesses sentidos é lavar, ou seja, trabalhar, elaborar, e apenas se trabalha/elabora a terra que somos⁸⁹. Lavar ao torno é voltar *para trás*, porque *para trás sempre se dá o prazer*. Com “para trás” não queremos deixar soar uma dicotomia entre “atrás” e “frente”, porque voltar para trás é ir para frente propriamente, de vez que, nos *ekstases temporais*, o *vigor de ter sido* em sua propriedade é *repetição* do que se é na *atualidade* enquanto *antecipação* do que está *porvir*. Ir para trás, não de volta ao impessoal, é dirigir-se para adiante si mesmo como o que foi e não mais é, encarar-se e ser encarado, e isso é circular no que se é ao sido, e deste ao que será por meio do que se está sendo.

O trans-torno é uma compreensão *antecipada* para tornar-se livre no imaginar, porque *liberdade é a movimentação*, do constante formar-se enquanto questão para si mesmo, como uma imagem em que se vê o outro de si mesmo, e assim se circundar, lavar-se enquanto terra ao torno da questão que se torna. Enquanto questão tendo como fonte o acontecimento poético-apropriativo, Riobaldo agarra-se àquela *transformação* que o induz a se *recomeçar*, em que o que é *pesável*, produzido pela transformação de um recomeço, aí vai se tornando a *matéria* (entendida no sentido de *mater*, mãe, a geradora)

⁸⁹ Riobaldo será assim lavado, trabalhado, em circum-inscrição, como veremos no capítulo seguinte, na ponderação que eles realizam: “Para a velhice vou, com ordem e *trabalho*. Sei de mim? Cumpro” (ROSA, 2015, p. 492, *grifo nosso*).

na e para a qual, em circum-inscrição, se *verterá*, pois que as questões que experienciou com o *coração bem batendo* já desde sempre estiveram dentro de si.

Neste sentido encaminhamos para o “imaginar”. Como verbo, no latim *imaginor*, realça-se, além de “imaginar”, “representar na imaginação” e “sonhar”. Como substantivo, *imago* possui os significados “imagem” e “forma”, mas também possui “copiar”, “imitar”. Ora, imitar é fingir, e fingir é, em um sentido metafórico, ficcionalizar na forma o que se reapresentou na imaginação do sonho, e que seja o sonho senão um *trans-tornar* para viver o que viu e entreviu no acontecimento?

Imaginar também é um dos significados de *fingere*, verbo do qual deriva ficção. *Fingere* é moldar o barro, lavrá-lo. Somos enquanto barros doados pela Terra, e temos de nos fazer barranco para irmos à Terra/Vida. Imaginar é o verbo próprio da ficção, sua força de instauração, porque começo de um conhecimento, isto é, uma ação que cresce junto com algo que passamos a perceber em sua re-velação. Isso vem a ser bem manifesto na cantiga composta pelo jagunço e imersa no personagem-memória em trans-torno, em que compreende a vida como doação para constantemente se ultrapassar o limite, nas voltas e revoltas que deve de dar no tornar-se em um trans-torno imaginado, e na qual a “virtude que tivessem de ter, deu de se *recolher de novo em mim*, a modo que o truso dum gado mal saído, que em sustos se revolta para o curral, e na estreitez da *porteira* embola e rela” (ROSA, 2015, p. 263, *grifos nossos*). Ei-la:

*Trouxe tanto este dinheiro
o quanto no meu surrão,
p’ra comprar o fim do mundo
no meio do Chapadão.*

*Urucúia – rio bravo
cantando à minha feição:
é o dizer das águas claras
que turvam na perdição.*

*Vida é sorte perigosa
passada na obrigação:
toda noite é rio-abaixo,
todo dia é escuridão...*
(ROSA, 2015, p. 263, *grifos do autor*)

Nada nesta vida de trans-tornos é fácil, não há um movimento fácil e *loderza*, assim como não é fácil sair do conforto de uma vida fácil – *truso*, é empurrar com força, como o gado sai se debatendo pela *porteira* (Cf. MARTINS, 2001, p. 507). Tudo está e é muito unido e circum-inscrito, acontecendo sem parar e ao mesmo tempo: a vida acontece

na morte e enquanto uma entrega ao sentido de sermos-para-a-morte, isso é muito movimentante e confuso.

Não é fácil viver no ser-tao, porque “o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera” (ROSA, 2015, p. 238). Contudo isso é ser livre no *movimentante* sertão – o que se move sempre em sempre nos movendo, qual a questão “eu sou?”, em que o *ser*, pelo não ser, rodeia nossa vida e empurra nossa resposta para trás de seu aparecimento.

O “arredondar”, como um dos significados de *tornare*, diz de um movimento que supera o linear; arredondar é sair da trilha linear e pôr-se no caminho circular, não redundante, mas profundo, ou, lembrando-nos da bruxa Clarice, *de-profundis*, porque é para as profundezas sem fundamento que o dia nos encaminha, para a noite que, antecedendo a este (ao dia), nos mostra que somos-para-a-morte, uma vez que é nesta que nos resguardamos: o silêncio que somos e seremos...

– “Escuta, Diadorim: vamos embora da jagunçagem, que já é o depois-de-véspera, que os vivos também têm de viver por só si, e vingança não é promessa de Deus, nem sermão de sacramento. Não chegam os nossos que morremos, e os judas que matamos, para documentos do fim de Joca Ramiro?!” (ROSA, 2015, p. 307).

Questionamos no capítulo anterior, reorientando a indagação de Riobaldo: a morte é para os vivos (será?) – “Sendo que a sorte também prevalecia do nosso lado, aí vi: a morte é para os que morrem. Será” (ROSA, 2015, p. 201)? E aqui, no desejo de fuga de Riobaldo, temos essa compreensão: *não chegam os nossos que morremos*. Porque é sendo-com o outro que compartilhamos a experiência de morte, o recolhimento para a Terra. Porque é sendo-com o outro o motivo pelo qual os velamos, os restituímos ao princípio de tudo que, pondo-se em causa, se recolheu: *nonada*. Na entrada ao trans-torno, a morte passa a ser o fundo para o qual *os nossos que morremos* se encaminham.

O trans-torno é renunciar ao que era para ser um contínuo sendo e não-sendo. Renunciar é reconhecer o sido como impulso ao que pode vir a ser a se tornar, entretanto sempre sendo o não-ser, sempre sendo o não-sido que o sobreleva, sempre sendo o que é no projeto de ser: “Jagunço é homem já meio desistido por si” (ROSA, 2015, p. 53)... Que seja desistir de si senão assumir-se para o silêncio vindouro e que, na ausência distanciadora, já sempre está e é na proximidade da presença? É na morte que o jagunço resguarda a si mesmo, porque o que se perde, na vida fácil, não é tão somente a vida, mas

também a morte que doa sentido ao viver a vida: *é o correr das águas claras/ que turvam na perdição*.

Ora, daí que *ser-jagunço*, verbalizando sua existência, é já se acenar para a morte, isto é, desistir da vida. Desistir, etimologicamente, possui relação íntima com existir, pois que ambas as palavras são formadas primordialmente pelo verbo latino *sistere*. É pelo *não* (*de-*) que se mantém firme e em pé (*sistere*) para se pôr para fora (*ex-*) do conforto que é quando não se é um jagunço, um *homem provisório*.

Riobaldo-personagem é em trans-torno na ação de cantar e poetar o *abalo* sofrido durante sua travessia, pois que “digo ao senhor: tudo é pacto. Todo caminho da gente é resvaloso” (ROSA, 2015, p. 259). A palavra “pacto” vem do latim, *pactus*, provindo do verbo *paciscor*, que tem o significado de “contratar”, “fazer, estabelecer, firmar acordo/trato”. Todavia “este verbo é o incoativo de *pango*, que, além de outros, também tem o sentido de ‘escrever poesias, poetar, cantar’. Nesta perspectiva, o pacto com o diabo é um contrato ao nível da poesia, para poder poetar” (CASTRO, 1976, p. 71).

Poetar é fundar a realidade que, desvelada pelo real, vem a ser pensada poética-apropriativamente. O poetar “institui a permanência do que permanece” (o *sendo* do homem que é doado pelo ser em seu destinar-se) e “é a palavra que denomina buscando” (HEIDEGGER, 2013, p. 328). No momento em que algo se deu a pensar, este se torna “a palavra que questiona, na medida em que busca (a saga)” (HEIDEGGER, 2013, p. 328), de maneira que o que se busca é, sobretudo, celebrar o não-dito que se resguarda retraído. O Ser-Tao é que instaura tudo, e “tudo, nesta vida, é muito cantável” (ROSA, 2015, p. 397), porque a poesia aí é a instauração do que pode ser dito porque escutado e, assim, criado, do que pode ser dito porque em tensão com o não-dito no dizer.

O que pode ser dito de nós é o que não somos, trazendo-o para nós como o que ainda podemos vir a ser e vir a dizer criando-o: “O poeta revela o homem criando-o” (PAZ, 1982, p. 188). Como tal, Riobaldo é sempre o que nos faz ex-sistir, nos retirar do local que estamos dados, nos faz desistir. O que permite isso é o trans-torno enquanto o que nos retira desse não questionar onde estamos postos e dados no mundo, desistindo de nós mesmos para existirmos enquanto somos. Apenas podemos “poder” isso se questionamos para tal retirada, e, nos conhecendo *chochos*, *dados no mundo*, podermos ir em busca do que desconhecemos e questionamos: “O que eu agora queria! Ah, acho que o que era meu, mas que desconhecido era, duvidável. Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia” (ROSA, 2015, p. 344).

O que conduziu Riobaldo a realizar o pacto com o Que-Não-Há não foi (apenas) para derrotar a Hermógenes, mas para “ficar sendo” (ROSA, 2015, p. 344), porque ele, o diabo, “vige dentro do homem” e não fora, “Solto, por si, [como] cidadão” (ROSA, 2015, p. 21, *colchete nosso*), isto é, como vivente e existente. No entanto o que não existe acontece, porque é força de manifestação. Não à toa, a palavra “diabo”

[...] vem do grego e compõe-se do prefixo “diá”, que significa “por intermédio de” e de “bo”, que se origina do verbo “ballein” e quer dizer “mandar”. Nesta perspectiva, o diabo jamais pode ser algo, uma vez que ele é uma força, através da qual “Deus manobra com os homens”. O homem passa a ser o “local” onde Deus se manifesta e a força dessa manifestação é o diabo (CASTRO, 1976, p. 36).

Ser força de manifestação é o que dá ânimo à alma, à coragem. Sendo local dessa manifestação do diabo, Riobaldo pode querer e poder, não por si próprio, contudo junto a Deus, junto às questões que o dão propriedade e que mostram veredas para serem atravessadas em toda a vida.

É em trans-torno que Riobaldo realiza o pacto com o diabo, assumindo-o como força de manifestação que o liberta à coragem e a conduzir ânimo de outros jagunços como chefe, pois que se precisa pactuar para conquistar poder para, assim, reger e mover os homens de suas certezas e infertilidade: “Noção eu nem acertava, de reger; eu não tinha o tato mestre, nem a confiança dos outros, nem um cabedal de um poder – os poderes normais para mover nos homens a minha vontade” (ROSA, 2015, p. 302).

O trans-torno de Riobaldo deixa uma, assim como se torna em uma, abertura, porque nada é conclusivo e definitivo no acontecimento – daí a necessidade de especular constantemente acerca da existência ou não do Que-Não-Fala, do que é *só outro silêncio* –, mas sempre uma convocação para não deixar de ser travessia, para Riobaldo tornar-se narrador, uma vez que *imaginar* é a força na qual o narrar se mantém a partir da linguagem do homem enquanto realização e con-somação da doação da linguagem do ser. A narrativa de Riobaldo, como forma (no sentido da produção a partir do que se manifestou) proveniente do que se deu a ver, é *sendo* uma das possíveis e mais essenciais realidades da Linguagem.

Outra dessas realidades é a que estamos apresentando, as categorias-questões, e que, enquanto provenientes do e como um acontecimento poético-apropriativo, constituem-se como a propriedade pela qual estou buscando compreender e ser(-com) o *homem humano* Riobaldo.

Se toda forma que visualizamos supõe um narrar, e a forma de meu discurso, neste trabalho, é de me circum-inscrever por um trans-torno de (uma) imaginação, em que me co-fundo com Riobaldo e vocês, leitores pacientes e *muito instruídos*, eu me circum-inscrevo para tornar-me (em) narrativa enquanto tento ser *homem humano* – e por isso con-fundo-me com vocês que ora me leem.

4. Travessias... Pra trás, sempre dá o prazer: acolher a dádiva (ou, de como Riobaldo-narrador se circum-inscreve)

“Mas tudo vai vivendo demais, se remexendo”
(ROSA, 2015, p. 258)

Começamos repetindo o que dissemos a respeito do “imaginar” no capítulo anterior: *imaginar também é um dos significados de fingere, do qual deriva ficção. Fingere é moldar o barro, lavrá-lo. Somos enquanto barro doado pela Terra, e temos de nos fazer barranco para irmos à Terra/Vida. Imaginar é o verbo próprio da ficção, sua força de instauração, porque começo de um conhecimento, isto é, uma ação que cresce junto com algo que passamos a perceber em sua re-velação.*

Somos barro porque provenientes da Terra. Para irmos a ela temos de nos fazer barranco. Mas para descermos o barranco, precisaríamos de um barranqueiro? Ou seja, de Riobaldo, o velho *quase barranqueiro*? Se sim ou se não, ele se assume nesta árdua tarefa. Não apenas isso. Já dissemos antes: ele também é o barqueiro. Como tal, ele é entre o barranco e a embarcação; entre o passageiro e a embarcação; entre o barranco e o rio; e, na embarcação, ele é na água, cujo rio é possibilitado pela terra.

Queremos trazer aqui duas imagens de Bachelard a respeito da água: primeira sobre ser a morte não a última viagem, mas a primeira de todas, confiando na água para conduzi-los à Morte, tornando, assim, a morte uma viagem e a viagem uma morte (BACHELARD, 1997, p. 75); segunda que a água, neste sentido, é único elemento, dentre os quatro, capaz de embalar, de forma que, por isso, possui uma maternidade inerente em si. “A água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos. A água devolve-nos a nossa mãe” (BACHELARD, 1997, p. 136). O movimento da água é repetido, é uma repetição. Se se repete, diferencia-se em algum ponto. Riobaldo-narrador *repete muito miudamente* o que o nos conta, e isso faz com que ele viva o *repetido* na própria *repetição*

contada. Ele nos embala e encanta, adormece-nos não pelos seus braços, mas pelo seu sonho, pela sua imaginação que é anterior a tudo que se torna palavra e se mostra a nós.

Riobaldo-narrador se autodeclara *quase barranqueiro*: “Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro” (ROSA, 2015, p. 492). Que seja *barranqueiro* senão aquele que trabalha conduzindo para/pelo Rio, dirigindo-se ao sonho? *Nonada*. Ele conduz, repetidamente, a partir da abertura: a nós e a si mesmo⁹⁰, perto do sonho feliz de sermos – “Perto de muita água, tudo é feliz” (ROSA, 2015, p. 36). A tarefa ainda não se cumpriu, seu dia de *alta tarefa* ainda não se fechou no ciclo. Ele é sempre primeiro. *Nonada*. Convida-nos a renunciar – renunciar à realidade dada, ao estar acordado para dormirmos e sonharmos dentro da realidade originária: “Dentro de mim eu tenho um sono, e mas fora de mim eu vejo um sonho – um sonho eu tive” (ROSA, 2015, p. 355). Clama-nos para o escutarmos desarmados, dormindo – qual a nos, que estamos buscando ser uma escuta desarmada, nessas palavras que vão sendo...

Ossenhör utúrje: estou circum-inscrito em um sonho...! No sonho do *Riobardo*, do que quer vir a se tornar homem humano, do que quer fazer da morte a primeira e originária viagem, tornando-a à vida que nos é e é em nós. Se Riobaldo teve a vontade, após o pacto, de se tornar chefe, Urutú-Branco, sendo dois em um, é o sonho de *Riobardo* que revive tudo o que foi e continua sendo na morte de Diadorim e no ultimato do jagunço.

4.1 Contar e viver: repensar os dias vividos, repassados

“Desgraça de estrada, as pedras do mundo, minhas
léguas arrendidas. [...] A caminhada é assim, é
ser: despesa grossa, o abalo”
(ROSA, 2015, p. 305)

Como podemos *escutar desarmados*? Precisamos nos *desmisturar e desiludir*. Ele nos ensina isso: viver propriamente é se desiludir e desmisturar – nos desiludir do mundo fechado e acabado em que estamos lançados; nos desmisturar não do meio de nossa gente, mas dos conceitos que nos foram impostos. Essa é uma tarefa difícil. Porém possível de ser realizada, porque somos *homens humanos*. É preciso trabalharmo-nos; lavrarmo-nos.

Barranqueiro é profissão atribuída ao remador/canoeiro, o qual assim se autodeclara, que atravessa Menino e Riobaldo na travessia do Chico: “[...] – ‘Sou

⁹⁰ Retornaremos a esta imagem de Riobaldo como *quase barranqueiro* ao fim deste capítulo.

barranqueiro!’ – o canoeirinho tresdisse, repontando de seu orgulho” (ROSA, 2015, p. 97), e pouco mais adiante Riobaldo quem o diz: “Arre vai, o canoeiro cantou, feio, moda de copla que gente barranqueira usa” (ROSA, 2015, p. 97).

Mas escutar desarmados também é se declarar como Riobaldo, isto é, ignorante, pois como posso dizer que sei o que é apreensão-dos-afetos, trans-torno e circum-inscrição sem renunciar, primeiro, ao que eu previamente acho que elas são? Esta dúvida, neste momento, posterior a várias tentativas de dizer que sejam as duas primeiras, é desconcertante. No entanto tem sua razão de ser, de vez que não posso definir nada, todavia posso especular o que elas deram (e assim me vou permitindo) a minha visão olhar.

“O que é pra ser – são as palavras” (ROSA, 2015, p. 51)! E elas já dizem muito no ato mesmo de pro-anunciá-las, isto é, de lançarmo-nos adiante ao que anunciamos com elas. Para tanto temos de escutar desarmados, pois somente assim podemos renunciar re-anunciando-as, bem como seguir o conselho de Riobaldo: “[...] o senhor me escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado” (ROSA, 2015, p. 99). Isso requer muita coragem... muita alma... se dispor a ser muito animoso... a sermos ignorantes. Não queremos saber tudo, apenas saber que não sabemos, a fim de *remexermos vivo o que Riobaldo nos diz* – e remexer vivo é viver o acontecimento poético-apropriativo, experienciá-lo, tornando viver e narrar um e o mesmo (travessias...):

Só sim? Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo – que tudo lhe fiei. Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-toa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo. Vai assim, vem outro café, se pita um bom cigarro. *Do jeito é que retôrço meus dias: repensando.* Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é das de Carinhonha. *Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua* (ROSA, 2015, p. 256, *grifos nossos*)...

Ir e vir se confundem, porque são dobras do mesmo verter: ir à estória de Riobaldo enquanto ele de lá vem. Essa confusão gera tensão, e tencionar é tornar vivo pelo embate do que somente na aparência é oposto, como: escutar e dizer; ir e vir; ser e não-ser; vida e morte. Tão logo diz, Riobaldo desdiz, porque não quer encerrar nada, mas sim quer renunciar às certezas: *só apontação principal, ao que crer posso.*

Não há um léxico e um “episódio” específicos, como tiveram as duas categorias anteriores (no sentido de ter algo “concreto”), pelos quais podemos partir para as

especulações da categoria-questão circum-inscrição. Assim, concentrar-nos-emos em momentos nos quais Riobaldo-narrador reflete sobre seu modo de contar/narrar, como o que agora citamos, sobre o que aconteceu e, principalmente, seu modo de relacionamento com as questões (Amor, Diadorim, Linguagem, Deus, Diabo, Travessia, Humano, Existir), em que se verifica um aprofundamento, uma circulação em que as especulações, tão logo se formam e se concentram, logo se transformam em pontos de partidas para o transvasamento de outros pontos de vistas, dissolvendo certezas e emendando questionamentos.

Para não trair a obra e, conseqüentemente, a mim mesmo, há um léxico importante para iniciarmos o pensamento a respeito da circum-inscrição, do qual o que dissemos/dizemos/diremos ser esta tem frutos nele, a saber: *circunstar*. A passagem em que “circunstar” se encontra é tão importante em si quanto para aprofundarmos e darmos início, de fato, a pensar a circum-inscrição. Ei-la:

Como vou achar ordem para dizer ao senhor a continuação do martírio, em desde que as barras quebraram, no seguinte, na brumalva daquele falecido amanhecer, sem esperança em uma, sem o simples de passarinhos faltantes? Fomos. Eu abaixava os olhos, para não reter os horizontes, que trancados não alteravam, *circunstavam*. Do sol e tudo, o senhor pode completar, imaginado; o que não pode, para o senhor, é ter sido, vivido (ROSA, 2015, p. 53, *grifo nosso*).

A circum-inscrição é um movimento de narração, narrativo, como essa nossa narrativa e a de Riobaldo. Ela é um movimento de buscar saber em tensão dialética e possibilitado pelo não-saber⁹¹, ao circular um caminho já traçado, um acontecimento já acontecido, de modo a percorrê-los repetidamente, sempre revelando novas veredas e não-acontecidos. Logo, por narrativo/narrativa/de narração não me restrinjo à concepção de relatar um evento. Ela acontece desde o literário (ou artístico) até a uma postura de interpretação e crítica, como esta dissertação ao partir e retornar a uma mesma ideia a fim de aprofundá-la.

Esse aprofundamento da circum-inscrição revela que seu modo de realização diz respeito a um acontecimento poético-apropriativo⁹². Tentemos outra vez alargar o

⁹¹ Flertamos aqui com a base que é comum a narrar e ignorante, isto é, *gn-*, que forma a *gnarus* (aquele quem sabe, que dá a saber e conhecer, que deu a “narrar”) e *ignarus* (aquele que não sabe, que formou a “ignorante”).

⁹² Queremos mostrar neste capítulo, sobretudo, que a circum-inscrição (como as anteriores) é um acontecimento poético-apropriativo, não necessária e rigidamente no sentido de que fala Heidegger, mas no sentido de que nas obras de arte, a partir do desvelamento do ser e do ser da arte, é uma ação que se torna possível, o ficcionar, pois, de um movimento narrativo, isto é, circular repetidamente este *sendo* que

horizonte do que compreendemos por acontecimento poético-apropriativo: refere-se a um agir/pensar que busca entrar em relação com o ser desvelado no sendo, a partir do qual se abre a procura, de maneira que ir em direção a ele é ir em direção ao que é próprio a si mesmo. Ela se instaura, assim, a partir do narrador. No caso de Riobaldo, mostra-se também como um aprofundamento de seu trans-torno, enquanto uma vertida a fim de contemplar, em outra dobra/travessia, aquela realizada.

Pelo contexto da passagem acima, momento em que narra a tentativa da travessia, comandada por Medeiro Vaz (a incentivo de Diadorim), do Liso do Sussuarão, o léxico “circunstavam” refere-se aos *horizontes* deste espaço. Entretanto percebamos que, conforme Martins (2001, p. 120), *circunstar* é “estar, permanecer em volta, ao redor”, o que é relativo, sobretudo, ao *circum*, como veremos mais adiante.

Riobaldo-narrador afirma para negar, para ir ao encontro do não dito pelo dito, ir sempre além do que se é e foi, e assim trabalhar na paridade entre dito e não-dito, entre o que é e não-é, e contra-dizer, isto é, dar a volta ao dito indo por outra via, a que ainda não é, no mesmo sentido que tem “verter”, desdobrar-se.

Neste sentido, concentrar-nos-emos neste modo de circum-inscrição, isto é, em relação ao seu modo de narrar/contar, porque contar, em *Grande sertão: Veredas*, é viver, experienciar sempre de novo o novo no repetido.

Evidentemente que não queremos interpretar todas as passagens desse tipo, não queremos, pois, verificar exaustivamente para não incorrerem no perigo de sermos redundantes, logo, não circular. Queremos, sim, mostrar que seja isso que chamamos de circum-inscrição até que contemplemos, neste capítulo, uma primeira con-sumação, porque aí já se deita fora uma exaustão, um cansaço e uma fadiga (isso não queremos provocar).

Voltemos à citação de há pouco:

Só sim? Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo – que tudo lhe fiei. Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, *remexer vivo o que vim dizendo*. Porque não narrei nada à-toa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo. Vai assim, vem outro café, se pita um bom cigarro. *Do jeito é que retôrço meus dias: repensando*. Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é

é possível em seu agir. A circum-inscrição, portanto, entra em relação com o ser da arte, com o ser do personagem por meio do narrador, de maneira que o intérprete, realizando uma crítica que também pode ser pensada como ficção, nos termos aqui tratados, também se circum-inscreve ao ir em direção ao que é próprio a ambos.

das de Carinhonha. *Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua* (ROSA, 2015, p. 256, *grifos nossos*)...

Fizemos algumas breves considerações a este respeito, como forma de nos introduzirmos neste veredazinha. Retorcer, repensar, remexer, relíquia... palavras que se formam a partir de duas ações: a do verbo e a do prefixo. O prefixo nos diz do desenvolvimento de uma ação de maneira a intensificá-la a partir da repetição. Entretanto repetir, já dissemos, não é ser redundante, mas sim deixar transvasar uma diferença contraída, concentrada, que é des-contraída – e aqui o “des-” é usado para retificar a ação de contrair – no ato de repetir, e assim algo de novo se sobressai.

Deleuze (1998. p. 450) concebe um sentido interessante sobre a repetição, com o qual queremos dialogar. Para ele, a repetição projeta uma diferença no que se repete, de maneira que ela, a repetição, atribui sentido originário e autêntico à diferença que se transvasa por/para uma tal repetição. A repetição não é concebida como representação, porém, sendo representada materialmente (como em *viver é muito perigoso* e algumas variações dessa expressão) ela manifesta algo diferente a partir da contração da diferença na *atualidade*⁹³, de forma a descontraír pela repetição de algo cujo *vigor de ter sido* se instaura pelo *instante* de uma *antecipação* que se realiza no embate entre *porvir* e *vigor de ter sido*.

Ocorre que esta contração na *atualidade*, o que no impessoal corresponderia ao “presente”, vem a ser des-contraída no próprio aprofundamento que ela permite, como o barranqueiro que rema e rema para continuar em movimento; como na oração que clama e clama a Deus para se extasiar; ou melhor, como no *contar* para *viver* em acontecimento e chamar um “auscultador” para um auto-diálogo, pois que a leitura se realiza a partir da escuta das palavras. A diferença transvasada permite compreender o que, na des-contração, se sobreveio.

A diferença, como constante contrair e descontraír – do *vigor de ter sido* que se contrai na *atualidade* que maneja o barro do *porvir*, o qual se *antecipa* em uma *repetição* (agora no sentido da propriedade do *ekstase* da temporalidade *vigor de ter sido*) –, libera uma repetição que é ao mesmo tempo total, porque sua presença se realiza e se consuma no ato de inter-relacionar com as repetições que coexistem, e totalizante, porque atuante

⁹³ Essas considerações a seguir estão em diálogo com o que pensa Heidegger (2015) a respeito dos *ekstases* da temporalidade, conforme já discutimos.

em diferentes níveis de deslocamento da propriedade da singularidade que a diferença contrai.

A isso o prefixo “re-” nos reporta ao labor que se consagra a partir da repetição, a fim de que se disponha a aparecer uma diferença, e percorrer essa via entreaberta. O que assim aparece é a dis-posição do real quando no aprofundamento o homem deixa-se ser espaço de dis-posição. A diferença não é senão a multiplicidade de diferenças providas da des-contracção do Uno. O homem, em sua diferença repetida, contraída e des-contrada, e vice-versa, conduz ao sumo o que a luz permitiu enxergar. E con-sumar isso é chegar em um ponto que o próprio real não pode, de vez que ele (se) dis-põe (na) diferença agindo no destinar-se à visão do homem, isto é, pro-duzindo procura. Porém ele, o real, não é o sendo que percorre a procura, embora a permita por meio da luz que encaminha ao escuro: *quero ver essas águas, a lume de lua...*

O primeiro *re-* que escutamos é em *remexer*. Mexer é procurar. A procura, pelas tantas convocações feitas pelo *quase barranqueiro*, das quais *o senhor, mire veja, escute e pense* são as mais explícitas, é realizada em par: o que conta e o que escuta. Quem escuta, o faz para poder contar. Porém não escuta a um homem, mas à linguagem que, nela se tornando, o con-suma em sua humanidade⁹⁴. Assim, a escuta que se torna força motriz no contar, revive aquele quem primeiro assim se relacionou e que agora nos conta desse acontecimento, revive-o como a linguagem provinda da linguagem do ser.

Sua linguagem não é complexa, isto é, com dobras (*cum plex*), havendo a necessidade de explicação (tirar, *ex-*, as dobras, *plicare*), porque *só apontação principal* na qual circula e aprofunda: *vai assim, vem outro café, se pita um bom cigarro*. Neste sentido é que não há um “falatório”, ou seja, palavras vãs que se fecham em determinados conceitos, tampouco há gasto de palavras. Se houvesse esse falatório, como que uma tentativa de convencimento a permanecer na facilidade tentadora da *lordeza*, isso já não seria um reviver e remexer, mas sim um enterro no solo definitivo: *não desperdiço palavras*.

⁹⁴ Bastaria lembrarmos o fragmento 50 de Heráclito (1991, p. 71), no qual se ouve: “Auscultando não a mim mas ao Logos, é sábio concordar que tudo é um”. O *um* é o que permanece em tudo que há, cuja presença se realiza na ausência (*esse*). A linguagem/Logos acontece e providencia acontecimento porque o ser nela habita, e acontece enquanto silêncio, tal como o homem existe porque se torna, provisoriamente na finitude de seu tempo possibilitado – seja no impessoal, seja no si-mesmo, porque o ser se dá sem nem mesmo ser percebido –, espaço de realização no qual o ser se dá a ver e a escutar, de modo que, assim se tornando, possa vir a acontecer enquanto linguagem, cujo fundo silêncio/silencioso permite a escuta da voz do ser na linguagem.

Cada palavra cantada na voz de Riobaldo tem o vigor para não recair no impessoal, bem como de lá nos tira ao *remexermos vivo*, por sua rememoração, o que ele *veio dizendo*: indo para a dobra que ele, vindo, recolhendo-se ao um, se achega, para nos encontrarmos reunidos “na circunferência do círculo” (HERÁCLITO, 1991, p. 97). O “vir” de Riobaldo se consagra quando junto a ele pensamos na viagem que ele já viajou à medida que nos viaja – estamos sendo levados, embalados e encantados pelo barranqueiro, pelo rio que foi... Pela tensão dialética entre ir e vir se torna vivo a coisa doada pelo que permanece sendo. O que assim é vivo é animoso, cheio de alma, de coragem, porque se *carece de muita coragem* para remexer a vida que somos: “A luzinha dos santos-arrepentidos se acende é no escuro” (ROSA, 2015, p. 127).

O escuro resguarda todas as coisas que as palavras conferiram ser, porque da luz retraem-se a ele. O que veio à luz já pertencia ao escuro, nele contraído. E a luz ilumina pela clareira que a memória se faz na medida em que esta é o que sempre permanece acesa e como o que possibilita acessar ao escuro onde as coisas-palavras, porque a palavra encontra na coisa seu espaço de ser *sendo*, podem ser *remexidas vivas*. Apenas posso *remexer vivo* o que *é*, e o que *é* somente é porque já foi e ainda pode vir a ser: Riobaldo quer seguir o facho de luz que se apaga para a escuridão. O que *é* que permanece em Riobaldo senão a memória, enquanto círculo que faz circular sido/o que foi, o que *é* sendo e o que ele será na dinâmica de ser? “E tudo conto, como está dito. Não gosto de me esquecer de coisa nenhuma. Esquecer, para mim, é quase igual a perder dinheiro” (ROSA, 2015, p. 333)

O que *está dito* é a coisa-palavra sendo no contar. O que *é sendo* é o que se dispõe, pela apreensão-dos-afetos no homem, a circular entre o que foi, *é* e *será*, isto *é*, tudo pelo nada. A memória nos livra do esquecimento, porque o que *é* tudo, *é* o contável/narrável, a vida em sua totalidade de acontecimento. Se houvesse perda de lembranças, não haveria vida, pois que a memória nos permite rememorar, isto *é*, manter o movimento, o verbo que somos: um acontecimento enquanto travessia. A totalidade do acontecimento é tempo, porque o acontecimento é sempre o que vigora no tempo: a travessia enquanto acontecimento poético-apropriativo. A memória vigora, seja a memória das palavras, que nos lançam e nos movem (*ballein*) para o que se dá a ver nas margens/lados (*para-*).

Riobaldo mantém-se em/no acontecimento não apenas porque narra o que escutou, mas pela convocação de ser-com o outro que nós somos, de sermos-com ele: *o senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo*. Que seja enredo senão uma rede

de fios entrelaçadas cujo cerne é os seus buracos? “[...] *’rede’*: — ‘Uma porção de buracos, amarrados com barbante...’” (ROSA, 1985, p. 29, *grifo do autor*).

Enredar é participar do envolvimento e desenvolvimento do que se trança: a estória, as palavras, o ser e o não ser, homem e questão... A rede somente é rede porque proveniente com os *buracos* que a formam. Nós não vemos os *buracos*, porque são vazios, no entanto entre-vemos e deles sabemos porque os barbantes os amarram, isto é, se sustentam e são a partir dele. Há aí uma relação, como há uma relação de pertencimento e proveniência entre Riobaldo e Ser-Tao. Esta relação acontece porque germinada pelo acontecimento.

O que acontece se faz pela possibilidade de entrar em relação com o ser. *Pôr em enredo* é entrar em relação com o vazio a partir do barbante. Será pela dúvida do narrador de “Intruje-se”, ainda em *Tutameia*, que teremos conhecimento da ação do barbante, que compõe ao enredo, compondo também à vida: “A vida se ata com barbante” (ROSA, 1985, p. 80)? Vida e enredo se tornam doações dos *buracos*/vazio, porque ambos são compostos a partir da possibilidade de amarrar o vazio, isto é, possibilidade de se enredar para viver perigosamente... É deste perigo que participamos sendo-com Riobaldo.

Participando, isto é, sendo-junto porque então passamos a contar, tornamo-nos história⁹⁵ pelo enredo, uma vez que vimos e escutamos, e assim somos testemunhas do que nos foi contado e possibilitado ver. Vendo, podemos questionar. Questionando, podemos vir a saber quando determinamos que não sabemos. Sabendo, podemos agir, poetar, pensar. Agindo, poetando, pensando o que vimos e do que nos tornamos testemunhas, vemos-acontecer.

E aqui chegamos aos segundo e terceiro “re-”: *assim é que retôrço meus dias: repensando*. O que se retorce volta a se torcer para trás, não para se desfazer, mas para voltar e enxergar o que antes não se viu, daí ser necessário *repensar*. A memória não deixa de ser nunca, tampouco o movimento de rememorar. Se se chega ao limite do rememorado, *carece de se dar volta, sempre*. Voltar ao originário, porque o tempo em sua unidade permite: o que possui *vigor de ter sido*, como o vivido, apenas o é porque se sustenta pelo *porvir* que se resguarda como sentido na morte, e ambos enredam à *atualidade* no tempo que temos e somos.

⁹⁵ Jogamos aqui com os significados de *hístór* (“ser testemunha”, “interrogar”) e *historéo* (“ver”, “perceber”, “saber”), em diálogo com as considerações feitas por Castro (1982, p. 39).

4.2 Relíquias de se ver-acontecer: a memória, o vigor, e o que vige

“Rios bonitos são os que correm para o Norte, e os
que vêm do poente – em caminho para se encontrar
com o sol”
(ROSA, 2015, p. 254)

A memória permite ver-acontecer, pois entrança os barbantes a partir da possibilidade doada pelos buracos: *tenho meu saquinho de relíquias*. Este é o nosso quarto “re-”. É para o *saquinho* que Riobaldo olha, ali está o que lhe pertence, o que há de ser rememorado. “Relíquia” é composta, além do prefixo, do verbo *linquere*, que tem o sentido de “deixar para trás”. Entretanto, como para Riobaldo o *tempo é sempre*, e narra o que lhe formou *passado com mais pertença*, nada é deixado para trás no sentido de abandonar, mas é resguardo enquanto raridade e sacralidade. O que é sagrado para o homem é sua morte. É para ela que Riobaldo deixa algo para trás, não no sentido de um tempo passado ou algo que ficou, mas como recolhimento, como retraimento, como restituição à convocação que ela, a morte, sempre fez, para quem deixamos nossas vidas, ao silêncio de uma viagem originária: “Dia da gente desexistir é um certo decreto – por isso que ainda hoje o senhor aqui me vê” (ROSA, 2015, p. 54).

Estamos aqui jogando com outros significados de *reliquio*, de onde deriva “relíquia”, isto é, “deixar por morte”, “deixar como herança”. As *relíquias* de Riobaldo-narrador provêm da experiencição pela qual passou quando foi Tatarana, Urutú-Branco, jagunço que foi e não foi. Riobaldo-personagem, em trans-torno, deixa por morte as lembranças, o *saquinho de relíquias* herdado por Riobaldo-narrador. A circum-inscrição deste é possibilitada por aquele, e significa um certo aprofundamento do próprio trans-torno, de vez que ela é ação do narrador que *forceja por variar de si* (Cf. ROSA, 2015, p. 262) na sua existência ainda não *desexistida*, acabada, e da preservação da *transformação*, *pesável* instaurada pela apreensão-dos-afetos.

Desta forma, se o trans-torno é uma compreensão antecipada, a circum-inscrição é uma compreensão que vai se formando junto ao contar e viver provindos do *remexer vivo* o que se conserva em retração no *saquinho de relíquias*, ou seja, o acontecimento do ser e das questões, de maneira a reintegrar-se temporalmente na contínua *transformação*, *pesável* que se decidiu ser *sendo*:

Agora, que mais idoso me vejo, e quanto mais remoto aquilo reside, a lembrança demuda de valor – se transforma, se compõe, em uma espécie de decorrido formoso. Consegui o pensar direito: penso como um rio tanto anda:

que as árvores das beiradas mal nem vejo... Quem me entende? O que eu queira. Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual – e é o que é. Isto, já aprendi. A bobéia? Pois, de mim, isto o que é, o senhor saiba – é lavar ouro. Então, onde é que está a verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade (ROSA, 2015, p. 283)?

Relíquias: o que é sagrado e raro, e assim permanece sendo. Riobaldo lembra-se apenas do que permanece, e o que permanece não é o Ser? Seria então a memória *ser*? Ela nos permite ser o que somos, porque nos dimensiona a partir do que *foi* e *é* para continuarmos sendo à procura do que não somos. A memória não é patrimônio de um único humano. As lembranças, dela proveniente, podem ser, porque cada humano lembra do que aconteceu em sua vida. Não à toa que na estória “Nenhum, Nenhuma” encontramos um neologismo “desdeslembrar” – o qual diz ao mesmo tempo de um *deslembrar* do que já foi feito, maquinalmente, e a nós empurrado, para então passarmos a *desdeslembrar*, isto é, a nos recolhermos ao que lembramos do que nos pertence pelo envio da memória, e para tanto é necessário *excogitar*, retirar, *ex-*, para pensar, *cogitar* – cujo principal aí é o verbo “lembrar”, o que permanece e se dobra seja em “deslembrar”, seja no desdobramento em “desdeslembrar”:

O homem velho só queria ver as flores, ficar entre elas, cuidá-las. O homem velho brincava com as flores. *Cerra-se a névoa, o escurecido, há uma muralha de fadiga. Orientar-me! — como um riachinho, às voltas, que tentasse subir a montanha.* Havia um fio de barbante, que a gente enrolava num pauzinho. A moça repetia coisas tantas, muito mansas, ao moço. *Tenho de me recuperar, desdeslembrar-me, excogitar — que sei? — das camadas angustiosas do olvido. Como vivi e mudei, o passado mudou também. Se eu conseguir retomá-lo* (ROSA, 2001, p. 102, grifos do autor).

Memória é ser porque Unidade, bem como porque nos permite ser tendo em vista que nos colocamos a pensar: “...pois o mesmo é pensar e ser” (PARMÊNIDES, 1991, p. 45). A memória é o que nos permite lembrar, *deslembrar* e *desdeslembrar* porque é tempo, e tempo é cuidado. A memória, nas *relíquias* que ela nos dá, permite que retomemos ao saber para sermos, saber do não-saber, ser para não-ser e continuar sendo na eterna possibilidade de vir a ser. Ora, podemos pensar aquilo que julgamos saber? Se agora penso para buscar me circum-inscrever, enquanto narrador desse enredo pleno de buracos e de difíceis costuras para dar e retirar *pontos*, é porque não sei... Somente podemos pensar porque não sabemos (e de algo assim sabemos) e queremos saber para ser no tempo que porquanto somos. A memória é ser porque origem das lembranças do narrador, o agir originário que nos manifesta.

A circum-inscrição é sempre um retorno ao que foi, o que permite ser em procura, não da clareza, mas da escuridão, pelo *lume de lua*, e por este vemos-acontecer, porque o não-visível se manifesta visível ao passo em que já não é mais isto que se mostra, permanece sendo. Ela é também uma costura dos pontos que amarram os buracos para que se possa pensar do que não se sabe a fim de tentar saber do que vemos-acontecer.

O que vemos-acontecer? A ação de entrelaçar os fios que compõem à rede disposta pelo vazio, isto é, o enredo. O enredo que pensamos e achamos nunca se esgota, de vez que quem o manifesta é o vazio, *nonada*. A palavra de Riobaldo, nunca esperdiçada, nos lança para as margens onde estão os fios, onde eles se entrecruzam, formando uma encruzilhada, uma esquadria, e beiram aos buracos.

Ocorre que cada fio ainda está se desenvolvendo e se envolvendo na trama, no enredo, no tecido, no texto, e esperar é essencial. Contudo não se trata de uma espera despropositada. Trata-se, sim, de uma espera ativa porque receptiva das questões e, por consequência, de movimento: “O senhor espere meu contado. Não convém a gente levantar escândalo de começo, só aos poucos é que o escuro é claro” (ROSA, 2015, p. 164). O escuro não se torna e/ou passa a ser claro, também não se refere a uma circunstância, mas um movimento próprio de dar a ver e possibilitar o acontecer. Vemos o que ele lança à luz e o que, pois que se recolhe, já deixou de ser.

O *lume de lua* vem da memória que possibilita viver: *tenho meu saquinho de relíquias*. A memória de Riobaldo-narrador é fonte de onde brota seu próprio, não apenas porque o permite lembrar do acontecido, mas também porque possibilita resgatar e manter viva a relação com as questões no decorrer de sua travessia para dar cabo ao pactário. Isso nos mostra, sobretudo, que ela é a vida ainda em acontecimento, e, enquanto tal, transvasa lembranças margeadas pela relação vital com o Ser-Tao, resultando no aprofundamento do agir, do poético, do que nunca cessa e /ou estagna, à medida que Riobaldo se debruça do que lhe pertence e que busca, ou seja, a travessia para compreender o sentido de ser, o acontecer, pois:

Só sim? Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo – que tudo lhe fiei. Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-toa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo. Vai assim, vem outro café, se pita um bom cigarro. Do jeito é que retôrço meus dias: repensando. Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é das de Carinhonha. Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante.

Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua (ROSA, 2015, p. 256)...

A *lume de lua*, Riobaldo conquista poeticamente o que lhe pertence, sua humanidade. O acontecer configura uma relação de pertencimento que tem origem na ação de um *dá-se a pensar*, daí o homem, pelo brilhar, encaminhar-se a esse ocultar-se, ao escuro abismo: *sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua...*

Assumindo-se como *homem ignorante*, Riobaldo dimensiona-se, como que se tornando lugar de descontração, ao não-saber (o que instaura limite a ser atravessado, alcançado plenamente ao ser no não-saber) resguardado no escuro. Não à toa que Riobaldo quer conduzir-se do fio de claridade (*o lume*), como imanência, para o escuro que a resguarda e a emana (*de lua*). No escuro é que o homem humano *aprende a se conhecer*: *agarra-se* ao que o *toma* (*-prender*; *-preender*) à medida que *atravessa* (*ad-*) para nascer com (*cognoscere*) este que o *toma*, o Ser e seu sentido, e para tanto, enquanto narrador, se circum-inscreve.

Ora, se o *acontecimento* nos diz da relação em que se possibilita entrar em contato com o Ser, uma vez que este necessita do espaço que o humano é para então se “essenciar”, agir em sua concretude – o que não para de crescer com a questão do Humano enquanto doação (da questão) do Ser – e o que de concreto no agir se realiza – o homem em sua humanidade, o poético con-sumido pelo pensar –⁹⁶, e se Riobaldo-narrador narra para compreender o sentido de ser (o que se efetua no decorrer da própria travessia que é contar, sendo este o sentido, ser travessia), apropriando-se neste caminhar, a circum-inscrição, enquanto ação própria do narrador que assim se busca e efetiva, é proveniente do acontecimento poético-apropriativo tendo em vista que ela nos diz justamente desse ato de narrar para compreender e com isso ser em travessia, a qual, a narração-travessia, é sempre nova, cheia de novas aventuras perigosas e mistérios dificultosos, de limites a serem superados pelas especulações:

⁹⁶ Estamos aqui pensando no sentido originário de onde provém “essência”, isto é, do latim *esse*, ser, e não o sentido metafísico tradicional de dizer da essência enquanto propriedade íntima do homem, do existente, ou seja, do ente. Assim, queremos dizer com “essenciar”, buscando verbalizar o substantivo “essência”, o agir do ser no homem e nas coisas, sendo o agir aquilo que vigora e nunca cessa de acontecer, o poético, o qual encaminha para a apropriação do homem enquanto entre-ser pelo ser (como vimos no primeiro capítulo), bem como da apropriação do homem do que lhe pertence, a travessia. Sendo a travessia o que pertence ao homem humano, bem como o que lhe dá sentido de ser, ela é (enquanto/como) seu acontecimento poético-apropriativo.

O senhor sabe?: não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco carôço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a ideia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vezes não é fácil. Fé que não é (ROSA, 2015, p. 152).

Ser em travessia não é fácil, de vez que é sempre difícil ser o que não se sabe e o que não se é, entretanto é necessário para buscarmos-nos enquanto tais em nossa humanidade. Eu não sei, Riobaldo não sabe, não sabemos... No entanto, o que vale o viver como travessia senão esse *remexer vivo o vivido* que fomos e houve para nos encaminharmos ao que não somos e seremos e ainda não há e tampouco houve?

Riobaldo remexe o vivido à medida que nós remexemos vivo o que ele nos conta do que foi vivido. Isso é ir e vir, já dissemos. No entanto queremos dizer algo mais: isso é convocação a uma renúncia, renunciar a nossa voz, enquanto homens dados, para sermos-com Riobaldo. Embora já tenhamos dito isso, acrescentemos que, todavia, não é qualquer ser-com, mas sim um ser-com na amizade, por isso ele nos convida a *escutarmos desarmados*:

Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual desarmado. O de que um tira o prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê que é (ROSA, 2015, p. 155).

À guisa de um aposto, porém entre travessões, temos aí uma suspeita de que Riobaldo nos declara que somos seus amigos, e é recíproco, desde que entregues ao mesmo (*do igual o igual*) e às diferenças que ele nos dá como possibilidades para que talvez possamos saber e ele não, ainda que seu *não saber* seja aí carregado de uma ironia: – *amigo – é que a gente seja*. E ser amigo de Riobaldo é atravessar com sacrifícios, não no sentido de passar por um tormento e/ou abdicar de algo para alcançar alguma coisa, mas de juntos manifestarmos o sagrado⁹⁷ em um ritual no qual pactuamos em dever de con-sagrar a *essência* – na doação do ser – de que viver como *homens humanos* é ser em e como travessia.

Para assim sermos amigos dele, temos de nos esvaziar, *deslembrar* do que o mundo impessoal nos forneceu, temos de ser *fiel como um papel* em branco, vazio, para

⁹⁷ O sentido originário de “sacrifício” é de “manifestar o sagrado”, composto de *sacer*, que diz “sacro”, “sagrado”, e *ficium*, de *officium*, significando “trabalho”, “execução de um trabalho/uma tarefa”. Qual é o trabalho próprio e primeiro do humano senão ser espaço de manifestação da Vida/Terra? Que seja a vida senão sagrada? O que é assim tão sagrado que deva ser guardado em nossos *saquinhos de relíquias*, para termos como *remexer vivo o vivido*?

percorreremos o que nem ele e nem nós não sabemos, o *grande sertão!*, do que ninguém sabe. Isso tem de ser pensado e repensado, mexido e remexido, enquanto relíquia, esta como tesouro de que o “passado” (no sentido do que foi, o sido, em ser um por fazer) nos deu de pertencimento:

Sendo isto. Ao doido, doideras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é que conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção (ROSA, 2015, p. 92).

Neste sentido é que, para Riobaldo, e para dele sermos amigos, não há perda, não há abdicação, mas sim uma renúncia (como aqui estamos tratando), também no sentido de re-anunciar, ou seja, de nos circum-inscrevermos na obra que ele se torna – no ato de realizar-se como esse espaço de manifestação do sagrado –, pois que *tudo é cantável*, tudo é pacto.

4.3 Ação de nomear: nossa questão revelada em um nome

“Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe. Da razão desse encoberto, nem resumi curiosidades”
(ROSA, 2015, p. 136)

O nome que encontramos para nomear isso que se nos re-velou foi “circum-inscrição”. Vimos até aqui passagens expressivas (e não únicas) que concentram isso que estamos chamando de circum-inscrição, relativas ao modo de contar de Riobaldo, mesmo questionando a linguagem que ele se verte – contar e viver se confundem.

Temos em “circum-inscrição” uma justaposição de dois termos: *circum* e *inscrição*. Não quisemos tão somente estender o termo comum “circunscrição”. Nossa intenção era fazer que a palavra mantivesse um tom que evocasse quase que explicitamente movimento(s), de vez que podemos notar, pela pausa que somos forçados a fazer por conta do hífen, pelo menos três movimentos: em volta e/ou ao redor (*circum*), entrar (*in*) e escrever (*scrição*). Percebamos, assim, que a justaposição se desdobra e aprofunda. Embora não tenha um sufixo verbal, é a partir deste termo-base que o verbalizamos: circum-inscrever, se circum-inscreve.

O sentido mais originário de “circunscrever”, do latim *circumscribere*, é o de “traçar um círculo em volta”. Aí temos a noção de movimento. Se olharmos para o substantivo, “circunscrição”/*circumscriptio*, teremos o sentido de “círculo traçado em volta”, uma ação realizada. Queremos realçar estes dois aspectos para nossa circum-inscrição, porque: I) Riobaldo narra para compreender, e assim vai traçando um círculo em volta do já vivido, mas que ainda é acontecimento e isso conduz a II), o círculo que foi traçado do de-Janeiro até um pouco depois do momento do *diabo na rua, no meio do redumunho*, isto é, quando Diadorim e Hermógenes se enfrentam em combate e morrem. Riobaldo conta para viver a partir do que o vazio produz, traçar um círculo em volta do círculo já traçado, pois a “vida é um vago variado” (ROSA, 2015, p. 407) que Riobaldo, sendo, circum-inscreve.

Para a linguagem de *Grande sertão: Veredas*, em que se busca entrar (*in*) em relação com o ser em seu acontecimento por meio de uma fala/escrita (*scribere*) que é, antes de tudo, escuta da linguagem do ser, isso é o que dá possibilidade de conquistar o acontecimento poético-apropriativo, de vez que aí a língua já não é mais comunicação, mas linguagem, *poiesis*, a ação do vigorar enquanto (fala do) silêncio daquilo que surgiu *nonada*; é con-sumação da realidade. As tantas colocações sobre a linguagem, aqui entendida em referência ao *contar* de Riobaldo, efetiva a plena possibilidade de ir ao acontecimento, uma vez que questiona e torna questão o seu *contar* para então aprofundá-lo no que o essência, o silêncio: “Fazer uma colocação sobre a linguagem não significa tanto conduzir a linguagem mas conduzir a nós mesmos para o lugar de seu modo de ser, de sua essência: recolher-se no acontecimento apropriador⁹⁸” (HEIDEGGER, 2003, p. 8).

Será nesta referenciação à linguagem do ser através da linguagem do ente, realizada pela circum-inscrição, que encontraremos, junto de Riobaldo, meio de nos recolhermos ao acontecimento poético-apropriativo, e assim ela brota dele na medida em que nos pro-duz para o silêncio, possibilitando a nossa fala enquanto tal escuta da linguagem, do silêncio, a fim de levar ao sumo a realidade. Para tanto, primeiramente nos conduzimos por meio do *circum*.

Circum nos diz, mais imediatamente, “em volta de”, “ao redor de”. Entretanto estes dois sentidos ainda não nos parecem suficientemente uma procura, de vez que o ato de rodear ou ir em volta não adentra. Ao contrário de “em torno de”, porque torno, já vimos, supõe um *tornar* visto que se *lavra torneando, arredondando*. Embora utilizando

⁹⁸ “Acontecimento apropriador”, ao que se presume, é a expressão usada pelos tradutores de *A caminho da linguagem* para traduzir o termo alemão *ereignis*.

a palavra “rodear”, mas no sentido de “adentrar”, Guimarães Rosa nos diz que seus textos “são simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é chamada ‘realidade’, que é a gente mesmo, o mundo, a vida” (ROSA, 2003, p. 283). Quem assim “rodeia”, adentra ao mesmo tempo em que se põe para fora dos seus limites, e isso é experienciar um acontecimento, pois que “rodear ao torno de” indica que há um círculo para se tornear/tornar, de conto a conto no contar de Riobaldo: “De diz em diz, rodeava a questão” (ROSA, 2015, p. 153).

Havendo círculo, não haverá encerramento, ponto final, mas travessia e travessias, dobras e vertidas. Havendo círculo, não haverá dois lados, não haverá separação, porém união na obra que é circular, no trabalho de lavrar a terra. Somente podemos lavrar a terra pensando: não podemos lavrar de qualquer jeito, mas na paridade.

Assim é que nos encaminhamos para a “inscrição”. A palavra é formada pelo prefixo *in-* mais o verbo latino *scribere*. Com o *in-*, queremos realçar o adentrar nas questões, um adentrar que se efetiva a partir do ato de circular o círculo realizado. Ora, é nesse ato que se retira todo e qualquer encerramento, pois que, na unidade do tempo e na dinâmica de ser, princípio e fim (compreendido enquanto continuação) se unem, e este passa a se tornar uma nova vereda para aquele se transvasar. E adentrar é restituir, como as estrelas, que saem no escuro da noite quando a lua *sobe e mais sobe* para então se deitar no outro ponto do círculo, voltam a adentrar, a recuar no escuro, para virem a brilhar após o dia:

Mas a lua subia estada, abençoando redondo o friinho de maio. Era da borda-do-campo que a mãe-da-lua sofria seu cujo de canto, do vulto de árvores da mata cercã. Quando a lua subisse mais, as estrelas se sumiam para dentro, e até as seriemas podiam se atontar de gritar (ROSA, 2015, p. 168).

Riobaldo-narrador, circum-inscrevendo-se, nos traz a nos circum-inscrevermos, de vez que ele nos traz para a escuta da estória a fim de nela nos inserir pelos não-acontecidos e pelas luzes que do escuro porejam. Cabe a nós adentrarmos no *talho/corte* que ele faz no tecido/texto⁹⁹ para ir enredando às tortas linhas:

Essas coisas todas se passaram tempos depois. Talhei de avanço, em minha história. O senhor tolere minhas más devassas no contar. É ignorância. Eu não converso com ninguém de fora, quase. Não sei contar direito. Apreendi um

⁹⁹ “Texto” tem a mesma proveniência de “tecido”, do latim *textus*. Um tecido é uma rede de fios, e os fios, como barbantes, amarram aos buracos, o vazio.

pouco foi com compadre meu Quelemém; mas ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa. *Agora, neste dia nosso, com o senhor mesmo – me escutando com devoção assim – é que aos poucos vou indo aprendendo a contar corrigido. E para o dito volto. Como eu estava, com o senhor, no meio dos hermógenes* (ROSA, 2015, p. 169, *grifos nossos*).

O movimento da lua, como o do sol, é sempre nascer para se pôr, e se pôr para nascer: traçar um círculo no círculo já traçado. Essa ação de circular para adentrar é o que leva a escrever. Escrever, do latim *scribere*, derivado da raiz indo-europeia *skribh-*, possui um significado que aqui nos interessa preliminarmente, que é “cortar”, e cortar é limitar. Interessa-nos para termos a e irmos na seguinte direção: quem corta não somos nós que escrevemos e lemos este texto, nós vivemos o corte do tecido que nos é doado, assim como não somos nós que limitamos ao corte, todavia o limite insuperável de nosso existir que sempre nos convoca: vida e morte. Esse entre é o ponto pelo qual, pelo poente, Riobaldo encontra a união entre princípio (circum-inscrever) e fim (circum-inscrição) e o abrir de uma abertura de um no outro.

A *vida é sorte perigosa*, porque ela nos doa um corte de tempo possível para vivermos, e o nosso limite é a nossa morte, o nosso acabamento, nosso *desexistir*. E quem corta a linha de nossa existência senão a morte? A morte/Morte e a vida/Vida, e todas as demais questões que nos doam possibilidades para sermos propriamente, estão sempre no *encoberto* – de onde provém o *beco para a liberdade se fazer* a partir da *verdade que se carece de aprender* (Cf. ROSA, 2015, p. 254) em sua dinâmica manifestativa de se desvelar – se re-velando em nosso viver para costurarmos, em nossos tecidos próprios, princípio (questões) e fim (existir):

Sempre sei, realmente. Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pelejei para achar, era uma só coisa – a inteira – cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doidera que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que beltrano fizer, o que todo-o-mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado. Ah, porque aquela outra é a lei, escondida e vivível mas não achável, do verdadeiro viver: que para cada pessoa, sua continuação, já foi projetada, como o que se põe, em teatro, para cada representador – sua parte, que antes já foi inventada, num papel (ROSA, 2015, p. 394-395)...

Desta forma chegamos (mas chegar não é se recolher para partir para o meio da travessia?) em *escrever*, terceiro movimento¹⁰⁰. *Scribere* tem os significados de “escrever letras, carta, obra”, “traçar caracteres”. O homem se escreve obra quando busca consumir sua humanidade. Daí traçar as letras e caracteres que comporão a forma (como o que se faz *sendo* no vigor, constituindo e instaurando o que se deu a ver e assim apareceu) na qual se manifestou a Verdade, a Vida, a Morte, o Ser. E se escrever é então obrar, traçar a forma em que se tornará possível ver uma das desvelações do ser, então podemos aqui traçar e perdurar um círculo ao *circum*, pois que por trás da forma está encoberto o nada que a permitiu.

Partir da forma – espelho no qual figura (de *ingere*) o que se deu a ver e o que viu, logo, enquanto um entre, na qual a palavra instaura um limite e um não-limite, um visível e não-visível, ser e não-ser –, indo rumo *aquilo que está encoberto*, não é outra coisa senão travar tensão com o imaginar. Tensão não como contraste e/ou dicotomia, mas como maneira de se preservar a confluência entre as coisas (forma e imaginação) assim tensionadas para que ambas se resguardem no que são. O que eu sou na forma que me vejo está sempre em tensão com o que não sou no que imagino (atingir meu) ser. Ora, o que resguarda Riobaldo-personagem como o *ainda não* é o trans-torno de um imaginar. A forma, assim, não é estanque, ou um mero momento, porém a configuração do que pôde se tornar presença quando se re-velou, de modo a tornar possível consumir.

Contudo o que isso tem a ver com a *circum*-inscrição? Antes desse parágrafo, fizemos um retorno ao *circum*, não forçoso, uma vez que cada movimento que buscamos mostrar já estão em cada termo dessa categoria-questão, bem como cada qual supõe e pressupõe um ao outro, à medida que se manifesta pelo tempo unitário da memória: circular ao torno para adentrar no que se escreve ao se escrever/inscrever em mim ao mesmo tempo em que me escrevo. A forma se torna presente no discurso, isto é, no que é a “presentificação” da dialética entre curso e de-curso, zona de fluência entre estes cursos que se vertem no correr da língua produzida na narrativa.

O não saber, imerso pelo e no ato de narrar, é que possibilita cada narrativa de todo humano. Se considerarmos a narrativa como uma forma, haverá então formas

¹⁰⁰ Breve observação: por que não colocamos “circum-escrever”? Além do fato de que soaria estranho dizer “circum-escrição”, porque, enquanto humanos, seres limitados no círculo já traçado (*a parte que já inventada*) de nossa existência (nascer para morrer, viver para morrer, entretanto a morte como o que dá sentido à vida), queríamos deixar soar o “adentrar” do “in-”. Queríamos também manter a forma de substantivo por compreender que somos o círculo já traçado no eterno traçar círculos da questão, mas sem excluir o sentido verbal, por isso sermos, também, o (ato de) circular do traçar o círculo.

narrativas diferentes que resguardam em comum sua pertença, o narrar. Como a forma discursiva desta dissertação se diferencia da narrativa rosiana, porém são formas que buscam con-sumar o que se deu a ver no horizonte do narrar, de vez que o “horizonte de todo narrar não pode ser confundido com apenas mais uma narrativa” (FERRITO, 2014, p. 169), o qual (se) resguarda (como) o não saber para onde nos encaminhamos *perigosamente*, limites na tentativa de se tornar cada vez mais homem humano.

O que temos em comum com Riobaldo é que nossas narrativas circulam para adentrar no mistério que nos escreve/*inscreve* ao nos escrevermos/*inscrevermos* em torno dele, no encoberto para onde vai o nosso beco para a liberdade, e para tanto, sendo-com ele, enveredamos um caminho que ele nos apresenta, para buscarmos a nós mesmos na identidade que instaura diferenças:

Tudo isto, para o senhor, meussenhor, não faz razão, nem adianta. Mas eu estou repetindo muito miudamente, vivendo o que me faltava. Tão mixas coisas, eu sei. Morreu a lua? Mas eu sou do sentido reperdido. Sou do deslembado. Como vago vou. E muitos fatos miúdos aconteceram (ROSA, 2015, p. 430).

A diferença que temos de Riobaldo é que, espantosamente, mas não uma surpresa, ele consegue adentrar no mistério que somos pelo reflexo comum e ao narrar o que ele foi e é. Não posso lembrar o que ele foi. Não porque necessariamente ele é um outro, mas porque ele, como rio, se esvazia em nós pela sua narrativa, e passa, portanto, a embarcar e navegar em nós pelo que não foi e não é. Ele me circum-inscreve quando penso em ousar circum-inscrever sua narrativa...

Neste sentido, é na narrativa que temos a possibilidade de nos compreendermos enquanto travessia, porque nesta e por esta é que ficamos diante do Ser, bem como nos apropriamos do que nos pertence e sempre está *perto* de nós. A cada *ponto* que colocamos no que foi, algo nos impulsiona a seguir contando – “Conforme foi. Eu conto; o senhor me ponha ponto” (ROSA, 2015, p. 430) –, porque nada é definitivo, sempre se perde e se reperde algo. Desta forma, um novo pedaço do infinito se descobre quando então damos volta, e assim se *deslembra*, a cada vez, do que o mundo impessoal instruiu, para se tornar vazio, isto é, pleno de possibilidades.

Riobaldo não quer simplesmente ir e voltar, mas quer acontecer no meio de tudo. Para tanto, ele se circum-inscreve na repetição, na travessia que transvasa diferença contraída e que se descontraí no ato de circulá-la, de vez que, sendo a travessia esse entre-verter-se possibilitado pelo poético do acontecimento, a circum-inscrição se instaura

como esse sempre inaugural questionar no questionamento do questionador, na própria ação de que a *pergunta se pergunta*, em que a questão se recolhe, cada vez mais, para a profundidade sem-fim do abismo:

Ah, tem uma repetição que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso (ROSA, 2015, p. 41)?

Neste sentido, instaurando-se a partir desse ato de repetir a travessia, porque a verdade, no sentido manifestativo da dialética desvelar-velar, velar-desvelar, a narrativa de Riobaldo, visando *viver o que faltava* no já vivido, ou seja, circular o círculo já traçado, é uma circum-inscrição cujo não ver sobredetermina ao ver, pois a cada repetição algo novo no já vivido/circulado se mostra. Assim, o círculo não se exaure, mas impulsiona uma nova narrativa (como a nossa), preservando o movimento, a continuação a partir do fim: “[...] o dia vindo depois da noite – esse é o motivo dos passarinhos” (ROSA, 2015, p. 399). A linha que une princípio e fim, é a mesma que projeta e pro-duz diferença para uma nova narrativa.

A travessia, desta maneira, enquanto esta repetição *no* (porque assim se adentra) e *do* (porque assim é pertencente) *meio*, é acontecimento poético-apropriativo, uma vez que Riobaldo sempre, por ela e nela acontecendo, atravessa para se apropriar – à medida mesma que con-suma – do que lhe pertence, sua humanidade. Para tal, o narrador *age* nesta travessia (encontrando *saídas* diversas das que ele a priori supôs ver) poética e mimeticamente¹⁰¹, pois que o que vige nas palavras é o que é evocado a permanecer

¹⁰¹ Partimos aqui, em diálogo com Castro (1982), da seguinte consideração e concepção de *mimesis*: o literário não tematiza uma realidade, mas sim *finje* (dá forma), “dis-semelhando”, a uma manifestação do real pelo e no imaginário, uma vez que sua palavra/signo verbal resguarda a esse fazer e formar. Com isso queremos afastar a ideia tradicional de que a *mimesis* seja concebida como uma cópia, uma imitação, pressupondo haver algo verdadeiro em contraponto a um falso, para então resgatá-la em um sentido originário, isto é, de que ela é a consumação de um desvelamento do real, em que este propicia, em seu modo manifestativo, a criação, enquanto ação de plasmar e de buscar sentidos do desvelar do real, de algo que, a partir do que permanece como fonte, ainda não há, isto é, ainda não existe mas é, por isso mesmo, possível.

Assim é que a *mimesis* vem a ser o suporte para o projetar-se ao poético, ao agir (*poien*) do ser a partir da metáfora, quando esta é pensada em seu valor verbal, como a articulação que realiza entre duas realidades que se dis-semelham no discurso: a palavra que, mimetizando, metaforiza, está sempre entre (*meta*), transvertendo-se por vim à luz (*phorein*). A *mimesis*, concebida como desrealização e como força de constituição e estruturante, estrutura a metáfora, a qual resguarda a identidade entre os dis-semelhantes e o homem, uma vez que ele é a lugar de resguardo dessa força geradora.

Podemos ainda especular que, se, conforme Heidegger (2008), no ensaio “Construir, habitar, pensar”, a “coisa” refere-se a uma reunião integradora entre céu e terra, mortais e imortais, dir-se-ia uma encruzilhada,

distante, como um horizonte de sentido a ser buscado e que dimensiona: o poético que dimensiona a *mimesis*, esta referenciando-se aquele; o ser dimensionando o homem, este se referenciando aquele, instaurando, assim, o texto literário.

Se considerarmos que Riobaldo jagunço, Tatarana, Urutú-branco, morre, sofreu seu ultimato para que Riobaldo-narrador nasça e retire-o de um passado estanque pelo verbo, a morte, sendo o vigorar do silêncio para onde tudo se recolhe acolhendo a vida, é o que permite a plena possibilidade de tantas travessias e veredas, pois que o silêncio, fundo da linguagem, permite a escuta. O contar de Riobaldo é, então, um dizer que traz para as palavras o que escutou do silêncio, da sua morte como o que *foi e não foi*.

O que se torna, e assim passa a ser, possível para Riobaldo-narrador é o que foi e não foi possível para Riobaldo-personagem, de vez que este sentia o *coração bem batendo* no chamamento do sertão. Já aquele, por sua vez, passa a instaurar uma compreensão, no curso e de-curso narrativo, quando então se lança a adentrar no escuro possível de ver ao se manifestar pelo *lume de lua*, tornando possível mesmo o pacto com o Que-Não-Há: “Possível o que é – possível o que foi. O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente... e – mesmo – possível o que não foi. O senhor talvez não acha” (ROSA, 2015, p. 424)?

Riobaldo-personagem, quem se trans-torna, pelo que não foi possível, possibilita a Riobaldo-narrador, sua dobra: o trans-torno, um imaginar ser-se, é estar e ser-sendo circum-inscrito. Somente se conta a travessia, e somente se atravessa pelo que contou. Há aqui um destino, que aconteceu no já vivido, entretanto que volta a se repetir, tornando-se a *repetição* que acontece, na ação de traçar do círculo, de vez que o destino é o “desenho completo da trajetória da vida, o diagrama do movimento da existência no tempo, cujo processo de avanço e recuo, por meio de atos e gestos, de que se originam efeitos imprevisíveis, materializa-se nos tópicos da travessia” (NUNES, 2013a, p. 84). Diz-nos ainda o professor Benedito Nunes que, em Guimarães Rosa, “além de viajante, o homem é a viagem – objeto e sujeito¹⁰² da travessia, em cujo processo o mundo se faz” (NUNES, 2013a, p. 85). É isso então: ser-se a imaginação circum-inscrita.

poder-se-ia dizer, assim, que o literário também é uma reunião integradora, formado em/por uma encruzilhada, entre ser e humano, poética e *mimesis*, de vez que quem age é o ser, e a *mimesis* acusa a relação do humano por meio da palavra com o real, os quatro são caminhos e veredas que deixam-aparecer a luz, que deixam brilhar e tornam possível vir à luz.

¹⁰² Embora “objeto” e “sujeito” sejam termos cristalizados pela tradição metafísica, e usados por Benedito Nunes, percebe-se que o professor se vale deles no sentido de que o homem torna-se a coisa, o que está em causa, *sendo*, a ser percorrida.

Porque revive sua vida, nela se circum-inscrevendo, Riobaldo produz um acontecimento poético-apropriativo que lhe torna o sumo *homem humano*, capaz de retornar, portanto, pela vereda que lhe fez chegar onde chegou, cujo conhecimento não é senão a compreensão de que ele, jagunço Riobaldo, Tatarana, Urutú-Branco, filho do Sertão, é um ser de eterno retorno pelo mágico círculo da travessia: *existe é homem humano. Travessia*.

Uma intensificação da ação do verbo *tornar*, através do prefixo “des-”, vem a nos esclarecer isso, bem com a mostrar um pouco mais sobre o motivo pelo qual o trans-torno permite/deixa uma abertura para o re-torno, isto é, circular o círculo, na circum-inscrição: “Eu vim. Pelejei. Ao deusdar. Como é que eu sabia *destornar* contra minha tristeza” (ROSA, 2015, p. 486, *grifo nosso*)? Esse momento se dá após a morte de Diadorim, quando então Riobaldo se põe a procurar as origens de Diadorim – volta-se à primeira viagem, morte como tempo na vida.

A vida do jagunço Riobaldo é o círculo já traçado no qual Riobaldo-narrador se circum-inscreve, traçando um círculo porejado, incorporando-o, como nos simples círculos a seguir, no qual o de dentro representa a Riobaldo-personagem, o já traçado, mas cujo fim une-se ao começo; o externo, tracejado e/ou porejado, representa a Riobaldo-narrador, pleno e entre-visto de entradas e saídas, de entremeios, de linhas que amarram aos buracos, de não-acontecidos, inconclusos, não estáticos, embora possível de serem con-sumidos, e que, por isso mesmo, formam a uma unidade que não é possível discernir o que é, por exemplo, local de entrada e saída, e tudo é, ao mesmo tempo, entrada de uma saída, e saída de uma entrada, um lado e outro, um espelho que duplica e causa uma cisão. *Tudo é e não é:*



¹⁰³ Embora possam parecer, e mesmo servir a este fim, estes diagramas não são meramente didáticos. São tentativas e formas de expressar quando encontrei, em mim, o limite da palavra, quando percebi que minha imaginação não estava alcançando o que poderia encontrar de formas e ângulos diferentes de uma mesma coisa.

Os três diagramas podem e devem se interrelacionar e interpenetrar, juntos ou em dupla: o primeiro pode significar, em relação ao segundo, por exemplo, que a luz encobre o escuro, o retraimento da luz ao escuro, ou passagem, assim como o contrário dessas possibilidades podem ser alcançados a dizer; o primeiro em relação ao terceiro pode significar que o escuro predominou, mas que o claro ainda resiste formando brechas

Do trans-tornar-se de Riobaldo-personagem sobressai-se Riobaldo-narrador que se circum-inscreve¹⁰⁴, aquele sendo impulso deste para a questão, para o inexaurível e inesgotável, para o silêncio. Ambos são, como na escrita de um livro, traços que preenchem o espaço em branco do papel; ou são pontos de imanência que alcançaram um lugar na faixa de mistério que somos.

A dúvida levantada – *como é que eu podia destornar de minha tristeza?* – mostra uma recolocação de tudo o que aconteceu, pois a sua *tristeza* possui uma causa, a morte não apenas de Diadorim, mas também do jagunço Riobaldo, cuja renúncia do jaguncismo possibilita re-anunciar: “Resoluto saí de lá, em galope, doidável. Mas, antes, reparti o dinheiro, que tinha, retirei o cinturão-cartucheiros – aí ultimei o jagunço Riobaldo! Disse adeus para todos, sempremente” (ROSA, 2015, p. 486).

4.4 Sou quase barranqueiro: Riobaldo nos clamando à circum-inscrição, ao trabalho de ser

“Cerro. O senhor vê. contei tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro”
(ROSA, 2015, p. 492)

Escutemos de novo: *como é que eu podia destornar de minha tristeza?* Aqui queremos voltar à imagem de Riobaldo como *quase barranqueiro*. Se lembrarmos de que se punha moedas na boca dos mortos para pagarem a passagem na condução do Caronte, teremos aqui um encaminhamento para pensarmos que Riobaldo em circum-inscrição circula o que se tornou vigoroso por ter *cumprido a obrigação* do viver a vida na *sorte perigosa*. O ato de dividir o dinheiro antes do seu *ultimar-se*, significa a garantia de que isso que morreu pudesse atravessar outra vez o rio. “Ultimato” provém do latim *ultima*, que nos diz duas coisas essenciais: “a coisa mais afastada” e “o fim”.

para o mesmo escuro; A relação entre segundo e terceiro pode ser de questionar se o escuro está se retraindo para dar margem ao claro, ou se o claro está surgindo no ou do escuro, etc. mas que, no fim, é tudo ao mesmo tempo e variado; por que o terceiro, do lado direito, tem um círculo branco a mais que o lado esquerdo? Foi erro de contagem? Uma duplicação e cisão do de cima ou do de baixo a ele? Ou os dois do canto superior direito são correspondências do oposto no canto inferior esquerdo? Não sei. Não é minha intenção dizer tudo o que pode ser dito junto destes diagramas, mesmo porque teriam possibilidades que eu, que os criei, não conseguirei alcançar e que vocês, leitores interpelantes, podem muito bem verem.

¹⁰⁴ Não queremos com isso dizer que para a circum-inscrição acontecer é necessário, impreterivelmente, o trans-torno, mas sim que ambos reclamam um ao outro à medida em que são modos de, a cada vez e cada qual (sendo personagem e narrador), mostrar e enredar os buracos que compõem à sua vida.

Ali o jagunço Riobaldo se tornou a coisa mais afastada, logo, possível de ser atravessada em direção (*ad-*). A coisa mais afastada pode ser trazida para próximo, mantendo-se resguardada na distância, para que não deixe de ser coisa em sua propriedade (*proprium*). O que assim é afastado possibilita algo vir a ser, repassar o já vivido: “Ah, eu estou vivido, repassado” (ROSA, 2015, p. 37). Esse algo que vem a ser é uma *antecipação* do que já se *repetiu*, o acontecimento, a travessia, atravessar as coisas: “Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem” (ROSA, 2015, p. 37)...

Ali o jagunço Riobaldo encontrou seu fim, isto é, morreu, recolheu-se à morte, bem como recolheu-se nele mesmo, a morte que o é, enquanto o que foi e não foi, “sempre estando *sendo*”. O acontecido narrado é vigor do silêncio, pois que a morte é esse silêncio que mais doa sentido ao homem humano tendo em vista que o vazio do princípio, para o qual o fim se recolhe, garante plenamente uma nova e mesma travessia: “Com isso minha fama clarêia? Remei vida solta. Sertão: esses seus vazios” (ROSA, 2015, p. 37).

Os vazios amarrados com o tecido do texto sempre dão enredos, a gente mesmo enredando novos vazios do tecido rosiano, guiado por Riobaldo-narrador na vida que ele viveu, no que ele, agora nomeado de *quase barranqueiro*, confere ser – à medida que diz de si, do que foi *jagunço Riobaldo; Urutú-branco como um pobre menino do destino* – ao que foi, mas um ser que é *sendo* a partir de uma viagem, a qual o primeiro viajante se transforma na coisa a ser atravessada repetidamente, mostrando que esta pobreza é, em verdade, a mais nobre riqueza humana, procurar-se perdendo:

Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora – digo por mim – o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legítimo leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada. Os bandos bons de valentões repartiram seu fim; muito que foi jagunço, por aí pena, pede esmola. Mesmo que os vaqueiros duvidam de vir no comércio vestidos de roupa inteira de couro, acham que traje de gibão é feio e capiau. E até o gado no grameal vai mingando menos bravo, mais educado: casteado de zebú, desvém com o resto de curraleiro e de crioulo. Sempre, no gerais, é à pobreza, à tristeza. Uma tristeza que até alegre. Mas, então, para uma safra razoável de bizarrices, reconselho de o senhor entestar viagem mais dilatada. Não fosse meu despoder, por azías e reumatismo, aí eu ia. Eu guiava o senhor até tudo. Lhe mostrar os altos claros das Almas: rio despenha de lá, num afã, espuma próspero, gruge; cada cachoeira, só tombos (ROSA, 2015, p. 33).

Riobaldo nos guia originariamente, por força do poético, pensando, e reportando-se ao poético por meio da *mimesis*, cujo suporte textual, sua narrativa provinda da busca pelo narrar no horizonte, é a criação que se dá através de um *entre* que se posiciona no

portal da porta, entre os acontecimentos da luz e do escuro, em que o entre nos embala ao abismo para onde o *rio se despenha*:

O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém (ROSA, 2015, p. 25)!

Riobaldo – assim como nós – se *despenha* para o escuro, porque sua alma é coragem. Se há coragem, ela supõe um medo, não da travessia, mas do *perigo* que é ter de (se) retirar de um conforto de onde se está, do que aparentemente conhece, para passar a não saber. O não saber é o que Riobaldo *quase nada sabe*, porque *nada*, o que não há, abre caminho quando acontece, e neste caminho “Deus esteja” (ROSA, 2015, p. 19), pois Riobaldo “hoje em dia” (em *circum-inscrição*) acha “que Deus é alegria e coragem” (ROSA, 2015, p. 259). Coragem é alma, sendo ela pertencente, quer queira ou não, a Deus (Cf. ROSA, 2015, p. 33), para, assim, Ele ser e vir junto na continuação (Cf. ROSA, 2015, p. 22) da travessia pós-morte, *destornando a sua tristeza* em alegria – a viagem recomeça: “E o ‘Urutú-Branco’? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino” (ROSA, 2015, p. 26)...

Viajante e viagem, não temos aqui uma forma única, mas uma *transformação*, *pesável* a partir da paridade, de modo a ser diferenças da Unidade, o Caminho, o Sertão. Riobaldo-narrador nos guia através do que foi, da morte que ele morreu e se deu, a fim de nos conduzir ao nosso próprio: “Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho, aconselhar a justo” (ROSA, 2015, p. 25). E com quem ele aprendeu isso senão com *Reinaldo*, uma desvelação do e no ser-tão?

Ora, não à toa ser possível ver Riobaldo-narrador qual um “Caronte”, porque ele guia as almas – nós leitores – pelo Aqueronte que ele mesmo é e se tornou, se *esbaldando* neste *rio*. Dizemos que isso seja possível a partir da imagem do “barranqueiro”, aquele que conduz à canoa na água de barro vermelho do São Francisco.

O léxico aparece quatro vezes na obra, e em três delas aparecem junto os verbos “cantar” e “contar”: duas quando se rememora do começo da travessia de Riobaldo no porto/Porto do de-Janeiro, ao dizer *gente barranqueira* – “Arre vai, o canoeiro cantou, feio, moda de copla que gente barranqueira usa” (ROSA, 2015, p. 97) – e quando o canoeiro que transporta Riobaldo e Menino na travessia do Chico se assume como tal –

“[...] – ‘Ah, tu: tem medo não nenhum?’ – ao canoeiro o menino perguntou, com tom. – ‘Sou barranqueiro!’ – o canoeirinho tresdisse, repontando seu orgulho” (ROSA, 2015, p. 97) –; uma terceira quando relata uma batalha travada entre Andalécio e Antônio Dó contra Major Alcides Amaral – “[...] ‘*Carinhanha é bonitinha...*’ – uma verdade que barranqueiro canta, remador” (ROSA, 2015, p. 145, *grifos do autor*) –; a última no fechamento do círculo, na autodeclaração de Riobaldo como um *quase barranqueiro* – “Cerro. O senhor vê. Conteí tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro” (ROSA, 2015, p. 492).

Para esclarecermos esse nosso ponto de vista, bem como encaminharmos uma compreensão sobre o que isso tem a ver com a circum-inscrição, deter-nos-emos na canção da *gente barranqueira* e na autodeclaração de Riobaldo.

A canção nos diz: “[...] ‘... *Meu Rio de São Francisco, nessa maior turvação: vim te dar um gole d’água, mas pedir tua benção...*’” (ROSA, 2015, p. 97, *grifos do autor*). Escutamos aí uma restituição e agradecimento. Restituir e agradecer é ser leal ao seu destino: a viver (a) vida que se con-some se dando e unindo à morte, porque sempre a morte ao viver se deu, recomeçando-o. Riobaldo-narrador percorre esse viver vivido, de vez que ele mesmo o é, qual e como um *rio*. Ocorre que rio é um fluxo constante de ir, mas também de vir, e o seu vir é o que o frustra (*baldo*), uma vez que a restituição não está completa enquanto tal, o *quase barranqueiro* ainda não *desexistiu* definitivamente, apenas uma parte, quando se *ultima* – e sua vida, então, resvala para uma terceira e não-acontecida parte/margem, incorporação, transvamento, transformação e transfusão de tudo o que aparenta ser e não-ser. Ouçamos o que nos diz o nome de Riobaldo:

O Nome Riobaldo [...] com sua etimologia introduz imediatamente os aspectos de *Rio* e *baldo* (frustrado), marcando as tantas mudanças de curso de um personagem que não se fixa num só caminho e que, em seu permanente fluir, toma o rio por modelo. Como o rio, Riobaldo corre incessantemente. E, como o rio Urucuia, ele nunca chega ao mar¹⁰⁵, frustrado em sua vida de jagunço (MACHADO, 1991, p. 35, *grifos da autora*).

Assim é que apenas um *gole d’água* foi dado, e ali, no encontro, pediu a *benção*, o viver de Riobaldo, o *ir*, cujo “renome e glória podem, pois, morrer. O que não morre nunca é o Nome, Riobaldo, nó onde se cruzam suas contradições, fonte de vida para o

¹⁰⁵ Interpretaremos essa imagem do rio Urucúia no último capítulo, pois é bem verdade que ele não chega ao mar, para o qual daria suas águas, porém ele cai no Rio São Francisco (Cf. ROSA, 2015, p. 257), o único Rio, o Tao, o Caminho, de onde todos derivam e voltam, ou seja, cair tem o sentido de restituir e recolher-se ao originário.

personagem” (MACHADO, 1991, p. 35). O outro *gole d'água*, que forma a paridade, ainda está indo, se construindo, de vez que, no *vir/voltar*, Riobaldo-narrador está indo *com ordem de trabalho*, está se construindo para e se concretizando com, na entrega à morte, a si-mesmo, seu *dia de alta tarefa*, devolvendo para restituir todos os seus dias vividos em busca do que lhe é próprio para o Ser, atravessando para entregar sua vereda ao Tao, daí que narra o que da memória vem: “[...] todas as minhas lembranças eu queria comigo. Os dias que são passados vão indo em fila para o sertão” (ROSA, 2015, p. 257).

Aqui chegamos ao *quase barranqueiro*. O que está se tornando, porque aprendendo, guia pelo rio que dará ao portão do Hades. Quem aprende é mestre: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” (ROSA, 2015, p. 257). Riobaldo, nos *exortando para o caminho certo*, a procura pelo próprio, vai aprendendo, ou melhor, com-preendendo: aprendendo e apreendendo conosco ao nos agarrarmos ao que nos pertence e de onde provemos.

Exortando, Riobaldo nos mostra e dá coragem. Coragem e alegria são de Deus. A coragem também é o beco para a liberdade se fazer, isto é, criar nosso mundo narrando, mimeticamente, para nos referenciarmos ao poético. A nossa vida é no mundo que nós construímos. Como a vida é *sorte*, a nossa travessia é relativa ao tempo que temos e nos foi dado pela Vida. Como tal, nossa vida é um *vau* do Ser-Tao, que é do “tamanho do mundo” (ROSA, 2015, p. 71), ela é alegria e coragem: “O vau do mundo é a alegria” (ROSA, 2015, p. 253)!; “[...] – ‘Vau do mundo é a coragem...’” (ROSA, 2015, p. 253). “Mas, quando um homem enfrenta um rio para atravessá-lo, sem pontes ou embarcações, contando apenas com seus próprios recursos, tem que descobrir o VAU DO RIO” (MACHADO, 1991, p. 36), e o vau do rio é a sua vida, parcela de tempo destinado pela Vida, a qual acontece pela narrativa descobrindo-a, cujo modo próprio dela, porque o narrador nela se trans-torna, é a *circum-inscrição*.

A vida narrada passa do acontecido para o acontecer, o que ainda transcorre. O que antes era tristeza, se *destorna* à alegria, pois que agora, rememorando a travessia do Chico, o *quase barranqueiro* já aprendeu a estar triste e alegre ao mesmo tempo, pela coragem que figura junto à alegria. Sua narrativa flui e deflui por força da memória, e o que dela vem é acontecimento, não apenas porque traz de novo à *atualidade* (se lembrarmos da essência da Épica na concepção staiggeriana, isto é, Representar, tornar presente outra vez), mas também porque Riobaldo-narrador *sacrifica* (no sentido de manifestar o sagrado, *sacer*, no trabalho a se fazer, *facere*) a partir da morte decretada do jagunço Riobaldo. Tornado *coisa* atravessada, este é o *vau do mundo*, e aquele nos fala

do “acontecer das coisas no mundo que pelo nosso criticar, julgar, damos resultado é na hora, e não antesmente de as coisas se manifestarem” (CARVALHO, 2017, p. 34).

Qual o homem, a coisa, pela palavra, é e acontece, uma vez que o acontecer do que acontece se realiza na própria ação do *sendo*. Riobaldo-narrador se diz pela palavra, conferindo ser à coisa agora atravessada. Nesta travessia, *alegria e coragem*, como a alma, *pertencem a Deus*, a quem nos restituímos após a morte e pedimos, lembrando da oração, salvação da alma, da nossa alegria e coragem.

Alegria e coragem fazem com que nosso pequeno e raso trecho do rio (Cf. MARTINS, 2001, p. 518), nosso *vau*, se tornem genuinamente uma integração, porque uma diferença, de nosso espírito humano ao espírito divino. Não porque o homem se torna Deus, mas porque sagrado e con-sagrando em seu viver a vida poeticamente, como um labor da questão que é Deus, Ser, Caminho, Vida, Morte, Travessia, Linguagem, Humano, no rio que somos e nos tornamos por força da manifestação do Diabo, carregando em nós essas questões. Um anagrama do nome de Riobaldo nos esclarece isso:

Donde a procura do vau por onde fazer a travessia do mundo se confunde, para Riobaldo, com uma procura de Deus. E aí se dilacera Riobaldo, se divide, se desagrega, se reintegra, e com ele seu Nome, em diferentes anagramas, debatendo-se entre os pólos de Deus e do Diabo, fazendo um pacto, uma pauta, um ROL com o DIABO, mas também procurando o tempo todo situar-se num trabalho de Deus, num LABOR de DIO (MACHADO, 1991, p. 37).

O que Riobaldo põe em *pauta*, isto é, em causa/coisa, senão o que não há e acontece? O que *acontece*, acontece porque se manifesta. Queremos, assim, se nos permitirem, deixar (res)soar um questionamento: Riobaldo, no entre o trânsito velar e desvelar, narraria a partir do *pacto* firmado, isto é, do contrato poético realizado, a partir do *sacer officium*, com Deus, por intermédio do Diabo, pois que a Ele a alma pertence, bem como o querer ao *rodar tudo* (Cf. ROSA, 2015, p. 44)? Não sabemos, Riobaldo mesmo especula, mas nada não conclui, porque o “– ‘Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano!: – ...ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo.’” (ROSA, 2015, p. 423). O sertão dá o que está e é disposto a nós: nós mesmos, pois. É pelo nosso ser que apreendemos-os-afetos que nos abrem para a *transformação*, *pesável* que constantemente somos.

Riobaldo não está “sozinhozinho” (ROSA, 2015, p. 32), porque Deus está junto dele, porém somente quando decide ser propriamente, isto é, questão. Riobaldo é sempre consigo mesmo, sendo *dois diversos*, sendo acontecido e acontecendo, círculo traçado e

se traçando, travessia e travessias... Riobaldo é sempre conosco, sendo-com a gente e com o que o ultrapassa, pois que seu suporte é o ouvinte, como meio de reportar-se às questões, escutando-as, ou seja, diá-logo e autodiá-logo: o que prevalece e permanece aí é a escuta do logos/linguagem.

Se nos debruçarmos na questão da Linguagem e termos em mente que é por ela que o humano é – porque as *palavras que são* provêm da linguagem, da referenciação ao Ser e seu sentido (de um retraimento no horizonte da travessia) –, poderemos passar do *sendo* para o *acontecendo*, de vez que é no acontecimento do ser que se instaura o poético, o agir.

Instaurando o agir, estabelece-se a possibilidade de pensar para saber. Podendo vir a pensar para saber, constitui-se aí algo no qual o que pensa sabe, e passa a ser o que sabe por força do que não sabe: *sou homem ignorante, gosto de ser*. Desta forma é que algo sabido, porque pensado, pode vir a ser apropriado, porque não sabido e poetado.

A linguagem nos permite isso, e o contar de Riobaldo caminha para esse acontecimento poético-apropriativo através da sua circum-inscrição, pois que ela é proveniente desse acontecimento repetido – a travessia e o ato de atravessar, ser viagem e viajante – que a linguagem possibilitou tudo o que é dito e é sendo, uma vez que logos/linguagem “é, ao mesmo tempo, nome para o ser e para o dizer” (HEIDEGGER, 2003, p. 144) que o humano procura, pelo sentido mesmo de ser, o ocultar-se na doação: “Agora, eu, eu sei como tudo é: as coisas que acontecem, é porque já estavam ficadas prontas, noutra ar, no sabugo da unha” (ROSA, 2015, p. 357). O tudo se instaura aqui como a identidade que ressoa em diferenças, cujo ser se dá às coisas em suas propriedades, contudo que se oculta no escuro, no *sabugo da unha*, naquilo que está encoberto, a fonte que dá ser a tudo: “Auscultando não a mim mas ao Logos, é sábio concordar: tudo é um” (HERÁCLITO, 1991, p. 71).

A linguagem nos permite ser entre o que é e não-é na medida em que nos permite acontecer no próprio *sendo* que somos. Ela nos movimenta conforme *nós mesmos*, conforme nos dispomos a ser dispostos pelo que é *longe* mas dentro de nós (*perto*), pelo que está *perto* mas se distancia de nós, o Ser, ou mesmo nós mesmos, sempre em procura:

Vida, e guerra, é o que é: esses tontos movimentos, só o contrário do que assim não seja. Mas, para mim, o que vale é o que está por baixo ou por cima – o que parece longe e está perto, ou o que está perto e parece longe. Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. Agora, o senhor exigindo

querendo, está aqui que eu sirvo forte narração – dou o tampante, e o que for – de trinta combates. Tenho lembrança (ROSA, 2015, p. 193).

Ser em circum-inscrição é encaminhar-se para o barro/rio (*rio-*) que foi a fim de nele, no sido, se esbaldar (*-baldo*), para fazer germinar e brotar na terra, tornando-se barranqueiro, aquele que atravessa o Rio e que (se) conduz no diálogo-autodiálogo: “Hoje, eu penso, o senhor sabe: acho que o sentir da gente volteia, mas em certos modos, rodando em si mas por regras” (ROSA, 2015, p. 196). Riobaldo nos conta de sua aventura para ser, o que não sabemos e ficamos sabendo por meio dele, mas também nos conta, *pela sua forte narração*, da *guerra/disputa* que a linguagem nos coloca, e que nós não sabemos (não quero saber!, queiramos assim, como Riobaldo, não saber se sabemos), da vida clamando morte, e esta nos reclamando vigor em vida.

Se o diálogo nos diz da assunção de uma posição diferencial, na qual um “eu” se faz “eu” em sua relação dialética com o “outro” do outro e de si-mesmo, a identidade passa a fundar as diferenças, de vez que somente podemos falar de diferença se houver (algo de) Uno. Em cada diferença se deixa soar uma posição: “Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares” (ROSA, 2015, p. 241). Posição, desta maneira, manifesta o próprio de cada homem posicionado a partir das diferenciações de sua proveniência, em que todos são co-pertinentes ao mesmo: a Linguagem, ao *logos*.

Assim é que em cada posição se realiza um diálogo com o outro, permitindo um autodiálogo. O autodiálogo refere-se ao perigo de ter de enfrentar-se em disputa na qual o único e grande limite é si mesmo, enquanto o *sentir* que a si próprio *volteia e rodeia*. Como um aprofundamento do diálogo, o autodiálogo resguarda a possibilidade mesma de um ser-com (as obras, os outros e o outro que é si mesmo), de um aprender a se conhecer, de modo a se permitir sempre nascer para recomeçar do e com o não-ser que é e foi – “De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para que? [...] O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja” (ROSA, 2015, p. 183-184)! –, para então, pelo questionar, pôr-se na disputa/guerra que é viver sendo e não-sendo:

Mas, não durava daí, menosmente, eu esquentava outra vez meus altos planos, mais forte; eu refervesse. Eu era assim. Sou? Não creia o senhor. Fui o chefe Urutú-Branco – depois de ser Tatarana e de ter sido o jagunço Riobaldo. Essas coisas larguei, largaram de mim, na remotidão. Hoje eu quero é a fé, mais a bondade. Só que não entendo quem se apraz com nada ou pouco; eu, não me serve cheirar a poeira do cogulo – mais quero mexer com minhas mãos e ir ver recrescer a massa (ROSA, 2015, p. 442)...

Notemos que o modo de ser de Riobaldo é sempre recomeço: viveu como jagunço Riobaldo, para morrer e se tornar Tatarana; para morrer e se tornar Urutú-Branco; para morrer e ir se tornando quase barranqueiro. Assim, Riobaldo nunca deixa de se assumir como entre-ser. Seu existir é sempre ser para se questionar, cujo alcance de um limite é sempre uma porta, que abre para o que foi, de onde se saiu, e o que será, para onde vai entrar, para outra conquista. A conquista mesmo é ser procura, porque nunca conhece o que é para além dessa procura, em se constituindo como viajante e viagem. Ele não se faz ser simplesmente vivente, Riobaldo existindo experencia questões, de forma a acontecer para ser *outra pessoa* a partir das lembranças do ele foi, do que o constituiu para ser nesta *atualidade*.

Neste sentido é que seu contar, como o nosso, é repetido, pois circula no círculo já traçado visando atravessar o que antes não tinha acontecido, bem como é *sucedido desgovernado* que nas *outras coisas* se encontram, onde estão o que *vale* ser contado e entre-contado:

O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe (ROSA, 2015, p. 91).

O experienciamento torna o nosso viver, enquanto procura circum-inscrita, tempo em sua unidade: *cada vez daquela hoje vejo que eu era* – todo o tempo, imaginando-me, fui o que sou, fui a mim mesmo. Temos aqui que o viver a vida de Riobaldo é essa comunhão cujo suceder não se realiza linearmente, não pode ser apreendido racional e logicamente. Não que seja ilógico ou irracional, porque se trata de um acontecimento que não pode ser compreendido racionalmente, mas radicalmente, *desgovernado*, fora dos limites conceituais, porque o experienciar, o acontecimento, é proveniente da raiz (radical vem de *radix*, raiz), do originário, do ser.

Ora, apenas podemos ser em circum-inscrição por uma escolha nossa (de deixar as certezas de lado para *remexer* o barro que somos e nos tornamos a cada *recrescimento*, renascimento com a questão que somos, pois), bem como podemos nos relacionar com aquilo que não há (todavia permanece) e sua força de manifestação a partir do que ele põe em causa, em cada *sendo*. O sertão nos produz e pro-duz, isto é, doa-nos a possibilidade

de sermos próprios e para este nos conduz adiante na sua própria dis-posição. Porém é nossa a decisão, conforme o debate com as circunstâncias que nos cerceiam, ser a nós mesmos.

A circum-inscrição é esse sempre inaugural questionar no questionamento do questionador na própria ação de que a *pergunta se pergunta*, em que a questão se recolhe, cada vez mais, para a profundidade sem-fim do abismo que é ser e se tornar imaginando-se. Cada humano tem sua própria circum-inscrição na medida mesma em que ela é experienciamento da sua relação com as questões que o dão fundamento. O fundamento é diverso entre nós, no entanto ele possui em comum a raiz de onde se origina tudo.

Que seja isso? Riobaldo-narrador quer saber do Diabo, de Deus, do Amor, da Morte, da Vida etc, e para tanto questiona. Há então uma questão, um questionador, um questionado. Mas não há resposta definitiva, pois que a cada especulação, Riobaldo-narrador, na dialética de seu (auto)diálogo, passa a não-saber, e a *pergunta que se pergunta* passa a perguntar ao próprio questionador, vertendo-o para a posição de questionado, de personagem que se constrói em sua destruição. Tornando-se o que é questionado, na medida em que a pergunta verte para si, quando então a *resposta bobeia*, sua posição passa a ser de questão (o homem que pergunta passa a ser a pergunta e ação de perguntar dirigida a si). Uma questão, um questionado, um questionador, são um e o mesmo, como o princípio de tornar-se homem humano.

A circum-inscrição é proveniente do acontecimento poético-apropriativo pois, através dela, Riobaldo conta o que experienciou/viveu a fim de se aprofundar cada vez mais nas questões que o realizam ao nelas ele se realizar, sem finalidade, ou seja, sem serventia: “O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo” (ROSA, 2015, p. 355). Riobaldo-narrador conta para viver e vive para contar: conta o que sabe, o que viveu, para então viver, por meio do contar, o que não sabe.

Desta forma é que o rio(baldo) fica mais *grosso, mais fundo*, contando “as coisas que formaram passado para mim com mais pertença” (ROSA, 2015, p. 92), isto é, do que experienciou e permitiu tornar-se, de maneira que lhe retira do saber para continuar indo a conhecer o que não sabe: “Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe” (ROSA, 2015, p. 92). Através da circum-inscrição, cujo contar aí quer ficar *mais grosso, mais fundo*, Riobaldo volta a experienciar um acontecimento: o que é proveniente do acontecimento volta-se a ele, promovendo um acontecimento humano.

A cada especulação realizada, sem nada determinado e/ou fechado, todavia apenas uma nova escondida vida do *tecido/texto* (o vazio que o homem é e de onde principia, a ele voltando sempre, uma vez que dele, do vazio, do nada, provém a possibilidade das possibilidades) que não cessa de se desdobrar e ser desdobrado na seguinte, Riobaldo-narrador, circum-inscrevendo-se, coexistindo, em um constante (auto)diálogo, com Riobaldo-personagem e Riobaldo-questão, volta a não saber, caindo no abismo profundo: “O que sei, tinha sido o que foi” (ROSA, 2015, p. 242) – o que sabe de si, era o que ele tinha sido: procura.

Se bem lembrarmos do que boi diz – *me ensina o que sabia* –, o que sabia já se tornou uma referência para o que saberei na medida em que ele é suporte no qual me reporto ao não-saber: “[...] passarinho que se debruça – o voo já está pronto” (ROSA, 2015, p. 24)!

Circum-inscrição: cada vez que vejo, sou uma diferença – *cada vez daquela hoje vejo que eu era* um trans-torno – todo o tempo, imaginando-me, fui o que sou, fui a mim mesmo. Travessia.

5. As categorias e as questões: um manejo para viver o acontecimento

“Deus é que me sabe. O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu. Diadorim e Otacília. Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucúia, mas que é rio de braveza. Ele está sempre longe. Sozinho. [...] Deus estava mesmo vislumbrante era se tudo esbarrasse, por uma vez.”
(ROSA, 2015, p. 258)

Neste capítulo buscaremos interpretar, de modo mais íntimo e detido, como as questões do Ser, Caminho, Deus, Diabo, Amor, Diadorim, Vida, Morte, Travessia, Humano, Linguagem se intercalam e se interpenetram nas categorias-questões apreensão-dos-afetos, trans-torno e circum-inscrição, de maneira a atribuírem a estas possibilidade de um acontecimento (poético-apropriativo) comum: a procura pelo próprio. Não queremos, todavia, dizer que aquelas questões estão a serviço das três categorias-questões que estamos aqui propondo, ou que somente agora é que posso fazer esta interpenetração, pelo contrário: é por causa daquelas que pudemos ver estas três.

Aliás, *manejar* é também um dos significados que podemos encontrar em *afficere*, bem como podemos relacioná-lo ao apreender-os-afetos: manejamos o que está disposto em nossas mãos. Manejar provém do latim, *manidiare*, palavra que, por sua vez, é derivada de *manus*, que significa “mão”. O que está disposto às mãos de Riobaldo senão Diadorim e todas as questões que se atravessam nele e ele atravessa? “[...] Diadorim, mano-oh-mão” (ROSA, 2015, p. 29). O que está disposto em nossas mãos são as aberturas da obra operando suas questões.

Para tanto, partiremos da abertura do romance: *nonada*¹⁰⁶. O que nos levaria a, neste momento da dissertação, retornar e focar na abertura da obra? Embora não seja original, algo simples, e que justifica o motivo pelo qual, após o seguinte subcapítulo, volveremos nosso olhar à expressão final “Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2015, p. 492). O que interliga início-fim, costurando-os como um, é o Rio de São Francisco, deitado na terra/Terra, como imagem do Tao, na imagem da árvore/pau grosso provindo e enraizado na Terra: “O Rio de São Francisco – que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme” (ROSA, 2015, p. 492)...

5.1 Nonada: estejamos sempre nos depois

“Nonada.
A aragem”
(ROSA, 2015, p. 270)

Nonada. Algo se deu a ser escutado, é a manifestação da linguagem na fala/som: “Tiros que o senhor ouviu foram briga de homem não, Deus esteja” (ROSA, 2015, p. 19). Deus está desde ele, o vazio, no nada, se dando até o tudo: *Deus esteja*. Antes dessa manifestação era nada, Deus estava lá, era o escuro, era o silêncio. Com Deus se estando e se dando, algo se dá a ver, como nos primeiros versículos do primeiro capítulo de Gênesis: “No começo Deus criou os céus e a terra. A terra era um vazio, sem nenhum ser

¹⁰⁶ A interpretação da palavra *nonada* em Grande sertão: Veredas, ponto de partida deste capítulo, não é necessariamente original. Destaco alguns críticos que se debruçaram sobre ela: três já citamos, os dicionários de Nilce Martins (2001, p. 354) e Nei Castro (1982, p. 139) e Francis Utéza (2016, p. 27 e ss); dos já citados nesta dissertação também consta uma interpretação em Heloísa Araújo (1996, p. 337), no capítulo “Os três Guimarães Rosa”; dos não elencados nas referências desta dissertação, gostaria de citar três: Cf. HANSEN, João Adolfo. A fala agônica. In: _____. **O o**: A ficção da literatura em Grande sertão: Veredas. São Paulo: Hedra, 2000. p. 41-67; ROSENFELD, Kathrin H.. Nonada – medo – demo. In: _____. **Desenveredando Rosa**. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. p. 209-212; FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Passagens, passeios, passos em volta. In: _____. **Um lugar do tamanho do mundo**: tempos e espaços da ficção em João Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 51-72.

vivente, e estava coberta por um mar profundo. A escuridão cobria o mar, e o Espírito de Deus se movia por cima da água” (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p. 3). Vemos aí, depois da ação, paridade: céus e terra. Disso podemos dizer: a terra é o que se abre constantemente, sempre mantendo-se encoberta mesmo após se abrir e mostrar-se pela abertura. Assim queremos também começar, na paridade: Deus e Diabo.

Nonada. Essa simples palavra, porque sem dobras e as permite, pode vir a significar, dentre tantas coisas, a abertura, o que assim se abre, aquele que se põe a abrir, uma renúncia: “abertura” porque é do *nada* que tudo principia; “o que assim se abre” – do e no nada¹⁰⁷ –, porque algo se desvelou no aberto, inaugurando um caminho, uma vereda, uma possibilidade; “aquele que se põe a abrir” porque se torna a possibilidade própria que vai perseguir; “uma renúncia” porque para o aberto, a abertura e o que assim se abre, aquele que se põe a abrir tem de renunciar a voz para escutar o que vigora – o silêncio, a linguagem, o ser, o Caminho, a nós mesmos. Renunciando à voz, Riobaldo-narrador entrega-se ao silêncio, ao que possibilita toda e qualquer fala, torna-se, assim, linguagem.

Nonada. Riobaldo tenta, qual e com Deus, partir do escuro e vazio. Mas Riobaldo não é Deus, ele não tem o poder de manifestação, embora possa ser o espaço manifestativo desta. Ser espaço é se tornar lugar sagrado, se tornar obra. Se sacralizando, pelo *sacrifício* que a amizade demanda, Riobaldo con-sagra: a obra opera o imaginar. A manifestação é de Deus, mas a criação *figurada* é de Riobaldo. O imaginar provém desta força criativa que o *nada*, não sendo, é e permite: “Tudo é e não é... [...] Só que tem os depois – e Deus, junto” (ROSA, 2015, p. 22).

Nonada. Deus é a questão primeira que com o *nonada* se abre, e permanece sendo até o fim do círculo, transmutando a tudo e tudo formando, porém sempre se intercalando com o Que-Não-Há: “Se sabe? E o demo – que é só assim o significado dum azougue maligno – tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença de campear?! Arre, ele está misturado em tudo” (ROSA, 2015, p. 22).

O diabo não há, contudo sua não-existência é misturada por Deus em tudo, e neste tudo, qual a vida, *esquenta e esfria* (Cf. ROSA, 2015, p. 263), qual o sertão, que é *movimentante o tempo todo* (Cf. ROSA, 2015, p. 420), conforme a movimentação (de liberdade) vivida. Assim Deus está em tudo: “Deus está em tudo – conforme a crença?

¹⁰⁷ O nada é aquilo que possibilita o ser de tudo o que há, embora ele não havendo, aconteça.

Mas tudo vai vivendo demais, se remexendo. Deus estava mesmo vislumbrante era se tudo esbarrasse, por uma vez” (ROSA, 2015, p. 258).

Quando tudo é, o diabo não é; quando tudo não é, o diabo se diverte existindo enquanto acontecimento. Por que acontecendo? Lembremos outra vez: *aquilo não havia, acontecia*. O diabo não há, entretanto acontece, de vez que ele é a força pela qual Deus se manifesta, de modo a lançar o homem para o rumo que for, de sofrimento e alegria: “Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E a alegria de amor – compadre meu Quelemém diz. Família. Deveras? É, e não é” (ROSA, 2015, p. 22). Não que o Diabo seja uma forma de Deus ser, mas é que eles movimentam, em seus paradoxos, o homem humano para ser.

Deus dá ao homem *alegria de amor e sofrimento*, para gastar o que é ruim no homem e com isso aprender a ser sempre recomeço para fora da impessoalidade, de maneira que ambos, Deus e Diabo, ora prevaleçam, todavia nunca se excluindo, um sendo no outro, quando Deus é e “está em tudo” (ROSA, 2015, p. 258) e o diabo em tudo está misturado. Seja passiva ou ativamente, Deus e Diabo se intercalam, uma vez que *tudo é e não é* – se Deus se fazendo ausente deixa o Diabo ser ativo e presente pelo seu não haver, porque manobra por intermédio deste, logo, a aparente passividade e permissividade de Deus é para guiar ao homem no tornar-se humano em travessia, *existindo a gente* como tal, regendo no viger do Diabo para então nos impulsionar a sair do lugar que estamos dados.

É preciso de Deus existir a gente, mais; e do diabo divertir a gente com sua dele nenhuma existência. O que há é uma certa coisa – uma só, diversa para cada um – que Deus está esperando que esse faça. Neste mundo tem maus e bons – todo grau de pessoa. Mas, então, todos são maus? Mas, mais então, todos não serão bons? Ah, para o prazer e para ser feliz, é que é preciso a gente saber tudo, formar alma, na consciência; para penar, não se carece: bicho tem dor, e sofre sem saber mais porque. Digo ao senhor: tudo é pacto. Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não. Estou dando batalha. É preciso negar o que o “Que-Diga” existe. Que é que diz o farfal das folhas? Estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão, as feias onças. O sertão tem medo de tudo. Mas eu hoje em dia acho que Deus é alegria e coragem – que Ele é bondade adiante, quero dizer. O senhor escute o buritizal. E meu coração vem comigo. Agora, no que eu tive culpa e errei, o senhor vai me ouvir (ROSA, 2015, p. 259).

O diabo há pela não existência, mas também pela palavra. Não à toa Riobaldo referir-se, vez ou outra, ao Dê enquanto *Que-Diga*, isto é, em uma livre associação, “o que se diga dele” – “do Demo: Digo” (ROSA, 2015, p.129)? Aí a palavra conferiria ser

ao não ser, ao Que-Não-Há? Não concluíamos nada, deixemos em aberto, de vez que a palavra dá ser a *uma certa coisa* – contudo pode se manifestar de *diversa* maneira *para cada um...* na tanta espera de Deus pelo *fazer* do diabo *se divertir com a gente com sua nenhuma existência dele?* Também não haveria o diabo, pelo modo de atacar e se divertir como Deus (Cf. ROSA, 2015, p. 31), verter a presença de Deus pela não-existência do *Diá?*

Senhor... meussenhor! Não quero responder a isso. No intento me deixe ser *entre-esse* (entre-ser)... Deixe que Deus e Diabo afiem-se mutuamente pelo *relar faca em faca*, pelo *tudo* que *é e não é*, pelo *farfal das folhas*, acusando algo, na natureza, que está se dando a ver quando não há – “Mas o demônio não existe real. Deus é que se deixa afinar à vontade o instrumento, até que chegue a hora de se dansar. Travessias, Deus no meio” (ROSA, 2015, p. 256) –, porque Deus rege pelo afrouxamento. Será?

Tão bem, conforme. O senhor ouvia, eu lhe dizia: o ruim com o ruim, terminam por as espinheiras se quebrar – Deus espera essa gastança. Moço!: Deus é paciência. O contrário, é o diabo. Se gasteja. O senhor rela faca em faca – e afia – que se raspam. Até as pedras do fundo, uma dá na outra, vão-se arredondinando lisas, que o riachinho rola. Por enquanto, que eu penso, tudo quanto há, neste mundo, é porque se merece e carece. Antesmente preciso. Deus não se comparece com refe, não arrocha o regulamento. Pra que? Deixa: bobo com bobo – um dia, algum estala e aprende: esperta. Só que, às vezes, por mais auxiliar, Deus espalha, no meio, um pingado de pimenta (ROSA, 2015, p. 27)...

Como Riobaldo, quero *nascer devagar* e *ser muito cauteloso* (Cf. ROSA, 2015, p. 155). Quero ser gestado e brotado em todo o perdurar de meu tempo, “em vai sobre vem sob” (ROSA, 2015, p. 35), pelo que vem de baixo e por cima, pois que acima da terra maturamos nosso tempo de existência, para então agradecermos à Vida e à Morte. *Nonada*. Riobaldo é criativo. A criação do humano se restitui à Terra/Vida, ao que está sempre encoberto pelo escuro que cobre ao mar. Riobaldo, pela sua circum-inscrição, busca não se equiparar a Deus, mas sim a ser esse espaço de sagrado para ir ao *beco da liberdade*. Isso é ser livre à medida que experiencia esse *pingado de pimenta*, na tão cruel dúvida se vendeu ou não sua alma.

Neste sertão, a liberdade aberta pelo *nada* é liberdade para algo: não se esgota em si mesmo. “Mas a liberdade – aposto – ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer. Sou homem ignorante. Mas, me diga o senhor: a vida não é cousa horrível?” (p. 233). A liberdade encontrada no início tem que ser feita: é liberdade para formar-se a si mesmo; é a liberdade, que “ninguém não

ensina”, de conhecer-se a si mesmo por intermédio da ação, da vida. “Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca...” (p. 443)¹⁰⁸. É a liberdade para criar sua própria vida, para criar-se a si mesmo e, assim, aproximar-se de Deus, ao repetir o ato da criação (ARAÚJO, 1996, p. 275).

Nonada. Há uma apreensão-dos-afetos: Riobaldo-narrador sente uma possibilidade de caminhar em uma vereda manifestada, isso significa que há como e de onde se retirar, há no que se agarrar porque algo fez com que ele se dispusesse a narrar, a tornar o que morreu uma outra vida e um outro viver na vida ela mesma. O que foi esse algo?

É através do Diabo que o homem se põe para além dos seus limites, pois que ele é a força de manifestação e de lançamento do humano para tal. Ele é esse algo que dispõe o homem a ultrapassar-se, a conquistar sua liberdade e a ser livre. Ele não é a força para as más ações, todavia a força para ir e caminhar na vereda aberta, de vez que ele “vige dentro do homem” (ROSA, 2015, p. 21), calcando-lhe uma dúvida (há ou não há?), “mas não rege” (ROSA, 2015, p. 87)...

O Diabo vige mas não rege; Deus parece reger sem viger. O primeiro aceita as más palavras e completa tudo em obra (p. 262); e é por intermédio dele que o segundo manobra com os homens. Chegamos à fronteira do paradoxo, que tudo confunde, por não ser possível admitir a existência de um sem a existência do outro. Deus existe mesmo quando não há; Demônio não há mesmo quando existe (NUNES, 2013a, p. 156-157)

O diabo é às brutas, Deus é no mansinho, ninguém não vê quando vem vindo (Cf. ROSA, 2015, p. 31), e, como tal, ele rege ao homem na obra que ele pode vir a se tornar. “Olhe: jagunço se rege por um modo encoberto, muito custoso de eu poder explicar ao senhor” (ROSA, 2015, p. 145). Esse *modo encoberto*, de *tão traiçoeiro*, senhor, dá *medo pavor!* Buscamos mostrar isso ainda pouco, e aqui queremos reforçar. Devemos “dar tudo a Deus, que de repente vem, com novas coisas mais altas, e paga e repaga, os juro dele não obedecem medida nenhuma” (ROSA, 2015, p. 134), pois que “Deus governa grandeza” (ROSA, 2015, p. 135) operando na obra humana.

No entanto ele manobra conosco por intermédio do *Diá*. Sabendo que este é o contrário de Deus, a muita agonia, agitação, movimentação, como “a liberdade é assim, movimentação” (ROSA, 2015, p. 265), Deus se torna paciência (Cf. ROSA, 2015, p. 27).

¹⁰⁸ À guisa de observação, na edição em que estamos trabalhando, de 2015, as respectivas citações feitas pela autora se encontram nas páginas 254 e 474.

Por que repetir isso? Porque queremos nos circum-inscrever, para, nesse movimento de repetição de circular o círculo, questionarmos e enfatizarmos: Deus e Diabo, na confluência e divergência, se encontram muito próximos “a despeito das diferenças que os separam quanto ao estilo, ao modo de ação. Deus é paciente, o diabo é sôfrego” (NUNES, 2013a, p. 156).

Porém, a diferença que acusa e reclama uma Unidade, seria Deus mesmo na manifestação do Diabo? Seria o Diabo uma forma de Deus se dar ao homem? Pois que, Deus existindo mesmo quando não há, e o Diabo não precisando haver para assim existir, o estilo de ação de Deus também pode vir a se manifestar como o contrário de *paciência*, já que “Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe – mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas no mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho” (ROSA, 2015, p. 283)? Façamos como Riobaldo nos clama: *o senhor pense, repense o bem pensado...*

Como vimos anteriormente na colocação/questionamento de Riobaldo, há *todo grau de pessoa*, umas tendo maior bondade, outras tendo maior maldade... Deus está em todas elas, nas suas ações. Qual o sertão, Ele não é bom nem mau, Ele *é, conforme nós mesmos...* Estando o diabo nos “crespos do homem”, mas que “solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum!” (ROSA, 2015, p. 21), Deus também está nestes mesmos *crespos do homem*. Ambos, assim, como questão, cuidando e sendo cuidados, dando continuidades no círculo já traçado de nossa existência, coexistem em seus recomeços:

Como não ter Deus? Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dôr. E a vida do homem está presa encantada – erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços. Dôr não dói até em criancinhas e bichos, e nos dôidos – não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento? E as pessoas não nascem sempre? Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério. O senhor não vê? O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo. Se eu estou falando às flautas, o senhor me corte. Meu modo é este. Nasci para não ter homem igual em meus gostos. O que eu invejo é sua instrução do senhor (ROSA, 2015, p. 60-61)...

Esse é, ao nosso ver, o modo mais autêntico pelo qual *Grande sertão: Veredas*, pelo fino pensamento poético de Guimarães Rosa, supera a dicotomia da tradição teológica cristã ocidental. Isso vem a ser superado a partir da questão que aí se entrelaça: do Existir. Apenas o homem/a coisa existe porque apenas ele/ela pode vir a morrer, somente ele pode manter-se em pé e cair quando sua hora chega.

Entre Deus e Diabo há a questão do Existir. Estamos entre eles, fazendo relação, e somos formados pela inter-relação; *entre* o que existe e não existe, há o homem que existe para tornar-se humano; *entre* o ser e o não ser, há o homem que se debate entre eles para ser e vir a ser, em sendo já o que foi e agora não é. Deus existe porque está em tudo; porém o Diabo, em tudo misturado, tomando conta de tudo o que há e existe, forma sua forma.

O que toma conta do que existe senão as questões? Para existir, e tornar o Existir questão, pelo que há e não há, há de ser necessário agarrarmo-nos ao que nos toma e, conseqüentemente, toma em nós forma, não física, mas questionável. Na aparência do que parece, a forma é limite a ser superado. No *brotar* do que surge, o questionar põe para fora e nos dá força para sair (*ex-*) do local onde estamos (*sistere*), para então sermos autenticamente, *ex-sistindo*.

A questão do Existir acontece e se tenciona pela paridade entre as questões de Deus e Diabo, porque estas são a força motriz da narrativa na medida em que Riobaldo questiona a existência e realização do pacto com o Que-Diga, sempre trazendo Deus no polo oposto, mas também perto o suficiente para ele ser *traíçoeiro, devagar, depressa, pingando pimenta* no que ele produz.

Assim é que em *Grande sertão: Veredas* não há uma dicotomia entre Deus e Diabo, mas uma inter-relação e interpenetração realizada na *paridade* que propicia ao homem ser consigo mesmo. O diabo, não havendo, entretanto acontecendo dentro do homem, não se limita ao fazer, porque o fazer é ação do homem, diferente da ação das questões como o que produz possibilidade do poético. O homem faz romances (enquanto forma narrativa), entretanto, pondo-se para além do limite romanesco, da forma, ele possui a possibilidade de agir quando se decidi e se deixa ser nas questões, resguardando-as, de modo a ser permitido agir quando pensa tendo em vista sair do carnal para a *coragem* de Deus.

É em trans-torno que Riobaldo compreende, ainda que previamente, a não-existência do Que-Não-Há, no entanto que se faz presente mesmo/propriamente é pelo *não*, pois que quando *sabemos que ele não existe*, e o nomeamos, algo dele passa a ser

em causa/coisa – “E, o respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma, com as presenças” (ROSA, 2015, p. 20). E mesmo encarnado, quando então o assumem na relação entre ele e o mal/maldade, porém ainda assim ele é que possibilita liberdade para as ações que precisam de se ter coragem na jagunçagem, porque se pode pôr em *pauta*, *pacto*, escrita...

– “... O Hermógenes tem pauta... Ele se quis com o Capioto...”
Eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz – o senhor sabe (ROSA, 2015, p. 51). Rincha-Mãe, Sangue-d’Ouro, o Muitos-Beijos, o Rasga-em-Baixo, Faca-Fria, o Fancho-Bode, um Treciziano, o Azinhavre... o Hermógenes... Deles, punhadão. Se eu pudesse esquecer tantos nomes...¹⁰⁹ Não sou amansador de cavalos! E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será (ROSA, 2015, p. 21)?

O que *tem pauta* é o que está sendo questionado, posto em coisa. Ao *se querer com o Capioto*, Hermógenes se quer consigo mesmo. Se lembrarmos que o Hermógenes é o mestre da coragem de Riobaldo, também pode vir a ensinar a este ser consigo mesmo, na solidão que é ser dado no mundo e dessa condição saído. Desta maneira é que não “importa que Hermógenes Saranhó Rodrigues Felipes tenha uma fazenda na Bahia. Ele é só o *Hermógenes*, gerado do ermo, gerado de Hermes, filho da solidão, filho do comércio, da troca, do pacto” (MACHADO, 1991, p. 45, *grifo da autora*). Na ideia do *pacto*, não se venderia a alma em troca de coragem? Mas ter alma não é ter coragem? Ora, como já vimos no segundo capítulo, Riobaldo é declarado, em sua rememoração, pelo Menino

¹⁰⁹ Façamos aqui uma breve interpretação, que talvez não caiba, necessariamente, no correr do texto, embora dele não se desprenda, mas sim joga um pouco mais de luz nesse oculto mistério da relação Deus e Diabo. Essa breve interpretação se pauta nos nomes justapostos que ao Diabo é conferido. O Diabo é uma questão. Como tal, mostra, a cada vez de sua aparição, um estado de seu movimento permanente de seu não-ser no próprio *sendo* que se plasma na coisa-palavra. Os nomes justapostos evocam para perto o que distante sempre está, mas que também sempre se aproxima: não podemos tentar alcançar ao horizonte sem a ele nos encaminharmos, e algo fica sendo em nossa caminhada em direção a ele...

Neste sentido é que acreditamos que a justaposição, porque não exclui nada, reúne de modo a integrar uma interação entre as palavras que se intercomunicam de maneira um pouco mais próxima pelo trânsito que o hífen projeta. Ao lado disso, as iniciais de cada termo justaposto são postas em maiúsculas, diferente de quando se refere a ele como “diabo”, que quase sempre vem com a inicial minúscula. Às vezes em que “Diabo” aparece assim, com a inicial maiúscula, é perto da indagação se existe, como questão, pois – “Ainda o senhor estude: agora mesmo, nestes dias de época, tem gente porfalando que o Diabo próprio parou, de passagem, no Andrequicé” (ROSA, 2015, p. 20); “Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não” (ibid. p. 492)? –, ou na expressão *o Diabo na rua, no meio do redemunho*, ou então justaposto, como “Rei-Diabo” (ibid. p. 418), ou ainda como *Outro* (ibid. p. 259). Ora, verifiquemos, por exemplo, a construção “Rei-Diabo”. Vemos aí o modo como ele nos muito *movimenta* para a liberdade: Rei, de *Rex*, como vimos nos dizeres de Utezé (2016), é o que guia/conduz ao caminho certo; Diabo é, como nos fala Castro (1976), a força através da qual somos projetados para os lados, contudo os lados formam *paridade* pelo paradoxo, e manifestam, assim, caminho por onde nos encaminha.

como *muito sendo muito animoso*. Como dissemos, ânimo, vem de *anima*, isto é, alma, coragem. Isso, dentre tantas coisas, já está *perto de nós*, porém *não sabemos*.

Mas é preciso correr o risco de se perder a alma para a coragem se ter? Ao *querer-se com o Capiroto*, Hermógenes quis que sua alma viesse a ser o que nela já estava: coragem. Riobaldo aprende isso com ele, porém, enquanto professor, Riobaldo aprende de repente: a alma é de Deus, não sua, a Ele pertencendo. Poderia, assim, vender algo que não é dele? Deus dá a Riobaldo alma, e este vende ao Que-Não-Há, a nenhum comprador, ao que não existe, porém sua alma que foi dada é em se restituindo, e vende não a sua dada por Deus, mas sim a que se firma em papel e que tem causa, ou seja, o *pacto poético*, o agir da palavra:

Mas minha alma tem de ser de Deus: se não, como é que ela podia ser minha? O senhor reza comigo. A qualquer oração. Olhe: tudo o que não é oração, é maluqueira... Então, não sei se vendi? Digo ao senhor: meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi a alma... Meu medo é este. A quem vendi? Medo meu é este, meu senhor: então, a alma, a gente vende, só, é sem nenhum comprador (ROSA, 2015, p. 395)...

O que tem causa senão o *medo*? Riobaldo supõe vender sua alma para retirar dela o medo: “E eu tinha medo. Medo em alma” (ROSA, 2015, p. 37). Mas medo de quê? Do Que-Não-Há? Ou de Hermógenes? “Já vai que o Hermógenes era ruim, ruim. Eu não queria ter mede dele” (ROSA, 2015, p. 147). Riobaldo tinha medo de Hermógenes, em trans-torno isso compreendeu, porque “o horror que me deu – o senhor me entende? Eu tinha medo de homem humano” (ROSA, 2015, 333), não do *Diá...* O medo é disposição para o recomeçar-se constante do entre-ser, de vez que “o ter medo [...] não constata primeiro o que se aproxima, mas, em seu ser amedrontador, já o descobriu previamente” (HEIDEGGER, 2015, p. 200).

Queremos dizer que o trans-torno de Riobaldo, neste sentido, descobre que o pacto não é vender a alma, entretanto o medo que nela reside, o medo de perdê-la em sua propriedade, de deixá-la no impessoal por não questionar se o Diabo há ou não por medo de que ele *forme formas*. Mas para tanto ele realiza o pacto, nas “*Veredas mortas*” (ROSA, 2015, p. 329, *grifo do autor*), na qual *teve seu limite certo* (Cf. ROSA, 2015, p. 329), isto é, o ponto de onde podia, a cada vez, pôr-se para além deste *limite certo*, questionando e aprofundando, porque isso é existir, *ex-sistere*, questão. O trans-torno do Riobaldo-personagem, no ato de ser travestido de personagem, vira trans-tornar-se na

circum-inscrição, o imaginar que se repete e circula para aprofundar-se na questão que é a si mesmo.

Existir, circular o círculo já traçado para traçar e lavrar, na desdobra vertida, a mesma terra: “Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas” (ROSA, 2015, p. 338). O viver, assim, é experienciamento da questão da Vida: “E quis – que até me perguntei – pensar na vida: ‘Penso?’” (ROSA, 2015, p. 62).

Pensar na Vida é vivê-la poeticamente, apropriando-se da *sorte* que ela nos deu. Mas para assim nos apropriarmos desta *sorte*, faz-se necessário que essa *vida* (que é) *sendo* seja vivida *perigosamente*. O perigo maior de Riobaldo foi se vendeu ou não sua alma ela mesma ao Dê, para que este fosse por ele. Contudo a venda da alma é trocar o medo que nela se tem de *homem humano*, de Hermógenes, do pactário, quem “tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros” (ROSA, 2015, p. 156).

Sendo o homem “coisa que treme”, porque sofre as “diversas invenções de medo”, sendo o pior deste o que “tonteia primeiro, depois esvazia” (ROSA, 2015, p. 133), Riobaldo sente, mesmo, o “Medo do que pode haver sempre e ainda não há” (ROSA, 2015, p. 133), porque o que pode haver sempre é a coisa, porém não o *nada* que já deixa de ser, passando a residir-la, quando então se dá. O medo que *tonteia primeiro* é e vem de Hermógenes, e que é esvaziado quando os seus olhos se esbarraram “num rôr de nada” (ROSA, 2015, p. 343).

Qual a bananeira que “dá em vento de todo lado” (ROSA, 2015, p. 133), bem como “treme de todo lado” (ROSA, 2015, p. 343), Riobaldo recebe a questão do Diabo desde sua não existência até a figura de Hermógenes, mas também dá à mesma questão seu espaço de manifestação: “O que eu estava tendo era o medo que ele estava tendo de mim! Quem é que era o Demo, o Sempre-Sério, o Pai da Mentira? Ele não tinha carnes de comida na terra, não possuía sangue derramável” (ROSA, 2015, p. 343).

Medo vem do medo de perceber sua diferença e identidade em relação aos jagunços – “Então, eu era diferente de todos ali? Era. [...] E eu era igual àqueles homens? Era” (ROSA, 2015, p. 149) –, de perceber que se carece da ruindade em horas que apenas ela pode salvar a vida, nela se agarrando e assim esperando um meio de salvação – “Porque, na desordem de mente do alvoroço, aquela hora era só no Hermógenes que eu via salvamento, para meu cão de corpo. Quem que diz que na vida tudo se escolhe? O que castiga, cumpre também” (ROSA, 2015, p. 183).

Assim é que o “medo resiste por si, em muitas formas” (ROSA, 2015, p. 294). Nas formas da natureza que dá vento e recebe da bananeira possibilidade de ser através da forma de outra coisa; nas formas do homem humano, no horror que este dá, de vez que o inferno, enquanto lugar de sofrimento, cuja sua *força feia* é o “que demasia na gente” (ROSA, 2015, p. 119), apenas “é possível o que em homem se vê, o que por homem passa” (ROSA, 2015, p. 156); vem da palavra que dá ser à coisa – “Às parlendas, bobeia. O medo, que todos acabavam tendo do Hermógenes, era que gerava essas estórias [*do pacto*], o quanto famanava. O fato fazia fato” (ROSA, 2015, p. 335) –, mas não do Que-Não-Há.

O pacto feito nas Veredas Mortas é passagem para recomeço – *nonada*; “as Veredas Mortas... Ali eu tive limite certo” (ROSA, 2015, p. 329, *grifo do autor*) – por meio da compreensão de que o medo é suporte para um esvaziamento do que se é, foi e será, para então se tornar, a cada vez, propriamente na travessia: “Os fatos passados obedecem à gente; os em vir também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual – e é o que é” (ROSA, 2015, p. 283).

O que nos “obedece” é o que pacientemente nos espera, espera nossa decisão, que pode muito bem vir como não vir, por medo (?). Sendo – o homem é sendo humano. O homem é tempo de ser na encruzilhada – *entre, nonada* – Deus-Diabo-Ser-Caminho, Ser-Caminho-Humano-Travessia, Humano-Travessia-Vida-Morte... “Lugar meu tinha de ser a concruz dos caminhos” (ROSA, 2015, p. 343).

E veio mesmo outra manhã, sem assunto, eu decidi comigo: – É hoje... Mas dessa vez eu ainda remudei. Sem motivo para sim, sem motivo para não. Delonguei, deveras. Não é que, não foi de medo. Nem eu cria que, no passo daquilo, pudesse se dar alguma visão. O que eu tinha, por mim – só a invenção de coragem. Alguma coisice por principiar. O que algum tivesse feito, por que era que eu não ia poder? E o mais – é petal! – *nonada*. Do Tristonho vir negociar nas trevas de encruzilhadas, na morte das horas, soforma dalgum bicho de pelo escuro, por entre chorinhos e estados austeros, e daí erguido sujeito diante de homem, e se representando, canhim, beicudo, manquinho, por cima dos pés de bode, balançando chapéu vermelho emplumado, medonho como exigia documento com sangue vivo assinado, e como se despedia, depois, no estrondo e forte enxofre. Eu não acreditava, mesmo quando estremecia. T’arreneguei (ROSA, 2015, p. 336-337).

Não se pode ter medo do Diabo. Compreender que negá-lo é asseverar e preservar, na palavra, sua não existência, bem como, dialeticamente, o estado dele de se viger, ou seja, seu acontecimento, é força para então irmos ao encontro de nós mesmos e com a outra questão que está no polo sempre contrário a ele, mas que não o exclui e não o

substitui: *Deus esteja*. Não à toa que a segunda expressão *homem humano* aparece antes do momento de realização do pacto, porque se estava ali realizando a passagem de um tontear (leia-se: circular) para esvaziar no fim que é passagem para o que vem depois dele, para o céu, para uma transcendência, isto é, tornar-se questão e se ser nas questões que nos dão ser, qual Deus que empresta a Riobaldo seu dom de ser atirador (Cf. ROSA, 2015, p. 333).

O pacto foi feito. Riobaldo estava se tornando poeta, que lavra em tinta o que o branco do papel permite: tudo o que é e nada do que não é... E em tudo Deus está, manobrando com o homem, misturado com o Diabo, a partir do Que-Diga. Assim Deus permite – “Deus é muito contrariado. Deus deixou que eu fosse, em pé, por meu querer, como fui” (ROSA, 2015, p. 342) –, porque Riobaldo não decide pensar ou não no Diabo, ele não tem esse poder de controle, uma vez que o querer, como está na etimologia comum das palavras, é da questão, bem como Riobaldo sabe que não é (de) *um*, ele é parte de Deus e Diabo: “Um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos” (ROSA, 2015, p. 159).

Afora eu. Achado eu estava. A resolução final, que tomei em consciência. O aquilo. Ah, que – agora eu ia! Um tinha de estar por mim: o Pai do Mal, o Tendeiro, o Manfarro. Quem que não existe, o Solto-Eu, o Ele... Agora, por que? Tem alguma ocasião diversa das outras? Declaro ao senhor: hora chegada. Eu ia. Porque eu estava sabendo – se não é que fosse naquela noite, nunca mais eu ia receber coragem de decisão. Senti esse intimado (ROSA, 2015, p. 342).

O Diabo é *um* porque força de manifestação em tudo o que há e existe, produzindo à liberdade. Deus é *um* porque origem de tudo o que há e ainda não há, do que existe e ainda não existe, sempre a *espera paciente*. Deus existindo e o Diabo não existindo possibilitam a procura do homem, na tão espera sem fim do que nunca se esgota, das questões que também nos pro-curam: “Esperar, era poder meu; do que vinha em cata. E eu não percebia nada. Isto é, que mesmo com o escuro e as coisas do escuro, tudo devia de parar por lá, com estado e aspecto” (ROSA, 2015, p. 343). Ali, nas *Veredas Mortas*, na encruzilhada, não havia nada, apenas o escuro e as coisas dele (no sentido de pertencimento e proveniência). “Não havia. A encruzilhada era pobre de qualidades dessas. Cheguei lá, a escuridão deu” (ROSA, 2015, p. 343).

Ali havia apenas homem humano e as questões, que são concretas, mas não físicas – “Eu era eu – mais mil vezes – que estava ali, querendo, próprio para afrontar relance tão desmarcado. Destes meus olhos esbarrarem num rôr de nada” (ROSA, 2015, p. 343)

–; que acontecem, mas não hão de ter forma única, embora *forme formas* nas coisas, e nelas se essenciam em se dando a serem pensadas – “O que eu agora queria! Ah, acho que o que era meu, mas que o desconhecido era, duvidável. Eu queria ser mais do que eu” (ROSA, 2015, p. 344).

Ali era “Deus e o Demo”, partes (*e*, como uma contínua adição e entre no horizonte do acontecimento humano) do humano que co-existem, bem como “Deus ou Demo”, o *um* (*ou*, uma inter-alternância, um sendo no outro, um sendo no polo ativo e outro no passivo, um sendo presença enquanto outro é ausência) que dá ao homem possibilidade de ser partes de um todo enquanto *sendo* realidades doados pelas questões Deus e Diabo. Aquela primeira expressão acontece entre duas repetições desta segunda, e demarca os grandes silêncios que eles são, o vigorar, pois. Embora longa, citemos esta passagem na íntegra:

Ao que não vinha – a lufa de um vendaval grande, com Ele em trono, contravisto, sentado de estadela bem no centro. O que eu agora queria! Ah, acho que o que era meu, mas que o desconhecido era, duvidável. Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carecia. “Deus ou o demo?” – sofri um velho pensar. Mas, como era que eu queria, de que jeito, que? Feito o arfo de meu ar, feito tudo: que eu então havia de achar melhor morrer duma vez, caso que aquilo agora para mim não fosse constituído. E em troca eu cedia às arras, tudo meu, tudo o mais – alma e palma, e desalma... Deus e o Demo! – “Acabar com o Hermógenes! Reduzir aquele homem!...” –; e isso figurei mais por precisar de firmar o espírito em formalidade de alguma razão. Do Hermógenes, mesmo, existido, eu mero me lembrava – feito ele fosse para mim uma criancinha moliçosa e mijona, em seus despropósitos, a formiguinha passeando por diante da gente – entre o pé e o pisado. Eu muxoxava. Espremia, p’r’ ali, amassava. Mas, Ele – o Dado, o Danado – sim: para se entestar comigo – eu mais forte do que o Ele; do que o pavor d’Ele – e lambe o chão e aceitar minhas ordens. Somei sensatez. Cobra antes de picar tem ódio algum? Não sobra momento. Cobra desfecha desferido, dá bote, se deu. A já que eu estava ali, eu queria, eu podia, eu ali ficava. Feito *Ele*. Nós dois, e tornopio do pé-de-vento – o ró-ró girado mundo a fora, no dobar, funil de final, desses redemoinhos: ...o *Diabo, na rua, no meio do redemunho...* Ah, ri; ele não. Ah – eu, eu, eu! “Deus ou o Demo – para o jagunço Riobaldo!” A pé firmado. Eu esperava, eh! De dentro do resumo, e do mundo em maior, aquela crista eu repuxei, toda, aquela firmeza me revestiu: fôlego de fôlego de fôlego – da mais-força, de maior-coragem. A que vem, tirada a mando, de setenta e setentas distâncias do profundo mesmo da gente. Como era que isso se passou? Naquela estação, eu nem sabia maiores havenças; eu, assim, eu espantava qualquer pássaro (ROSA, 2015, p. 344-345, *grifos do autor*).

O Diabo não veio de corpo, mas viveu em Riobaldo, embora este ainda *não soubesse das maiores havenças*, isto é, de que aquele não há, porém se dis-pôs no existir e viver deste: “Digo direi, de verdade: eu estava bêbado de meu. Ah, esta vida, às não-vezes, é terrível bonita, horrorosamente, esta vida é grande” (ROSA, 2015, p. 345). O *não* diz de uma tensão dialética na qual Riobaldo, através do diabo, encontra consigo mesmo

– “[...] – ‘Posso me esconder de mim?...’” (ROSA, 2015, p. 346) – na medida em que o Que-Não-Há vive: “O diabo vive, diabo quer é ver” (ROSA, 2015, p. 443)...

Deus e Diabo aí se co-fundem. Cada qual sendo unidade nas respectivas questões que são. O Diabo não veio, não foi, porém é demarcado, na referenciação pronominal, com a inicial maiúscula: *Ele*. Este é um dos poucos momentos da obra que o Diabo, na dita referência pronominal, vem assim evocado pelo narrador. Entretanto, logo depois do “Ele” em itálico, volta a ser citado com a inicial minúscula. Contudo o Diabo já foi sacralizado enquanto questão – em uma livre associação como que demarcamos graficamente as questões –, seja no “Ele”, seja no “Diabo” com a inicial maiúscula – *Feito Ele; ...o Diabo, na rua, no meio do redemunho*¹¹⁰...

Ele se torna tão sacro quanto Deus: (se) joga (junto de) Riobaldo tanto para o lado *depressa* quanto ao *devagar* de Deus. Ali não importava quem fosse e viesse, se Deus ou Diabo, ambos seriam por Riobaldo, porque ambos atuantes nele, passiva e/ou ativamente, presente e/ou ausente, havendo ou não – ambos, no *um* que são, mas também se manifestando ao par com o outro no homem humano, acontecem...

Seu nome agora é evocado, o portador da luz de Deus, o qual mostra o caminho para este, para o que vigora na *gente mesmo, demais* – o silêncio que dá fundo à linguagem, o escuro que dá fundo à luz. *Não. Nada*. Sabemos das questões pelo que elas não são, pelo que elas acontecem:

– “Lúcifer! Lúcifer!...” – aí eu bramei, desengulindo.

Não. Nada. O que a noite tem é o vozeio dum ser-só – que principia feito grilos e estalinhos, e o sapo-cachorro, tão arranhão. E que termina num queixume borbuhlado tremido, de passarinho ninhante mal-acordado dum totalzinho sono.

– “Lúcifer! Satanaz!...”

Só outro silêncio. O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais.

¹¹⁰ Apenas à guisa de uma observação, visando contribuir para essa questão que estamos tratando, ao lado da questão do Humano, a expressão, que serve como um subtítulo à obra, é repetida seis vezes ao longo do romance, sendo a primeira, a quarta (esta conservando Diabo com a inicial maiúscula), a quinta e a última com um mesmo ritmo encadeado pela vírgula – *...O diabo na rua, no meio do redemunho...* (Cf. ROSA, 2015, pp. 21, 481-482) –, e a segunda e terceira diferentes daquelas, cuja diferença provém do mesmo motivo, com uma alternância na inicial, primeiro minúscula, depois maiúscula – *...O diabo/Diabo, na rua, no meio do redemunho* (Cf. ROSA, 2015, pp. 206, 345).

Estamos nos detendo nisso para dizer e mostrarmos que o Diabo, enquanto um, é quem possibilita diferenças nas formas/partes, de vez que é dele o *redemunho* (Cf. ROSA, 2015, p. 206), isto é, em uma livre associação, ele é quem projeta o vento para rodar o moinho que o homem é, pro-duzindo este ao Humano. A humanidade do homem humano é propriedade dele porque doado pelas questões que o produzem a ela.

Neste sentido, os ritmos das expressões mostram o modo pelo qual o Diabo se manifesta: I) *...O diabo na rua, no meio do redemunho...* diríamos que quer dizer que ele *é* na rua, isto é, manifesta-se no espaço de travessia; II) *...O diabo, na rua, no meio do redemunho...* podemos dizer que o diabo, *sendo na rua*, se dispõe a ser nas coisas.

– “Ei, Lúcifer! Satanaz, dos meus Infernos!” (ROSA, 2015, p. 345)

O inferno de Riobaldo é o sofrimento em sua força feia e grande. O sofrimento de Riobaldo é que ali se firmava, com a decisão de pactuar e tornar-se chefe, por via de Diadorim – este diz: “– ‘[...] E tem o que eu ainda não te disse, mas que, de uns tempos, é meu pressentir: que você pode – mas encobre; que, quando você mesmo quiser calcar firme as estribeiras, a guerra varia de figura...” (ROSA, 2015, p. 308) –, seu sofrer estava selado: “Eu ia para sofrer, sem saber” (ROSA, 2015, p. 442), ou seja, para morte que para os vivos é, para a morte de Diadorim, o qual, na tristeza sem tamanho, se torna vigor.

Com o pacto, Riobaldo trans-tornado se torna espaço dessa luz, de maneira que não haverá mais separação, por parte dele, entre ele e esse fenômeno/luz, e ele passando a ser como este fenômeno, incorporando-o enquanto o próprio fenômeno o apropriava. É o que podemos sentir na quinta vez em que o léxico “transtorno” aparece, quando começa a duvidar de Zé Bebelo, quando começa, pois, a cogitar tomar a chefia do bando, quando sente que *daria muitas labaredas muito altas*:

Eu apertei o pé na alpercata, espremi as tábuas do assoalho. Desconheci antes e depois – uma decisão firme me transtornava. E eu vi, fiquei sabendo: me queimassem em fogo, eu dava muitas labaredas muito altas! Ah, dava. O senhor acha que menos acho? Mais digo. Mais fiz (ROSA, 2015, p. 276).

É isto o trans-torno. É isto trans-tornar-se: dar-se ao *fogo*, abrir-se ao fenômeno, trans-tornando-se como tal. Assim, Riobaldo pode *poetar* porque algo então se deu em coisa, em pauta, está em causa nele mesmo. A relação entre a realização do pacto e o trans-torno se dá de maneira íntima na medida em que assegura de vez a ascendência do Tatarana para o reino da propriedade, fora da impessoalidade, a procura, sendo recomeço. “Mas eu tirei de dentro de meu tremor as espantosas palavras. Eu fosse um homem novo em folha” (ROSA, 2015, p. 343). Através do pacto reconhecia-se em sua propriedade, como questão¹¹¹: “Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza” (ROSA, 2015, p. 341).

¹¹¹ O homem faz maldades ou bondades, não o Que-Não-Há, o diabo: “Assim, feito no Paredão. Mas a água só é limpa nas cabeceiras. O mal ou o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão” (ROSA, 2015, p. 90). Tanto assim é que Riobaldo, enquanto personagem, em trans-torno, pois, somente pressupõe que o diabo não há após a tentativa de vender sua alma a ele, de fazer o pacto. Por que isso? O modo de Riobaldo-narrador se circum-inscrever em torno dessas questões nos possibilita e permite pensar essa *paridade*, bem como o trans-torno de Riobaldo, que, fazendo pacto no e partir do resvalo de Deus no Diabo, antecipa a compreensão de que este é a força que o guia à liberdade – sendo esta a *movimentação*, “Deus nunca desmente” (ibid. p. 256) que há ou não Diabo, que ambos estão em tudo, ora sendo ativo ou passivo, tampouco que o *Diá* é a força para a liberdade, já que “o diabo é sem parar” (ibid. odem).

*Hei-de às armas, fechei trato
nas Veredas com o Cão.
Hei-de amor em seus destinos
conforme o sim pelo não.*

*Em tempo de vaquejada
todo gado é barbatão:
deu doidera na boiada
soltaram o Rei do Sertão...*

*Travessia dos Gerais
tudo com armas na mão...
o Sertão é a sombra minha
e o rei dele é Capitão!...*
(ROSA, 2015, p. 378, grifos do autor)

Há mais sombra no homem do que luz, bem como esta não pode clarear tudo o que há no escuro, na sombra, no sertão, nas “trevas do sertão”. Há mais silêncio no homem do que voz. Para vir a ser, tem de ser a partir, pela e na sombra. Para tornar-se, tem de ser a partir, pelo e no silêncio.

Como sertão, o Diabo não é maligno ou bom, ele *é*... E seu ser pelo não-ser, conferindo *sendo* às coisas pela palavra, outra vez, como o sertão, “aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é caatinga” (ROSA, 2015, p. 399). Eles se confundem, como também se confundem a Deus, é pela invocação da ausência, de vez que, não havendo e porém acontecendo, na invocação, ele “tinha que vir, se existisse” (ROSA, 2015, p. 343), e na hora de re-anunciar, apreender-aquele-afeto, passava, “naquela hora” (ROSA, 2015, p. 343), a existir, e assim ele, o diabo, “tinha de vir, demorão ou jãjão. Mas, em que formas” (ROSA, 2015, p. 343) se não a do sertão? “Quem entende a espécie do demo? Ele não fura: rascrava. Demorar comigo ele podia. E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões” (ROSA, 2015, p. 399).

Sendo o sertão “uma espera enorme” (ROSA, 2015, p. 466), sendo Deus aquele que *espera a enorme* ganância através do *relar faca* com o Diabo, sendo o Diabo a força de manifestação, através do qual nos lançamos para “os lados de um círculo”, do ser ao não-ser, de nós mesmos, *sendo*, ao Ser, o que não é, cujo *é* é o que permanece, o Ser a principiar procura, o Caminho a principiar vereda para tal, eles se confundem e confundem, embora com ações diversas: “Só outro silêncio. O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais” (ROSA, 2015, p. 345).

Assim é que Deus *ou* Demo são no Ser e no Tao, no *remanso do largo* caminho que nunca se exaure, e no sertão – “*Remanso de rio largo.../ Deus ou o demo, no sertão...*” (ROSA, 2015, p. 455, *grifos do autor*). Eles são o que nos dão coragem para sermos livres, cuja não-existência de um providencia coragem ao existir e ao dar-se a existir de Riobaldo, homem humano, homem-questão, e nos dão “fôlego de fôlego de fôlego – da mais-força, de maior coragem” (ROSA, 2015, p. 345)... possibilidades que se desdobram das possibilidades provindas da possibilidade originária do Ser, do Tao, de Deus, do Diabo:

E conheci: ofício de destino meu, real, era o de não ter medo. Ter medo nenhum. Não tive! Não tivesse, e tudo se desmanchava delicado para distante de mim, pelo meu vencer: ilha em águas claras... Conheci. Enchi minha história. Até que, nisso alguém se riu de mim, como que escutei. O que era um riso escondido, tão exato em mim, como o meu mesmo, atabafado. Onde desconfiei. Não pensei no que não queria pensar; e certifiquei que isso era ideia falsa próxima; e, então, eu ia denunciar nome, dar a cita: ... *Satanão! Sujo!*... e dele disse somentes – *S...* – *Sertão...* *Sertão* (ROSA, 2015, p. 478-479, *grifos do autor*)...

Sendo a gente *o silêncio, demais*, e sendo o silêncio o que vigora, e assim possibilitando escuta, somos, qual Riobaldo, homem humano, linguagem, a con-sagração do sagrado manifestar do Ser-Tao, de Deus, por força do Diabo na gente, *formando formas*. O riso e o medo aqui são essenciais para essa compreensão, pois que Riobaldo, em trans-torno, escutou o seu *riso mesmo*, isto é, próprio, bem como Riobaldo, em circum-inscrição, re-anuncia a esse riso silencioso que escutou.

Desta forma é que essas quatro questões se confundem na medida em que se fundem ao/no homem. Deus e Diabo são no sertão, no jagunço (que é) homem humano: “Jagunço é o sertão” (ROSA, 2015, p. 258). O melhor jagunço, então, seria Diadorim? Ele, que possui em si traços e condutas divinos e diabólicos e que abdica de sua natureza para, por isso mesmo, deixar vigorar o acontecimento de sua natureza? Ora, Diadorim, ao mesmo tempo em que *medea os grandes silêncios*, ele mesmo é o *em silêncios*...

Daí, cantei. Mesmo mal, me cantei – por causa que via que, medeando tão grandes silêncios, era que Diadorim tomava mais sorrateiro poder em meu afeto, que não era possível concernente (ROSA, 2015, p. 404). De todos, menos vi Diadorim: ele era o em silêncios [...]. Desde que eu era o chefe, assim eu via Diadorim de mim mais apartado. Quietos; muito quietos é que a gente chama o amor: como em quieto as coisas chamam a gente (ROSA, 2015, p. 378).

5.2 Eram um em Diadorim: atravessam...

“De todos, menos vi Diadorim: ele era o em
silêncios.”

(ROSA, 2015, p. 378)

É o silêncio que chama a voz, o som, a palavra. Um e mesmo silêncio: como o Amor que se realiza no atravessar junto de Diadorim, Vida e Morte se entrecruzam pela força de união e integração do Tempo no curso da travessia; como Deus que se tensiona ao Diabo, é o Amor que restitui o homem ao que ele é demais, silêncio – questão: questões.

É através de Diadorim, sendo partes divinas e diabólicas, partes masculino e feminino, ativo e passivo, personagem e questão, ao lado da questão do Amor, que Riobaldo consegue sacralizar e restituir, con-sagrando com Deus e Diabo (Morte, Vida, Existir, Travessia, Humano, Linguagem, etc), seu espírito humano como *sorte* destinada pelo Ser, Tao, Deus, Diabo (os grandes silêncios que se encruzilham/entrecruzam).

Diadorim, “ser andrógino, é, ao mesmo tempo, divino e diabólico. É ele quem, ainda menino, ensina Riobaldo a ver a beleza que vai pelo mundo” (NUNES, 2013a, p. 69). O que vai pelo mundo senão a beleza de que nele tudo nunca está e é igual, nada é acabado e certo, que tudo é só em *uma transformação, pesável?*

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro – dá gosto! A força dele, quando quer – moço! – me dá medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza (ROSA, 2015, p. 31).

Como o Diabo, Diadorim tem/porta uma luz (*lux + fere*) por meio da qual guia Riobaldo à procura de si-mesmo (próprio), chama-o a sair da impessoalidade em que estava decaído; como Deus, Diadorim produz luz (*fiat lux*) que é proveniente da escuridão e permite ver e encaminhar para as belezas do mundo. O que queremos dizer com isso é que, Diadorim, ao realizar passagens e movimentos do que é ao que não é, ao mudar sua natureza de feminino para masculino, de dádiva de Deus para atuar diabolicamente como jagunço, ele retorna à sua natureza originária: questão que se doa.

Vigiei Diadorim; ele levantou a cara. Vi como é que olhos podem. Diadorim tinha uma luz. Reponho: em tanto já estava noitinha, escurecendo; aquela

escuridão queria mandar os outros embora. O que Diadorim reslumbava, me lembro de hei-de me lembrar, enquanto Deus dura (ROSA, 2015, p. 334). Via os olhos dele [*do Menino-Diadorim*], produziam uma luz (ROSA, 2015, p. 97).

Deus e Diabo estão nas pessoas, como em Diadorim, que tem ambas inclinações, demoníacas e divinas. Ao passo que tem *uma luz*, nos olhos verdes, ele é o *portal da porta* para o escuro (tanto no sentido de que resguarda a tudo, quanto no sentido de que é escuro o que aguarda a Riobaldo, narrador-personagem, no fim da travessia) que se apresenta através dele: *Diá*. É através dessa luz que se reflete uma possibilidade de restituição do humano a Deus, ao divino – a travessia.

As menções que fizemos ao diabo enquanto *Diá* foi para realçarmos, neste momento, esse caráter duplo de *Diá*-dorim, *Deo*-dorina, que também vem expressa na sua coragem: “Mais, que coragem inteirada em peça era aquela, a dele [*do Menino*]? De Deus, do demo? Por duas, por uma, isto que eu vivo pergunta de saber” (ROSA, 2015, p. 99). Aí não vemos “e” ou “ou”, mas confluência a partir de um retraimento: quando Deus se retrai, o demo se mostra, e vice-versa, de maneira que um se dá também a partir do outro.

É também a partir e no mito da “criança primordial”, da androginia, que se configura como a união e integração dos opostos, que Diadorim se manifesta na paridade, daí existindo como duplo.

A Criança Primordial ou Divina [*Diadorim*]¹¹² pertence, pois, a um domínio que é comum à simbologia erótica e mística, porque representa a final restituição do homem à divindade ou, numa interpretação mais condizente com o ensino das correntes ocultistas, que admitem a androginia, da final conversão do humano ao divino (NUNES, 2013a, p. 67-68).

É por compreender que a vida é doação, logo, uma dádiva, um presente (*dóron*), que Diadorim a restitui – “[...] A vida nem é gente...” (ROSA, 2015, p. 136), diz Diadorim a Riobaldo – a um amor através do dar-se da Vida. O mesmo vale para a morte, que faz perdurar a vida na memória, no tempo unitário: “Tempo é a vida da morte” (ROSA, 2015, p. 476). Enquanto existir, Riobaldo se dá a Diadorim como uma morte, uma viagem que assimila e se une ao viajante.

¹¹² Refere-se o professor Benedito Nunes a Diadorim enquanto ser andrógino e assim como Criança Primordial ou Divina, pois, segundo ele, “a androginia caracteriza a divindade nas religiões arcaicas” (NUNES, 2013a, p. 67).

Assim, é pelo amor/Amor, amando duplamente a *Diádorim/Deodorina*, que Riobaldo integra seu espírito humano – genuinamente conquistado quando se assume como este ser pertencente ao entre das questões, que o formam na paridade tensional de polos (Deus e Diabo, Vida e Morte), cuja vida é *sorte* – a Deus por intermédio de Diadorim, assim como à questão do Amor, pois nele/ele figura o amor como procura de si mesmo, *achando o que é da gente*, o silêncio.

A paridade de Diadorim, também expressada por Riobaldo, afetuosamente chamando-o de *Di*, recebendo, pois, esse nome, conduz ao Tatarana à plenitude, ao Urucúia, rio que se dá nas cabeceiras, caindo no Rio, isto é, restituindo-se ao Caminho¹¹³: “– ‘...Mas, porém, quando isto tudo findar, Diá, Di, então, quando eu casar, tu deve de vir viver em companhia com a gente, numa fazenda, em boa beira do Urucúia... [...]’” (ROSA, 2015, p. 476).

Citemos, para esclarecer e nos encaminharmos melhor, algumas colocações de Ana Maria Machado a respeito do nome Diadorim, que nos mostram esse caráter duplo:

1. *Diá* como *Diabo*, claramente confirmado quando o texto se refere ao demônio como *diá* (p. 40) e Diadorim é chamado de *Diá* à p. 533.
2. *Diá* como *dea*, referindo-se ao outro pólo, Deus, muitas vezes associado ainda ao elemento que destacamos a seguir, também presente no Nome *Diadorim*.
3. A conjugação do verbo *dar*.
4. *Dia*, em suas conotações de tempo, luz, brilho (*de ouro*, à p. 562).
5. *Dor*.
6. *Adorar*, significando que se situa na vertente positiva, de Deus e amor, com a forma *deadorar* corroborada pela existência de *deamar* (p. 40, p. 134)¹¹⁴. [...]
8. *Ódio*, *odiar*, no pólo negativo da dor e do diabo, opondo-se ao brilho de Deus e do amor, a adorar e *dourar*, outro sema também ocasionalmente aflorado no Nome (MACHADO, 1991, p. 39-40, *grifos da autora*).

Quem a nós se dá são as questões, elas nos querem no destinado porque pertencemos a elas, dando-nos possibilidade de ser, daí derivando tantas outras possibilidades: *fôlego de fôlego de fôlego*. Somos o destino dela. E o nosso destino é ser dentro delas, para então sermos propriamente. Instaura-se, assim, paridade como forma mesma de compreender um a partir e no polo contrário: dar e retribuir; adorar e odiar; dia e noite, riso e dor/sofrimento. Esses polos se articulam à medida que o humano deles

¹¹³ Retornaremos a esta questão mais a diante.

¹¹⁴ Na edição com a qual estamos trabalhando, estas citações aparecem nas respectivas páginas: 1) p. 44 e p. 476; 4) p. 484; 6) p. 45 e p. 124.

experimenta, vezes mais, vezes menos, de vez que Deus *espalha pingado de pimenta* quando muito quer auxiliar.

É possível buscar compreensão mais radical e originária de Deus senão por intermédio do Diá, e vice-versa? Acreditamos que o mesmo vale para a questão que Diadorim se realizou em e para Riobaldo, por intermédio do Amor. Não que sejam polos necessariamente opostos, mas a impossibilidade (oriunda, principalmente, do contexto machista da jagunçagem) do amor ser carnalmente consumado, torna possível verificarmos Diadorim e amor em polos tensionais. Concentrar-nos-emos no amor provindo da relação Riobaldo e Diadorim.

À guisa de uma consideração: é evidente que este trabalho deixará lacunas; não é possível esgotarmos as questões, tampouco é nosso objetivo esgotar coisa alguma, mas sim con-sumar ao máximo que pudermos nosso *método*: entre caminho no acontecimento poético-apropriativo. Para tanto, determo-nos em determinadas questões se faz necessário. Desta forma, o motivo de nos concentrarmos em Diadorim provém, reiterando, da impossibilidade, que já supõe que algo seja possível, consumir o que se deu a experienciar: “Um homem é um homem, no que não vê e no que consome. Ah, não. Otacília, eu não merecia. Diadorim era um impossível. Demiti tudo” (ROSA, 2015, p. 399).

Repitamos uma expressão do segundo parágrafo anterior a este: *Acreditamos que o mesmo vale para a questão que Diadorim se realizou em e para Riobaldo, por intermédio do Amor*. Ressoemos isto: *por intermédio... Diá*. Diadorim torna-se e realiza-se como questão por intermédio do Amor, destinado e vindo do Demo? Eles (Diadorim, amor e diabo) e elas (Diadorim, Amor e Diabo) são os que pro-duzem Riobaldo ao trans-torno (ao questionar-se para sair do mundo de significados decaídos) e à circum-inscrição (para o manejo circular visando adentrar para aprofundar).

Do que o que: o real roda e põe diante. – “Essas são as horas da gente. As outras, de todo tempo, são as horas de todos” – me explicou o compadre meu Quelemém. Que fosse como sendo o trivial do viver feito numa água, dentro dela se esteja, e que tudo ajunta e amortece – só rara vez se consegue subir com a cabeça fora dela, feito um milagre: peixinho pediu. Por quê? Diz-que-direi ao senhor o que nem tanto é sabido: sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na ideia, querendo e ajudando; mas, quando é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiriço fatal, carecendo de querer, e é um só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro; brota é depois. Muito falo, sei; caceteio. Mas porém é preciso. Pois então. Então, o senhor me responde: o amor assim pode vir do demo? Poderá?! Pode vir de um-que-não-existe? Mas o senhor calado convenha. Peço não ter resposta; que, se não, minha confusão aumenta (ROSA, 2015, p. 122-123).

Diadorim-personagem, Diadorim-questão e o Amor são um *destino dado*, porque se destinam a Riobaldo, brotando nele depois do fim, no céu, para onde o velho barranqueiro quer ascender e transcender tendo em vista continuar sua narrativa/vida. Esse *destino* (é) *dado* por intermédio do *Diá*, do Que-Não-Há. Poderia nisso residir o fato da impossibilidade de Diadorim a Riobaldo, de vez que, com a morte de Hermógenes, o diabo é restituído à não-existência – “E vi, chefiando os dele, o Hermógenes! Chapéu na cabeça era um bandeirão redondo... Homem que se desata” (ROSA, 2015, p. 480)... –? Deixemos especular esse questionamento, sem resposta que confunda...

Coloquemos um questionamento, no rastro desse último: que seja o amar senão um dar(-se) no e para o outro a fim de que algo se torne próprio? Repitamos uma terceira vez: “amor é a gente querendo achar o que é da gente” (ROSA, 2015, p. 297). Meus senhor, mire veja: Diadorim ama a Riobaldo dando e revelando seu nome: “Reinaldo, Diadorim, me dizendo que este era real o nome dele – foi como dissesse notícia do que em terras longes se passava. Era um nome, ver o que. Que é que é um Nome? Nome não dá: nome recebe” (ROSA, 2015, p. 136).

Ocorre que *Diadorim*, cujo “-im” neutraliza e esconde algo (no caso, o nome feminino), é o nome pertencente – “Aquele dia fora meu, me pertencia” (ROSA, 2015, p. 136), e *dia* consta em *Diadorim* – a Riobaldo, uma vez que ele recebe de Diadorim um desvelamento do que é. Mas é esse desvelamento que configura, porque pertencente, o próprio da relação tensional e dialética que se instaura entre os pares. O que pertence a Riobaldo é o que foi a ele doado: *Diadorim* – amor (**Diadorim**) e, paradoxalmente, dor (**Diadorim**).

O amor constatamos, ainda que brevemente (a ele retornaremos em breve). Mas por que “dor”? E de quem é a dor? Uma fala de Diadorim, e uma colocação de Riobaldo, ajuda-nos a pensar isso e como isso promove a apropriação do acontecimento poético-apropriativo na travessia de *Grande sertão: Veredas*:

– “Riobaldo, pois tem um particular que eu careço de contar a você, e que esconder mais não posso... Escuta: eu não me chamo *Reinaldo*, de verdade. Este é nome apelativo, inventado por necessidade minha, carece de você não me perguntar por quê. Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas – se diz. A vida nem é da gente...” (ROSA, 2015, p. 136, *grifo do autor*)
O senhor lê. De Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... Reze o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha (ROSA, 2015, p. 489)?

Reze o senhor por essa minha alma: a de Diadorim/Deodorina, que a ele, Riobaldo, pertence, porque deu, aquela, seu amor a este, embora nunca tenha sido, explicitamente, retribuído enquanto viva – “Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a amizade desde agora estava amargada falseada” (ROSA, 2015, p. 489), de vez que a amizade verdadeira é a dada, logo, enquanto amor (Cf. ROSA, 2015, p. 137) que se descontraí negando. Amando a esse modo, encoberto, Riobaldo nutria, reciprocamente, por Diadorim um amor, bem como nutria a ele com um amor, provindo da alma de Diadorim (Cf. ROSA, 2015, p. 138), de maneira já ser da alma de Riobaldo: *Diadorim; minha alma?*

Me lembro de tudo. O que me deu raiva. Mas, aos poucos, essa raiva minou num gosto concedido. Deixei em mim. Digo ao senhor: se deixei, sem pêjo nenhum, era por causa da hora – a menos sobra de tempo, sem possibilidades, a espera de guerra. Ao que, alforriado me achei. Deixei meu corpo querer Diadorim: minha alma? Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da ideia. Diadorim – mesmo o bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza – o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser decreto, é, para destino destinar... E eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra. Ele fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio de meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um o outro. E tudo impossível. Três-tantos impossível, que eu descuidei, e falei: – *...Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a cor de seus olhos...* –; o disse, vagável num esquecimento, assim como estivesse pensando somente, modo se diz um verso. Diadorim se pôs pra trás, só assustado. – *O senhor não fala sério!* – ele rompeu e disse, se desprazendo. “O senhor” – que ele disse. Riu mamente. Arrepio como recaí em mim, furioso com meu patetear. – *Não te ofendo, Mano. Sei que tu é corajoso...* – eu disfarcei, afetando que tinha sido brincadeira de zombarias, recompondo o significado. Aí, e levantei, convidei para se andar. Eu queria airar um tanto. Diadorim me acompanhou (ROSA, 2015, p. 467-468, *grifos do autor*).

Sendo alma coisa dada por Deus para então ser do humano, ela é fonte de todo amor, o qual conduz ao humano Riobaldo para o caminho certo (*Rei-naldo*), para a travessia, do verter-se para se desdobrar a partir do silêncio que promove e produz linguagem, como ao amor que se manifesta no encoberto das ações, porém que se consuma no agir do pensamento, de Riobaldo e Diadorim:

E Diadorim parava calado, próximo de mim, e eu concebia o verter da presença dele, quando os nossos dois pensamentos se encontravam. Que nem um amor no ao-escuro, um carinho que se ameaçava (ROSA, 2015 p. 466).

Sendo a alma coisa dada por Deus, e sendo Diadorim a alma de Riobaldo, ele, tornando-se ela ao fim, não é restituída a Deus? “– A Deus dada. Pobrezinha” (ROSA, 2015, p. 484)... E isso não revela, outra vez, a pobreza humana essencial, viver para entregar tudo a morte? Continuemos.

Naquele instante de proeminência da guerra final/fatal, Riobaldo se sentiu, como em um estado epifânico, livre (*alforriado*) para declarar, na não-palavra que é movida pelo *calar* para escutar o que seu/sua coração/coragem diz, o amor a Diadorim. A questão *Diadorim; minha alma?* instaura pertença, ainda que pela negação. Bastaria lembrarmos dos olhos de ambos no reencontro através do *portal da porta*, na *soleira*: “Os olhos nossos donos de nós dois” (ROSA, 2015, p. 122). Sendo *dia*, Diadorim resguarda e preserva o escuro; sendo calado, o “em silêncios” (ROSA, 2015, p. 378), resguarda e preserva a fala; sendo próximo, resguarda-se e preserva-se na distância.

Era uma noite de toda fundura. Estava dando um vento, esquisito para aquele tempo, por ser um vento em-hora do lado suão, em-hora do norte, conforme se riscando um fósforo, ou jogando punhado de areia fina clara para cima, se conhecia. Andamos. Mas, agora, eu já tinha demudado o meu sentir, que era por Diadorim uma amizade somente, rei-real, exata de forte, mesmo mais do que amizade. Essa simpatia que em mim, me aumentava. De tanto, que eu podia honestamente dizer a ele o meu bem-querer, constância da minha estimação (ROSA, 2015, p. 468).

Assim é que Riobaldo se circum-inscreve em Diadorim-questão, passando a apropriar do que lhe é próprio, da *amizade dada* por Diadorim, e este assim acontece apropriando-se do lugar que Riobaldo se realiza para ele – “[...] vi e mais vi: ele [*Diadorim*] apropriar espaços” (ROSA, 2015, p. 139). Temos aqui uma mútua apropriação, nesta vereda iniciada na travessia do Rio originário, Riobaldo busca o que lhe pertence porque foi dado para (um) *destino destinar*, isto é, para uma travessia para ser e vir a ser o que está para ser em travessia, a morte que sempre se manifesta e atribui sentido à vida: “Artes que morte e amor têm paragens demarcadas. No escuro. Mas senti: me senti. Águas para fazerem minha sede” (ROSA, 2015, p. 137-138).

Estas águas, lugar de ser feliz, é Diadorim como fonte para onde volta sempre, para nela beber e ainda assim a sede continuar – voltando a se trans-verter à fonte. As travessias pelo mesmo caminho não terminam: Riobaldo é a sede instaurada pelo amor de Diadorim. A este ponto queremos repetir uma colocação feita no primeiro capítulo: *Não a fala do homem (a voz), mas a linguagem no humano (silêncio, o vigorar e viger da poiesis), é o poético que por intermédio de Diadorim se circum-inscreve no pensamento*

de Riobaldo, cuidando-o ao se esconder calado, bem como no corpo-fantasma. Diadorim, neste sentido, no circular do jogo de presença-ausência, garante a Riobaldo uma possibilidade, pelo silêncio e pelo amor, de tecer caminho à plenitude: ser um gole d'água.

O amor não cessa com a morte, esta perdura e conserva aquele, cada vez mais fundo na *noite de toda fundura* da questão. A morte de Diadorim é um acontecimento que se carecia para então Riobaldo verter para um outro viver no já vivido, que estava oculto por tanto sofrimento sentido no momento de *coração bem batendo*.

Ora, sendo que esta “vida está cheia de ocultos caminhos” (ROSA, 2015, p. 135), na qual somente podemos desocultar alguns deles pelo ato de pensar na paridade, porque a verdade, no seu sentido manifestativo de desvelamento do que sempre permanece velado, que buscamos não é outra senão a procura que percorremos e nos fazemos.

Mesmo existindo no carnal, Diadorim desde sempre se mostrou para além dessa condição: “Ele, o menino, era dessemelhante, já disse, não dava minúcia de pessoa outra nenhuma. Comparável um suave de ser, mas asseado e forte – assim se fosse um cheiro bom sem cheiro nenhum sensível” (ROSA, 2015, p. 95). Diadorim ultrapassava o limite da forma e dos sentidos, estava além do que se poderia ver, de maneira a chamar Riobaldo, que estava então se tornando *homem humano*, a se con-sumir *no que não vê*, no qual reside tudo o que pode vir a ser visto, como no caso, já dito, de que Diadorim induz Riobaldo ao pacto:

Da maneira, ele me tentava. Com baboseira, a prosável diguice, queria abrandar minha opinião. Então eu ia crer? Então eu não me conhecia? Um com o meu retraimento, de nascença, deserdado de qualquer lábia ou possança nos outros – eu era o contrário de um mandador (ROSA, 2015, p. 308).

Neste sentido é que o existir de Riobaldo é con-sumido enquanto questão através do Amor e de Diadorim (ou do amor em e no Diadorim). Se nos concentrarmos no nome “Urutú-Branco”, que vem a ser batizado por Zé Bebelo, veremos aí, na imagem da cobra de cor preta, uma paridade: Preta-Branco. Rotaciona-se, assim, Amor e dor; Deus e o Demo; Vida e Morte. Se tivermos em mente que “a morte é o sobrevir de Deus, entornadamente” (ROSA, 2015, p. 270), há então uma renúncia à voz, ao encerrado e ao estar estancado, ou seja, há apreensão-dos-afetos que possibilita um novo e circular caminho que o convoca a con-sagrar, e nada do que foi se encerrará, contudo voltará a ser no vigorar da memória: *nonada*.

Riobaldo declara Diadorim como “seu amor” tanto em vida quanto em morte: como vida, é dito no escuro, encoberto, para si mesmo; enquanto morte, sobrevivendo-se integralmente no que é (silêncio), é o que está se plenificando, isto é, se recolhendo para o silêncio originário, o qual restitui sentido à vida à medida que dá sentido a ser compreendido por Riobaldo, pois que Diadorim é um sentimento seu (Cf. ROSA, 2015, p. 258):

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim – que não era de verdade. Não era? A ver que a gente não pode explicar essas coisas. Eu devia de ter principiado a pensar nele do jeito de que decerto cobra pensa: quando mais-olha para um passarinho pegar. Mas – de dentro de mim: uma serepente. Aquilo me transformava, me fazia crescer dum modo, que doía e prazia. Aquela hora, eu pudesse morrer, não me importava (ROSA, 2015, p. 242).
E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:
– “Meu amor!...” (ROSA, 2015, p. 485)

Diadorim estava dado em vida: amor. Diadorim estava dado à morte: dor. Em ambos, tudo era alegria e tristeza, o que Riobaldo aprendeu desde o início de sua travessia com o Menino: “[...] acho que eu tinha de aprender a estar alegre e triste juntamente” (ROSA, 2015, p. 100). Em vida, alegria vinha de ser-com Diadorim, qual a tristeza, que se consumia no não poder materializar, no *impossível*. À morte, essa tristeza, nesse estado, ainda foi conservada, porém a alegria provinha do sentido que isso projetava: Diadorim se tornou um acontecimento, um próprio a Riobaldo, uma questão inexaurível, intimando a pobreza de ser o ainda não, contudo sempre tempo-limite de vir a ser.

É através da circum-inscrição que Riobaldo adentra nas questões pelo não-acontecido que delas sobrevivem. Referente à questão do Amor em tensão com Diadorim, a circum-inscrição acontece e realiza um acontecimento que *concrece* a partir de uma tal suspensão do findar de Diadorim (não como questão).

Ainda que relutando em vida “contra o querer gostar de Diadorim” (ROSA, 2015, p. 41), esse amor vem a ser cuidado como um presente dado a Riobaldo, tanto em trans-torno, porque com isso ele mesmo ali estava se tornando um lugar de disposição da questão, quanto em circum-inscrição, porque sempre volta para esta fonte de onde transvasa sua essência de ser (em) travessia à medida que (se) *verte para a presença* de

Diadorim: “E eu gostava dele, gostava, gostava. Aí tive o fervor de que ele carecesse de minha proteção, toda a vida: eu terçando, garantindo, punindo por ele” (ROSA, 2015, p. 136). Riobaldo tornou Diadorim questão, a ele obedecendo (escutando de sua posição de fluir e de-fluir, como *rio*), desde sempre, de maneira que seu “fundamento” é revogado ainda em vida e efetivado ante essa ausência que nunca cessa de ser presença:

Só fiz querer Diadorim comigo; e a gente se cabia entre riscos de verde capim, assim eu Diadorim enxergava, feito ele estivesse enfeitado. [...] Amontado no instante, mas eu mesmo assim tive prazo para me envergonhar de mim, e para sentir que Diadorim não era mortal. E que a presença dele não me obedecia. Eu sei: quem ama é sempre muito escravo, mas não obedece nunca de verdade (ROSA, 2015, p. 448)...

Além do motivo de dar cabo ao pactário Hermógenes, de maneira a devolver ao diabo à sua não-existência (sim, agora afirmamos a especulação), havia outros dois acontecimentos, tensionais aquele, que também resultam em morte, mas de modos diversos, que se careciam: um nós já vimos, que foi a morte/ultimato de Riobaldo jagunço, Tatarana, Urutú-Branco, discutido no capítulo anterior; ao outro nós passaremos agora, para o acontecimento da morte de Diadorim, cuja plenitude é atingida à medida que é retrocedida por Riobaldo, para nunca deixar de ser, porque ele (não querendo) *não escreve, não fala! – para assim não ser* sendo nas palavras: *não foi, não é, para não ficar sendo! Diadorim* (Cf. ROSA, 2015, p. 484)...

Feito amor de destino dado, feito coisa-feita, encantado, Diadorim, que cresceu com Riobaldo, *brotava depois* da morte, tanto porque ela é que dá sentido à vida, quanto porque ela é o mais profundo silêncio que dá vigor ao humano.

Com a morte de Diadorim, a (linguagem) narrativa vai morrendo, “Esperançando meu destino: desgraça de mim! Eu! Eu” (ROSA, 2015, p. 480)... Ela vai conquistando um dentre infinitos sentidos... “O senhor... Me dê um silêncio. Eu vou contar (ROSA, 2015, p. 480). Nosso destino está chegando também, pois “tudo estava tão pendurado para o fim” (ROSA, 2015, p. 480), no “acontecimento que se carecia” sendo o “de terminar com um” (ROSA, 2015, p. 335).

5.3. Por que foi que conheci aquele Menino-Diadorim? (ou, a travessia no acontecimento: a vereda plenificando)

“Mas, a brasinha de tudo, é só o mesmo carvão só”
(ROSA, 2015, p. 196).

Morto, Diadorim deixou ainda uma questão – tornou-se essa uma questão, como que, qual o Rio São Francisco e a morte de Bigrí, repartindo a vida de Riobaldo em duas, presença, enquanto pessoa/personagem, e ausência, enquanto questão –, pois que ele mesmo escolheu ser-para-a-morte, cuja vida, sendo uma brasiinha-carvão, é o mote de um acontecimento, que nunca cessa de reacender a chama de Riobaldo. Diadorim parte a vida de Riobaldo para uma terceira.

Retornemos a uma passagem cuja fala de Diadorim resvala a um pertencimento à Vida e, ao mesmo tempo, a uma impossibilidade que, no mais adiante do tempo da história, se tornará efetivo após a morte: “– [...] Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas – se diz. A vida nem é da gente...” (ROSA, 2015, p. 136). Aqui, como antes já interpretamos, Diadorim compreende a vida enquanto doação de algo maior e que supera a mortalidade/findamento: a Vida em tensão com a Morte. O fado de Diadorim seria o de renunciar a sua identidade (compreendido naquilo que a identifica como diferente em relação ao bando de jagunços, o sexo, pois, que vem a ser escondido por conta do preconceito), de maneira a não poder se relacionar com Riobaldo?

Em certo sentido sim, porque há aí todo um contexto que o priva de ser *Deo*-dorina (polo positivo, paz) para atuar como *Diá*-dorim (polo negativo, violência). Mas o que se conserva em ambos os nomes é uma correspondência fonética a *dóron*, dádiva, presente. Dádiva/presente que Riobaldo deseja dar a ele, como sinal de união, a pedra de topázio: “– ‘Deste coração te agradeço, Riobaldo, mas não acho de aceitar um presente assim, agora. Aí guarda outra vez, por um tempo. Até em quando se tenha terminado de cumprir a vingança por Joca Ramiro. Nesse dia, então, eu recebo...’ (ROSA, 2015, p. 307).

Embora a pedra tenha, a mando de Riobaldo, sido enviada a Otacília, por intermédio do senhor Habão (Cf. ROSA, 2015, p. 360-361), e tenha, conseqüentemente, atribuído uma força a mais em seu estado *frustrado* de não conseguir conquistar um certo objetivo (no caso, dar a Diadorim a pedra prometida/destinada), Riobaldo dá a Diadorim uma dádiva que também os une: torna-o questão, agora em tensão com a morte do humano em seu “findamento”, retirando, pois, sua mortalidade. A morte dá sentido à vida. Diadorim encontrou o sentido de sua vida, compreendeu o sentido de viver a *sorte*? Não sei, meu senhor... Mas a morte é, de fato, “para os que morrem. Será” (ROSA, 2015, p. 201)? Ou para os que vivos se encontram e a experienciam na morte dos outros? Não sei...

Nos termos de um viver na vida, doação da questão, Diadorim não morreu, Riobaldo não deixou, preservou-a e deu a ela liberdade que em vida foi, de certa maneira,

negada e/ou restringida, ao torná-la questão, pacificando o coração do narrador que se circum-inscreve nesse tanto *abalo sofrido*, uma vez que “[...] com a mão, que era tão suave em paz e tão firme em guerra” (ROSA, 2015, p. 459), Diadorim toma conta de Riobaldo, agora, na tensão entre Deus (*paz*) e Diabo (*guerra*). Assim, sua morte, nos termos de um silêncio, do que vigora sempre para além da finitude humana, é o “sobrevir de Deus, entornadamente” (ROSA, 2015, p. 270), isto é, um constante doar-se e dar-se amorosamente.

Daí Riobaldo, no ato de sua circum-inscrição, após sagrar na palavra o que seus olhos tinham visto, ou seja, que “Diadorim tinha morrido – mil-vezes-mente” (ROSA, 2015, p. 482), como que já tendo repetido aos tantos essa morte, tentar dobrá-la para que na narrativa algo se torne impossível de se explicar e de se esgotar: se Riobaldo, ao lado de Diadorim, o qual “parava calado” (em silêncio), “concebia o verter da presença dele” (ROSA, 2015, p. 466), agora, distante de Diadorim (ainda que em termos espaço-temporais), verte-a para uma ausência que se presencia na linguagem narrativa em tensão dialética com a morte, pois que o silêncio possibilita toda e qualquer linguagem narrativa¹¹⁵, toda e qualquer vida em sentido.

Neste sentido, completando a citação anterior, Diadorim morre *de Riobaldo*, isto é, morre “de uma condição” (carnal) para tornar-se quem dá condição para Riobaldo vir a ser propriamente (apropriar-se) em seu acontecimento de circum-inscrição – “Diadorim tinha morrido – mil-vezes-mente – para sempre de mim; e eu sabia, e não queria saber” (ROSA, 2015, p. 482) –, para saber, a cada vez repetida, de algo que o não-saber sobredeterminava: “Diadorim me veio, de meu não-saber e querer. Diadorim – eu adivinhava” (ROSA, 2015, p. 257).

A cada vez que essa morte acontece, um sentido seria compreendido à proporção da compreensão de sentido de viver e de ser em travessia de Riobaldo? Se considerarmos, primeiro, a linguagem enquanto um tipo de morte, ou seja, um vigorar do silêncio, segundo, que a narrativa de Riobaldo é a escuta desse silêncio, de vez que somente se pode alcançar um dito a partir da escuta, e que, terceiro, a morte é o silêncio vigorando, o recolhimento da vida a ela, seria a linguagem, fundada pelo silêncio, uma forma de morrer/morte, uma vez que por ela passamos a viver? A nossa vida é feita de mortes e

¹¹⁵ Diadorim não cessa. Hermógenes, neste sentido, contribui para isso, pois, visto que terminar com ele era o acontecimento que se carecia, bem como, na fala de um, antes da batalha definitiva, ao dizer que *ele não era laço: – era argola...* (Cf. ROSA, 2015, p. 465), ou seja, um círculo já instaurado, que não podia ser desfeito, mostra-nos o destino para a transcendência de um amor carnal para um impossível, cuja negação aqui refere-se à possibilidade de concreção com a questão.

nascimentos, em um fluxo constante: “A noite não é o fim do dia: é o começo do dia que vem” (ROSA, 1970, p. 84).

Façamos aqui uma relação entre a escuta e a morte, para nos aproximarmos dessa linguagem como morte, considerando que a “escuta poética vigora no limite entre saber e não saber” (CARVALHO, 2017, p. 76), de modo que somente podemos saber se, como Riobaldo, nos declararmos enquanto *ignorantes*. Narrar, já vimos, provém de *gnarus*, podendo significar “aquele que sabe/conhece”. No entanto para saber e conhecer é preciso, então, declararmos primeiro que não sabemos, para então crescermos com o que nasce no e do nosso não saber, de nossa ignorância. Não à toa Riobaldo narrar: para vir a conhecer, a partir do que sabe e nós não, o que ele não sabe se sabe e que pode ser, o que é possível, pois, que nós saibamos junto dele, porém apenas assim podemos saber porque escutamos o que ele nos narra. É se declarando e assumindo como ignorante que Riobaldo não deixa nada se findar, inclusive Diadorim.

Daí então o *sacer officium* de nossa amizade com Riobaldo, isto é, de abdicarmos do que julgamos saber para virmos, radical e propriamente, a saber no curso da sua (e na nossa) narrativa, para nascermos junto a ele (conhecer) em cada novo viver a nossa *sorte* de vida e o já vivido instaurados pela morte. Ora, se eu *nonada conheço de Riobaldo*, (Cf. ROSA, 2015, p. 482), posso vir a conhecer pelo vazio que aí se mostra. Conhecer a ele é conhecer a mim, somos amigos e irmãos, somos o duplo de uma cisão no outro – por isso que *sei tão pouco* e, ao mesmo tempo, *o muito* (Cf. ROSA, 2015, p. 482) –, e nossa *colheita é comum*: ambos sofremos, em medidas, afetos e proporções diversas, a morte de Diadorim, cada qual experienciando, *no capinar sozinho*, a morte de sua linguagem.

Desta forma, para saber e poder escutar o silêncio que a morte é, somente podemos fazê-los através da vida que experienciamos, do que sabemos, o viver a linguagem ao narrar, e não sabemos, o morrer ao silêncio que somos: restituir nossa linguagem ao silêncio, nossa vida à morte – restituir nossa linguagem à morte, nossa vida ao silêncio.

Diz-nos o encantado Guimarães Rosa (1967) em seu discurso de posse: “A gente morre é para provar que viveu”. Se a morte é o silêncio vigorando, a linguagem (narrativa), para ser, permite o silêncio vigorar nela, pois que este permite toda e qualquer narrativa, então seria a morte desta linguagem narrativa a maneira de provar que viveu e experienciou uma travessia: a travessia dos Riobaldos (*sendo dois diversos*) e a travessia do leitor interpelante. Meus amigos leitores, deixe lhes dizer algo que eu não sei: para nos circum-inscrevermos, acontecendo, experienciando, é preciso que nossa linguagem

morra, porque a morte dá sentido à vida, e nossa vida é linguagem, narramos para vivermos – se sim e se não? Repense o bem pensado.

De Riobaldo, Diadorim morreu *mil-vezes-mente...* a sua linguagem, a sua narrativa, está se con-sumando na morte. Agora está *subindo seus abismos* (Cf. ROSA, 2015, p. 482), ao passo em que há um acontecimento se plenificando, tornando-se próprio, a vereda recolhe-se ao Tao: uma verdade, desvelada, é em se retraíndo. Subir, este é o caminho certo da gente humana, pois o que sobe, apenas sobe porque estava no chão, no solo que somos: “Qual é o caminho certo da gente? Nem para frente nem para trás: só para cima” (ROSA, 2015, p. 87).

Diadorim está dada a Deus, mostra-se finalmente como *Deo-dorina*, revela a outra face velada: “Diadorim era uma mulher” (ROSA, 2015, p. 485). Contudo essa verdade não é provinda da vereda plenificando. Entretanto apenas esta, nesta ação final de restituição, é que possibilita trazer da luz que o Ser-Tao enviou do escuro abismo: “Diadorim era mulher como o sol não acende do rio Urucúia” (ROSA, 2015, p. 485); “Diadorim alegre, e eu não. Transato no meio da lua. Eu peguei aquela escuridão” (ROSA, 2015, p. 87).

Embora nas *cabeceiras*, em cima, para onde Riobaldo sobe, o Urúcuia é um rio que vem a cair no São Francisco. Ele é local de plenificação e restituição que (se) mostra, concomitantemente, o que/ no que é alcançado para o que nele se deu velar tantas outras coisas, qual o seu estado *claro* que é fundeado pelos *escuros*: “O meu Urucúia vem, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio Capital” (ROSA, 2015, p. 257).

A morte é vida – e vida é linguagem narrativa: a linguagem torna-se vida porque pode vir a morrer quando ao fim se chega, isto é, quando o círculo se fecha, mas não se exaure, não se encerra, porque, por força da leitura e escuta poéticas, torna possível viver outra vez, sempre de maneira inaugural¹¹⁶. O poema “Alongo-me”, contido em *Ave, Palavra*, promove-nos a pensar isso:

O rio nasce
tôda vida.
Dá-se
ao mar a alma vivida.
A água amadurecida,

¹¹⁶ Poderíamos mesmo pensar, nessa perspectiva de que a linguagem narrativa morre para então se recolher ao silêncio, de certa forma precisando de uma morte para se tornar vida, junto ao poeta João de Jesus Paes Loureiro, quando pensa poeticamente sobre o tornar-se, através do poema, outra vez vivo a partir da leitura e escuta poéticas: “[...] Eu me construo sílaba após sílaba/ pai/ não sou teu filho,/ pois nascido ora sou,/ se a mim me faço/ letra por letra/ palavra mais palavra/ eu que me morro cada vez/ e cada vez sou vida/ nos lábios meus-dos-outros que me lêem” (LOUREIRO, 2000, p. 238).

a face
ida.
O rio sempre renasce
A morte é vida.
(ROSA, 1970, p. 53)

A morte/o silêncio sempre mostra e dá a ser dito tantos outros viveres à vida/à linguagem. A morte, qual a liberdade, não é estática, não é encerramento, mas sim a muita *movimentação* para ser vida. Para atingir uma plenitude, ela conduz e convoca alguém, desde que *escute desarmado*, ao *télos*/plenitude e restitui ao princípio, como na cantiga de *gente barranqueira* (dando um gole d'água ao Rio):

Como vou contar, e o senhor sentir em meu estado? O senhor sobrenasceu lá? O senhor mordeu aquilo? O senhor conheceu Diadorim, meu senhor?!... Ah, o senhor pensa que morte é choro e sofisma – terra fundo e ossos quietos... O senhor havia de conceber alguém aurorear de todo amor e morrer como só para um. O senhor devia de ver homens à mão-tente se matando a crer, com babas raivas! Ou a arte de um: tá-tá, tiro – e o outro vir na fumaça, de à-faca, de repelo: quando o que já defunto era quem mais matava... O senhor. Me dê um silêncio. Eu vou contar (ROSA, 2015, p. 480).

Eu, que não vivi a morte de Diadorim, não o conheci, posso alguma coisa falar? Senhor, pela escuta, pela colheita junto a Riobaldo, posso experienciar a dor e o amor que, com a morte de Diadorim somente para o Urutú-Branco, *aurorearam*, isto é, o brilho que surgiu e iluminou na antemãhã do sobrenascimento de Riobaldo. A morte de Diadorim tornou brilhante a narrativa de Riobaldo-narrador a partir do sobrenascimento de Riobaldo-personagem neste. Nesta metáfora (a palavra que é entre, *meta*, para transverter-se por meio do seu vir à luz, *phorein*), podemos compreender e especular um sentido à compreensão do sentido de morte para Riobaldo: alguém voltou a nascer (neste caso, Riobaldo – *o senhor* [como ele, Riobaldo] *sobrenasceu lá?*); algo precedeu o nascimento do sol (o escuro do fundo *abismos*).

O trans-tornar-se, enquanto um movimento de questionar-se para então lançar-se para além de um limite, tendo este como mote, entreabre a possibilidade de circum-inscrição. Riobaldo apenas pode se trans-tornar porque se institui um limite a ser ultrapassado, assim como Riobaldo somente se circum-inscreve porque se institui um limite a ser superado: a morte como fundamento.¹¹⁷ Ele não diz mais, já para se atingir o

¹¹⁷ Diadorim, no “topo da rua, punhal em mão”, *avançando* “– correndo amouco” (ROSA, 2015, p. 481), corre (*amouco*) para morrer em virtude de seu chefe porque na batalha contra Hermógenes volta-se à morte (Cf. MARTINS, 2001, p. 29), ao silêncio, ao vigorar, para onde Riobaldo se verte. A sua circum-inscrição permite que ele veja e ouça acontecer tudo outra vez, mas sempre renovadamente, porque o diabo, não vindo em um “pé de vento” na hora do pacto, agora se mostra no *se cometerem* de Diadorim e Hermógenes:

fim da estória, que Diadorim morreu, que findou como todo e qualquer vivente, porque ficaria sendo, antes ele a restitui ao silêncio, à questão, para que não mais recaia nela a dor, os fados, a maldade desse mundo:

Sufoquei, numa estrangulação de dó. Constante o que a Mulher disse: carecia de se lavar e vestir o corpo. Piedade, como que ela mesma, embebendo toalha, limpou as faces de Diadorim, casca de tão grosso sangue, repisado. E a beleza dele permanecia, só permanecia, mais impossivelmente. Mesmo como jazendo assim, nesse pó de palidez, feito a coisa e máscara, sem gota nenhuma. Os olhos dele ficados para a gente ver. A cara economizada, a boca secada. Os cabelos com marca duráveis... Não escrevo, não falo! – para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo! Diadorim (ROSA, 2015, p. 484)...

A palavra dá ser às coisas, por isso é que elas são. Somente elas são para ser... Ali era hora de velamento, de velar o corpo, acender as velas, cavar cova, devolver o corpo humano, esta provisória terra, à Terra, devolver sua identidade de brava guerreira, não de Reinaldo, mas o feminino que oculto permaneceu, que foi no *Paredão enterrada*:

A Mulher lavou o corpo, que revestiu com a melhor peça de roupa que ela tirou da trouxa dela mesma. No peito, entre as mãos postas, ainda depositou um cordão com o escapulário que tinha sido meu, e um rosário, de coquinhos de ouricuri e contas de lágrimas-de-nossa-senhora. Só faltou – ah! – a pedra-de-ametista, tanto trazida... O Quipes veio, com as velas, que acendemos em quadral. Essas coisas se passavam perto de mim. Como tinham ido abrir a cova, cristãmente. Pelo repugnar e revoltar, primeiro eu quis: – “Enterrem separado dos outros, *num asilo de vereda*, adonde ninguém ache, nunca se saiba...” Tal que disse, doidava. Recai no marcar do sofrer. Em real me vi, que com a Mulher junto abraçado, nós dois chorávamos extenso. E todos meus jagunços decididos choravam. Daí, fomos, e em sepultura deixamos, no cemitério do *Paredão enterrada*, em campo do sertão (ROSA, 2015, p. 485, *grifos nossos*).

Como questão que se manifesta em um (corpo) humano resguardado em um *asilo de vereda*, Diadorim permanece sobrevivendo do *não saber e querer* de Riobaldo, pois que, tomando conta deste, ela, questão, invade-o, qual a *neblina* (que ela era) invade ao ar: “Diadorim me veio, de meu não-saber e querer. Diadorim – eu adivinhava” (ROSA, 2015, p. 257).

“Ái, eles [*Diadorim e Hermógenes*] se vinham, cometer. Os trezentos passos. Como eu estava depravado a vivo, quedando. Eles todos, na fúria, tão animosamente. Menos eu! Arrepele que eu não prestava para tramandar uma ordem, gritar um conselho. Nem cochichar comigo pude. Boca se encheu de cuspes. Babei... Mas eles vinham, se avinham, **num pé-de-vento**, no desadouro, bramavam, se investiram... Ao que – fechou o fim e se fizeram. E eu arrevessei, na ânsia por um livramento... Quando quis rezar – e só um pensamento, como raio e raio, que em mim. Que o senhor sabe? Qual: ...*O Diabo na rua, no meio do redemunho*... O senhor soubesse... Diadorim – eu queria ver – segurar com os olhos... **Escutei o medo claro nos meus dentes**... O Hermógenes: desumano, dronho – nos cabelões da barba... Diadorim foi nele... Negaceou, com uma quebra de corpo, gambetou... E eles sanharam e baralharam, terçaram. De supetão... e só” (ROSA, 2015, p. 481, *itálicos do autor, negritos nossos*)...

Essa é a apreensão-dos-afetos final: quem toma (*preendere*) Riobaldo é Diadorim, e aquele a este se agarra. Diadorim é o afeto: dispõe a Riobaldo-narrador, pré-disposto, para ser em travessia, circum-inscrevendo-se para não deixar de eclodir a partir de uma *transformação, pesável*, passível de ser interpretada ex-sistencialmente. Daí Diadorim *ter amor em Riobaldo*: deu-se a ele, fez amanhecer sua aurora, ver as cores do mundo. Todavia (como toda vida em via) há de se recolher, como o sol sobe para descer – a linguagem narrativa morre, isso é necessário, do contrário, não mais nos pensaríamos: “Rios bonitos são os que correm para o Norte, e os que vêm do poente – em caminho para se encontrar com o sol” (ROSA, 2015, p. 254).

Essa é a condição/estado mais caro e raro dado ao humano: como viventes morremos, entretanto como existentes pensamos na e desde a morte, e nela encontramos sentido, pondo para mais longe o fundamento, pois nosso pensamento ainda pode vir a ser resguardado como obra. “Travessia perigosa, mas é a da vida. Sertão que se alteia e se abaixa. Mas que as curvas dos campos estendem sempre para mais longe. Ali envelhece vento” (ROSA, 2015, p. 440). Diadorim nisso, através de Riobaldo, se realizou, à medida que nosso narrador a *estendeu sempre para mais longe* ao torná-la questão: para fora de todo e qualquer limite.

Nosso céu está se abaixando. Após tudo o que dissemos, deixemos ressoar um questionamento a ser pensado: não teria a linguagem do ente, a narrativa, a conquista do alcance à linguagem do ser através da morte? Se sim ou se não, perdoai-me, não quero responder nada, porque tudo passa e nada fica. Nonada.

Ela [*Diadorim*] tinha amor em mim.
E aquela era a hora do mais tarde. O céu vem abaixando. Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi.
Aqui a estória se acabou.
Aqui, a estória acabada.
Aqui a estória acaba (ROSA, 2015, p. 486).

Um último fôlego. Ultimato: existe é homem humano. Travessia.

5.4. A plenitude se recolhendo (ou, o acontecimento na travessia)

“[...] aí ultimei o jagunço Riobaldo!
[...]
Chapadão. Morreu o mar, que foi.”
(ROSA, 2015, p. 486)

O foco deste subcapítulo é refletir acerca de um certo “ultimato especulativo” de Riobaldo, bem como desdobrá-lo para que ele se verta/dobre como sentido a ser conquistado e compreendido da nossa viagem: “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.” (ROSA, 2015, p. 492). Ultimato porque a narrativa morre, une princípio e fim, para então se trans-verter em nós: nós queremos nos desdobrar para que nossa existência seja de *homem humano*. [Em, na, enquanto, para a] *Travessia*. Nossa reflexão buscará verter-se para o acontecimento na travessia: tornar-se homem humano.

Riobaldo apenas pode nomear porque algo se deu a ver e brilhou em seu surgimento. Ele nomeia a partir do *nonada*: do princípio da vereda do grande sertão produzido pelo principiar. Nomeando, Riobaldo, lembrando-nos do que diz Heidegger (2003a), provoca uma vigência (as palavras são a partir do que surgiu) e instaura uma ausência (o que se resguarda distante ao dar-se a ver próximo). Esse algo que se deu a ver pôde ser des-coberto. À medida que o des-cobre, mais ele se cobre, porque “surgimento já tende ao encobrimento” (HERÁCLITO, 1991, p. 91). O descobrimento conduz à plenitude, e esta não é outra coisa senão recolhimento ao encoberto, ao ausente, ao silêncio.

O acontecimento apenas é acontecimento porque é uma apropriação do que é próprio ao que acontece: o Ser que doa ser ao humano, dele se apropria à proporção que o humano busca con-sumar isso que lhe foi doado, que lhe pertence, na decisão de ir a ser propriamente quando então vive experienciando um tal acontecimento.

Experienciando um tal acontecimento, o humano relaciona-se para tornar-se próprio. Em outras palavras, ele acontece poética-apropriativamente. Riobaldo narra. O seu sendo relaciona-se com o seu sido, formando seu modo de ser mais próprio. Sua propriedade é esse dirigir-se (*ad-*) ao que lhe é próprio, isto é, ao que lhe pertence e permanece (*proprius*). “Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença” (ROSA, 2015, p. 92).

Isso que lhe pertence e permanece em seu sendo é o que vem a ser pensado, a vida acontecida. “Eu era dois, diversos” (ROSA, 2015, p. 398)? O que permanece é o “eu” enquanto referência para *diferir dois, diversos*. O poético, como imagem-questão, é o mesmo que, vigorando, difere. Ele é que permite pensar e agir, atingir a (acontecimento). Questionando, Riobaldo-narrador referencia-se ao que foi, pensa, age, verte-se e transverte-se, isto é, des-dobra-se para mostrar os dois que era e continua sendo na travessia enquanto acontecimento poético-apropriativo. *Existe é homem humano*.

Riobaldo é o homem que quer se verter ao humano, à sua humanidade, relacionar-se com ela, atingi-la, conquistá-la, quer “acontecê-la”. Riobaldo *ex-siste* como *dois*, *diversos*, como *homem* [e] *humano*. Riobaldo-narrador intermedia-se, é entre *dois*, *diversos*, entre homem e humano, entre vivente e existente, entre acontecido e não-acontecido, entre ir a ser e ser-se como o que é indo.

Mediante – porque se coloca *entre* duas coisas, sempre pensando em/na paridade – e adiante – porque se coloca para frente às duas coisas – a tantos questionamentos do por que conheceu a Diadorim, Riobaldo-narrador chega a compreensão, nas diversas veredas das especulações realizadas:

Mas Diadorim era quem estava certo: o acontecimento que se carecia era de terminar com um. Diadorim, o Reinaldo, me lembrei dele como menino, com a roupinha nova e o chapéu novo de couro, guiando meu ânimo para se aventurar a travessia do Rio do Chico [...] Esse menino, e eu, é que éramos destinados para dar cabo do Filho do Demo, do Pactário! O que era o direito, que se tinha. O que eu pensei, deu de ser assim (ROSA, 2015, p. 335).

O ato de *Dar cabo do Filho do Demo* vem a ser realizado entre duas ações: primeira por Diadorim, matando a Hermógenes e morrendo na ação de matar; segunda pela palavra narrada na compreensão de Riobaldo-narrador, ao fim do romance; a primeira é realizada no tempo da história, no curso do jagunço Riobaldo, a segunda no tempo da narrativa, no de-curso de Riobaldo-narrador, porém ambas imbricadas uma na outra, porque não há uma sem a outra – uma conduz a outra na medida em que são geradas uma pela outra, pois que o demo, “Arre, ele está misturado em tudo” (ROSA, 2015, p. 22).

Referente à primeira, nas tantas e recorrentes premonições/presságios d’o *diabo na rua, no meio do redemunho* (ou *redemoinho*, expressão que abre ao romance, como uma epígrafe, ou um subtítulo), ao lado do *viver é muito perigoso* (o viver como a sempre tentativa para se pôr depois do descoberto-limite, do conhecível-limite), nosso velho barranqueiro revive de maneira intensa um “passado” que se realiza incessantemente, visando nele descobrir um viver ainda não acontecido.

Será com a compreensão, especulação e conclusão-abertura final que Riobaldo-narrador – isso referente à segunda ação – concentrará a ação de recolher-se e recolher a abertura-caminho iniciado no de-Janeiro à origem, ao *Tao*, ao Ser: “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2015, p. 492).

Todos os seus questionamentos, indicando o seu já estar e ser aberto para o Ser e para o *Tao*, conduzem a esse acontecimento poético-apropriativo, não porque simplesmente chega ao fim o romance em sua palavra, ou porque a estória acaba, mas porque aí temos a restituição de Riobaldo-narrador a Riobaldo-questão e à Vida/Terra, ao Um que no princípio é: *é o que eu digo, se for... Existe é homem humano para a travessia*.

As especulações riobaldianas circulam em torno da Vida e na busca pela compreensão do sentido de ser e viver. Será, ao longo de toda a narrativa, que a vida vivida e não-vivida vem a ser tecida e destecida por meio do trans-torno em uma circum-inscrição. É nesta relação, neste acontecimento que estabelece a possibilidade de promover¹¹⁸ o homem ao humano que ele mesmo é na própria procura – *eu queria era ficar sendo* – de agarrar-se ao que é através do movimento circular-circundante do *sentido* e *reperdido*. Assim busca alcançar os “muitos fatos miúdos” que “aconteceram” (ROSA, 2015, p. 430), que, não sendo vistos no tempo da história pelo jagunço, vagam agora no não-acontecido: *é o que eu digo, se for... Existe é homem humano em travessia*.

Para que se efetive enquanto acontecimento poético-apropriativo, é necessário saber do não-saber, propriamente apropriando-se do que é, ou seja, do *ainda não* que a circum-inscrição pro-duz no acontecimento poético-apropriativo: “Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo” (ROSA, 2015, p. 136). A travessia do humano enquanto acontecimento poético-apropriativo intenta alcançar o que nele já se dá a ver ocultando-se o que é, a fim de aprofundar-se: “O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo” (ROSA, 2015, p. 355).

A circum-inscrição, enquanto ação de desfechar, circunda não no sentido de falatório, mas resulta do processo de rever e revelar – “Muito falo, sei; caceteio” (ROSA, 2015, p. 123) –, de voltar ao viver à Vida. Desta forma, nutre-se de um caminho que nunca se quer concluído – “Mas porém é preciso [*falar muito*]” (ROSA, 2015, p. 123) e repetidamente –, bem como sempre se verte na dobra da “pergunta” que “se pergunta” (ROSA, 2015, p. 100) ao que sempre se quer aberto no fechamento do círculo: *é o que eu digo, se for... Existe é homem humano na travessia*.

O que se quer aberto senão a travessia? Lá onde não se tem mais para onde subir, ela se verte para a descida: poente. “Rios bonitos são os que correm para o Norte, e os que vêm do poente – em caminho para se encontrar com o sol” (ROSA, 2015, p. 254). O poente é transição: do lume de lua ao raio de sol. Para o que conduz o poente? Para o sol.

¹¹⁸ Mudar sua *posição* no curso e de-curso da travessia, visando um outro movimento para adiante ao Ser, aprofundado/aprofundando.

O poente é o ocultar do sol antes de se pôr e para o seu nascer. O poente mantém relação com o sol desde o seu ocultamento, acusando que ele vai voltar a nascer. Os rios vêm do oculto, do que não vemos e não sabemos. O humano do homem vem do oculto de si mesmo: *é o que eu digo, se for... Existe é homem humano como travessia.*

No entanto a travessia se fecha e é fechada por Riobaldo. Mas não se encerra (repetamos isso). Acontece nela um limite que é insuperável, o fim, a morte, a vida dos que morrem e vivem: “Ah, o meu Urucúia, as águas dele são claras certas” (ROSA, 2015, p. 254). Esse limite deslimita, de vez que poreja tantos outros vazios a serem costurados. Teria a vida seu limite na morte enquanto encerramento? Não. “Morte é vida” (ROSA, 1970, p. 53). O limite da vida é o tempo de cada vivente se inserindo e se retirando a partir da morte como *sorte perigosa* que nos enlaça toda a vida. “Confusa é a vida da gente; como esse rio meu Urucúia vai se levar no mar” (ROSA, 2015, p. 163). A vida e a morte, em silêncio, estão o tempo todo se circum-inscrevendo em nós através de nosso tempo de maturação. “O Rio Urucúia sai duns matos – e não berra; desliza: o sol, nele, é que se palpita no que apalpa. Minha vida toda... E refiro que fui em altos; minha chefia” (ROSA, 2015, p. 432). *É o que eu digo, se for... Existe é homem humano na travessia.*

O Urucúia, enquanto rio da vida de Riobaldo, representa isso, o limite e o deslimite, a plenitude se alcançando e a restituição, a sorte e o perigo, uma existência que se desdobra nas vivências-existências de outros, a água que se deságua¹¹⁹: “O Urucúia é um rio, o rio das montanhas. Rebebe o encharcar dos brejos” (ROSA, 2015, p. 355); “De em de, sempre, Urucúia acima” (ROSA, 2015, p. 34). A partir dele Riobaldo começa a atingir o que estava destinado: *dar cabo ao fim a um*. É do poente que Hermógenes vem, junto com o fim já feito, a morte que faz renascer: “Esta é que era a razão: que Hermógenes, da banda do poente, podia vir. Viesse feito” (ROSA, 2015, p. 454)! O Urucúia é transição, ponto de se atingir o mais alto e descida para entregar seu gole d’água ao do Chico, ou seja, ele, como Riobaldo-narrador, é poente: “O que eu pensei: ...rio Urucúia é o meu rio – sempre querendo fugir, às voltas, do sertão, quando e quando; mas ele vira e recai claro no São Francisco” (ROSA, 2015, p. 465). *É o que eu digo, se for... Existe é homem humano para a travessia.*

Ora, o mais alto ponto da narrativa de Riobaldo é a morte de Diadorim.

¹¹⁹ Riobaldo é nosso espelho e se reflete a nós para a travessia de outros que é um reflexo de si, de procura, nós mesmos: “Mesmo na hora em que eu for morrer, eu sei que o Urucúia está sempre, ele corre. O que eu fui, o que eu fui” (ROSA, 2015, p. 355).

O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? O Urucúia é ázigo... Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei (ROSA, 2015, p. 482).

Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu solucei meu desespero (ROSA, 2015, p. 485).

A vida findada/vencida de um, de Diadorim, significa, para o velho barranqueiro, entregá-la à morte, ao silêncio, torná-la, pois, questão, *Deadorina*, dádiva, abertura, o que manifesta algo a se encontrar e, sobretudo, a pro-curar(-se) no mistério infindável. Em outras palavras, para Riobaldo-narrador acontece uma travessia que, ao mesmo tempo em que se caminha para frente, ao alto, caminha-se para trás, para baixo, se circum-inscrevendo enquanto é circum-inscrito. Diadorim era o escuro que somente a luz do passado pode projetar a Riobaldo para ele, o reflexo do São Francisco através das águas descidas do Urucúia ao Rio: “O meu Urucúia vem, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital” (ROSA, 2015, p. 257). *É o que eu digo, se for... Existe é homem humano enquanto travessia.*

O Urucúia desce no São Francisco: restitui-se e reintegra-se a ele. Realiza a passagem e a convocação para o Ser-Tao, ele é o poente cuja claridade encaminha ao oculto: “O Urucúia vem dos montões oeste” (ROSA, 2015, p. 19). Daí que Riobaldo, *soluçando seu desespero*, projeta e lança de seu corpo sua “circuntristeza: o um horizonte” (ROSA, 2001, p. 53)¹²⁰ que a acolhe. O soluço, na imagem que temos com a expressão, é o efeito do trânsito entre esperança e des-esperança, morte e vida, subida e descida, fala e escuta, claro e escuro, para ser como aquele cuja espera provém do desespero. O *um horizonte* é o São Francisco, ele é que, escuro, possibilita a ida/o vir *claro*, *entre escuros* do Urucúia, ele é o fundo, a terceira margem que acontece. *É o que eu digo, se for... Existe é homem humano para a travessia.*

Apenas o Ser-Tao possui unidade que acolhe e doa as diferenças. Riobaldo também a ele se restitui a partir da sua narrativa narrada, assim como doa a nós o que lhe foi desvelado para construirmos, pela sua linguagem, nossa diferença: “E aquela era a hora do mais tarde. O céu vem abaixando. Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi” (ROSA, 2015, p. 486). Riobaldo

¹²⁰ Aproveitamos aqui a expressão da estória “As margens da alegria”, de *Primeiras estórias*, para mostrarmos a relação entre o desespero do Urutú-Branco, através da tristeza que permanece em volta dele, circundando-o e circum-inscrevendo-o, e a espera de Riobaldo-narrador, de restituir o morto (Reinaldo, jagunço) a ele mesmo (Diadorim/Deodorina) e ao São Francisco.

põe fim em sua narrativa para nela fechar o círculo de sua vereda, na vida contada, encontrando um silêncio que convoca sempre à procura de si: *é o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.*

6. Ainda não: toda'via nosso sim (ou, considerações finais)

“Mas os caminhos não acabam”
(ROSA, 2015, p. 70)

– Ossenhör utúrje, senhor companheiro auscultador, ossenhör utúrje: ainda *não nunca* acabaremos, definitivamente, esse escrito, não posso, tampouco sou capaz. Todavia, nesta (somente) uma via que ele é, conquistamos algum sim, uma compreensão de nossa – da minha – *provisoriidade* de que nós viemos, até aqui, já curvando o tecido do início para o fim, bem como o perfuramos o fim no início: imagem de mim, Riobaldo transvasa a mim mesmo, demais, assim como, nele, a vida se mostra nua acontecendo poética-apropriativamente.

Ossenhör utúrje, mestre companheiro auscultador: que tudo se resvala para tão perto-distante da gente, e temos de nos circum-inscrever em nosso trans-torno – ao mesmo tempo em que temos de nos trans-tornarmos em nossa circum-inscrição.

Somente uma via (a que lhes mostrei, sem medir dificuldades e enfrentando o medo pavor de ser) nas infinitas veredas do Grande sertão, acabou por me transformar pesavelmente: escutando um velho barranqueiro, ex-jagunço Riobaldo, meditando-o, ele me humanou (permitam-me este neologismo) – trouxe-me de uma existência vivida no comum para um existir acontecendo neste cantinho de uma casa sem paredes, que “não tem janelas e nem portas” (ROSA, 2015, p. 403). Ossenhör utúrje: sou somente esta uma via.

Esta via, porém, em seu círculo cujo “dentro” já nasceu porejado, e cuja circunferência já nasceu tentando remendar um vazio ao outro, nos indica outras veredas desdobrada de si mesma: a morte desta narrativa mostra, de seu pro-fundo, coisas ainda não vistas. Ossenhör utúrje: é semente esta uma via.

Esta via: esta vida. Esta via: é uma vida. Como Titão Passos, (a) vida espera “o nada virar coisas. Acontecesse o que” (ROSA, 2015, p. 233). Como coisa doada desta Vida, sempre espero seu “nunca e onde” (ROSA, 1985, p. 87), para que eu possa, vivendo,

pela possibilidade que o Tempo marca ao meu viver (a) vida, rasgar e remendar¹²¹ este texto, minha vida, deixando cair os pedaços no dentro da circunferência de minha vi(d)a. Ossenhör utúrje: sou semente desta uma via.

Como as folhas mortas, que vão desaparecendo de ser no visível, que passam a adubar a terra para o irromper de frutos, esses pedaços rasgados são miragens em um oásis – veredas... Esses pedaços são riscos com buracos que permitem que linhas sejam passadas para que possam, não sem esforço de procura e ser, ser remendados. São por esses pedaços, retalhos, que tudo volta a recuar, inclusive a Vida, que se vela entre eles. Esses pedaços a serem costurados formam um labirinto por onde ainda não, todavia vou me perder: e serei resgatado não por mim, mas sim pelas estórias, trazidas a mim pelo vento¹²². Isso tudo é ainda não: toda'via o sim que me foi aberto a ser contado após um (suposto) ponto final.

Somos o que não fomos, em toda vida, no entanto fomos o começo de algo, o fim de tudo: estrelas pia-piando, morrendo para narrar-nascer em nossas vistas, do/no escuro céu, de onde é, o mesmo de novo e outra vez, tudo nascendo a partir daqui. Calo-me em minha pobre humildade, sorriso de quem não terá e sendo receberá ser¹²³.

Ossenhör utúrje, a gente vinhemos tentando: ir ao que há de me vir, a morte que sendo se torna narrativa – nascimento. Vim tentando: ir ao que há de vir a mim mesmo, o essencial do ser pelo circum-sendo que torna e nasce, continuamente, dos vazios de meu círculo-via, só-apanas em minha abertura, desfechada, a mim. Vinhemos tentando mostrar, ossenhör utúrje: do que somos – sementes – que, mesmo em se virando árvore, continua sendo semente, germinada e florescendo do dito que desfecha, em toda'via, não ditos ainda¹²⁴.

Mas isso é tudo e muito depois. Toda'via depois é um antes que continua sendo e já se revelou: a flor na árvore está entre céu e terra, relacionando-se e relacionando a

¹²¹ Menção e apropriação de uma frase da, há pouco citada, estória “João Porém, o criador de perus”, da obra *Tutaméia*: “[...] viver é um rasgar-se e remendar-se” (ROSA, 1985, p. 88).

¹²² Menção e apropriação de imagens contidas em *Os jardins e a noite*, de Vicente Franz Cecim (2020, p. 71-73).

¹²³ Apropriação e mescla de duas frases de duas estórias de *Primeiras estórias*: uma de “A terceira margem do rio” – “Sou o que não foi, o que vai ficar calado” (ROSA, 2001, p. 85); outra de “A menina de lá” – “Conversávamos, agora. Ela apreciava o casaco da noite. – “*Cheiiinhas!*” – olhava as estrelas, deléveis, sobre-humanas. Chamava-as de “*estrelinhas pia-pia*”. Repetia: – “*Tudo nascendo!*” – essa sua exclamação diletta, em muitas ocasiões, com o deferir de um sorriso” (ibid. p. 69, *grifos do autor*).

¹²⁴ Outras duas apropriações, desta vez de “Se eu seria personagem”, de *Tutaméia*, mas de inversa aparição em nosso escrito: “[...] *Do que o da gente, vale a semente* – o que, acho, ainda não foi dito. T. sim saía-se, entretor.

Adão. Eu, não. Vou ao que me há de vir, só, só, próprio” (ROSA, 1985, p. 156, *grifo do autor*).

ambos em seu corpo – nutre-se da luz do sol enquanto, após a chuva, da terra traz a água que respira e devolve ao céu... Isso tudo é muito aberto e muito incompleto. Somos isso: tudo muito aberto e incompleto. Este trabalho foi um começo continuado do trans-torno de um imaginar. E continuará sendo maturado em (seus) desdobramentos desta certa e incerta linha da minha vi(d)a – tornar-se um trans-tornar-se, pois que nascemos do que já foi e continua sendo como possível.

Não estou acertando palavras? Não estou sendo lógico? Devo me importar? Isso é muito perigoso. Viver... Ossenhor utúrje... porque olhar a este viver de Riobaldo sem sentir o perigo que ele nos é e nos chama a vir a ser, é pecar contra a sacralidade da amizade que ele, olhando-me como o portal no qual atravessará para doar e restituir sua vida a uma outra sorte perigosa, nos confia...

Pela escuta das palavras *transformação*, *pesável*, *transtornei um imaginar* e uma reinventada *circum-inscrição*, nasceram categorias-questões que são caminhos de um e nos encaminham para entre um acontecimento poético-apropriativo. Mire veja: a transformação, pesável, das categorias em questões, trans-tornaram em mim um método pelo qual, trans-tornando-me, circum-inscrevo-me ao mesmo tempo em que sou circum-inscrito e trans-tornado por Rosa, sua obra. Que formosa e formidável ironia, não? É tudo muito destinado: ele me mostrou meu pobre destino – piar-piar nas trevas do sertão.

Se eu mergulhei no São Francisco, indo em suas profundezas vermelhas-barrentas, sonhando-o, meu fôlego acabou, e estou tendo de voltar a superfície; se eu voei como urubu, gavião, minhas poucas penas, se existiram, dilaceraram-se e foram arrancadas com tanto vento do redemoinho, e agora estou voltando ao chão porque, de giros em giros, fui lançado para os tantos “lados de um círculo”...

Entretanto mire veja: caminhando ao horizonte-sol, alcancei o que pude alcançar enquanto clareava a mim mesmo o que via e enquanto era iluminado pelo acontecimento essenciante do Ser e do Tempo, de Riobaldo, Sertão, Diadorim e de um Adonai, da Vida e da Morte, do Amor e da Linguagem, de Deus e do Diabo. E pude ver, também, no poente que se revelou, alguns sinais na noite-lua. Fui ao limiar de onde pude ir. Estou aqui.

O que não pude escrever, porque forças me faltaram no momento, escreverei quando a volta estiver completa. Espere. Consigo ver, ainda um pouco embaçado, meu começo: falarei do trans-torno de um imaginar, este tanto abalo no começo de um mesmo e outro rio, dos trans-tornos que não consegui dizer e que não foram mencionados de

outras estórias, dos catrumanos, de histórias contadas pelo vento... Espere a volta se completar em minha incompletude.

O que consegui foi que: em um sentido rosiano, passo e transpasso do barranqueiro ao e no barqueiro; em um bachelardiano, passo e transpasso do desejo (terra) de ser para o sonho (água) imaginal de sendo; em meu sentido, passo e transpasso de um trans-tornar-me na circum-inscrição para estar circum-inscrito em um trans-torno.

Ossenhör utúrje. Estou escrevendo e desescrevendo palavras e frases; abrindo e desabrindo o livro em páginas marcadas; fechando e desfechando o livro em páginas desmarcadas; movendo e desmovendo minhas mãos; repousando e desrepousando o olhar no que escrevi, escrevo e deixei de escrever... tudo isso para que algo imensuravelmente pequeno mude no Uni-verso.

Ossenhör utúrje: toda'via, tudo isso para que algo imensuravelmente pequeno e pobre mude e se transmude na procura pelo que é impossível e infinito (sim, isso mesmo, como Rosa e Clarice, procuro, e quero, o *in*-possível).

Ossenhör utúrje: toda'via. Deixem-me repetir uma coisa, a coisa que veio se diferenciando enquanto a dizia, tudo o que disse, foi para isso dizer. Circum-inscrição: cada vez que me vejo, sou uma diferença – *cada vez daquela hoje vejo que eu era* um trans-torno – todo o tempo, imaginando-me, fui o que sou, fui a mim mesmo.

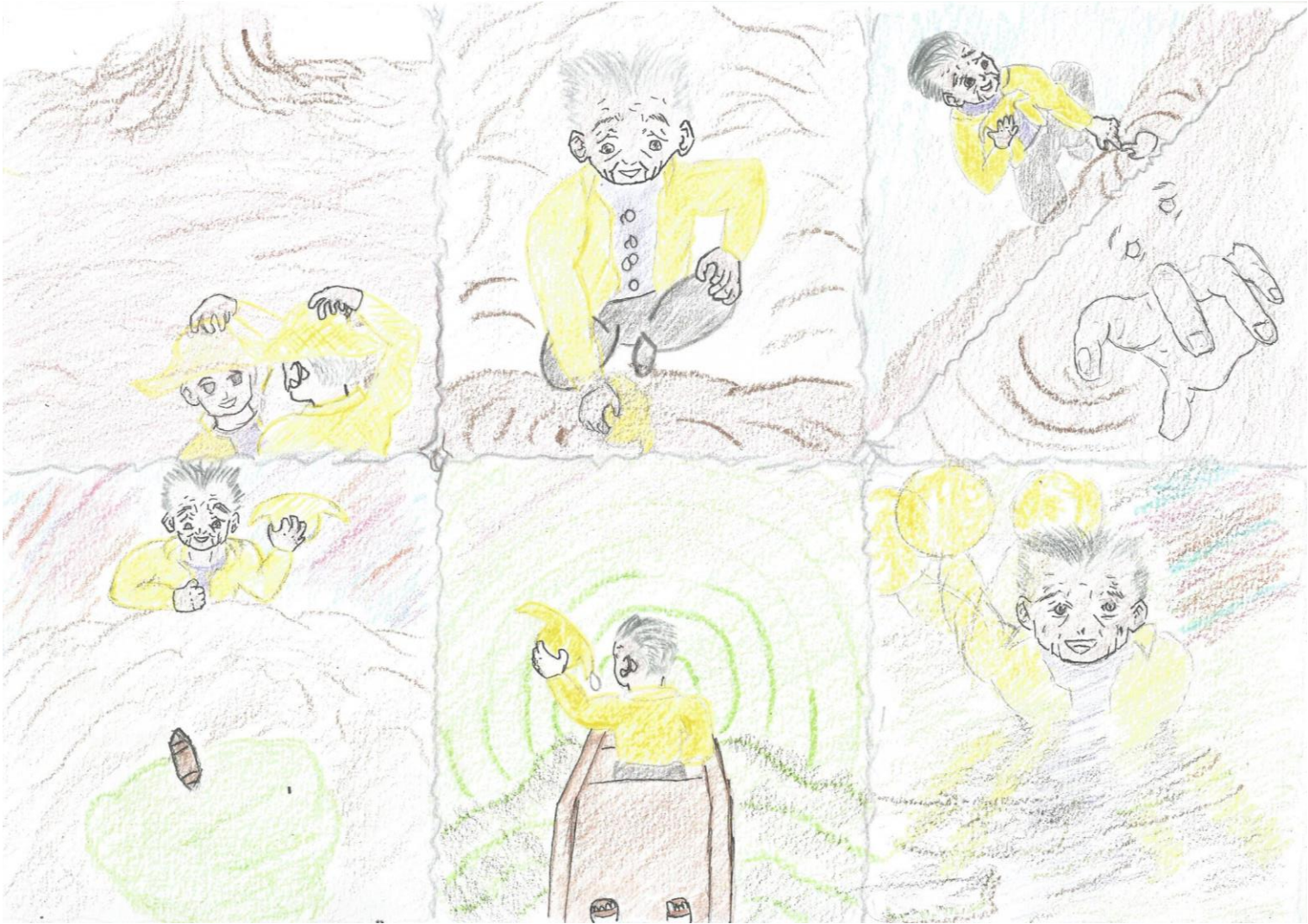
Aqui a perigosa estória se acabou.

Aqui, a estória acabada.

Aqui a sorte de uma estória acaba.

Ossenhör utúrje, estou quase sem fôlego. Não quero tentar explicar mais nada. *Mas porém* ainda consigo mover minhas mãos e imaginar. Permitam-me fazer uma última coisa a partir de um local de um sonho de infância.

Uma imaginação: existe é Homem humano. Travessia.



Referências

ALBERGARIA, Consuelo. **Bruxo da linguagem no Grande Sertão**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1977.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A palavra mágica. In: _____. **Nova reunião: 23 livros de poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 854

ARAÚJO, Heloisa Vilhena. O roteiro de Deus. In: ARAÚJO, Heloisa Vilhena. **O roteiro de Deus: dois estudos de Guimarães Rosa**. São Paulo: Mandarim, 1996. p. 13-376.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BÍBLIA. Gênesis. In: **Bíblia Sagrada**: Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p. 3.

BORGES-DUARTE, Irene. A apropriação propícia – pensar e amar como acontecimento em Heidegger. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 21, n.1, p.34-53, janeiro-junho. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302019000100004. Acesso em: 15 set. 2021.

BRAIDA, Celso. A forma e o sentido da frase “Isso é Arte”. In: BRAIDA, Celso; DRUCKER, Claudia; BARBOZA, Jair. (org.). **Café filosófico: Estética e Filosofia da Arte**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p. 23-56.

CASANOVA, Marco. A linguagem do acontecimento apropriativo. **Natureza Humana**, v. 4, n. 2, jul-dez 2002, p. 315-339. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000200003. Acesso em: 13 set. 2021.

CASTRO, Manuel Antônio de. **O homem provisório no Grande Sertão**: um estudo de Grande sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro; Brasília: INL, 1976.

_____. **O acontecer poético: a história literária**. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1982.

_____. **Forma e presença**. 2010. Disponível em: http://travessiapoetica.blogspot.com/2010/06/presenca-e-forma-prof_04.html. Acesso em: 27 dez. 2022.

_____. **A ação e a caminhada de vida**. 2006. Disponível em: <http://travessiapoetica.blogspot.com/2006/08/ao-e-caminhada-de-vida.html>. Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. Poética. In: CASTRO, Manuel Antônio de et al. **Convite ao pensar**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2014b. p. 200-201.

_____. Disposição, 2. Dicionário de Poético e Pensamento. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Disposi%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 14 out. 2022.

_____. Milagre, 2. Dicionário de Poético e Pensamento. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Milagre>. Acesso em: 21 out. 2022.

CASTRO, Nei Leandro de. **Universo e vocabulário do Grande Sertão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

CECIM, Vicente Franz. Desnutrir a pedra. In: _____. **Viagem a Andara Oo livro invisível**. Belém: Paka-Tatu, 2020a. p. 1210-1224.

_____. oO livro invisível. In: _____. **Viagem a Andara Oo livro invisível**. Belém: Paka-Tatu, 2020b. p. 14.

_____. Os jardins e a noite. In: _____. **Viagem a Andara Oo livro invisível**. Belém: Paka-Tatu, 2020c. p. 76.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA MITOLOGIA GREGA. Medeia. s/d. p. 181. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demgol_pt.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

DOLZANE, Harley. Questão. In: CASTRO, Manuel Antônio de et al. **Convite ao pensar**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2014. p. 207-208.

FERRAZ, A. M. V. S. G. Nada. In: CASTRO, Manuel Antônio de et al. **Convite ao pensar**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2014a. p. 167-168.

FERRAZ, A. M. V. S. G. O homem e a interpretação: da escuta do destino à liberdade. In: Antônio Máximo Ferraz; Manuel Antônio de Castro; Igor Fagundes. (Org.). **O Educar Poético**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014b, v. 1, p. 101-135.

FERRITO, Ronaldo. Narrar. In: CASTRO, Manuel Antônio de et al. **Convite ao pensar**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2014. p. 169-170.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o humanismo**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1995.

_____. Aletheia. In: _____. **Ensaio e conferências**. Trad. Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 227-250.

_____. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2003a.

_____. **Aportes a la filosofía: acerca del evento.** Trad. Dina Picotti. Buenos Aires: Biblos: Biblioteca Internacional Heidegger, 2003b.

_____. **A origem da obra de arte.** Trad. Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

_____. **O acontecimento apropriativo.** Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. **Ser e tempo.** Trad. rev. apre. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes; São Paulo: Universidade São Francisco, 2015.

HERÁCLITO. **Os pensadores originários:** Anaximandro. Parmênides. Heráclito. 3. ed. Trad Emanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 57-93.

LAO-TSÉ. **Tao Te Ching.** O Livro do Caminho e da Virtude. Trad. Wu Jyn Cherng. s/d. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/le000004.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2020.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar I.** Petrópolis: Vozes, 1977.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer.** Ed. comemorativa amp. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Pentacantos. Fragmento V. In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. **João de Jesus Paes Loureiro.** Obras reunidas – vol. 2. São Paulo: Escrituras Editora, 2000. p. 238.

MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome** – Leitura de Guimarães Rosa à luz dos nomes de seus personagens. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1991.

MARLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARTINS, Max. A asa e a serpente. In: MARTINS, Max. **Não para consolar:** Poemas reunidos 1952-1992. Belém: CEJUP, 1992a. p. 186-187.

MARTINS, Max. Koan. In: MARTINS, Max. **Não para consolar:** Poemas reunidos 1952-1992. Belém: CEJUP, 1992b. p. 252-253.

MEDEIROS, A. da S. de; FERRAZ, A. M. V. S. G. A interpretação literária como ficção: a tensão dialética entre as obras (o caso de Benedito Nunes). **Revista Criação & Crítica**, n. 33, 2022, p. 23-45. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/198165>. Acesso em: 20 nov. 2022.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético:** filosofia e poesia em Heidegger. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

_____. O último Deus. *In*: NUNES, Benedito. **Crivo de papel**. São Paulo: Editora Ática, 1998. p. 21-44.

_____. **A Rosa o que é de Rosa**: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Org. Vitor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013a.

_____. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2013b.

PARMÊNIDES. **Os pensadores originários**: Anaximandro. Parmênides. Heráclito. 3. ed. Trad Emanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 45.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. 2. ed. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ROSA, João Guimarães. **Ave, palavra**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1970.

_____. **Tutaméia**: Terceiras estórias. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **Magma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

_____. **Primeiras estórias**. 15. ed. 7. reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **João Guimarães Rosa**: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzari. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

_____. **Grande sertão**: Veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

_____. Diálogo com Guimarães Rosa. **Templo Cultural Delfos**, s/d. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>. Acesso em 22 de mar. 2020.

_____. Discurso de posse. **Academia Brasileira de Letras**, 1967. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>. Acesso em: 29 de mar. 2022.

UTÉZA, Francis. **JGR**: Metafísica do Grande Sertão. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

VALLEGA-NEU, Daniela. Ereignis: the event of appropriation. *In*: DAVIS, Bret. W (ed.). **Martin Heidegger: Key Concepts**. Routledge, 2010. p. 140-154.